

DÍAS
DE
GUERRA
NOCTURNAS
DE
AMOR

CRIMINAL PARA INICIANTE



AVISO

ESTE LIVRO NÃO VAI SALVAR A TUA VIDA!

Hoje há uma crescente indústria do descontentamento, composta de empreendedores que lucram com as nossas angústias nos vendendo produtos que as descrevem e denunciam. Portanto a economia de trocas tem lugar até mesmo para os seus inimigos: perpetuando tanto a indústria quanto o descontentamento quando nos esforçamos para combatê-los, assim nós mantemos as engrenagens girando ao vender mais produtos. Como em todos outros aspectos de nossas vidas, os nossos verdadeiros desejos de fazer algo acontecer são canalizados no ato de consumir — e nossas próprias habilidades e potenciais são deslocados, projetados nos itens "revolucionários" que compramos.

Este livro pode ser parte desse processo. Enquanto temos a esperança de estarmos usando nosso produto para "vender" a revolução, pode ser que estejamos apenas usando a "revolução" para *vender* o nosso produto*. A melhor das intenções não pode nos proteger deste risco. Mas nós levamos este projeto adiante porque sentimos que, além das nossas outras atividades, menos explicitamente comprometidas, pode valer a pena dar ao velho experimento mais uma chance: ver se pode-se criar um produto que que *dê* mais do que ele tira.

Para este livro ter a menor chance de obter sucesso nesta grande empreitada, você não pode abordá-lo passivamente, você não pode esperar que ele faça todo o trabalho. Você tem que enxergá-lo como uma ferramenta, nada mais. Este livro não vai salvar a tua vida; isso, amizade, cabe a *você*.

Dito isso, **AQUI VAMOS NÓS!!!**

* Pois no fim das contas, nesta sociedade, se uma coisa não está à venda, ela pode muito bem não existir — e é quase impossível pensar em algo para se fazer com algo de valor além de comercializá-lo.



Refleta sobre a sua experiência física direta da vida. Ninguém pode mentir a você sobre isso.

Quantas horas por dia você passa na frente da tela de uma televisão?
Da tela de um computador? Atrás do parabrisas de um automóvel?
Atrás de todas essas telas?

Do que essas telas estão te protegendo?

O quanto da tua vida chega a você através de uma tela, indiretamente?
(Olhar as coisas é tão empolgante quanto *fazer* coisas? Você tem tempo para *fazer* todas as coisas que você quer fazer? Você tem energia para isso?)

E quantas horas por dia você dorme? Como você é afetado pelos horários padronizados, projetados unicamente para sincronizar os seus movimentos com os de milhões de outras pessoas? Quanto tempo você passa sem saber que horas são? Quem ou o que controla os teus minutos e horas?

Os minutos e horas que compõem a tua vida?

Você consegue estipular um preço para um dia bonito, quando os pássaros cantam e as pessoas caminham juntas? Quantos reais por hora são necessários para fazer com que você fique do lado de dentro vendendo coisas ou arquivando papéis? O que você vai receber mais tarde que compensará por este dia perdido?

Como você é afetado por estar no meio de multidões, estar cercado por massas anônimas? Quando você se dá conta você está bloqueando as suas respostas emocionais a outros seres humanos?

E quem prepara as tuas refeições? Às vezes você come só? Às vezes você come de pé? O quanto você sabe sobre a sua comida e de onde ela vem? O quanto você confia nisso?

Do que nos privam os aparelhos que nos poupam trabalho? Os aparelhos que nos poupam pensamentos? Como você se afeta com as exigências de eficiência, que colocam um preço no produto ao invés de no processo, no futuro ao invés do presente, o momento presente que está ficando cada vez mais curto enquanto aceleramos cada vez mais rápido rumo ao futuro? Estamos acelerando em direção ao que?

Estamos poupando tempo? Poupando ele pra que?

Como você se afeta ao se deslocar pro caminhos pré-determinados, dentro de elevadores, ônibus, metrô, escadas rolantes, rodovias ou calçadas? Ao se mover, trabalhar e viver em padrões de duas ou três dimensões? Como você se afeta ao ser organizado, imobilizado e agendado... ao invés de vagar e rumar livre e espontaneamente? Coletando? (Roubando?)

Quanta liberdade de movimento você possui — liberdade para se deslocar através do espaço, para ir tão longe quanto quiser, em direções novas e inexploradas?

E como você se afeta pela espera? Esperando na fila, no trânsito, para comer, pelo ônibus, pelo banheiro — aprendendo a punir e ignorar as suas necessidades espontâneas?

Como você se afeta tendo que reprimir os seus desejos?

Pela repressão sexual, pelo atraso ou negação do prazer, desde a infância, junto com a supressão de tudo aquilo em você que era espontâneo, tudo que evidência a sua natureza selvagem, o seu pertencimento ao reino animal?

O prazer é perigoso? Pode o perigo ser prazeroso?

Você sente a necessidade de ver o céu? (Você ainda consegue enxergar as estrelas?) Você sente necessidade de ver água, folhas, folhagens, animais? Cintilando, luzindo, se movendo?

É por isso que você possui um animal de estimação, um aquário, plantas? Ou a televisão e o vídeo bastam?

O quanto da tua vida chega a você através de uma tela, indiretamente?

Os vídeos onde você e seus amigos aparecem te fascinam, como se você fosse mais real na imagem que na vida?

Se a sua vida fosse transformada em filme, valeria a pena assistir? E como você se sente em situações de passividade forçada? Como você se afeta pelo ataque incessante de comunicação simbólica — áudio, visual, impressos, outdoors, computadores, vídeos, rádio, vozes robóticas — enquanto você vagueia por essa floresta de sinais? O que eles estão impondo sobre você?

Você sente necessidade de solidão, quietude, contemplação? Você se lembra disso? Pensando por si ao invés de reagir a estímulos? É difícil desviar o olhar?

Desviar o olhar é exatamente aquilo que não é permitido?

Onde você pode ir para encontrar silêncio e solidão? Não o ruído de fundo, mas silêncio puro? Não se sentir só, mas uma solidão gentil? Com que frequência você para para se perguntar perguntas como estas? Você já se pegou praticando atos de violência simbólica? Você já se sentiu só de uma forma que as palavras não pudessem expressar?

Você se sente pronto para PERDER O CONTROLE?

*Este livro e outros materiais podem ser baixados gratuitamente em
crimepensar.noblogs.org*

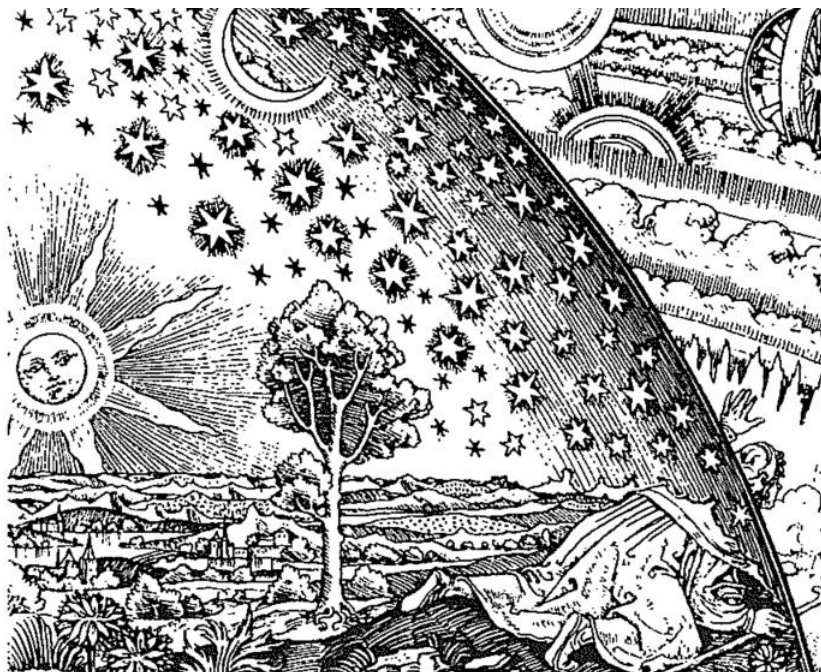
*Traduzido coletivamente por voluntárias e voluntários do Protopia.at
Plagiado originalmente em 2001 por CrimethInc. Free Press*

A língua portuguesa (e todas suas aplicações) foi utilizada sem a permissão de seus inventores, escritores e detentores de direitos autorais. Nenhum direito reservado. Todas as partes deste livro podem ser reproduzidas e transmitidas de qualquer forma por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, especialmente e incluindo fotocópias se forem feitas às custas de alguma corporação desavisada. Outros métodos recomendados incluem a difusão de leituras em rádios piratas, reprodução de trechos clandestinamente em jornais, e assinar o seu nome e reimprimir isso como se fosse o seu próprio trabalho. Qualquer alegação sobre violações de direitos autorais, apologia à atividades ilegais, difamação de caráter, incitamento a levantes, traição, etc. deverá ser endereçada diretamente ao seu deputado como um assunto militar e não civil.

*Ah, e é claro... essa obra se destina "somente ao entretenimento",
seus cordeirinhos babacas.*

Dias de Amor, Noites de Guerra:

CRIMIDEIA PARA INICIANTES



sua passagem para fora deste mundo

Composto e publicado por
Coletivo de Ex-Trabalhadores Crimeth Inc.



Aviso: A palavra "revolução", que é usada constantemente nestas páginas com uma ingenuidade não-irônica, pode ser engraçada ou afastar o leitor moderno, pois ele está convencido de que a resistência efetiva ao status quo é impossível e portanto nem deve ser considerada. Gentil leitor, pedimos que você suspenda a sua descrença por tempo suficiente para pelo menos considerar se tal coisa pode ou não valer a pena se ela fosse possível; e depois que você suspenda ela por mais tempo, o suficiente para reconhecer essa descrença pelo que ela realmente é: desespero!

Índice

- 11. Prefácio: O Que é CrimethInc.?
- 16. Avante! Por NietzChe Guevara
- 21. I. Uma Breve História do Coletivo de Trabalhadores CrimethInc.
 - 44, 46, 53, 65, 93, 103, 122, 128, 139, 146, 152, 168, 180, 182, 195, 198, 208, 215, 221, 230, 236, 248, 262,
- 22. II. Documentos Importantes:
 - um Contra-dicionário do CrimethInc.
 - 25. A é de Amor e Anarquia
 - 55. B é de Burguesia
 - 67. C é de Capitalismo e Cultura
 - 97. D é de Domesticação
 - 106. E é de Espaço
 - 125. G é de Gênero
 - 129. H é de História, Higiene e Hipocrisia
 - 153. I é de Identidade, Ideologia e Imagem
 - 171. L é de Liberdade
 - 175. M é de Morte, Mídia, Mito e Movimento
 - 199. P é de Plágio, Política e Produção
 - 222. R é de Roubo
 - 232. S é de Sexo
 - 237. T é de Tecnologia e Trabalho
- 277. III. Conclusão: Qualquer Lugar Fora Deste Mundo
- 275. Pós-Mundo por Gloria Guevara
- 282. Bibliografia
- 283. Sumário
- 285. Sobre os Autores

O que é crimidéia?

***Atualmente, tudo
que não possa ser
comprado, vendido
ou falsificado
é crimidéia.***

Prefácio: O que é CrimethInc.?

Um fantasma ronda o mundo: o fantasma do CrimethInc. e o fronte subterrâneo que o ostenta. Em todos banheiros de empresas, em cada esquina, sob cada telhado, dos guetos aos bairros nobres, você pode ouvir cochichos: "O que é CrimethInc? Quem são eles? O que eles querem?".

Se não se pode dar as respostas, pode-se ao menos dar uma idéia aproximada. CrimethInc. é importante pelo que *não* é: não é uma organização com sócios. Não é uma vanguarda elitista que se propõe a liderar as massas das trevas à salvação — a experiência mostrou milhares de vezes que esse tipo de organização são as forças sociais que *criam* as massas. Também não é um Movimento: pois esse tipo de coisa só existe como parte da história, e por isso está sujeito às suas leis — gestação, ascensão, declínio. Enquanto *crimidéia* é uma força que existe sob as correntes da história, fora da cadeia de eventos, CrimethInc. são os primeiros sinais de uma revolta que tirará a todos nós para fora desta história.

CrimethInc. é invencível pois não possui um centro, é como uma ameoba, é invisível. Quem é CrimethInc.? Pode ser qualquer pessoa — a mulher no ônibus sentada ao seu lado pode ser uma de nós. Talvez um núcleo autônomo do CrimethInc. esteja agindo na sua própria cidade enquanto você lê isto; talvez você forme um quando terminar de ler. Porque CrimethInc. é a expressão das vontades que estão em todos corações, pode ser apenas os três mochileiros num albergue italiano hoje à noite e duzentas mil células independentes em plena insurreição no mês que vem.

E quanto ao que queremos — você teria que perguntar a cada um de nós, um a um, e tomara que você não acredite em tudo que lhe disserem quando responderem a essa questão.

Dizia-se que um dos nossos predecessores, um grupo de ex-artistas e teóricos do anos sessenta, era único pois representava uma opinião ao invés de uma ideologia ("não uma posição, mas uma proposta"). Seria tentador dizer que CrimethInc. melhora o método deles por ter como base um desejo compartilhado, ao invés de uma crítica em comum; mas também não é bem assim. CrimethInc. é uma rede de desejos, todos únicos para as pessoas que os possuem; o que separa CrimethInc. do resto é que ele é um meio de unir estes desejos, de criar relações mutuamente benéficas entre pessoas com necessidades diferentes. É por isso que temos burocratas e empreendedores, cuja própria existência depende do nosso isolamento e da nossa frustração. E é assim que nós nos tornamos aqueles que dão os primeiros tiros na Terceira e Última Guerra Mundial, a guerra que há de ser travada pela libertação total.

O que é CrimethInc.?

CrimethInc. é o mercado negro no qual planos brilhantes e grande desapego são trocados por vida.

Tenha suas próprias crimidéias!

Como Utilizar Este Livro.

É necessário dizer que este livro não foi projetado para ser lido como um livro "normal". Ao invés de lê-lo do começo ao fim, emitindo gestos de desaprovação ou aprovação de vez em quando (ou até mesmo decidindo "comprar" nossas idéias, como um consumidor passivo de modismos), para depois colocá-lo na prateleira como mais um pertence inerte, esperamos que você use este livro como uma *ferramenta* para a liberdade — não apenas para pensar sobre o mundo, mas também para *mudá-lo*.

Este livro é composto de idéias e imagens que roubamos, distorcemos e adequamos aos nossos próprios propósitos sem o menor remorso, e esperamos que você faça exatamente a mesma coisa com ele e todo seu conteúdo. Não há nem mesmo a necessidade de lê-lo como um todo se isso não te agrada; mesmo porque pode ser muito repetitivo para a paciência de muitas pessoas. Mas por favor, use estas imagens para cartazes, aproprie-se de suas frases para seus próprios escritos, reinterprete idéias e alegue que você que as inventou, entregue os artigos como trabalhos para a sua aula de sociologia — se você precisa mesmo entregar outro trabalho!

Quanto ao conteúdo propriamente dito: nós nos permitimos na maior parte do tempo tecer críticas em relação à ordem estabelecida, porque confiamos em você para fazer o que é preciso ser feito. Você saberá o que destruir, o que construir e o que manter nesta busca criminosa pela liberdade. Lembre-se você é o principal responsável pela sua própria prisão ou libertação!

No nosso próximo livro, daremos umas sugestões mais detalhadas, como receitas de bolos e bombas, compartilharemos algumas de nossas experiências sondando as alternativas às estruturas e forças que nos contrapomos neste. Não se mixe e lembre-se: O impulso destrutivo é também criativo... e feliz quebra-quebra!

*Contra a
praticidade nós
desdenhamos os
exemplos e
reprimendas da
tradição para
inventar a
qualquer preço
algo que todo
mundo considere
louco!*

-Nadia C.

Avante!

por Nietzsche Guevara

I. Normal?

As pessoas nos Estados Unidos e na Europa que desfilam por shoppings centers e passarelas possuem um peculiar prazer de se considerarem "normais", "moderadas", "corretas" e "bonitas" quando se comparam aos transgressores, dissidentes, libertários e ativistas sociais radicais. Elas tratam a "normalidade" como indicio de saúde mental e rigor moral, e enxergam as "outras" pessoas com uma mistura de pena e nojo.

Mas se por acaso resolvermos olhar para a história ou para outras sociedades humanas, veremos que as condições e padrões da vida humana mudaram tanto nos últimos dois séculos que é impossível falar de *qualquer* estilo de vida como sendo "normal" no sentido de "natural", como sendo um estilo de vida ao qual nos adaptamos através de muitas gerações. Com relação aos estilos de vida que uma jovem no ocidente pode hoje escolher... nenhuma das possibilidades é sequer parecida com aquelas aos quais seus ancestrais estavam preparados através de séculos de seleção natural e evolução.

É mais provável que a "normalidade" que aquelas pessoas tanto veem em si mesmas seja mais os *sentimentos* de normalidade que resultam da conformidade a um padrão. Estar rodeado de pessoas que acreditam nas mesmas coisas, que são condicionadas às mesmas rotinas e expectativas, é reconfortante porque reforça a idéia de que o caminho que escolhemos é o mais correto: se a grande maioria das pessoas toma as mesmas decisões e vive de acordo com os mesmos padrões, então essas decisões e padrões devem ser os certos.

Mas o simples fato de um número de pessoas viver e agir de uma certa forma não faz desta a maneira de se viver capaz de proporcionar maior felicidade. Os estilos de vida associados com o que está estabelecido (se é que isso existe) não foram exatamente escolhidos conscientemente como a melhor opção possível por aqueles que o reproduzem; pelo contrário, eles surgiram repentinamente, como resultado de avanços tecnológicos e culturais. Caso as pessoas da Europa, dos Estados Unidos, e do resto do mundo venham a perceber que não há nada necessariamente "normal" em suas "vidas normais", elas podem começar a se perguntar a primeira e mais importante questão do próximo século:

Existem maneiras de pensar, agir, e viver que possam ser mais satisfatórias e excitantes do que as maneiras que pensamos, agimos e vivemos atualmente?



II. Transformação

Se o conhecimento acumulado da civilização ocidental tem algo de valor a nos oferecer hoje, é uma consciência de tudo que é *possível* quando se trata da vida humana. Os estudiosos de história, sociologia e antropologia, de outra forma inúteis, podem pelo menos nos mostrar uma coisa: que os seres humanos viveram em milhares de tipos diferentes de tipos de sociedade, com dezenas de milhares de códigos de valores diferentes, dezenas de milhares de relações entre pessoas e com o mundo que as cerca, dezenas de milhares de conceitos de ser. Viajando um pouco você pode chegar às mesmas conclusões, isso se você não chegar lá depois da Coca-Cola e não passar sua viagem trancado em uma porcaria de albergue num clima de pseudo-reality-show.

É por isso que não consigo deixar de rir quando alguém diz algo a respeito da "natureza humana", quando invariavelmente procura se eximir de uma resignação

...viver como sujeito ao invés de como objeto da história—

miserável ao nosso suposto destino. Já pararam para pensar que temos um ancestral em comum com os *ouriços-do-mar*?! Que a regra é a mudança e adaptação para onde quer que se olhe?! Se ambientes diferentes podem tornar esses primos distantes tão diferentes de nós, o que se pode dizer do que podemos nos tornar se mudarmos nossas intenções, se permitirmos a nós mesmos viver um ambiente libertário, diferente desse pesadelo de competição e consumo capitalista?! Se existe algo faltando (e muita gente admite que falta muita coisa) em nossas vidas, se há algo tão desnecessariamente trágico e sem sentido em nossas trajetórias, existem também lugares e meios onde a felicidade ainda não foi buscada, que permanecem inexplorados. Então o que é preciso ser feito talvez seja modificar estes espaços e ambientes para melhor. "Se você quer mudar o mundo, precisa antes mudar a si mesmo", é isso que diz o ditado. Pois bem, aprendemos que o contrário também é verdade e que nós estamos no mundo tanto quanto ele está em nós.

Há ainda outra descoberta valiosa alcançada por nossa espécie, ainda que tenhamos aprendido isso por um caminho bem doloroso: somos capazes de transformar completamente os ambientes. O lugar onde você se deita, senta ou fica de pé lendo este livro provavelmente era completamente diferente há menos de uma centena de anos, para não dizer há dois mil anos; e praticamente todas essas mudanças foram feitas por seres humanos. Nós refizemos completamente o nosso mundo nos últimos séculos, transformando as condições de vida de quase todo tipo de planta ou animal, acima de tudo de nós mesmos. Só nos resta experimentar executando (ou *não* executando) essas mudanças *intencionalmente*, de acordo com nossas necessidades ao invés de realizá-las segundo forças irracionais, desumanas, como competição, superstição, rotina.

Depois que nos dermos conta disso, poderemos lutar por um novo destino para nós mesmos, tanto individualmente como coletivamente. Não seremos mais jogados de um lado para o outro por forças que supostamente estão fora do nosso controle; ao invés disso, nesta viagem de autoconhecimento através da cri-

ação de novos ambientes, descobriremos tudo aquilo que podemos ser. Este caminho vai nos levar para fora do mundo que conhecemos, muito além dos horizontes mais distantes que podemos ver de onde estamos. Tornaremos-nos os maiores artistas, pintando com o desejo, criando e recriando a nós mesmos deliberadamente — tornando *nós mesmos* em nossa maior obra.

Para conseguir isso, vamos precisar aprender coisas difíceis, porém gratificantes, coexistir com a diferença sempre que ela não seja hierarquizante, colaborar com outras pessoas na busca do êxito: só assim perceberemos o quão interligadas estão todas nossas vidas, só essa percepção pode nos permitir ter outro horizonte de transformação em mente. Até que a mudança se torne possível e cotidiana, não nos estará negado apenas o potencial de nossos companheiros, mas também o nosso próprio potencial pessoal; pois o mundo que nos faz e no qual temos que viver é construído pela vontade e pelo esforço de todos.

A outra coisa que geralmente nos falta é o conhecimento de nossos próprios desejos. Desejos são coisas escorregadias, mutáveis e difíceis de se colocar o dedo e muito mais de acompanhar. Se vamos fazer com que nosso destino seja a busca e transformação do desejo, devemos antes de tudo encontrar maneiras de descobrir e libertar os nossos amores e luxúrias. Nesse sentido, nenhuma experiência ou

—ou melhor, como soberano ao invés de sujeito...

aventura jamais será suficiente, todas elas serão complementares. Portanto os criadores deste novo mundo deverão ser mais generosos e mais gananciosos que todos os que os antecederam: mais generosos uns com os outros, e mais gananciosos pela vida!

III. Utopia

Mesmo daqui, consigo perceber uma pergunta se formando na ponta da sua língua: mas isso não é utópico?

Sim, é claro que é. Você sabe qual é o maior medo de todo mundo? É que todos os sonhos que temos, todas idéias e aspirações malucas, todas as impossíveis vontades românticas e visões utópicas *possam* se tornar realidade, que o mundo *pode* realizar nossos desejos. Que o futuro possa provar que as sociedades que desejamos criar, nas quais desejamos viver, são tão ou mais possíveis quanto esta forma social da qual somos reféns, por vontade e para o benefício deles. Que todos os sonhos que temos, todas as ideias e aspirações de mudança sejam tão palpáveis e acessíveis quanto a mesmice segura à qual tão desesperadamente se agarram.

As pessoas passam as suas vidas fazendo tudo possível para impedir que essas possibilidades aconteçam: elas se torturam consciente ou inconscientemente com todo tipo de insegurança, sabotam seus próprios esforços, minam seus casos amorosos e choram antes mesmo de o mundo ter tido uma chance de derrotá-los... porque nenhum fardo é mais pesado de se carregar do que a possibilidade de que tudo que queremos é possível. Se isto for verdade, então realmente existem coisas em jogo nesta vida, batalhas que podem ser realmente vencidas

ou perdidas. Nada machuca tanto quanto o fracasso quando o sucesso realmente é possível, é por isso que fazemos tudo o que está ao nosso alcance para evitar até mesmo imaginar o que poderia ser mas não é, para não termos que tentar.

Pois se há mesmo a menor possibilidade de que os desejos de nossos corações possam ser realizados, então é claro que a única coisa que faz sentido é nos lançarmos de corpo e alma em sua busca e arriscarmos a derrota. O desespero e o niilismo parecem mais seguros, projetamos nosso desespero no cosmos como uma desculpa para nem ao menos tentarmos. Assim é que ficamos, agarrados à resignação, como cadáveres bem seguros em seus caixões (seguros e arrependidos)... mas nada disso consegue afastar aquela terrível possibilidade. Em nossa fuga desesperada da verdadeira tragédia do mundo, nós apenas nos afundamos em tragédias falsas e desnecessárias.

Talvez este mundo nunca se conforme perfeitamente às nossas necessidades — as pessoas sempre vão morrer antes de estarem prontas, relacionamentos perfeitos acabarão destrocados, aventuras terminarão em catástrofes e belos momentos serão esquecidos. Mas o que parte o meu coração é a forma como fugimos destes fatos inevitáveis e caímos nos braços de coisas ainda mais terríveis que não precisariam sequer existir.

Pode ser verdade que todos os homens estão perdidos em um universo que é fundamentalmente indiferente a eles, trancados para sempre numa solidão assustadora — mas não precisa ser verdade que algumas pessoas passam fome enquanto outras jogam comida fora ou deixam terras férteis ociosas. Não precisa ser verdade que homens e mulheres joguem fora suas vidas trabalhando para servir à ganância de uns poucos homens ricos, apenas para sobreviver. Não precisa ser verdade que nós nunca ousamos contar uns aos outros o que realmente queremos, nunca nos compartilhamos honestamente, nunca usamos nossos talentos e capacidades para tornar a nossa vida e a vida dos outros mais suportável, para não dizer mais agradável e mais bela. Esta uma tragédia *desnecessária*, estúpida, patética e sem sentido. Não é nem mesmo utópico exigir desde já o fim de farsas como essas.

Se nós pudéssemos nos fazer acreditar, *sentir* de fato a possibilidade de que *somos* invencíveis e que podemos conseguir tudo que queremos neste mundo, não pareceria nem um pouco que corrigir estes absurdos está além do nosso alcance. O que estou pedindo não é para que você tenha fé no impossível, mas que tenha a coragem para encarar a terrível possibilidade de que nossas vidas realmente *estão* em nossas próprias mãos, e agir de acordo: não aceitar qualquer angústia que o destino e a humanidade jogaram nas suas costas, mas empurrar de volta, e tentar ver de quais dessas angústias nós podemos nos livrar. Nada poderia ser mais trágico, e mais ridículo, do que viver uma vida toda ao alcance de um mundo melhor sem jamais esticar os braços.



I. UMA BREVE "HISTÓRIA" DO COLETIVO CRIMETHINC.

Não há nada que desprezamos mais do que a história oficial ou a história linear. Nada pode ser mais castrador que o sentimento de que somos parte de uma cadeia de eventos, uma inescapável reação em cadeia que predetermina tudo o que fazemos, tudo que é possível. Com tudo ao nosso redor sendo supostamente parte deste vasto contínuo, é fácil esquecer que a história oficial e linear é ela própria uma invenção muito recente.

Lembre-se, humanos existem há centenas de milhares de anos, então se algo não é "natural" são os últimos dez mil anos de "civilização". Antes do tempo ser dividido em passado e futuro, e depois subdividido várias vezes até que agora parece passar por nós sem nem termos chance de subir a bordo, nós o vivenciávamos de uma maneira radicalmente diferente. Na pré-história, o tempo não era linear: podia começar de novo quando o sol nascia em uma bela manhã de primavera, pausar por uma eternidade quando a pessoa amada beijava e acariciava as suas coxas, e podia terminar abruptamente com a morte da sua criança. Ele se repetia em ciclos circulares, ou em espirais ascendentes de fatos recorrentes infinitamente renovada e única. Ele não podia prendê-lo ou ignorá-lo, somente levar você ao momento e deixá-lo lá. Da mesma forma como não haviam fronteiras nacionais ou tendências de pa-

dronização global, o tempo não era preso a nenhuma lei ou sistema. Uma pessoa podia caminhar por alguns dias, sair de seu território conhecido e entrar em mundos inteiramente novos, viajando através do espaço e do tempo de formas que simplesmente não podiam ser mensuradas.

Você deve ter notado que enquanto os momentos da sua vida de grande turbulência e sofrimento ficam gravados na sua memória para sempre, suas experiências felizes parecem escapar: ao mesmo tempo que você se lembra de detalhes superficiais, as sensações em si parecem se misturar com aquelas de todas as outras experiências de prazer que você se lembra. Não porque a felicidade seja uma condição amorfa e genérica; mas simplesmente porque o êxtase e o prazer são parte de um mundo que jaz além das cores pastéis da história. A história não pode capturar ou descrever as coisas que tornam a vida mágica e preciosa — essas coisas só podem ser abordadas diretamente. Elas são tão invisíveis quando olhamos pra trás quanto o são para os instrumentos de cientistas.

Leia isto, então não como a *história* do CrimethInc. e seus antepassados, mas como uma ilustração em espaço negativo, um mapa para lugares no tempo ocupado do nosso passado no qual a *vida real* emergiu por um breve momento — para nos lembrar que algum dia ela voltará para sempre.



II. Documentos Importantes:

Contrad

Contra. u

er lendo teoria política pura, como os seguintes, pode ser útil usar o Teste do ão de tempos em tempos, para determinar se você está lendo é realmente relevante para aplicar esse teste, basta ler o texto as pontuações no fim das frases por to. Se o resultado soar absurdo quando você saberá que está perdendo seu tem-

Contra

Contra

ic ionário

ic ionário

o n

Nota: Quando estiver lendo teoria política pura, como os textos das páginas seguintes, pode ser útil usar o Teste do Ponto de Exclamação de tempos em tempos, para determinar se o material que você está lendo é realmente relevante para a sua vida. Para aplicar esse teste, basta ler o texto substituindo todas as pontuações no fim das frases por pontos de exclamação. Se o resultado soar absurdo quando for lido em voz alta você saberá que está perdendo seu tempo.



***é de Amor
e Anarquia***

Sem deuses.

Certa vez, folheando um livro de psicologia infantil, encontrei um capítulo sobre rebeldia na adolescência. Seu autor a certa altura sugeria que na primeira fase da rebeldia de uma criança em relação aos seus pais, ela tenta se distinguir deles acusando-os de não viver de acordo com seus próprios valores. Por exemplo, se eles ensinaram que bondade e consideração são importantes, ela vai acusá-los de não serem compassivos o suficiente. Nesse caso, continua o autor, essa criança ainda não foi capaz de definir por si mesma seu próprio conjunto de valores; aceitando e reproduzindo ainda os valores e idéias que herdou de seus pais. Ela só está capacitada para afirmar sua identidade dentro dessa estrutura. Somente mais tarde, quando passa a questionar as crenças e a moralidade que lhes foram apresentadas como verdade é que a criança começa a estabelecer sua personalidade.

Muitos de nós, os autoproclamados revolucionários, não mostram indícios de irem além do primeiro estágio de rebeldia. Criticamos as ações daqueles que estão no *mainstream* e os efeitos das suas escolhas e verdades sobre pessoas e animais, atacamos a ignorância e a crueldade do seu sistema, mas raramente nos questionamos a natureza daquilo que aceitamos como moralidade. Será que também baseamos nossos julgamentos em outro tipo de moralidade? Não seria isso algo criticável? Esta não seria apenas outra forma de aceitar estes mesmos valores invertidos num sentido contrário ao do sistema ao invés de criarmos modelos morais por nossa conta?

Nesse instante talvez você esteja se perguntando: "o que você quer dizer, criar modelos morais por nossa conta? Algo é moralmente certo ou não é — moralidade não é algo que você possa construir, não é uma questão de mera opinião." Nessa afirmação você deixa claro a sua aceitação e reprodução dos princípios básicos da sociedade da qual faz parte: que certo e errado não são valores individuais, mas leis fundamentais do mundo. Essa idéia, resquício de uma forma cristã de pensar o mundo que, está no cerne da nossa civilização. Se você vai questionar o que está estabelecido, você deve questioná-la antes!

De onde veio a idéia de "Lei Moral"?

Em outras épocas, quase todo mundo acreditava no dogma da existência de deus. Tal qual a imagem de um rei, cruel ou bondoso, esse deus governava o mundo todo, com poder absoluto sobre tudo; foi ele que ditou as leis que todos os seres humanos deveriam cegamente obedecer. E aqueles que não as obedecessem, deveriam sofrer as mais terríveis punições mortais e/ou divinas. Obviamente, e com naturalidade, muita gente buscava adequar suas vidas a essas regras tanto quanto podiam. Seu medo do sofrimento eterno era mais forte que seu desejo por tudo que fosse vedado ou proibido. Como todas as pessoas deveriam viver de acordo com as mesmas leis, deveriam também concordar sobre o que era e o que não era moralmente aceitável com base no conjunto de valores decretados por deus através de seus valores. Dessa forma, bem e mal, certo e errado, acabaram decididos pela autoridade de deus, que todos aceitavam por medo.

Mas desde o início, existiram pessoas mais conscientes que desconfiavam da presença de deus, de seu interesse por coisas mundanas e até mesmo de sua própria existência. Onde algumas pessoas viam fortes evidências da existência de deus, outras passaram a enxergar fenômenos climáticos, processos bioquímicos e possibilidades estatísticas. Por mais que os

religiosos afirmassem ser Ele o único caminho para a cura, para a vida eterna e para felicidade, essas pessoas não viam qualquer sentido em continuar acreditando nessas baboseiras. Foi assim que lentamente Deus começou a desaparecer do mundo, e com Ele, era de se supor que também desaparecesse o respeito às suas leis frente à impossibilidade de punições divinas.

Mas algo curioso aconteceu. Ainda que tivessem coragem para questionar a existência de deus, e até negá-la frente a quem que ainda acreditavam nela, essas pessoas não ousaram questionar a moralidade que tais leis exigiam. Talvez isso não tenha passado por suas mentes; todo mundo foi criado para possuir as mesmas crenças sobre o que é moral, e acaba falando sobre certo e errado da mesma maneira, então talvez tenha simplesmente se suposto que era óbvio e dado o que era o bem e o que era mal, não havendo diferença se deus estivesse lá para impor isso ou não. Ou quem sabe, as pessoas estivessem tão acostumadas a viver debaixo dessas leis que tivessem medo de até mesmo considerar a possibilidade de que essas leis não existissem mais assim como deus.

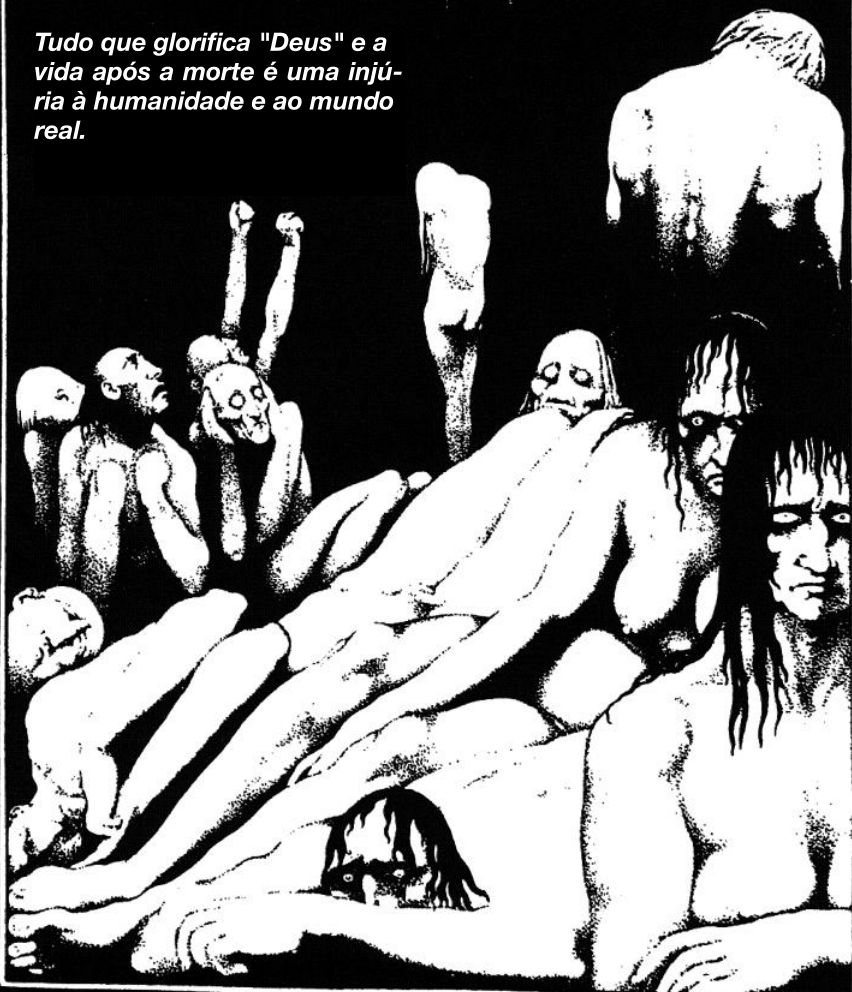
Isso deixou a humanidade numa posição incomum: embora não houvesse mais uma autoridade para decretar certas coisas como absolutamente certas ou erradas, elas ainda aceitavam a idéia de que algumas coisas eram certas e erradas por natureza. Embora não tivessem mais fé numa divindade, elas ainda tinham fé num código moral universal que todas tinham que seguir. Embora elas não acreditassem mais em deus, elas ainda não tinham coragem suficiente para parar de obedecer suas ordens; elas tinham abolido a idéia de um regulador divino, mas não a divindade do seu código de ética. Essa submissão inquestionável às leis de um mestre defunto tem sido um longo pesadelo do qual a raça humana está apenas começando a acordar.

Deus está morto — e com ele, a Lei Moral.

Sem deus, não há mais padrões pelos quais se possa julgar o bem e o mal. Essa conclusão foi muito problemática para filósofos algumas décadas atrás, mas não teve realmente muito efeito em outras áreas. Muitas pessoas ainda pareciam pensar que uma moralidade universal pode ser construída a partir de alguma outra coisa além das leis de Deus: a partir do que é bom para as pessoas, a partir do que é bom para a sociedade, a partir do que nós sentimos que deve ser feito. Mas explicações do porquê esses modelos constituírem necessariamente "lei moral universal" são difíceis de se chegar. Normalmente, os argumentos para a existência da lei moral são mais emocionais do que racionais: "Mas você não acha que roubo é errado?" moralistas perguntam como se isso fosse uma opinião compartilhada onde há uma prova de verdade universal. "Mas você não acha que as pessoas necessitam acreditar em alguma coisa maior que elas mesmas?" elas apelam, como se a necessidade de acreditar em alguma coisa pudesse fazer essa coisa verdade. Ocasionalmente, eles até fazem ameaças: "mas o que aconteceria se todos decidissem que não haveria bem ou mal? Não nos mataríamos uns aos outros?"

O problema real com a idéia de lei moral universal é que ela afirma a existência de alguma coisa que nós não temos como saber nada a respeito. Quem acredita em bem e mal quer que nós acreditemos que existem "verdades morais" — que existem coisas que são moralmente verdades nesse mundo, do mesmo modo que é verdade que o céu é azul. Eles clamam que é verdade nesse mundo que assassinato é moralmente errado assim como a água congela a zero grau. Mas nós podemos investigar a temperatura do congelamento da água: nós podemos mensurá-la e concordar que chegamos a algum tipo de verdade "objetiva", de tal modo que isso é possível. Por outro lado, o que nós observamos

Tudo que glorifica "Deus" e a vida após a morte é uma injúria à humanidade e ao mundo real.



se quisermos investigar se é verdade que assassinato é errado? Não há uma tábua de leis morais no cume da montanha para consultarmos, não há comandos escritos no céu acima de nós; tudo que temos para nos basear são nossos próprios instintos e as palavras de um bando de padres e outros auto-intitulados especialistas morais, sendo que muitos nem sequer concordam entre si. Afinal, se eles não puderem oferecer nenhuma forte evidência desse mundo, porque deveríamos acreditar neles? E os nossos instintos, se nós sentimos que alguma coisa é certa ou errada, isso poderá torná-la certa ou errada para nós, mas isso não é uma prova de que ela é *universalmente* boa ou má. Então, a idéia de que há leis universais morais é mera superstição: é uma alegação de que existem coisas nesse mundo que nunca poderemos vivenciar ou estudar. E não deveríamos perder nosso tempo criando suposições sobre coisas que nunca teremos como saber.

Quando duas pessoas discordam fundamentalmente sobre o que é certo ou errado, não há modo de resolver o debate. Não há nada nesse mundo que se possa usar como referência para ver qual delas está correta — porque não há realmente leis morais universais, apenas avaliações pessoais. Então, a única questão importante é de onde vieram esses valores: você os criou por si próprio, de acordo com seus próprios desejos, ou você aceitou-os de outra pessoa... uma pessoa que disfarçou *suas* opiniões como "verdades universais"?

Você sempre suspeitou da idéia de verdades morais universais, não é mesmo? Esse mundo está cheio de grupos e indivíduos que querem convertê-lo às suas religiões, seus dogmas, suas agendas políticas, suas opiniões. É claro que eles vão dizer a você que esse conjunto de valores é verdadeiro para todo mundo, e é claro que vão lhe dizer que seus valores são os corretos. Uma vez que você esteja convencido que há apenas um modelo de certo e errado, eles estarão a apenas um passo de convencê-lo que o modelo deles é o certo. O quão cuidadosamente, então, nós devemos nos aproximar desses que querem nos vender a idéia de "lei moral universal"! A sua alegação de que moralidade é um problema de lei universal é basicamente uma maneira desonesta de nos fazer aceitar seus valores, ao invés de criarmos valores por nós mesmos que poderiam entrar em conflito com o deles.

Então, para nos proteger das superstições dos moralistas e das armadilhas dos evangelistas, vamos nos livrar da idéia de lei moral. Vamos dar um passo para uma nova era, na qual iremos fazer valores por nós mesmos, e não aceitar leis morais sob medo e obediência. Deixe esse ser nosso novo credo:

Não há código moral universal que deve ditar o comportamento humano. Não há coisas como bem e mal, não há modelos universais de certo e errado. Nossos valores e moral vêm de nós e pertencem a nós, quer gostemos ou não, então devemos proclamá-los orgulhosamente para nós mesmos, como nossas próprias criações ao invés de procurar alguma justificacão externa para eles.

Mas se não há bem e mal, se nada tem nenhum valor moral intrínseco, como vamos saber o que fazer?

Faça o seu próprio bem e mal. Se não há nenhuma lei moral pairando sobre nós, significa que somos livres — livres para fazer o que quisermos, para sermos o que quisermos, para perseguir nossos desejos sem sentir culpa ou vergonha sobre eles.

Imagine o que você quer da sua vida e lute por isso; crie quaisquer que sejam os valores certos para você, e os viva. Não será fácil, de alguma forma, os desejos nos puxam em diferentes direções, eles vêm e vão sem aviso, então manter-se com eles e escolher entre eles é um teste difícil — é claro que obedecer instruções é mais fácil, menos complicado. Mas se vivermos nossas vidas como se tivéssemos sido instruídos, as chances são muito pequenas de conseguirmos o que queremos da vida: cada pessoa é diferente e tem necessidades diferentes, então como um conjunto de "verdades morais" trabalhariam para cada uma de nós? Se tomarmos a responsabilidade por nós mesmos e cada um esculpir sua própria tábua de valores, então teremos uma chance de conseguir alguma felicidade. De qualquer forma, as antigas leis morais são resquícios dos dias quando vivíamos em submissão, cheios de medo de um Deus inexistente; com a sua partida, podemos nos livrar de toda a covardia, submissão e superstição que caracterizaram nosso passado.

Algumas pessoas entendem de forma equivocada o chamado de que devemos perseguir nossos próprios desejos como mero hedonismo. Mas não estamos falando aqui dos transitórios e insubstanciais desejos do típico libertino. Estamos falando dos mais fortes, profundos, mais duráveis desejos e inclinações do indivíduo: seus amores e ódios fundamentais que permeiam seus valores. E o fato de que não há nenhum Deus para mandar que nos amemos uns aos outros ou que ajamos virtuosamente não significa que não devemos fazer essas coisas por nossa própria conta, se acharmos que vale a pena — o que quase todos achamos. Mas vamos fazer o que fazemos por nossa *própria* conta, não por obediência!

Mas como justificar nossa própria ética, se não podemos baseá-la em verdades morais universais?

A moralidade tem sido justificada externamente por tanto tempo que hoje muito dificilmente nós sabemos concebê-la de outra maneira. Nós temos sempre que dizer que nossos valores procedem de alguma coisa externa a nós, porque valores baseados em nossos próprios desejos eram (não é nenhuma surpresa!) taxados como maus pelos padres da lei moral. Hoje nós ainda sentimos instintivamente que nossas ações devem ser justificadas por algo fora de nós mesmos, alguma coisa "maior" do que nós mesmos — se não por Deus, então por uma lei moral, lei do estado, opinião pública, justiça, "amor de um homem", etc... Temos sido tão condicionados por centenas de anos a pedir permissão para sentir coisas e fazer coisas, de sermos proibidos a basear nossas decisões nas nossas próprias necessidades, que ainda queremos pensar que estamos obedecendo a um poder maior até quando agimos pelos nossos próprios desejos e crenças; de alguma forma, é mais defensável agir sob submissão a um algum tipo de autoridade do que no serviço das próprias inclinações. Sentimo-nos tão envergonhados de nossas aspirações e desejos que atribuímos essas ações a algo "maior". Mas o que poderia ser maior do nossos próprios desejos, o que poderia prover melhor justificação para nossos atos? Deveríamos servir algo externo sem consultar nossos desejos ou até, quem sabe, indo *contra* nossos desejos?

Essa questão de justificação é onde muitos indivíduos e grupos radicais erram. Eles atacam o que vêem como injustiça não baseado no fato de que não querem ver tais coisas acontecerem, mas baseado no que é "moralmente errado". Fazendo isso, eles buscam o apoio de todo mundo que ainda acredita na fábula da lei moral, e se

colocam como servos da Verdade. Essas pessoas não deveriam tirar vantagem das ilusões populares para conseguir o que querem, mas deveriam desafiar as suposições e questionar as tradições em *tudo* que fazem. Um avanço, por exemplo, nos direitos animais, que for alcançado em nome da justiça e da moralidade, é um passo adiante ao custo de dois passos atrás: soluciona um problema enquanto reproduz e reforça outro. Certamente tais avanços deveriam ser feitos e atingidos porque são *desejáveis* (ninguém que realmente tenha pensado sobre o assunto iria *querer* assassinar e maltratar animais, iria?) ao invés de se usar táticas vindas da superstição cristã. Infelizmente, por causa de centenas de anos de condicionamento, é tão bom sentir-se justificado por uma "força maior", por estar obedecendo a uma "lei moral", por estar aplicando a "justiça" e estar lutando pelo "bem", que é fácil para as pessoas serem pegadas como apoiadores da moral e esquecerem de questionar se a idéia de lei moral faz sentido em primeiro lugar. Há uma sensação de poder que vem em acreditar que se está servindo a uma autoridade maior, a mesma sensação que atrai as pessoas para o facismo. É sempre tentador pintar toda batalha como contra o mal, certo contra errado; mas isso não é apenas supersimplificação, isso é uma falsificação: pois tal coisa não existe.

Nós podemos agir compassivamente uns com os outros porque nós *queremos*, não porque a "moralidade dita"! Não precisamos de nenhuma justificativa vinda de fora para cuidar de animais e humanos, ou para protegê-los. Só precisamos sentir em nossos corações que é certo, que é certo para *nós*, para termos toda a razão que precisamos. Podemos justificar agir pela nossa ética, sem baseá-la em verdades morais, simplesmente não nos sentindo envergonhados dos nossos desejos: estando orgulhosos o suficiente deles para aceitá-los pelo o que são, como as forças que nos guiam como indivíduos. E nossos próprios valores podem não ser certos para todos, isso é verdade; mas eles são tudo o que temos para seguir em frente, então devemos ousar agir de acordo com eles ao invés de imaginar alguma justificativa maior impossível.

Mas o que aconteceria se todo mundo decidisse que não há bem e mal? Não acabaríamos matando uns aos outros?

Essa pergunta pressupõe que as pessoas não matam umas às outras apenas porque foram ensinadas que isso é errado. A humanidade realmente é tão sedenta de sangue e malvada que nós acabaríamos matando e estuprando uns aos outros se não fôssemos impedidos por superstições? Me parece mais provável que desejamos nos dar bem com os outros pelo menos tanto quanto desejamos ser destrutivos — você normalmente não se sente melhor ajudando outras pessoas do que as machucando? Atualmente, a maioria das pessoas alega acreditar que compaixão e justiça são moralmente corretas, mas isso não faz do mundo um lugar compassivo e justo. Não pode ser verdade que seguiríamos mais nossa inclinação natural de tratar bem os outros, se não sentíssemos que caridade e justiça são coisas obrigatórias? De que valeria a pena se todos nós cumpríssemos o nosso "dever" de ser bom com os outros, se o fizéssemos somente porque estamos obedecendo imperativos morais? Não seria muito mais significativo tratar-mos os outros com consideração porque nós queremos, em vez de sermos exigidos?

E se a abolição do mito da lei moral de alguma maneira gera mais disputas entre os seres humanos, ainda assim não seria preferível a vivermos como escravos de su-

perstições? Se decidirmos quais são nossos valores e como viveremos de acordo com eles, nós pelo menos teremos a chance de perseguir os nossos sonhos e talvez apreciar a vida, mesmo que lutemos uns com os outros. Mas se escolhermos viver de acordo com regras impostas por outros, nós sacrificamos a oportunidade de escolher o nosso destino e buscar nossos desejos. Não importa o quão bem nos damos com as amarras da lei moral, elas valem o abandono da nossa auto-determinação? Eu não teria coragem de mentir para um ser humano e lhe dizer que ele tem que se conformar com algum mandamento ético, quer esteja no seu melhor interesse ou não, mesmo se fosse essa mentira que impedisse algum conflito entre nós. Porque eu me importo com os seres humanos, eu quero que eles sejam livres para fazer o que é certo para eles. Isso não é mais importante que a paz na terra? A liberdade, mesmo que perigosa, não é preferível à escravidão mais segura, à paz comprada com ignorância, covardia e submissão?



Além disso, veja a nossa história. Quanto derramamento de sangue, enganação e opressão já foram cometidos em nome do certo e do errado? As guerras mais sangrentas foram travadas entre inimigos que achavam estar lutando no lado da verdade moral. A idéia da lei moral não nos ajuda a conviver, ela nos vira uns contra os outros, para conter aqueles cuja lei moral não é a "verdadeira". Não pode existir verdadeiro progresso nas relações humanas até que as perspectivas de cada um sobre a ética e os valores sejam reconhecidas; então poderemos começar a acertar nossas diferenças e aprender a viver junto, sem lutar sobre questões estúpidas como quais são os valores morais e desjos que estão "corretos". Por você mesmo, pela humanidade, jogue fora as noções antiquadas de bem e mal e crie seus próprios valores!

Sem mestres.

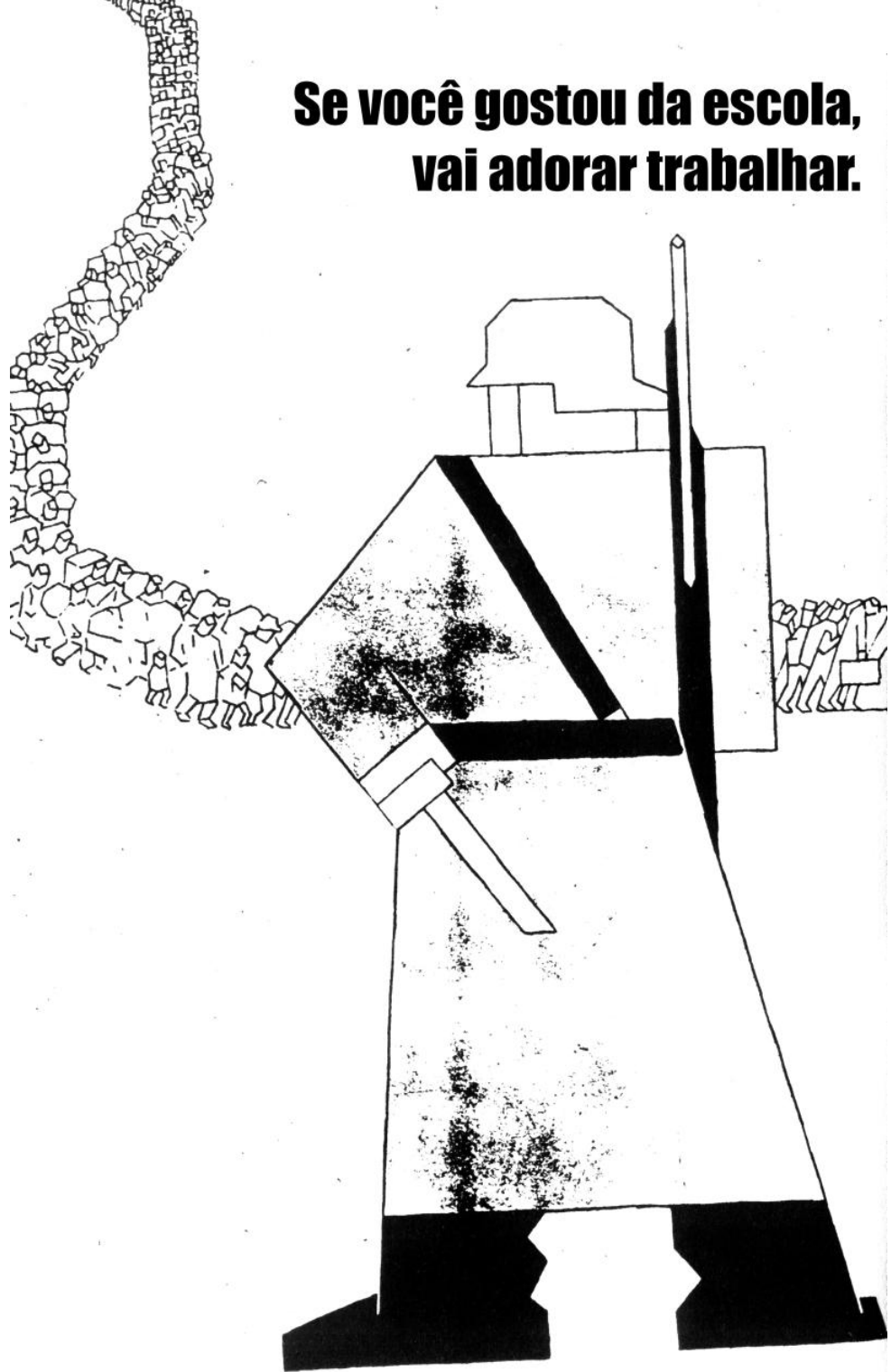
Se você gostou da escola, você vai amar trabalhar. Abusos de poder cruéis e absurdos, a autoridade com que professores e diretores mandam em você, a intimidação e a ridicularização dos seus colegas não terminam depois da formatura. Essas coisas estão todas presentes no mundo adulto, até em maiores doses. Se você achava que tinha pouca liberdade antes, espere até você ter que responder a patrões, diretores, donos, senhorios, credores, coletores de impostos, câmaras municipais, cortes judiciárias e polícia. Quando você sai da escola você pode escapar da jurisdição de algumas autoridades, mas você entra no controle de outras ainda mais dominadoras. Você gosta de ser controlado por pessoas que não entendem ou não se importam com seus desejos e necessidades? Você consegue alguma coisa obedecendo às instruções de empregadores, às restrições dos senhorios, às leis dos magistrados, pessoas que têm poder sobre você, poder que você nunca teria dado a eles por vontade própria?

Como eles conseguiram esse poder? A resposta é *hierarquia*.

Hierarquia é um sistema de valores no qual seu mérito é medido pelo número de pessoas e coisas que você controla, e quão respeitosa você obedece àqueles acima de você. A força é exercida de cima para baixo na estrutura do poder: todo mundo é forçado a aceitar e se conformar a esse sistema por todos os demais. Você está com medo de desobedecer àqueles que estão acima de você porque eles podem voltar o poder de todos e de tudo abaixo deles contra você. Você está com medo de abdicar do seu poder sobre os que estão abaixo de você porque eles podem acabar ficando acima de você. No nosso sistema hierárquico, nós estamos tão ocupados tentando proteger a nós mesmos dos outros que nunca temos a chance de parar e perguntar se esse é realmente o melhor caminho de organizar nossa sociedade. Se nós pudéssemos refletir sobre isso, nós provavelmente concordaríamos que não é; todos sabemos que felicidade vem do controle sobre nossas próprias vidas, não sobre a vida de outras pessoas. E desde que estejamos ocupados controlando os outros, nós também estaremos condenados a sermos vítimas do controle.

É o nosso sistema hierárquico que nos ensina desde a tenra infância a aceitar o poder de qualquer figura de autoridade, desde então não prestamos atenção se isso é do nosso interesse ou não. Nós aprendemos a instintivamente nos curvar ante alguém que se diz mais importante do que nós. É a hierarquia que faz com que a homofobia seja tão comum entre as pessoas pobres — elas estão desesperadas para sentirem-se mais valiosas, mais significantes do que alguém. É a hierarquia em funcionamento quando duzentos roqueiros punks vão para um clube de rock (sempre um erro, é claro!) para ver uma banda, e por alguma razão estúpida o dono do clube não deixa que eles se apresentem: há duzentas e seis pessoas no clube, duzentas e cinco querem que a banda toque, mas eles todos aceitam a decisão do

**Se você gostou da escola,
vai adorar trabalhar.**



dono só porque ele é mais velho e é proprietário do lugar (tem mais poder financeiro, e conseqüentemente mais poder legal). São os valores hierárquicos os responsáveis pelo racismo, classismo, sexismo, especismo e mil outros preconceitos que estão profundamente arraigados na nossa sociedade. É a hierarquia que faz as pessoas ricas enxergarem as pessoas pobres como se não fossem nem humanas, e vice-versa. Ela coloca empregador contra empregado, diretor contra trabalhador, professor contra estudante, fazendo pessoas lutarem umas contra as outras ao invés de trabalharem juntas em apoio mútuo; separadas desta forma, elas não podem beneficiar-se das habilidades, das idéias e capacidades das outras, mas têm que viver com inveja e medo dessas habilidades. É a hierarquia em funcionamento quando seu chefe insulta ou assedia você sexualmente e você não pode fazer nada sobre isso, assim como quando a polícia exerce o seu poder sobre você. Poder torna as pessoas cruéis e insensíveis, e a submissão torna as pessoas covardes e estúpidas: e muitas pessoas num sistema hierárquico participam desses dois lados. Os valores hierárquicos são responsáveis pela destruição da nosso meio ambiente e pela exploração dos animais: liderada pelo capitalismo ocidental, nossa espécie aspira controlar tudo em que possa colocar suas garras, a qualquer custo para nós mesmos e para outros. E são os valores hierárquicos que nos levam à guerra, lutando por poder sobre outros, inventando mais e mais armas poderosas até que finalmente o mundo todo estremeça no fio da aniquilação nuclear.

Mas o que podemos fazer sobre hierarquia? Isso não é simplesmente como o mundo funciona? Ou há outros caminhos em que as pessoas poderiam interagir, outros valores com os quais viver?

Hierarquia ...



Ressuscitando o anarquismo como uma abordagem pessoal à vida.

Pare de pensar no anarquismo como apenas mais outra "ordem mundial", apenas outro sistema social. Onde nós estamos, nesse mundo tão dominado e controlado, é impossível imaginar-se vivendo sem quaisquer autoridades, sem leis ou governos. Não é de se espantar que o anarquismo não seja geralmente levado à sério como um programa político ou social em larga escala: ninguém pode imaginar com o que ele se pareceria, muito menos como alcançá-lo — nem mesmo os próprios anarquistas.

Ao contrário, pense no anarquismo como uma orientação individual para você mesmo e outros, como um modo de ver a vida. Não é impossível imaginar. Concebido nesses termos, o que seria o anarquismo? Seria uma decisão de pensar por si mesmo ao invés de seguir cegamente. Seria uma rejeição da hierarquia, uma recusa a aceitar a "abençoada" autoridade de qualquer nação, lei ou outra força como sendo mais significativa do que sua própria autoridade sobre você mesmo. Seria uma desconfiança instintiva daqueles que alegam ter algum tipo de ordem ou status sobre os outros à sua volta, e uma aversão a alegar ter tal status sobre outros. Mais que tudo, seria recusar-se a colocar a responsabilidade de si mesmo nas mãos de outras pessoas: seria a exigência de que cada uma de nós não apenas seja livre para escolher seu próprio destino, mas realmente fazer isso.

De acordo com essa definição, há uma quantidade maior de anarquistas do que

e Anarquia



parece, embora muitos não se refiram a si mesmos como tal. Muitas pessoas, quando pensam sobre isso, querem ter o direito de viver suas próprias vidas, pensar e agir como acham conveniente. Muitas pessoas confiam mais nelas mesmas para concluir o que deveriam fazer mais do que confiam em qualquer autoridade para ditar isso a elas. Quase todo mundo se frustra quando se encontra pressionado por um poder sem rosto e impessoal.

Você não quer estar à mercê de governos, burocracias, polícia, ou outras forças, quer? Certamente você não vai deixar que eles ditem toda a sua vida. Você não faz o que você quer, o que você acredita, pelo menos quando você não vai ser pego e punido por isso? Em nossas vidas diárias, nós todos somos anarquistas. Todas as vezes que tomamos decisões por nós mesmos, todas as vezes que nós nos responsabilizamos por nossas próprias ações ao invés de nos curvamos para algum poder maior, nós estamos colocando o anarquismo em prática.

Então se nós somos todos anarquistas por natureza, por que continuamos aceitando a dominação de outros, até mesmo criando forças que nos regulam? Você não preferiria descobrir como coexistir com seus semelhantes seres humanos chegando às conclusões diretamente entre vocês, em vez de depender de algum conjunto de regras? O sistema que *eles* aceitam é aquele ao qual *you* deve se submeter: se você quer sua liberdade, você não pode se dar o luxo de não se preocupar se aqueles à sua volta exigem controle das suas vidas ou não.

Nós realmente precisamos de mestres para nos comandar e controlar?

No Ocidente, por milhões de anos, temos aceitado a idéia de um governo estatal central e hierárquico sob a teoria de que precisamos. Fomos ensinados que sem a polícia, nos mataríamos uns aos outros; que sem chefes, nenhum trabalho seria feito; que sem governos, a civilização em si mesma iria por água abaixo. Tudo isso é verdade?

Certamente, é verdade que hoje pouco trabalho é feito quando o patrão não está olhando, caos acontece imediatamente quando os governos caem, e a violência às vezes ocorre quando a polícia não está por perto. Mas essas são realmente indicações de que não há outro caminho nós possamos organizar a sociedade?

Será que não é possível que trabalhadores não consigam fazer nada a menos que estejam sobre observação apenas porque estão acostumados a não fazer nada sem serem cutucados — mais do que isso, porque se ressentem por serem inspecionados, instruídos, condescendentes a seus diretores, e não querem fazer nada para eles que não tenha que ser feito? Quem sabe eles teriam mais iniciativa se estivessem trabalhando juntos por um objetivo comum, ao invés de serem pagos para receber ordens, trabalhar para alcançar objetivos sobre os quais não têm direito de opinar e que não lhes interessam muito. Não queremos dizer que todo mundo está pronto ou apto para fazer tal coisa hoje; mas nossa preguiça é mais condicionada do que natural, e num ambiente diferente, nós saberíamos que as pessoas não precisam de chefes para que as coisas sejam feitas.

E sobre a polícia ser necessária para manter a paz: nem vamos discutir as formas nas quais o papel da "protetor da lei" traz à tona os aspectos mais brutais dos seres humanos, e como a brutalidade da polícia não exatamente contribui para a paz. E quanto aos efeitos em civis vivendo num estado de "proteção" policial? Quando a polícia deixa de ser uma direta manifestação dos desejos da comunidade a que ela serve (e isso acontece com muita rapidez onde quer que a força policial esteja estabelecida: ela se torna um poder externo ao resto da sociedade, uma autoridade de fora) ela é uma força agindo coercitivamente sobre as pessoas na sociedade. Violência não se limita a um mal físico: qualquer relacionamento estabelecido pela força, como o entre policiais e civis, é um relacionamento violento. Quando você é atacado violentamente, você aprende a agir violentamente em resposta. Não seria possível, então, que a ameaça implícita da polícia em cada esquina — da quase onipresença dos representantes uniformizados e impessoais do poder estatal — contribua para a tensão e violência mais do que para dissipá-la? Se isso parece improvável para você, e você é classe média e/ou branco, pergunte a uma pessoa negra, pobre ou a um imigrante como a presença da polícia faz *ele* se sentir.

Quando as formas padrão de interação humana giram todas ao redor do poder hierárquico, quando as relações humanas tão freqüentemente se resumem em dar e receber ordens (no trabalho, na escola, na família, nas cortes judiciais), como podemos esperar uma sociedade sem violência? As pessoas estão acostumadas a usar força uns contra os outros no seu dia-a-dia, a força do poder autoritário. Talvez se fôssemos mais acostumadas a tratar uns aos outros como iguais, a criar relações baseadas em



Acordei suando frio do Sonho americano

UM EXÉRCITO DE ESCRAVOS ESCAPOU DO EGITO!!



NO PRÓXIMO NÚMERO:
AS BASES MORAIS DA
CIVILIZAÇÃO OCCIDENTAL

preocupação mútua pelas necessidades do outro, não veríamos tanta gente partir para a violência contra outros.

E o controle do governo? Sem ele, a sociedade se desintegraria, e nossas vidas junto?

Certamente, sem governo, as coisas seriam muito diferentes do que são agora — mas isso é necessariamente ruim? A nossa sociedade moderna realmente é o melhor dos mundos possíveis? Vale a pena dar tantos controle sobre nossas vidas a mestres e governantes só por medo de tentar qualquer coisa diferente?

Além disso, não podemos alegar que precisamos de controle governamental para evitar derramamento de sangue em massa, porque são os próprios governos que causaram os maiores massacres de todos: em guerras, em holocaustos, no extermínio e escravidão centralizada de culturas e povos inteiros. Pode ser que quando os governos parem de existir muitas pessoas percam suas vidas na luta e no caos resultante. Mas essa luta é quase sempre entre outros grupos hierárquicos sedentos de poder, outros querendo ser governantes e mandantes. Se nós rejeitássemos totalmente a hierarquia e nos recusássemos a servir qualquer força além da nossa própria, não haveriam mais guerras ou holocaustos em grande escala. Essa seria uma responsabilidade que cada um de nós teria que aceitar igualmente, coletivamente recusar a reconhecer qualquer poder como válido, jurar aliança a nada além de nós mesmos e nossos companheiros seres humanos. Se todos fizermos isso, nunca mais veremos outra guerra mundial.

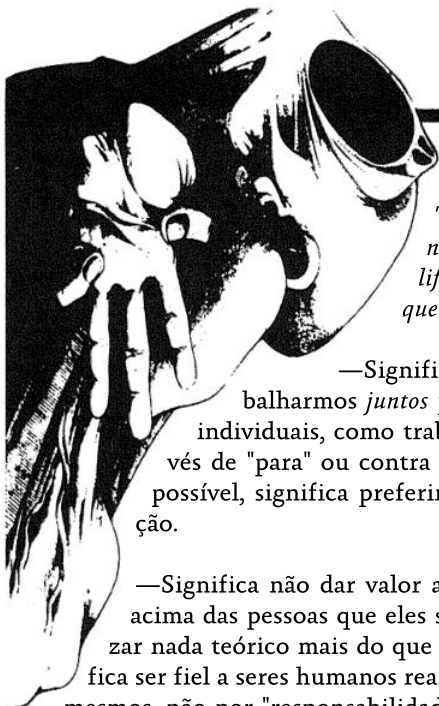
É claro que mesmo que se um mundo completamente livre de hierarquia for possível, não devemos nos iludir de que qualquer um de nós vai viver para vê-lo. Mas isso não deve nos preocupar: pois é tolice planejar sua vida para girar em torno de algo que você nunca será capaz de vivenciar. Ao invés disso, nós devemos reconhecer os padrões de submissão e dominação em nossas próprias vidas, e, na medida do possível, nos livrarmos deles. Devemos pôr o ideal anarquista — sem mestres, sem escravos — em prática no nosso dia-a-dia o máximo que pudermos.



Cada vez que nos lembramos de não aceitar automaticamente a autoridade dos poderes que aí estão, cada vez que um de nós consegue escapar do sistema de dominação por um momento (seja por sair imune de fazer algo proibido por seu chefe ou professor, se dirigir a alguém de uma camada social diferente como um igual, etc.), é uma vitória para o indivíduo e um golpe contra a hierarquia.

Você ainda acredita que uma sociedade livre de hierarquias é impossível? Existem muitos exemplos pela história da humanidade: os Basarwa do deserto de Kalahari ainda vivem sem autoridades, sem nunca tentar forçar ou comandar os outros a fazer coisas, mas trabalhando juntos e garantindo aos outros liberdade e autonomia. É claro, a sua sociedade está sendo destruída pela nossa, altamente destrutiva — mas isso não significa que não possa existir uma sociedade igualitária que seja bem defendida e completamente hostil aos agrupamentos de poder exteriores. Em *Cidades da Noite Escarlate*, William Burroughs escreve sobre um forte de piratas anarquistas alguns séculos atrás que era exatamente isso.

Se você precisa de um exemplo mais próximo do seu dia-a-dia, lembre-se da última vez que você se reuniu com seus amigos para relaxar numa sexta à noite. Uns trouxeram comida, uns trouxeram diversão, uns trouxeram outras coisas, mas ninguém manteve um registro de quem deve o que para quem. Você fizeram as coisas como um grupo e se divertiram; as coisas foram feitas, mas ninguém foi forçado a fazer nada e ninguém tomou a posição de mestre. Todos temos esses momentos de interação não-capitalista, não-coercitiva, não hierárquica em nossas vidas toda hora, e são nesses momentos em que mais apreciamos a companhia dos outros, quando temos o melhor de cada pessoa; mas de alguma forma não nos ocorre exigirmos que a nossa sociedade funcione desta forma, assim como nossas amizades e casos amorosos. É claro é um objetivo difícil pedirmos que seja assim — mas vamos ousar tentar alcançar os objetivos mais altos, não vamos nos acomodar com nada além do melhor em nossas vidas!



"Anarquismo" é a idéia revolucionária de que ninguém é mais qualificado do que você para decidir o que sua vida será.

—Significa tentar descobrir como trabalharmos *juntos* para suprir nossas necessidades individuais, como trabalhar uns *com* os outros ao invés de "para" ou contra os outros. E quando isso é impossível, significa preferir a luta à submissão e dominação.

—Significa não dar valor a nenhum sistema ou ideologia acima das pessoas que eles se propõem a servir, não valorizar nada teórico mais do que *coisas reais* neste mundo. Significa ser fiel a seres humanos reais (e animais, etc.), lutar por nós mesmos, não por "responsabilidades", não por "causas" ou outros conceitos intangíveis.

—Significa, também, não forçar seus desejos em uma ordem hierárquica, mas aceitar e abraçar todos eles, aceitando a si mesmo. Significa tentar não forçar a si mesmo a se curvar a qualquer lei externa, não tentar restringir suas emoções ao previsível ou prático, não colocar seus instintos e desejos em caixas: pois não há jaula grande o suficiente para acomodar a alma humana em todos os seus vôos, suas alturas e profundidades.

—Significa se recusar a jogar a responsabilidade pela sua felicidade em outra pessoa, quer sejam seus pais, amantes, empregadores, ou a própria sociedade. Significar aceitar todo o peso da busca por significado e alegria na sua vida.

Pois o que mais deveríamos buscar se não felicidade? Se algo que possui significado e alegria para nós não é valioso, então o que é? Como podem abstrações como "responsabilidade", "ordem" ou "propriedade" serem mais importantes que as necessidades reais das pessoas que as inventaram? Devemos colocar os interesses de nossos empregadores, pais, o Estado, Deus, o capitalismo, leis morais, causas, movimentos, a "sociedade" acima de *nos mesmos*? *Quem te ensinou isso mesmo?*

A IRMANDADE DO ESPÍRITO LIVRE

Durante quase dois milênios, a Igreja Católica sufocou a vida na Europa. Ela foi capaz de fazê-lo porque o Cristianismo deu a ela um monopólio no significado da vida: tudo que era sagrado, tudo que importava não era para ser encontrado nesse mundo, apenas noutra. O homem era impuro, profano, estava preso numa terra sem valor com tudo que é bonito fechado além do seu alcance, no céu¹. Apenas a Igreja poderia agir como intermediária para esse outro mundo, e apenas através dela as pessoas poderiam aproximar-se do significado das suas vidas.

O misticismo foi a primeira revolta contra esse monopólio: determinados a vivenciar em primeira mão uma amostra da beleza desse outro mundo, místicos fizeram o que era necessário — jejum, auto-flagelo, todos os tipos de privação — para atingir um instante de visão divina: para fazer uma visita ao céu, e retornar para contar quantas bênçãos nos esperam por lá. A Igreja rancorosamente aceitou os primeiros místicos, privadamente escandalizada por alguém burlar a sua primazia em toda comunicação com Deus, mas acreditando corretamente que as estórias que os místicos contavam apenas reforçavam o clamor da Igreja de que todo valor e significado esperava no outro mundo.

Mas um dia, um novo tipo de misticismo apareceu; aqueles que o praticavam eram geralmente conhecidos como A Irmandade do Espírito Livre. Eram homens e mulheres que passa-

ram pelo processo místico, mas retornaram com uma história diferente: a identificação com Deus poderia ser *permanente*, não apenas passageira, anunciavam. Depois de terem tido sua experiência transformadora, não sentiam abismo algum entre o céu e a Terra, entre o sagrado e o profano, entre Deus e o homem. Os heréticos do Espírito Livre ensinaram que o pecado original, o *único* pecado, foi a divisão do mundo, que criou a ilusão da perdição; pois uma vez que Deus era sagrado e bom, e fez todas as coisas, então todas as coisas verdadeiras eram inteiramente boas, e tudo o que alguém precisava fazer para alcançar a perfeição era realizar essa descoberta.

Então esses heréticos tornaram-se deuses na Terra: o céu não era algo a ser alcançado, mas um lugar onde eles viviam; todo desejo que eles deveriam sentir era absolutamente sagrado e bonito, e não apenas isso — era o mesmo que um mandamento divino, mais importante do que qualquer lei ou costume, uma vez que todos os desejos foram criados por Deus. Em sua revelação da perfeição do mundo e de si mesmos, eles até estavam aptos a ir acima de Deus, e colocarem-se no centro do mundo: aceitar a autoridade da Igreja e da visão objetiva do mundo significava que se Deus não os tivesse inventado, eles não poderiam existir; mas agora, aceitando a soberania de seus próprios desejos e perspectivas, e portanto afirmando sua própria experiência *subjetiva* do mundo como a única autoridade, eles estavam aptos a ver que se não existissem, então Deus também não poderia existir.

O livro de *Schwester Katrei*, uma das fontes desses tempos que ainda resta, descreve uma busca de uma mulher pela divindade através desse tipo de

¹ Mesmo hoje, o Cristianismo ensina que o tudo que é bom em você vem de Deus e o que tudo aquilo que é imperfeito é sua própria falta — dessa forma nós temos existência própria apenas na extensão da qual fluímos e nos envergonhamos.

misticismo: no fim, ela anuncia a seu confessor, em palavras que escandalizaram o mundo medieval: "Senhor, alegre-se comigo, eu *me tornei Deus*."

A Irmandade do Espírito Livre nunca foi um movimento ou um grupo de organização religiosa; na verdade, eles se assemelham ao Crimethinc., mais do que qualquer outro grupo que já tenha existido. Seus segredos foram espalhados pelo mundo, entre pessoas de todas as classes, por humildes vagabundos que viajavam de uma terra a outra procurando aventura. Eles eram andariños que recusavam trabalhar não por autoprivação, mas porque eram bons demais para o trabalho, e sugeriam que qualquer um que o quisesse poderia ser; coerentemente, eles se negaram a passar suas vidas vendendo suas crenças, como muitos Cristãos tradicionais (e comunistas, e até mesmos anarquistas) fazem, mas concentraram-se em *vivê-las* — o que se provou ser bem mais contagioso.

É claro que a Igreja Católica reagiu a essa heresia matando os esotéricos aos milhares. Qualquer coisa que fosse menos intimidadora do que uma campanha de total terror, teria selado o seu destino, já que sua autoridade estava sendo quase inteiramente minada por essa nova teologia libertadora. Apesar da violência dessa repressão, os segredos do Espírito Livre foram passados por vastas extensões de tempo e espaço, através de corredores esquecidos da história (talvez porque eles consistam em momentos vividos *fora* da história?) para aparecer em convulsões sociais e períodos pós/pré-revolucionários separados por centenas de anos e milhões de quilômetros². Em muitas ocasiões o poder da Igreja e das nações que a ser-

viam foi quase destruído por esses levantantes aparentemente espontâneos; eles apareceram durante a história oficial como um batimento de coração num corpo dormente.

Os hereses do Espírito Livre conseguiram alcançar um estado de total au-



toconfiança e empoderamento com o qual nós anarquistas e feministas apenas sonhamos hoje; que eles tenham realizado isso usando apenas os poucos recursos do Cristianismo, tradicionalmente uma religião limitadora e incapacitante, é realmente emocionante. Eu penso com frequência que se apenas nós pudéssemos jogar fora todas nossas dúvidas e inibições e realmente sentir que o que somos é beleza e perfeição (*deve ser*, se tais conceitos têm que existir!), e que não temos que temer ou nos envergonhar daquilo que queremos, nós nos tornaríamos invencíveis e o mundo seria nosso para sempre.

² Ver também: os Ranters, os Diggers, os Anabatistas, os Antinomianos, etc.

OS REIS POBRES DO MAR

Durante as primeiras décadas do século XVII, a cidade portuária de Salê na costa do Marrocos tornou-se um paraíso de piratas de todo o mundo, eventualmente desenvolvendo-se em um livre estado proto-anarquista que atraía pobres e exilados europeus, que entre outros vinham em vagalhões para começar nova vida de pirataria predando os navios mercantes dos seus países de origem. Entre esses Renegados Europeus estava o Poderoso Capitão Bellamy; sua área de caça era o Estreito de Gibraltar, local em que todos os navios mercantes legais mudavam o curso pela simples menção do seu nome, frequentemente em vão. Um capitão capturado de um barco mercante foi posto em seu lugar com esse discurso de Bellamy depois de recusar um convite para que se juntasse aos piratas:

"Peço desculpas por eles não podem deixar que tenhas a tua chalupa de

novo, pois desprezo causar prejuízo a quem quer que seja, quando não é para minha vantagem; dane-se a chalupa, nós iremos afundá-la, e ela poderia ter sido por ti utilizada. Penso que és um cachorro presunçoso, da mesma espécie destes que se submetem a ser governados por leis que homens ricos têm criado para a própria segurança; porque covardemente, os cachorrinhos não têm coragem para defender o que estes homens conseguiram de forma desonesta; mas danem-se todos juntos: danem-se eles, por serem um punhado de patifes, e vocês que os servem, por serem um bando idiotas covardes. Eles desonram-nos, esses vermes, quando há apenas essa diferença, a verdade é que eles roubam os pobres acobertados pela lei, e nós pilhamos os ricos sob a proteção da nossa coragem. Não farias melhor tornando-se um de nós, mais do que ras-tejares em busca de emprego atrás desses vilões?"

Quando o capitão replicou que sua consciência não o deixaria quebrar as leis de Deus e do homem, o pirata Bellamy continuou:

"És um patife com consciência maldosa, já eu sou um príncipe livre, e tenho mais autoridade para fazer guerra em todo o mundo do que eles que possuem uma centena de veleiros no mar e uma armada de 100 mil homens para batalhas, isto é minha consciência quem me diz; mas não há argumentos com tais cachorrinhos chorões, que permitem que seus superiores os joguem ao mar com prazer."



Amar é o ato fundamental da revolução, da resistência ao mundo tedioso, socialmente restritivo, culturalmente constrictivo, e notoriamente ridículo de hoje.

O amor transforma o mundo. Se a amante antigamente sentia-se entediada, agora ela sente paixão. Se estava contente, agora está excitada e impelida à ação franca. O mundo que uma vez parecia vazio e cansativo, torna-se cheio de significado, cheio de riscos e recompensas, de majestade e perigo. A vida para o amante é um presente, uma aventura com as maiores recompensas; todo momento é memorável, de partir o coração por sua beleza passageira. Quando se apaixonou, o homem ou a mulher que se sentia desorientada, alie-

Junte-se à Resistência: Apaixone-se

nada e confusa finalmente sabe exatamente o que quer. De repente, sua existência faz sentido; torna-se valiosa, até gloriosa e nobre. Paixão ardente é um antídoto que curará os piores casos de desespero e resignação.

O amor possibilita que as pessoas conectem-se a outras de maneira significativa — impele-as a deixarem suas conchas e arriscar serem honestos e espontâneos juntas, conhecendo uma à outra de modo profundo. Então o amor possibilita que nós cuidemos umas das outras genuinamente, ao invés de isso acontecer só no fim da linha, como na doutrina cristã. Mas ao mesmo tempo, o amor catapulta a amante para fora das rotinas do dia-a-dia e a separa do resto da humanidade, vivendo como se estivesse num mundo inteiramente à parte.

Nesse sentido, o amor é subversivo, pois representa uma ameaça à ordem estabelecida das nossas vidas modernas. Os rituais entediantes da produtividade do dia de trabalho e a etiqueta social não significam mais nada para quem se apaixonou, há forças mais importantes guiando essa pessoa do que a pura inércia e respeito às tradições. Estratégias de marketing que dependem de apatia e insegurança não têm efeito sobre ela. O entretenimento desenvolvido para o consumo passivo, que depende da exaustão ou do cinismo, não a interessam mais.

Não há lugar para a pessoa apaixonada, para a pessoa romântica no mundo de hoje, seja no dos negócios ou no privado — pois ela é capaz de perceber que pode ser mais vantajoso viajar de carona até a Patagônia (ou sentar no parque para ver as nuvens passar) com seu coração sensível do que estudar para o exame de cálculo ou vender imóveis... e se ela decide que é mesmo, terá a coragem para fazer isso ao invés de ser atormentada por um desejo insatisfeito. Ela sabe que invadir um cemitério para fazer amor sob as estrelas tem um potencial de tornar aquela noite memorável que o ato de assistir televisão

jamais poderá ter. Então o amor representa uma ameaça para nossa economia de consumo, que depende do consumo de uma grande variedade de produtos e do trabalho que esse consumo necessita para se perpetuar.

De forma parecida, o amor representa uma ameaça para o nosso sistema político, pois será difícil convencer um homem que muitas razões para viver nas suas relações pessoais a estar disposto a lutar e morrer por uma abstração como o estado; de fato, será difícil até mesmo convencê-lo a pagar impostos. O amor representa uma ameaça a culturas de todos os tipos, porque quando os seres humanos dão valor e reconhecem sabedoria no amor verdadeiro eles não vão atrás de tradições ou modelos que são irrelevantes para os sentimentos que os guiam.

O amor representa até mesmo uma ameaça para a nossa própria sociedade. A paixão é ignorada e temida pela burguesia, pois representa grande perigo para a estabilidade e para a máscara que elas usam. O amor não permite mentiras, falsidades, nem mesmo meias-verdades educadas, mas coloca todas as emoções a nu e revela segredos que os homens e mulheres domesticados não podem agüentar. Você não pode mentir com a sua resposta emocional ou sexual; situações ou idéias excitam ou repelem você queira ou não, seja educado ou não, seja prudente ou não. A pessoa não pode ser uma amante e ao mesmo tempo alguém terrivelmente responsável, um membro terrivelmente respeitável da socie-





dade atual; porque o amor a impele a fazer coisas que não são “responsáveis” ou “respeitáveis”. Amor verdadeiro é irresponsável, irrepreensível, rebelde, destemido, perigoso para a amante e para todas pessoas à sua volta pois ele serve a um mestre apenas: a paixão que faz o coração bater mais rápido. Ele desdenha de todo o resto, seja da auto-preservação, da culpa ou da vergonha. O amor exige heroísmo do homem e da mulher e anti-heroísmo — para atos indenfensáveis que, para as pessoas que amam, não *precisam* de defesa.

O amante usa uma linguagem moral e emocional diferente da do burguês típico. O burguês geralmente não tem desejos irresistíveis e ardentes. Infelizmente, tudo o que ele conhece é o descontentamento silencioso que vem de passar toda sua vida perseguindo objetivos colocados para ele por sua família, seus educadores, seus empregadores, sua nação e sua cultura sem nunca estar apto a considerar o que necessita ou o que quer por si mesmo. Sem a chama do desejo para guiá-lo ele não tem critério para escolher o que é certo e errado para si

mesmo. Conseqüentemente, ele é forçado a adotar algum dogma ou doutrina para orientá-lo através da vida. Há uma grande variedade de moralidades para escolher no supermercado das idéias, mas qual moralidade um homem compra para si mesmo é irrelevante enquanto ele a escolher por estar atrapalhado, e não por ser o que ele quer fazer consigo mesmo e com sua vida. Quantos homens e mulheres, sem nunca ter percebido que têm a opção de escolher seus próprios destinos, viajam através da vida num pensamento sombrio e escuro, agindo de acordo com as leis meramente porque não tem outra idéia do que fazer? Mas a amante não precisa de princípios pré-fabricados para dirigí-la, seus desejos identificam o que é certo e errado para ela, seu coração a guia através da vida. Ela vê beleza e significado no mundo, porque seus desejos pintam o mundo nessas cores. Não precisa de dogmas, sistemas morais, comandos e imperativos, ela sabe o que fazer sem instruções.

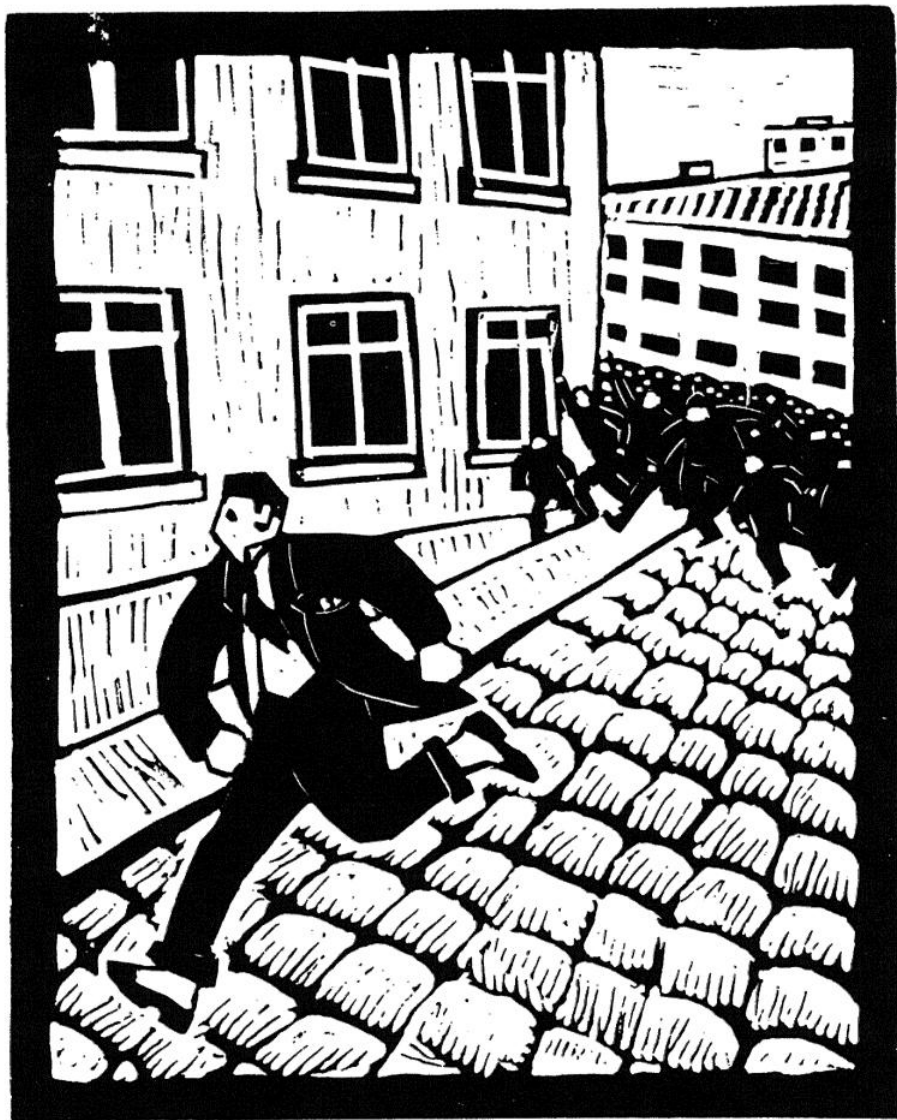
Então ela sabem também representar um perigo para a nossa sociedade. O que aconteceria se *todo mundo* decidisse o que é certo e errado por si mesmo, sem nenhuma ajuda da moralidade convencional? O que aconteceria se *todo mundo* fizesse o que quisesse, com coragem para encarar as conseqüências? O que aconteceria se *todo mundo* temesse a falta de amor, a falta de vida e a monotonia mais do que teme os riscos, mais do que teme a fome, o frio, o perigo? O que aconteceria se *todo mundo* abandonasse suas “responsabilidades” e “senso comum” e ousasse perseguir seus desejos mais selvagens, vivendo experiências de pico, vivendo cada dia como se fosse o último? Pense que lugar não seria o mundo! Certamente seria diferente do que é agora — e é evidente que pessoas que seguem o “convencional”, que ao mesmo tempo são guardiãs e vítimas do *status quo*, têm medo da mudança.

E então, apesar do estereótipo das imagens usadas na mídia para vender pasta de dentes e suítes de lua-de-mel, o amor passionnal genuíno é desencorajado na nossa cultura. Estar “dominado por suas emoções” é motivo de desprezo; somos aconselhados a ficar de guarda, deixar que nossos corações nos guiem está fora de questão. Ao invés de sermos encorajados a encarar as conseqüências dos riscos implicados em perseguir os desejos dos nossos corações, somos aconselhados a não correr risco nenhum, a sermos “responsáveis”. E o próprio amor é regulamentado. Um homem não deve amar outro homem, nem uma mulher amar outra, nem pessoas de diferentes camadas étnicas umas às outras, ou então os fanáticos que formam a linha-de-frente da ofensiva à cultura moderna Ocidental irão interceder. Um homem e uma mulher que tenham contraído matrimônio não vão amar ninguém mais, mesmo que não sintam mais paixão por seus parceiros. O amor como a maioria de nós conhece hoje é um ritual prescrito e pré-ordenado, uma coisa que acontece sexta à noite em ci-



nemas e restaurantes caros, algo que sacia os bolsos dos acionistas nas indústrias do entretenimento sem impedir que os trabalhadores se apresentem no trabalho dentro do horário e e estejam prontos para transferir as ligações o dia todo. Esse “amor” regulamentado e comercial não é nada comparado à chama que consome o verdadeiro amante. Restrições, expectativas e regulações abafam o amor verdadeiro; pois o amor é uma flor selvagem que não pode nunca crescer em confinamento preparado para ela, mas que só aparece onde é menos esperada.

Nós devemos lutar contra essas restrições culturais que querem abafar e mutilar nossos desejos. É o amor que traz significado à vida, é o desejo que faz com que seja possível para nós darmos sentido à nossa existência e achar propósito nas nossas vidas. Sem isso, não há existem maneiras para determinarmos nossas vidas, exceto nos submetendo a alguma autoridade, a algum deus, mestre ou doutrina que vai nos dizer o que fazer e como fazer sem nos dar a satisfação que a auto-determinação dá. Então ame hoje, ame homens, mulheres, música, ambição, você mesmo... ame a vida!



Alguém pode dizer que é ridículo implorar para que as outras pessoas se apaixonem — alguém se apaixonou ou não, não é uma escolha feita conscientemente. As emoções não seguem as instruções da mente racional. Mas o ambiente que devemos viver nossas vidas tem grande influência sobre as nossas emoções, e nós podemos tomar decisões que afetam esse ambiente. É possível trabalhar para mudar um ambiente que é hostil ao amor para um ambiente que o encoraja. Nossa tarefa deve ser a de criar um mundo onde as pessoas possam se apaixonar e que elas se apaixonem de verdade e então reconstituir os seres humanos para que nós estejamos prontos para a “revolução” descrita nessas páginas — para que sejamos capazes de encontrar significado e felicidade em nossas vidas.

1814

PERCY SHELLEY E MARY GODWIN ELOPE

Percy Bysshe Shelley, um jovem anarquista que entrou para a história como um dos maiores poetas românticos, foi visitar William Godwin, um escritor idoso de filosofia proto-anarquista, e acabou fugindo com sua filha — mostrando então para todos que *até um poeta sabe como transformar teoria em prática melhor que um filósofo!*





é de Burguesia



dois pesos, duas medidas!

O discreto charme da

[Adaptado de
Lutando na Espanha,
de George Orwell]

BURGUESIA

ou a Tirania do Secador de Cabelos

O seu pai pula de um hobby para outro procurando em vão um modo gratificante de gastar o pouco tempo de lazer que ele tem? Sua mãe termina de redecorar a casa, indo de um cômodo a outro até que possa começar do início de novo? Você agoniza constantemente pensando no seu futuro como se tivesse um caminho pronto na sua frente e o mundo acabaria se você sáísse desse caminho? Se a resposta para essas perguntas é sim, parece que você está nas garras da burguesia, os últimos bárbaros da Terra.

A Lei Marcial da Opinião Pública

A opinião pública é um valor absoluto para o homem e a mulher burguês porque eles sabem que estão vivendo numa multidão: uma multidão de animais assustados que vão atacar qualquer um que eles não reconheçam como membro do seu grupo. Eles tremem de medo quando ponderam sobre o que "os vizinhos" vão pensar do novo estilo de penteado do filho. Eles bolam maneiras de se sentir até mesmo mais normais do que seus amigos e parceiros no trabalho. Eles não ousam deixar de regar o jardim ou se vestir apropriadamente para as sextas-feiras no escritório. Qualquer coisa que os leve a sair da rotina é vista com muita suspeita. Amor e desejo são doenças, possivelmente fatais, como todas as outras paixões que podem levar à expulsão da multidão. Mantenha-os em quarentena em encontros secretos e namoros adolescentes, em boates e puteiros — pelo amor de Deus não contamine o resto de nós. Enlouqueça quando o "seu" time de futebol vencer, beba até esquecer de si mesmo no final de semana, assista um vídeo pornô se você precisar, mas não se atreva a cantar, correr ou fazer amor aqui fora. Em nenhuma circunstância admita sentir o que quer que seja que não pertença à sala dos funcionários ou ao jantar festivo. Sob nenhuma condição admita querer qualquer coisa a mais ou diferente do que "todo mundo quer", o que quer que seja e quem quer que seja.

E é claro, seus filhos aprenderam isso também. Até mesmo depois da competição desumana do ensino médio, mesmo entre os inconformistas mais rebeldes e radicais, as mesmas regras se aplicam: não confunda ninguém sobre o seu status. Não use os significantes errados, nem siga os códigos errados. Não dance quando se espera que você fique parado, não fale quando se espera que você dance, não confunda os gêneros ou os passos. Tenha certeza de que você tem dinheiro suficiente para participar dos vários rituais. Para manter sua identidade intacta, deixe claro a que subculturas e estilos você se alinha, com que bandas, modas e políticas você se associa. Você não quer ousar perder sua identidade, quer? A sua couraça de personalidade é sua única proteção contra a morte certa na mão dos amigos. Sem uma identidade, sem bordas para definir seu eu, você simplesmente se dissolveria no vácuo... não é?



**conforme-se MESMO QUANDO
VOCÊ NÃO VÊ ninguém POR
PERTO. QUEM VOCÊ NÃO VÊ
PODE TE ATINGIR.**

**QUANDO VOCÊ ESTÁ desvinculado
AS DECISÕES SÃO MAIS
DEMORADAS E MAIS DIFÍCEIS.**

**BOM SENSO
NADA MAIS É DO
QUE consentimento.**

O abismo entre Gerações

As velhas gerações da burguesia não têm nada a oferecer aos mais jovens porque elas não têm nada em primeiro lugar. Todos seus modelos são falsos, todas as suas riquezas são prêmios de consolação, nenhum dos seus valores contém qualquer referência ao prazer real ou à plenitude. Suas crianças sentem isso, e se rebelam de acordo, sempre que podem fugir disso. Aquelas que ainda não foram punidas até aceitar essa terrível submissão.

Então como a sociedade burguesa continua a se perpetuar durante tantas gerações? Absorvendo essa rebelião como sendo parte natural do ciclo da vida. Porque toda criança se rebela assim que ela for grande o suficiente para ter consciência de si mesma, essa rebelião é apresentada como parte integrante da adolescência — e portanto a mulher que quiser continuar sua rebelião na maturidade, será levada a sentir que está insistindo em continuar sendo criança para sempre. Vale a pena ressaltar que uma pequena pesquisa de outras culturas e povos revela que essa "rebelião adolescente" *não* é inevitável nem "natural".

Essa perpétua rebelião dos jovens também cria profundos abismos entre as diferentes gerações da burguesia, isso cumpre um papel crucial na perpetuação da burguesia como tal. Porque os adultos parecem ser os sustentáculos do status quo e os jovens ainda não conseguem ver que a sua rebelião também foi absorvida por

esse status quo, geração após geração de jovens caem no erro de identificar as pessoas velhas em *si mesmas* como causa dos seus infortúnios ao invés de refletir que esses infortúnios são o resultado de um grande sistema de miséria. Eles crescem e se tornam adultos burgueses, incapazes de perceber que estão simplesmente tomando o lugar dos seus inimigos e ainda sem a possibilidade de transpor o chamado abismo entre gerações e aprender alguma coisa com as pessoas de outras idades... muito menos estabelecer algum tipo de resistência unificada com elas. Logo as diferentes gerações da burguesia, enquanto aparentemente parecem estar lutando umas contra as outras, trabalham juntas harmoniosamente como componentes de uma grande máquina social que garante a alienação total de todo.

O Mito do "Convencional"

O homem burguês depende da existência de um "convencional" mítico para justificar seu modo de vida. Ele precisa desse "convencional" porque seus instintos sociais estão distorcidos da mesma forma que o seu conceito de democracia: ele pensa que o quer que a maioria seja, queira, faça, deve ser o correto. Nada pode ser mais terrível para ele do que essa nova mudança, que ele está começando a sentir hoje em dia: que não *há* mais uma maioria, se é que algum dia existiu.

Nossa sociedade está tão fragmentada, tão diversa, ao ponto que é absurdo falar de um "convencional". Esse é um mito parcialmente criado pelo anonimato das nossas cidades. Quase todo mundo que passa na rua é um estranho: nós mentalmente relegamos essas figuras anônimas a uma massa sem rosto que alegamos ser o "convencional" à qual atribuímos propriedades que achamos acham que as pessoas estranhas possuem (para o arrogante comerciante, elas são todas invejosas por ele ser mais respeitável do que elas, para o rebelde boêmio inseguro, elas o desaprovam por não ser igual a elas). Elas devem ser parte da maioria silenciosa, essa

força invisível que faz tudo ser do jeito que é. Assumimos que elas são as mesmas "pessoas normais" vistas nos comerciais de TV. Mas na realidade, é claro, esses comerciais se referem a um ideal inatingível, feito para manter *todo mundo* se sentindo deixado de fora e insatisfeito. O "convencional" é análogo a esse ideal, pois mantém todos na linha sem nem mesmo mostrar sua cara e é tão real quanto a família perfeita no comercial de pasta de dente.

Ninguém se preocupa mais com essa massa ausente do que os filhos boêmios da burguesia. Eles batem-boca sobre como organizar seus protestos para ganhar o "ape-



lo da massa" para suas idéias radicais, como se ainda houvesse uma massa! Nossa sociedade é agora feita de *muitas* comunidades e a única questão é quais comunidades eles devem abordar... e se vestir "bem", falar certinho e tudo mais provavelmente *não* é a melhor forma de atrair os elementos potencialmente mais revolucionários da nossa sociedade. Em última análise, o chamado "público convencional" para o qual eles imaginam estarem se fantasiando nas suas manifestações ou eventos políticos é provavelmente um fantasma dos seus pais burgueses, enraizado profundamente em seu inconsciente coletivo (psicose coletiva?) como um símbolo da insegurança e da culpa da qual nunca se livraram. Seria melhor se eles cortassem todos os seus laços com a burguesia, sentindo-se livres para agir, parecer e falar de qualquer modo que lhes seja agradável, sem se importar com quem está olhando — mesmo quando estão querendo avançar em alguma causa política: pois nenhum objetivo político alcançado por ativistas disfarçados pode ser mais importante do que lutar por um mundo onde as pessoas não tenham que mudar o visual para serem levadas a sério.

Isso não significa perdoar esses boêmios inseguros que usam o ativismo não como meio de criar laços com outros, mas como uma forma de se destacar: no seu desespero para comprar uma identidade para si mesmo, eles acreditam que devem pagar por isso definindo a si mesmo em *oposição* aos outros. Você pode reconhecê-los pelo seu fanatismo, pela sua pompa ao discorrer certezas ideológicas, a ostentação com que se declaram ativistas na primeira oportunidade. Hoje em dia "ativismo" é domínio quase que exclusivo deles, sendo que "exclusivo" é a palavra chave... até que isso mude, o mundo não vai mudar.

Casamento... e Outros Substitutos do Amor e da Comunidade

Reprodução é um assunto muito importante para o homem e a mulher burgueses. Eles só podem ter crianças dentro de circunstâncias muito precisas; qualquer coisa fora disso é "irresponsabilidade", "imprudência" ou "uma decisão ruim para o seu futuro". Eles devem estar preparados para abandonar todo e qualquer último vestígio de sua jovialidade e liberdade pessoal para ter crianças; a mobilidade que as suas corporações demandam e o vício da competição destruíram a comunidade que há tempos era usada para dividir o trabalho de criar crianças. Agora cada família é um posto militar, fechado para o mundo exterior tanto em seus corações quanto no planejamento urbano baseado paranóia que são os condomínios horizontais, cada uma sendo uma economia emocional isolada em si mesmo onde escassez é a palavra chave. O pai e a mãe devem abandonar a si próprios em favor dos prescritos papéis de doadora de cuidados e mantenedor do pão de cada dia para o qual, no mundo burguês, não há outra maneira de prover a criança. Desta forma a própria fertilidade do casal burguês tem sido uma ameaça à sua liberdade, e uma parte natural da vida do ser humano se tornou um mecanismo de controle social.

O casamento e a "família nuclear" (família atomizada?) como um grupo de trabalhos forçados têm sobrevivido como resultado dessa calamidade, para a infelici-

dade de potenciais amantes em todo lugar. Pois como a jovem aventureira, que mantém seu desejo forte e seu apetite aguçado com perigo e solidão constantes, bem sabe, o amor e o desejo sexual não sobrevivem à superexposição — especialmente nos ambientes entediantes e sem vida em que muitos casais passam o tempo juntos. O marido burguês vê a única amante que lhe é permitido ter somente dentro da pior das circunstâncias: depois de toda outras forças deste mundo terem tido a oportunidade de exaurí-lo e enfurecê-lo o dia todo. A esposa burguesa aprende a punir e ignorar como "irreal" e "impraticável" todo desejo por romance, espontaneidade, maravilha. Juntos eles vivem num inferno de insatisfação. O que eles precisam é uma real comunidade de carinho em volta deles, então a paternidade não os forçaria a uma indesejável "respeitabilidade", então eles ainda seriam livres para ter suas aventuras individuais que necessitam para manter o tempo juntos de forma doce, então eles nunca se sentiriam tão perdidos e desesperadamente sós.

Da mesma forma, o suprimento seguro de comida, de conveniências, confortos e diversões não lhes dá vantagens. Como todo caroneiro, todo herói, todo terrorista sabe, essas coisas ganham valor através da sua *ausência* e podem oferecer contentamento real apenas como luxo acontecendo dentro da perseguição de alguma coisa maior. Constante acesso à sexo, comida, calor e abrigo dessensibilizam um homem para os prazeres que eles podem proporcionar. O burguês abriu mão da sua oportunidade de perseguir interesses reais na vida pela garantia de que ele terá essas ame-

comportamento impróprio



nidades e seguranças; mas sem interesses reais na vida, essas amenidades não podem oferecer a ele nenhum contentamento real diferente da companhia de seus companheiros de prisão.

Os prazeres de uma vida delegada!

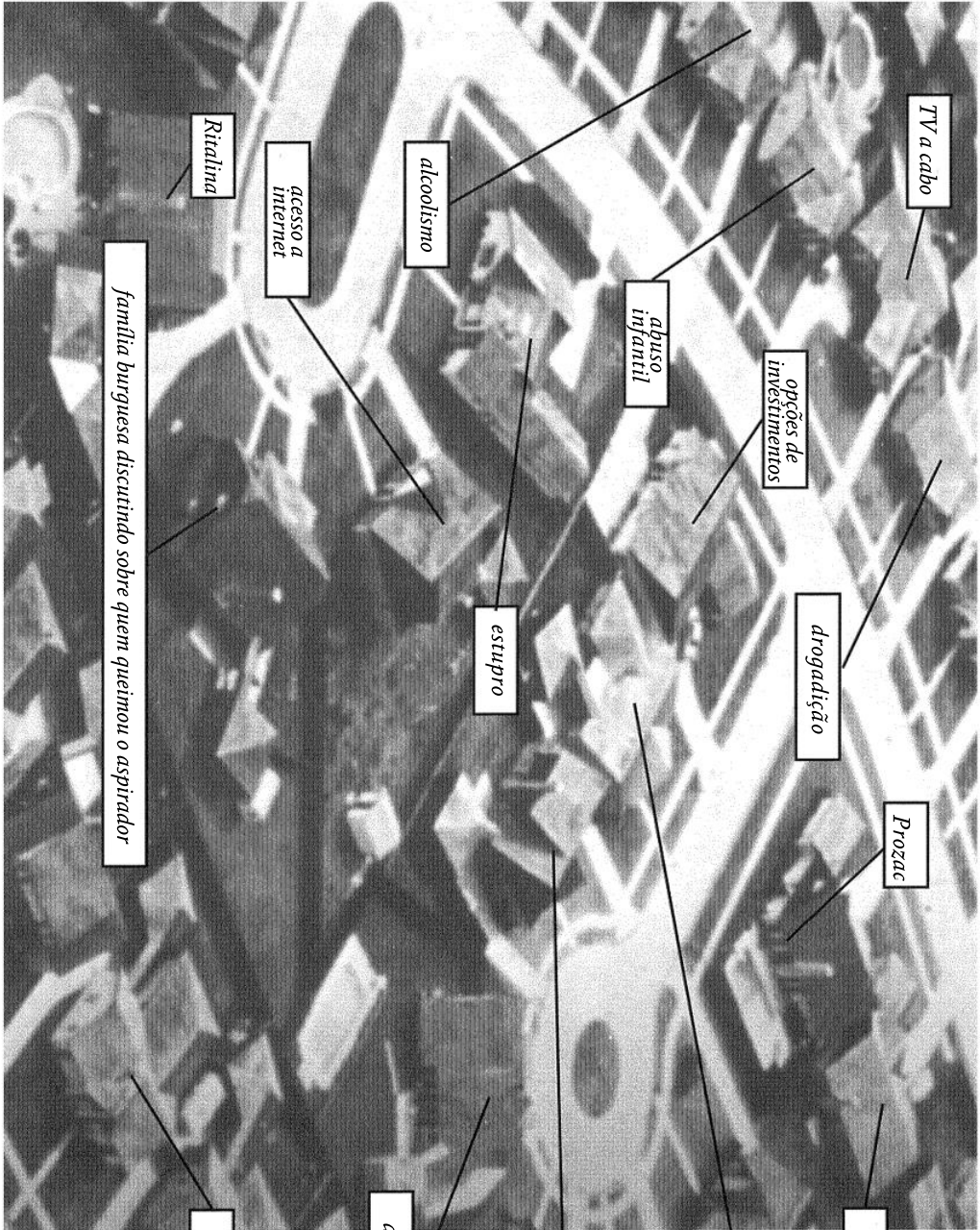
Você pode visitar todos os desejos do homem burguês apenas ligando a TV ou indo a um cinema. Ele gasta tanto quanto ele pode do seu tempo nessas várias realidades virtuais porque sente instintivamente que elas podem oferecer a ele mais emoções e satisfação do que o mundo real. A parte mais triste é que, enquanto ele permanecer burguês, isso pode ser verdade. E enquanto ele aceitar o deslocamento dos seus desejos para o mercado pagando por imitações daquilo que lhe satisfaz, ele ficará preso ao personagem vazio que é ele próprio.

Esses desejos nem sempre são agradáveis de se ver em Technicolor e com som Surround: os sonhos do homem burguês e seus apetites estão tão contaminados pela fetichização do poder e do controle quanto a sua sociedade. O mais próximo de desejos livres e liberados que ele parece ser capaz de oferecer é a fantasia da destruição de tudo, que aparece inúmeras vezes no coração negro dos sonhos cinematográficos febris. Isso faz sentido — afinal de contas, num mundo de shopping centers e parques temáticos, que coisa honesta há para fazer além de destruir?

O burguês não está equipado para ver seus desejos como nada além de uma infeliz fraqueza a ser mantida à distância com placebos, porque sua vida nunca foi sobre a busca por prazeres — ele passou muitos séculos alcançando padrões cada vez mais altos de sobrevivência, ao custo de todo o resto. À noite, ele senta na sua sala de estar cercado de computadores, abridores de latas, detectores de radar de trânsito, home theaters, gravatas "estilosas", microondas e smartphones sem nenhuma idéia do que deu errado.

O burguês só é possível por causa do tapa-olhos que ele usa que o impede de imaginar que exista outra maneira possível de se viver. Até onde ele enxerga, todos, desde o trabalhador migrante da sua própria nação até o monge tibetano seriam burgueses também, se o pudessem. Ele dá tudo de si para manter essas ilusões, sem elas, ele teria que encarar o fato de que ele jogou sua vida fora *por nada*.

O burguês não é um indivíduo. Ele não é uma pessoa real. Ele é um câncer dentro de nós. Ele pode ser curado agora.



TV a cabo

opções de investimentos

drogadição

Prozac

esposa
espancada

abuso
infantil

anorexia

alcoolismo

estupro

bons moços

acesso a
internet

assédio sexual

bons preços

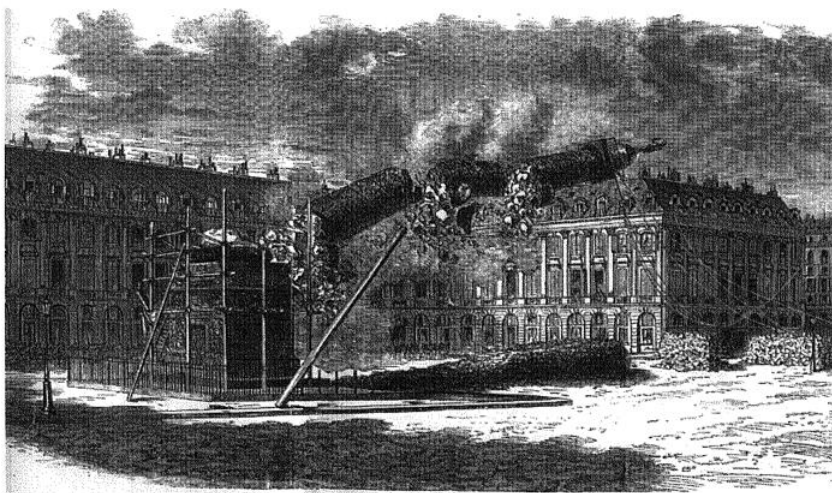
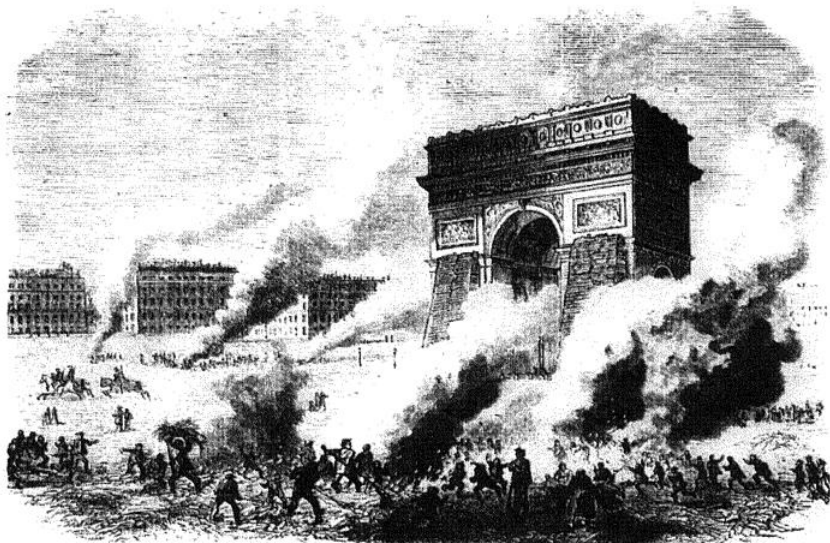
família burguesa discutindo sobre quem queimou o aspirador

Ritalina

primavera de 1871

A COMUNA DE PARIS

Graças a uma revolta popular, Paris foi transformada em uma espécie de festival contínuo anarquista por alguns meses, até que os estraga-prazeres de sempre recuperaram o poder e massacraram todo mundo.





***é de Capitalismo
e Cultura***

**O que há
de tão ruim
com o**



[Este artigo apareceu originalmente na forma de uma história em quadrinhos que foi distribuída a graduandos de Administração de Empresas em universidades públicas por todos os Estados Unidos. Alguns trechos escandalosos foram reimpressos na atualização de 1998 do manual do COINTELPRO e no Wall Street Journal, entre outras publicações.]

O que é mesmo o capitalismo?

Capitalismo. Tem a ver com *democracia*, certo?

(E não são os inimigos do capitalismo, os oponentes da democracia ? Eles não foram derrotados na Guerra Fria?)

Na verdade, capitalismo e democracia são duas coisas bem diferentes. Democracia é, essencialmente, a idéia de que as pessoas devem ter controle sobre suas vidas, de que o poder deve ser compartilhado por todas e não ser concentrado nas mãos de poucas. Capitalismo é uma coisa completamente diferente disso.

No Ocidente, estamos acostumados a ouvir que vivemos numa sociedade democrática. É verdade que nós temos um governo que se autoproclama democrático (embora valha a pena nos perguntarmos se cada um de nós realmente tem poder influências igual, ou até mesmo alguma influência, nessa inchada e atrofiada "democracia representativa"), mas se nossa sociedade em si é democrática é completamente uma outra questão. O governo compõe somente uma parte da sociedade, é claro; e está longe de ser a mais importante quando se considera o dia-a-dia das pessoas. O sistema econômico de qualquer sociedade tem mais influência sobre a vida diária dos indivíduos do que qualquer corte ou congresso poderia ter, pois é a economia que determina quem tem controle sobre as terras, recursos e instrumentos da sociedade, que determina o que as pessoas devem fazer todo dia para sobreviver e "progredir", e no final das contas como essas pessoas interagem umas com as outras e como enxergam o mundo.

E o capitalismo é, de fato, um dos sistemas econômicos *menos* democráticos. Em uma economia "democrática", cada membro da sociedade teria influência igual para dizer como os recursos são usados e como o trabalho é feito. Mas na economia capitalista, em que todos os recursos são propriedade privada e todo mundo compete contra os outros em busca desses recursos, eles acabam sob o controle de poucas pessoas (hoje em dia, leia-se: corporações). Essas pessoas podem decidir como todos os outros vão trabalhar, já que esses não podem viver sem ganhar dinheiro daqueles. Eles conseguem até determinar a paisagem física e psicológica da sociedade, já que eles possuem a maior parte das terras e controlam a maioria dos meios de comunicação. E no fundo, nem *elas* estão no controle, pois se baixarem sua guarda e pararem de se esforçar para ficar à frente, eles vão rapidamente estar na parte de baixo da pirâmide, junto com todo mundo. Isto quer dizer que ninguém, de fato, tem liberdade num sistema capitalista: todo mundo está igualmente à mercê das leis de competição.

capital: riqueza (dinheiro, propriedade ou mão-de-obra)... que pode ser usada para criar mais riqueza. exemplo: donos de fábricas que lucram vendendo produtos criados pelo esforço de trabalhadores nas suas fábricas podem comprar mais fábricas.

capitalismo: a "livre troca de bens e serviços"... com os quais aqueles que possuem capital são capazes de acumular mais, às custas dos que não possuem.

Como o capitalismo funciona?

É assim que o livre-mercado *supostamente* funcionaria: as pessoas são livres para irem atrás de suas fortunas como quiserem. E aquelas que trabalharem com mais afincado e produzirem mais riquezas para a sociedade serão as mais bem recompensadas. Mas esse sistema tem uma falha crucial: não oferece oportunidades iguais a todas. Sucesso no livre-mercado depende quase inteiramente de quanta riqueza você já possui.

Quando o capital é propriedade privada, as oportunidades de um indivíduo de aprender, trabalhar e ganhar riqueza estão diretamente ligadas à quantidade de riqueza que ele tem. E um punhado de bolsas escolares não tem como compensar isso. É necessário uma quantidade razoável de recursos para produzir alguma coisa de valor, e se uma pessoa não possui esses recursos, ela se encontra à mercê de quem os possui. Enquanto isso, quem já tem esses recursos consegue criar mais e mais riqueza, e eventualmente a maior parte da riqueza da sociedade acaba nas mãos de poucas pessoas. Isso deixa todas as outras com pouco capital para vender, a não ser, a própria mão-de-obra, a qual eles devem vender aos capitalistas (aqueles que controlam a maior parte dos meios de produção) para sobreviver.

Isso parece confuso, mas na verdade é bem simples. Uma corporação como a Nike tem bastante dinheiro sobrando para abrir uma nova fábrica de tênis, comprar espaço publicitário, e vender mais tênis, assim ganhando mais dinheiro para reinvestir. Um pobre coitado, como você, mal tem dinheiro suficiente para abrir uma banca de sucos, e mesmo se tivesse, provavelmente seria levado à falência por uma empresa maior e mais estabelecida como a Pepsi, que tem mais dinheiro para gastar em promoção (claro que existem histórias de sucesso de pequenos empreendedores que venceram a concorrência, mas você consegue perceber as razões pelas quais isso geralmente não acontece). As probabilidades são que, se você precisa ganhar dinheiro para "viver", você vai acabar trabalhando para eles. E assim, trabalhando para eles, você reforça o poder deles: pois embora te paguem por seu trabalho, você pode ter certeza eles não estão te pagando o valor total: é assim que eles têm lucro. Se você trabalha em uma fábrica e produz mercadorias que valiam R\$ 300,00, você provavelmente recebe apenas R\$ 30,00 ou menos por aquele dia de trabalho. Isso quer dizer que alguém está colocando dinheiro no bolso graças aos seus esforços; e por quanto mais tempo fizerem isso, mais riqueza e oportunidades *eles* terão às suas custas.



Como isso afeta a pessoa comum?

Isso significa que o seu tempo e sua energia criativa estão sendo comprados de você, o que é a pior parte de tudo isso. Quando tudo que você tem para vender, em troca de sobrevivência, é seu próprio trabalho, você é forçado a vender sua vida, em prestações, apenas para existir. Você acaba passando a maior parte da sua vida fazendo aquilo que pague o maior valor possível, ao invés daquilo que você realmente deseja: você troca seus sonhos por salários e sua liberdade de viver por coisas materiais. No seu tempo livre, você consegue comprar de volta o que você produziu durante o expediente de trabalho (com lucro para seu empregador, claro); mas você nunca pode comprar de volta o tempo que você passou trabalhando. Essa parte da sua vida já era e você não ficou com nada para mostrar exceto as contas que foi capaz de pagar. Finalmente, você começa a pensar que suas habilidades criativas e força de trabalho es-

Você dispõe de tempo, assim como dinheiro?



tão além do seu controle, pois você começa a associar o ato de fazer qualquer coisa, exceto "relaxar" (recuperar do trabalho), com o sofrimento de fazer o que você é *mandado* ao invés do que deseja. A idéia de agir por iniciativa própria e de perseguir os próprios objetivos não mais lhe ocorrem, exceto nas horas dos seus hobbies.

Sim, existem umas poucas pessoas que encontram maneiras de serem pagas para fazer exatamente o que sempre quiseram. Mas quantos trabalhadores você conhece que se encaixam nessa categoria? Esses raros e sortudos indivíduos são exibidos como prova de que o sistema funciona, e nós somos aconselhados a trabalhar

bastante e com afinco, para que um dia nós possamos ter tanta sorte como eles têm. A verdade é que, simplesmente, não existem vagas de trabalho suficientes para todo mundo ser astro de rock ou cartunista; alguém tem que trabalhar nas fábricas para produzir em massa os CDs e jornais. Se você não consegue se tornar o próximo jogador de futebol do momento e, ao invés disso acaba trabalhando como vendedor de tênis esportivos em um shopping, você não deve ter tentado o bastante... então a culpa é sua se você fica entediado lá, certo? Mas não foi sua a idéia de que deveriam existir mil vendedores para cada jogador profissional de basquete. Se você for culpado por alguma coisa, só pode ser por aceitar uma situação que oferece tão poucas chances. Ao invés de todos competirmos para ser aquela pessoa no topo dos degraus corporativos, deveríamos tentar descobrir em como tornar possível que *todos nós* façamos de nossas vidas aquilo que gostaríamos. Mesmo que você tenha sorte o bastante para chegar no topo, o que resta para os milhares e milhares que não conseguem chegar lá — os infelizes funcionários de escritórios, os artistas fracassados, os letárgicos chapistas e as camareiras de hotel que já não agüentam mais? É *do seu* maior interesse viver em um mundo cheio de pessoas que não são felizes, que nunca conseguiram perseguir os próprios sonhos... que talvez nunca puderam nem sonhar?

O que o capitalismo faz as pessoas valorizarem?

Como a Jeanette escreve em seu artigo sobre produto e processo, no capitalismo nossas vidas acabam girando em volta de *coisas*, como se a felicidade fosse encontrada em nossos bens, ao invés de ser encontrada em agir e atuar livremente. Aquelas pessoas que têm riquezas, as possuem porque passaram muito tempo e energia descobrindo como tirá-las de outras pessoas. E aquelas quem possuem pouco, precisam passar a maior parte de suas vidas trabalhando para conseguir o que necessitam para sobreviver. E tudo que elas têm como consolação pela vida de trabalho pesado e pobreza são algumas poucas coisas que conseguiram comprar — já que suas próprias *vidas* lhes foram compradas. Entre essas duas classes sociais estão os membros da classe média, os quais foram bombardeados, desde o nascimento, por anúncios e diversas propagandas proclamando que felicidade, juventude, respostas e todo o resto na vida se encontram em bens e símbolos de prestígio. Eles aprendem a passar a vida se matando de trabalho para acumular essas coisas, ao invés de aproveitar toda e qualquer chance que têm para buscar aventura e prazer.

Desta forma, o capitalismo centra os valores de todo mundo em volta do que *possuem*, e não do que *fazem*, fazendo com que passem suas vidas competindo por coisas que precisam para sua sobrevivência e para conseguir status social. É mais provável que as pessoas encontrem felicidade em uma sociedade que os encoraje a valorizar suas habilidades de agir livremente e fazer o que desejam acima de tudo. Para criar essa sociedade, nós vamos ter que parar de competir por controle e riqueza, e começar a compartilhá-los mais livremente. Somente então, todas e todos estaremos completamente livres para escolher a vida que mais queremos viver, sem medo de passar fome ou ser excluído da sociedade.

**Estão comprando a sua
felicidade —roube-a de volta!**



Mas a competição não leva à produtividade?

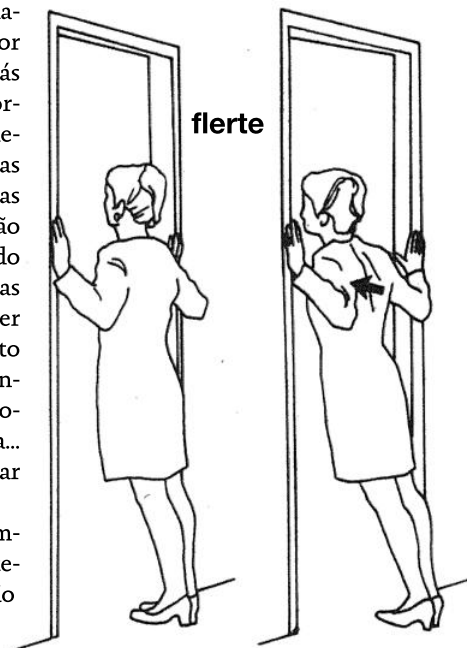
Sim, e esse é o problema. A competitiva economia de livre-mercado não apenas encoraja produtividade a qualquer custo, mas a força: pois quem que não fica à frente da concorrência é atropelado. Tudo isso a que custo? Primeiro, há as longas horas que passamos no trabalho: quarenta, cinquenta, às vezes até sessenta horas por semana, sob ordens de chefes e/ou clientes, trabalhando até que estejamos bem mais que exaustos na corrida para "ficar à frente". Ainda por cima, existem os baixos salários que somos pagos: a maioria de nós não recebe nem perto do suficiente para que possa arcar por uma fração de todas as coisas que a nossa sociedade tem para oferecer, embora seja o nosso trabalho que as torna possíveis. Isso acontece porque no mercado competitivo, os trabalhadores não são remunerados com o que "merecem" pelo seu trabalho — eles são pagos o *menor* valor que o seu empregador pode pagar sem que abandonem o posto para procurar melhores salários. Esta é a "lei" da oferta e demanda. O empregador tem que fazer isso, porque eles precisa economizar todo capital extra que pode, para marketing, expansão corporativa e outras maneiras de tentar se manter à frente da concorrência. Caso contrário, ele pode não ser um empregador por muito mais tempo, e seus empregados vão acabar trabalhando para um mestre mais "competitivo".

Existe uma palavra para essas longas horas e salários injustos: exploração.

Mas esse não é o único custo da "produtividade" que o nosso sistema competitivo encoraja: os empregadores têm que economizar também em umas outras mil maneiras: essa é a razão, por exemplo, que o nosso ambiente de trabalho é geralmente inseguro. E se for necessário fazer coisas que são ecologicamente destrutivas para ganhar dinheiro e continuar produtivo, um sistema econômico que recompensa a produtividade acima de tudo não dá às corporações nenhuma razão para evitar esmagar a vida selvagem para ganhar um troco. Foi isso que aconteceu com nossas florestas, com a camada de ozônio, com centenas de espécies de animais selvagens: eles foram destruídos na nossa corrida pelo "progresso". No lugar das florestas, nós agora temos shopping centers e postos de gasolina (sem mencionar a poluição do ar), pois é mais importante ter lugares para o comércio do que preservar ambientes de paz e beleza. No lugar dos cervos e dos bem-te-vis, temos animais trancafiados para a criação intensa e industrializada, transformados em máquinas de leite e de carne... e cantando nos desenhos da Disney, a coisa mais próxima de animais selvagens que alguns de nós chega a ver. Nosso sistema econômico competitivo nos força a substituir tudo que é livre e bonito pelo que é eficiente, uniforme e lucrativo.

Isso não se limita aos nossos próprios países e culturas, claro. O capitalismo e seus valores se espalharam por todo o globo como uma doença. Empresas concorrentes têm que continuar aumentando seus mercados para se manterem no mesmo nível umas com as outras; esta é a razão pela qual você encontra Coca-Cola no Egito e McDonald's na Tailândia. Por toda história podemos ver exemplos de como corporações capitalistas forçaram sua entrada de país em país, sem hesitar no uso de violência onde consideravam necessário. Hoje, os seres humanos vendem seu trabalho para corporações multinacionais, geralmente por menos de um dólar por hora, em retorno pela oportunidade de ir atrás das imagens de riqueza e status que essas corporações utilizam para provocá-los. A riqueza que o trabalho deles cria é sugada de suas comunidades para dentro dos bolsos dessas empresas, e, em troca, suas culturas únicas são substituídas pela monocultura padrão do consumismo Ocidental. Pela mesma razão, as pessoas nesses países quase não podem não ser competitivas e "produtivas" do mesmo jeito que aquelas que os exploram são. Conseqüentemente, o mundo inteiro está sendo padronizado sob um sistema, o sistema capitalista... e está ficando difícil para as pessoas imaginar outras maneiras de fazer as coisas.

Então — que *tipo* de produtividade a competição encoraja? Apenas produtividade material — isto é, lucro a qualquer custo. Nós não temos produtos de melhor *qualidade*, pois o



fabricante quer que voltemos para comprar deles de novo quando nossos carros e aparelhos de som estragarem depois de alguns anos. Nós também não temos os produtos que são os mais relevantes para nossas vidas e para nossa felicidade: temos os produtos que são os mais lucrativos e fáceis de vender. Nós temos empresas de cartão de crédito, operadores de telemarketing, correspondências não desejadas, cigarros cuidadosamente criados para conter oito diferentes aditivos químicos. A fim de que uma empresa venda mais que seus concorrentes, nós acabamos gastando *nossas* vidas trabalhando para desenvolver, produzir em massa e comprar coisas como aparelhos de ar-condicionado, conveniências que aumentam nosso padrão de

Competição significa que nós não temos o poder de nos reunir e decidir o que seria melhor para nós mesmos e para o mundo como um todo; não temos nem mesmo poder de decidir essas coisas como indivíduos. Pelo contrário, os projetos que nossa espécie empreende e as mudanças que nós fazemos no mundo são decididos pelas leis da competição, por qualquer coisa que VENDA mais.

sobrevivência sem, na verdade, melhorar nossa qualidade de vida. Muito mais que melhores liquidificadores, videogames ou batatas fritas, nós precisamos de mais significado e prazer em nossas vidas, mas estamos todos tão ocupados competindo que nem temos tempo para pensar sobre isso.

Certamente em uma sociedade menos competitiva, nós ainda poderíamos produzir todas as coisas que precisamos, sem sermos forçados a produzir todas as coisas frívolas adicionais que estão presentemente enchendo nossos aterros e lixões. E talvez então poderíamos concentrar nossos esforços em aprender como criar o mais importante de tudo: felicidade humana.

Então... quem é que obtém poder no capitalismo?

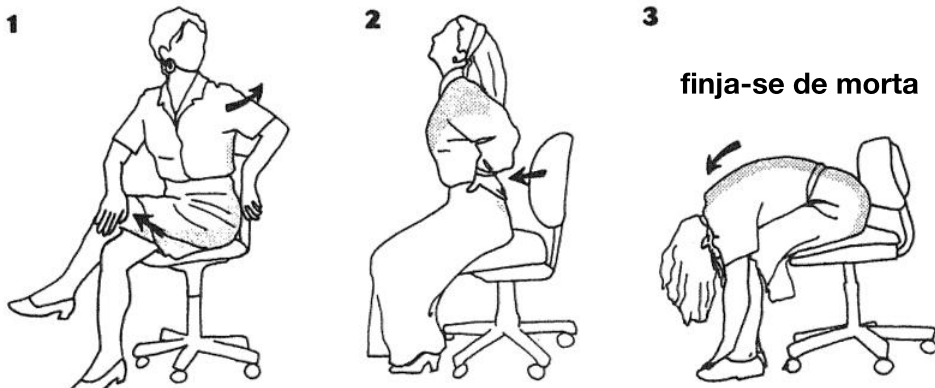
Em um sistema onde as pessoas competem por riqueza e o poder que vem dela, aquelas que são mais cruéis nesta busca, são as que acabam conseguindo ambos, obviamente. Dessa maneira, o sistema capitalista *encoraja* a fraude, a exploração e a competição destrutiva, e recompensa quem vai tão longe dando-lhe maior poder e maior influência na sociedade.

As corporações que se saem melhor em nos convencer de que precisamos seus produtos, quer precisemos ou não, são as mais bem-sucedidas. Assim é

"Não venha me dizer que a vida seria melhor e mais livre em um sistema como o que União Soviética tinha!"

Claro que não. A economia da União Soviética não era nada mais democrática do que a dos Estados Unidos o é. Nos Estados Unidos, a maior parte do capital é controlado por corporações, que conseqüentemente, conseguem exercer controle sobre as vidas de seus empregados (e até certo grau, na de seus clientes e de todo resto do mundo). Na União Soviética, a maior parte do capital era controlada por uma única força, o governo, que deixava todo mundo à sua mercê. E embora não houvesse competição interna, como a que leva as corporações do Ocidente até tal extremos de crueldade, o governo soviético ainda procurava competir contra as outras nações em poder econômico e produtividade. Isso os levou para os mesmos extremos de devastação ecológica e exploração de trabalhadores que são comuns no Ocidente. Em ambos os sistemas, você consegue ver os resultados desastrosos de colocar a maior parte da riqueza nas mãos de poucas pessoas. O que precisamos tentar agora é um sistema em que nós todos podemos ter uma parte da riqueza de nossa sociedade e influência para escolher como viver e trabalhar.

que uma empresa como a Coca-Cola, que produz um dos produtos praticamente mais inúteis no mercado, foi capaz de alcançar tal posição de poder e riqueza: ela foi a mais bem-sucedida, não em oferecer algo de valor à sociedade, mas em promover seu produto. A Coca-cola não é a bebida mais saborosa que o mundo já provou, é simplesmente a mais desalmadamente promovida. As corporações que são mais bem-sucedidas em criar um ambiente que nos mantenha comprando delas, se isso significa nos manipular com campanhas publicitárias ou usar métodos mais desonestos, são aquelas que obtém a maior quantidade de recursos para continuar fazendo o que estão fazendo. E assim, são elas que conseguem o maior poder sobre o ambiente em que vivemos. Essa é a razão pela qual as nossas cidades estão entupidas de outdoors e arranha-céus corporativos, ao invés de obras de arte, jardins públicos ou saunas. Essa é a razão pela qual nossos jornais e programas de televisão estão cheios de perspectivas tendenciosas e mentiras descaradas: os produtores estão à mercê de seus anunciantes, e os anunciantes de quem



eles mais dependem são aqueles que têm mais dinheiro: aqueles que estão dispostos a fazer qualquer coisa, até distorcer fatos e espalhar falsidade, para conseguir e manter esse dinheiro. (Pesquise um pouco e você verá o quão freqüentemente isso acontece.) O capitalismo praticamente garante que as pessoas que controlam o que acontece na sociedade sejam obrigatoriamente as mais gananciosas, mais cruéis e desalmadas.

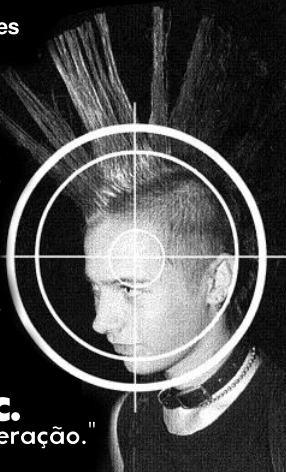
E já que todas as outras pessoas estão à mercê delas, e ninguém quer acabar do lado do perdedor, todo mundo é encorajado a ser ganancioso, cruel e desalmado. É claro, ninguém é egoísta e insensível todo o tempo. Muito poucas pessoas querem ser assim ou tem prazer nisso, e, sempre que podem evitar, o fazem. Mas, geralmente, o ambiente de trabalho é configurado para fazer as pessoas serem frias e impessoais umas com as outras. Se alguém entra em uma padaria morrendo de fome e sem dinheiro, a política da empresa geralmente requer que os empregados o mandem embora de mãos vazias, ao invés de deixá-lo obter alguma coisa sem pagar — mesmo que a padaria jogue fora dúzias de pães e alimentos no final de cada dia, co-

Você é uma fatia do mercado

A juventude é uma etapa da vida em que você deveria estar reavaliando as suposições e tradições das gerações passadas, quando deveria estar disposto a se diferenciar daqueles que vieram antes e criar uma identidade própria.

Mas na nossa sociedade, "a rebelião juvenil" se tornou um ritual: há a expectativa que toda geração se revolte contra a ordem social por alguns anos, antes de "crescer" e "aceitar a realidade". Isso neutraliza qualquer poder por reais mudanças que as perspectivas novas, originais e estimulantes da juventude poderiam oferecer; visto que, revolta é "apenas para crianças", e nenhum jovem ousa continuar sua resistência na maioridade por medo de ser considerado infantil.

Este acordo é muito vantajoso para certas corporações que dependem do "mercado jovem". Aonde o seu dinheiro está indo quando você compra aquele CD, aquela carteira com corrente, aquela tintura colorida pra cabelo, jaqueta de couro, pôster, todos aqueles acessórios que te identificam como jovem rebelde? Direto para as empresas que compõem a ordem à qual você quer se opor. Elas ganham dinheiro com seus impulsos rebeldes vendendo os símbolos de rebeldia que, na verdade, apenas mantêm as rodas girando. Você mantém cheio os bolsos delas, e elas mantêm o seu vazio; elas te mantêm sem poder, ocupado apenas tentando pagar para se encaixar nos moldes que eles determinaram para você.



CrimethInc.

"O ópio de uma nova geração."

mo a maioria faz. Os pobres empregados passam a ver as pessoas esfomeadas como um incômodo, e os esfomeados culpam os empregados por não ajudá-los, quando realmente é somente o capitalismo colocando um contra o outro. E, infelizmente, será o empregado que põe em prática regras ridículas como essas que provavelmente vai ser promovido a gerente.

Aquelas pessoas que ousam passar suas vidas fazendo coisas não lucrativas geralmente não conseguem segurança nem status por seus esforços. Eles podem estar fazendo coisas de grande valor para a sociedade, como criando arte ou música, ou fazendo trabalho social. Mas se elas não conseguem ter lucro a partir destas atividades, terão dificuldades para sobreviver, e muito mais para juntar recursos para expandir seus projetos. E, já que poder vem, primeiramente, da riqueza, elas também terão pouco controle sobre o que acontece na sociedade. Desta maneira, as corporações que não tem nenhum objetivo, a não ser, juntar mais riqueza e poder para elas mesmas sempre acabam com mais poder sobre o que acontece em uma sociedade capitalista do que os artistas e ativistas sociais. E, ao mesmo tempo, poucas pessoas podem se permitir passar muito tempo fazendo coisas que valem a pena, mas que não são lucrativas. Você pode imaginar as consequências disso.

Que tipo de lugar isso torna o nosso mundo?

O sistema capitalista dá à pessoa comum muito pouco controle sobre as capacidades coletivas e tecnologias de sua sociedade, e muito pouca influência nas suas implementações. Embora seja o seu trabalho (e o de pessoas como ela) que tenha tornado possível a construção do



Ser rico hoje em dia é simplesmente possuir a maior quantidade de objetos sem sentido – possuir a maior quantidade de pobreza.

-Donald Trump

mundo em que ela vive, ela sente como se esse trabalho, seu próprio potencial e o potencial de seus colegas seres humanos, fosse estranho a ela, fora de seu controle, algo que age sobre o mundo independentemente de sua vontade. Não surpreende o fato dela se sentir frustrada, impotente, não-realizada, sem sonhos. Mas não é apenas essa falta de controle que faz o capitalismo tão hostil à felicidade humana. No lugar de controle democrático sobre nossas vidas e sociedade, nós temos a dominação desalmada da força.

A violência não está presente apenas quando os seres humanos fazem dano físico um ao outro. Está presente, embora de forma mais sutil, em qualquer



Você vê nossa marca onde quer que vá. Está em suas roupas, na tela da televisão, nas paredes de todas as ruas, nas páginas de todas revistas. Está marcada na sua cabeça. Você a vê umas mil vezes mais do que a bandeira do seu país; você a vê, pelo menos, tanta vezes quanto o rosto da sua mãe.

Não investimos em comunicação para informá-lo sobre nossos produtos; o que procuramos promover é a nós mesmos. Por isso que lhe damos slogans e símbolos, não fatos. Não compartilhamos informação tanto quanto espalhamos *mistificação*. Somos a divindade da nova era; você nos aceita como onipotentes e oniscientes pois vê nosso poder e presença em todo lugar. Seus amigos trabalham para nós, as empresas de seu país nos pertencem, seus políticos respondem a nós, tudo é patrocinado ou ditado por nós. Aparentemente controlamos tudo, pairamos sobre a humanidade como deuses eternos.

Quando você compra nossos produtos, você não está realmente em busca de um tênis, calça jeans ou refrigerante, mas daquela aura de poder. Para as crianças nos guetos dos Estados Unidos, a Nike representa a riqueza e status que elas anseiam. Para os consumidores na Itália (que tem uma herança de comida muito mais saudável e saborosa), o McDonald's simboliza a era moderna da qual eles desesperadamente desejam fazer parte. Nós reinamos sobre você pois o persuadimos que somos divinos.

Mas todos deuses tem uma vulnerabilidade secreta: paramos de existir no momento em que as pessoas não acreditam mais em nós. Parecemos invulneráveis, mas poderíamos parar de existir assim como os deuses da Grécia Antiga, se você nos reconhecesse pelos fantasmas que somos. Trabalhamos sem parar, enchendo o mundo com nossos templos e imagens, pois sabemos que a humanidade mais cedo ou mais tarde acordará deste longo pesadelo.

CrimethInc.

Sempre.



A típica configuração do escritório

momento em que se usa força sobre o outro em suas interações. É a violência que é a raiz do capitalismo. Sob o sistema capitalista, todas as leis econômicas governando a vida humana se resumem na coerção: *Trabalhe ou passe fome! Domine ou seja dominado! Compita ou pereça! Venda as horas da sua vida pelos meios de sobrevivência ou apodreça na pobreza — ou na prisão!*

A maioria das pessoas vão trabalhar porque precisam, não porque querem. Elas vendem seu tempo para poder comprar comida e abrigo, e para pagar as contas de todos os símbolos de status e luxúrias que foram condicionadas a obter, somente por que sabem que a alternativa é a inanição e o ostracismo. Elas podem até gostar de algumas coisas que fazem nos seus empregos, mas gostariam muito mais se as fizessem no seu próprio tempo e maneira, além de fazer outras coisas — sendo que seus empregos os deixam sem tempo e energia para isso. Para forçar a máxima produtividade em pessoas que prefeririam estar em outros lugares, as corporações usam diversos mecanismos de controle: estabelecem horários de trabalho para seus empregados, os fazem bater cartão, os mantêm sob observação constante. Chefes e trabalhadores são colocados juntos em mútua coação econômica, e negociam uns com os outros sob ameaças invisíveis: um apontando a arma do desemprego e pobreza para a cabeça do outro, e este ameaçando serviço ruim e, possivelmente, greves. A maior parte das pessoas tenta manter alguma preocupação pelas necessidades humanas dos outros, mesmo no emprego,

mas a essência da nossa economia é a competição e a dominação, e isso sempre se evidencia em nossas relações com aqueles acima e abaixo de nós na hierarquia de trabalho.

Você consegue imaginar o quanto mais vantajoso e *divertido* poderia ser para todos nós se fôssemos capazes de agir a partir do amor ao invés de agir a partir da obrigação/imposição? Se fizéssemos as coisas pelo completo prazer de fazê-las, e trabalhássemos juntos por nossa própria *vontade*, não por obrigação? A propósito, isso não tornaria mais agradável fazer as coisas que são necessárias para a sobrevivência — e se relacionar uns com os outros?

Pois esses padrões de violência inevitavelmente transbordam também para o resto da nossas vidas. Quando você está acostumado em ver e tratar as pessoas como objetos, como recursos a serem gastos ou inimigos a serem temidos e combatidos, fica difícil deixar esses valores para trás quando você chega em casa. A hierarquia que a propriedade privada impõe sobre os relacionamentos no ambiente de trabalho pode ser encontrada em todos os outros lugares na sociedade: nas escolas, igrejas, famílias e amizades, em todo lugar que a dinâmica de dominação e submissão acontece. É quase impossível de imaginar do

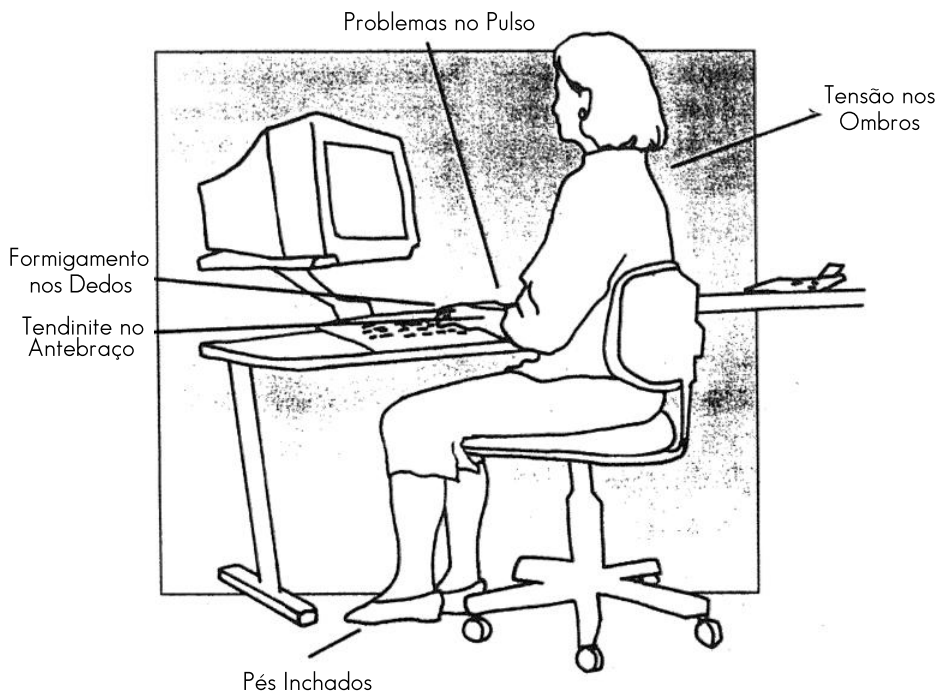


Sem o nosso chiclete, ninguém vai querer te beijar. Sem nosso desodorante, ninguém vai querer te tocar. Sem nosso batom, você não vai atrair a atenção de ninguém. Sem os nossos tênis esportivos, você não vai conseguir se manter no mesmo nível que "os caras". Sem nossos cigarros, a sofisticação te escapa. Sem nossos produtos de limpeza, ninguém vai querer ir à tua casa. Teus filhos não terão nenhuma brincadeira para brincar sem brinquedos e desenhos. Ela não gostará do encontro a não ser que você a leve para assistir um dos nossos filmes. A diversão realmente não começou até você ter nossa cerveja nas suas mãos. Como você pode se sentir livre e vivo sem nosso novo carro esportivo?

Pense em todas as suas atividades de lazer e você verá: você não está se divertindo a não ser que você esteja pagando por isso. Nós jogamos com suas inseguranças, seus medos e ansiedades. Existem produtos para cada atividade do ser humano, até sexo, pois as coisas que são naturais e livres não são boas o bastante sem os nossos suplementos sintéticos. No final das contas, você está tão condicionado que você pagará pelos produtos mais inúteis, apenas para estar pagando por alguma coisa. E caso você tente sair do nosso sistema, você verá que nós realmente tornamos impossível ser humano sem os nossos produtos: você paga para comer, paga para dormir, paga para se manter aquecido, paga por um espaço somente para existir.

CrimethInc.

Dependa de nós!



A típica configuração do escritório

que uma relação verdadeiramente igual poderia consistir, em uma sociedade onde todo mundo está sempre competindo por superioridade. Quando crianças brigam na escola ou gangues rivais guerreiam nas ruas, elas estão meramente imitando os conflitos maiores que ocorrem entre e dentro de corporações e das nações que atendem os interesses dessas. A violência delas é vista como uma anomalia, mas é somente um reflexo do mundo violento e competitivo que as estimulou. Quando possíveis amigos ou amantes avaliam cada um em termos financeiros e de status, ao invés de por coração e alma, eles estão simplesmente agindo a partir das lições que lhes foram ensinadas sobre "valor de mercado" — vivendo sob o reino da força, é quase impossível não ver os outros seres humanos e o mundo em geral em termos do que há neles para você.

Se vivêssemos em um mundo onde pudéssemos perseguir quaisquer aspirações que nos agradasse, sem medo de morrer de fome, enlouquecer ou de ser não-amado como Van Gogh e tantos outros, nossas vidas e relações não seriam mais moldadas pela violência. Talvez então seria mais fácil para nós olhar para cada um e ver o que é lindo e único, ver a natureza e apreciá-la pelo que é... ser e deixar que sejam, ao invés de sempre buscar poder e vantagem. Existem centenas de outras sociedades na história da nossa espécie em que as pessoas viveram dessa maneira. É realmente demais pensar que nós poderíamos reorganizar nossa própria sociedade para ser mais democrática?

Certo, certo, mas qual é a alternativa?

A alternativa para o capitalismo seria uma sociedade consensual em que nós pudéssemos decidir individualmente (e, quando necessário, coletivamente) como seriam nossas vidas e arredores, ao invés de nos serem empurrados goela abaixo pelas chamadas leis de "oferta e demanda". Isso são leis apenas se deixarmos que sejam. É difícil imaginar uma sociedade baseada na cooperação do ponto-de-vista atual, já que as únicas sociedades que a maioria de nós já viu na vida são baseadas na competição. Mas sociedades assim são possíveis: elas existiram diversas vezes na história da nossa espécie e podem existir novamente, se quisermos.

Para escapar das algemas da competição, nós precisamos desenvolver uma economia que seja baseada no ato de dar, ao invés do ato de trocar: uma economia da *dádiva*, no lugar desta economia de troca. Em tal sistema, cada pessoa poderia fazer o que quisesse com a sua vida, e oferecer às outras o que sente ser mais qualificada para oferecer, sem medo de passar fome. Os meios para fazer as coisas seriam compartilhados por todas as pessoas, e não acumulados pelas mais gananciosas. Então cada uma teria todos os recursos da soci-



Bem-vindo ao nosso anúncio.

É sempre reconfortante para nós dos Grandes Negócios S.A., saber que os seus olhos são sempre atraídos por imagens de mulheres bonitas chupando objetos fálicos — isso torna muito mais fácil o nosso trabalho de atrair a sua atenção, e depois que temos a sua atenção estamos a apenas um passo de lhe vender alguma coisa que você não precisa nem tem dinheiro para comprar. Use o seu crédito — desta forma podemos mantê-lo preso a um emprego que você odeia, simplesmente porque precisa nos pagar. E depois que você estiver preso em um trabalho oito horas por dia, cinco dias por semana, continuamente exausto e não querendo nada além de ligar a TV e esquecer da mesmice do mundo, você nunca irá fazer nada para perturbar o precioso equilíbrio que todos nós trabalhamos tão duro para manter — vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. E, é claro, depois que você está na frente da TV — bem, lá estão aquelas mulheres bonitas de novo! E a verdadeira beleza de tudo isto é que: nosso método não apenas é eficiente — é praticamente obrigatório! — você nos ajuda e nós ajudamos você a "ficar dentro do esquema!"

CrimethInc.

"O nosso trabalho é manter você na linha!"

idade à sua disposição. Aquelas que quisessem pintar poderiam pintar, quem gosta de construir motores e máquinas poderia fazer isso, aquelas que amam bicicletas poderiam construí-las e consertá-las para as outras. Os chamados "trabalhos sujos" seriam disseminados de forma mais justa, e todo mundo se beneficiaria pela capacidade de saber e fazer uma variedade de coisas, ao invés de estar limitado a uma ocupação como um dente de engrenagem numa máquina. "Trabalho" em si seria umas mil vezes mais prazeroso, sem horários apertados ou chefes exigentes nos coagindo. E embora pudéssemos ter uma taxa de produção menor, teríamos uma maior variedade de ocupações criativas na nossa sociedade, as quais poderiam tornar a vida mais completa e mais significativa para todas nós... além disso, nós realmente precisamos de todas as bugi-gangas e mordomias pelas quais hoje escravizamos tanto para criar?

Isso parece uma visão utópica, e é, mas não significa que não podemos tornar nossas vidas mais parecidas com essa utopia em comparação a como ela é atualmente. Também, não precisamos olhar apenas para os bosquímanos do deserto de Kalahari para ver exemplos de como a vida é fora do capitalismo: mesmo hoje, há muitas oportunidades na nossa própria sociedade para ver quão melhor a vida é quando nada tem um

"Ele havia aprendido a forma como as coisas eram com ele. Era uma guerra de um contra todos, e o diabo pegava o perdedor. Você não oferecia banquetes a outras pessoas, você aguardava que elas oferecessem banquetes a você. Você se andava com a sua alma cheia de suspeitas e ódio; você compreendia que estava cercado de forças hostis que tentavam pegar o seu dinheiro, e que usavam todas as virtudes como iscas em suas armadilhas para atrair você; as próprias cercas ao longo do caminho, os postes telefônicos e de iluminação, eram cobertos de mentiras. A grande corporação para a qual você trabalhava mentia para você, e mentia para todo o país — de alto a baixo ela não era nada além de uma mentira gigante."

—Walt Whitman, *A Selva*

preço. Toda vez que uma roda de tricô se encontra para compartilhar amizade e conselhos, toda vez que pessoas vão acampar juntas e dividem responsabilidades, sempre que pessoas cooperam para cozinhar ou fazer música ou fazer qualquer coisa que seja por prazer, não por dinheiro, isso é a "economia da dádiva" em ação. Um das coisas mais empolgantes de se estar apaixonado ou de ter uma grande amizade é que, pelo menos nesta hora, você é considerado por aquilo que você é, e não pelo que "vale". E como é maravilhoso aproveitar as coisas na vida que vêm a você de graça, sem ter que medir o quanto de si você está trocando por elas. Mesmo nesta sociedade, quase tudo do qual extraí-

mos verdadeiro prazer vem de fora dos limites de nossas relações capitalistas. E por quê não deveríamos exigir o tempo *todo* aquilo que funciona tão bem em nossas vidas privadas? Se tiramos muito mais das nossas relações quando elas são livres da coação da propriedade e da competição, por quê não procuramos libertar também as nossas "relações de trabalho" dessa coerção?

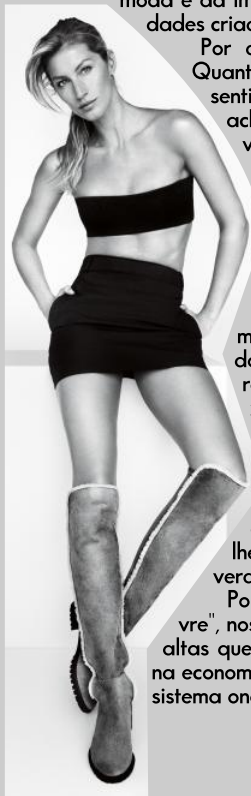
Mas quem vai recolher o lixo, se todo mundo fizer o que bem entende? Bem, quando um grupo de amigos mora junto em um apartamento, o lixo não é levado para fora? Ele pode não ser levado com tanta frequência quanto o faria um faxineiro de um escritório, mas ele é levado *voluntariamente*, e não é sempre a mesma pessoa que fica presa à tarefa. Sugerir que não podemos prover para nossas próprias necessidades sem que alguma autoridade nos force a isso é subestimar enormemente e insultar a nossa espécie. A idéia de que ficariamos todos sentados sem fazer nada se não tivéssemos que trabalhar para nossos chefes para sobreviver vem do fato de que, uma vez que *temos* que trabalhar para nossos chefes para sobreviver, nós preferiríamos ficar sentados sem

Ninguém é assim. Não é nem mesmo saudável. Mas milhões de mulheres no mundo todo se pintam, passam fome, e até passam por operações médicas para tentar alcançar os padrões sociais de beleza. Quem cria estes padrões? Nós os criamos — nós, a indústria da moda e da imagem, com nossas capas de revista, dietas "milagrosas" e celebridades criadas sinteticamente.

Por quê isso nos interessa? Em primeiro lugar, insegurança vende. Quanto mais inalcançáveis forem os padrões que ditamos, pior você se sentirá sobre si mesma e, portanto, mais dos nossos produtos você vai achar que precisa. Em segundo lugar, é importante que mantenhamos você pensando em si mesma como um corpo. Todas nossas imagens de mulheres como corpos, desde a arte clássica até anúncios de perfume do século XX, conspiram para fazer você se ver assim. Se você se enxerga como um corpo, e mede o seu valor a partir disto, você vai achar que é dos nossos produtos para o corpo que você precisa para ser feliz... e não de uma vida excitante, de projetos criativos, de um mundo mais bonito e seguro, etc.

Por esses padrões de "beleza" absurdos, estamos dispostos a matar dúzias de mulheres com anorexia todo ano, a deixar milhares doentes, com bulimia e subnutrição, a fazê-las pagar milhares de reais por cirurgias plásticas e perigosos implantes nos seios, a deixar mulheres que não são brancas pagarem por produtos que supostamente irão deixá-las mais parecidas com as rainhas brancas da beleza, deixar milhões de mulheres e meninas do mundo todo inseguras sobre seus corpos e sobre si mesmas. E os desejos dos homens também são esculpidos pelo nosso condicionamento, para que eles acabem perseguindo uma glamourosa imagem de "mulher" que não existe na realidade, enquanto deixam de apreciar a verdadeira beleza que está ao seu lado nas ruas e em seus lares.

Por que temos todo esse poder? Porque no competitivo "mercado livre", nossa impiedade em nome do lucro é recompensada por vendas mais altas que a de nossos competidores mais humanos. Nosso método funciona na economia capitalista, nosso método vende mais, ele domina e vence em um sistema onde dinheiro vale mais que a felicidade humana.



CrimethInc.

Você chegou longe, querida.

fazer nada. Mas se tivéssemos nossa energia e nosso tempo para nós mesmos, nós redescobriríamos como utilizá-los, tanto para fins certos como para fins incertos: lembre-se de quantas pessoas apreciam o próprio ato de jardinar, mesmo quando elas não tem que fazer isso para sobreviver. Certamente nós não iríamos nos deixar passando fome em uma sociedade onde as decisões e o poder fossem compartilhados ao invés de brigarmos por eles... e o fato de que *hoje* tantas pessoas estão passando fome indica que o capitalismo não é menos incerto que qualquer outro sistema possa ser.

Seguido nos dizem que é da "natureza humana" ser ganancioso, e que é por isso que o mundo é assim. A própria existência de outras sociedades e modos de vida contradiz isso. Depois que você se dá conta de que a sociedade capitalista moderna é só uma entre as milhares de formas que os seres humanos viveram e interagiram juntos, você pode perceber que esse argumento de "natureza humana" é absurdo. Nós somos formados antes de tudo pelo ambiente onde vivemos — e seres humanos agora tem o poder de construir os seus próprios ambientes. Se formos ambiciosos o suficiente, nós poderemos projetar o nosso mundo para nos reconstruir da forma que nossos corações desejarem. Sim, todos nós somos assombrados por sentimentos de ganância e agressão, uma vez que vivemos num mundo materialista e violento. Mas em ambientes mais acolhedores, construídos sobre valores diferentes, poderíamos aprender a interagir de formas que seriam prazerosas para todos os envolvidos. De fato, a maior parte de nós seria muito mais generosa e considerada hoje mesmo se pudéssemos — é difícil dar presentes livremente em um mundo onde você tem que vender um pedaço de si para conseguir qualquer coisa que seja. Levando isso em consideração, é surpreendente quantos presentes ainda damos uns aos outros.

As pessoas que falam sobre a "natureza humana" nos dizem que essa natureza consiste principalmente da vontade de possuir e controlar. Mas e nossos sentimentos de compartilhar e de agir pelo puro ato de agir? Somente quem desistiu de *fazer* o que quer é que se contenta em encontrar significado naquilo que simplesmente possui. Quase todo mundo sabe que é mais recompensador levar alegria a outras pessoas do que tirar coisas delas. Agir e dar livremente são a sua própria recompensa. Quem acha que o dito "cada um dá de acordo com suas possibilidades, cada um recebe de acordo com suas necessidades" beneficia injustamente quem recebe, simplesmente não entende o que faz os seres humanos felizes.

É tentador pensar que o capitalismo é uma conspiração dos ricos contra todo o resto, e pensar que a luta contra o capitalismo é a luta contra essas pessoas. Mas, na verdade, está no melhor interesse de *todos* nos livrarmos deste sistema econômico. Se a verdadeira riqueza consiste de liberdade e comunidade, somos todos pobres aqui: pois mesmo ser "rico" numa sociedade que é hostil a essas coisas é somente ser o possuidor de mais pobreza. Este sistema não é o resultado de um plano maldoso elaborado por alguns vilões que querem dominar o mundo — e mesmo se fosse, eles só tiveram sucesso em condenar a todos, inclusive eles mesmos, às algemas da dominação e da submissão. Não sejamos tão invejosos deles só porque eles parecem numa situação melhor à distância. Qualquer um que nasceu numa de suas casas pode lhe dizer que, apesar de

A alienação, desconfiância e exaustão que todos sentimos nesta sociedade multiplicam nossas necessidades, e corremos atrás de produtos (investidos do poder do fetiche que a publicidade lhes concede) esperando que possam nos salvar. Mas comprá-los apenas perpetua a nossa angústia. Pois cada vez que você compra algo neste sistema, você compra todo o sistema: você está dando seu dinheiro para que as corporações forcem seu poder, e para conseguir esse dinheiro, você tem que dar o seu trabalho a eles também. Isso é mais mão-de-obra para eles manterem os negócios funcionando, e menos liberdade para você resistir!

nas os mantêm ainda mais acorrentados ao sistema que está sugando suas vidas. Alguns deles passam o ano todo trabalhando, seu corações silenciosos em seus peitos, para economizar dinheiro para algumas semanas e fins-de-semana viajando de carona, esquiando, andando de barco — coisas que antes eram gratuitas para todos nós, antes das corporações para as quais trabalhamos emburilharem tudo em concreto.

Eu decidi sair disso de qualquer forma possível. Eu vou parar de trabalhar para eles, parar de pagar por seus produtos, parar de acreditar em todos os mitos sobre ter a casa perfeita e o carro perfeito e "estar à frente" na (corretamente chamada) "força de trabalho". Eu vou criar a vida que eu quero para mim mesmo, na qual eu possa encontrar alegria, ou morrer tentando. Mas mesmo que eu consiga escapar, como vou viver a vida que eu quero se todas as pessoas com quem me importo, todas pessoas à minha volta e o mundo no qual eu vivo, ainda estão sob o controle deste sistema? Será igualmente solitário ser livre se todos os outros estão trancaçados dentro de escolas, escritórios e fábricas, seguindo ordens. Se eu realmente quero sair daqui, preciso descobrir uma maneira de levar os outros comigo. Eu ando pela rua, olhando a tulinagem sendo jogada no céu por chamamês, e eu agonizo por um mundo que cabe a nós decidir se continuará a gerar fumaca.

Eu onde estão os jardins para nossos lazer que poderiam ter sido construídos com todo esse trabalho, ou os bosques para vagarmos, os rios para nos dar de beber, os lagos para nadar? E a propósito, onde estão os micro-leões e as araras para admirarmos, ou as estrelas no céu poluído com fumaca e luz? Na minha imaginação, eu viajo por lindas terras selvagens, encontrando pessoas que tem hábitos e modos de vida únicos, que nunca ouviram falar de Pepsi, que nunca desperdiçam um único dia fazendo algo que não queiram. Juntos nós elaboramos planos malucos de como extrair o máximo de prazer da vida, como exprimer até a última gota... e nós juntamos todos nossos desejos e fantasias juntos em uma grande bola, com a qual destruiremos os portões que levam ao próprio paraíso.

todas suas contas de banco e sistemas contra incêndio, eles não são mais felizes ou livres que você. Devemos tentar encontrar formas de fazer todos verem o que podemos ganhar se mudarmos nossa sociedade, e envolver todos nesta mudança.

Se isso é um grande desafio, e às vezes lhe parece que "o povo" merece o que recebem por aceitarem essa forma de vida, não perca as esperanças. Lembre-se, o sistema que *eles* aceitam é aquele no qual *você* vive. Suas chances de libertação estão intrinsecamente conectadas.

Não fique paralisado pela aparente vastidão das forças reunidas contra nós — essas forças de trabalho são feitas por pessoas como você, ansiando por liberdade. Encontre maneiras de escapar do sistema de violência na sua vida, e os leve com você se puder. Aproveite todo momento livre, qualquer oportunidade em que você puder colocar suas mãos; a vida pode ser vendida, mas não pode ser comprada — apenas roubada de volta!



Então você tem dúvidas, está cético? Você não confia mais no governo, na Coca-Cola, na televisão? Nós ficamos mais do que felizes em fazer paródias de nós mesmos, nos insultarmos, até mesmo explicarmos em detalhes todas nossas intenções mais odiosas e negócios mais escusos... contanto que isso mantenha a sua atenção presa. Temos programas de televisão, publicidade e tirinhas cuidadosamente projetadas para aqueles que, como você, não acreditam mais em nós. Tudo para manter você assistindo, tudo para manter você comprando.

Nós jogamos com o seu ceticismo, lucramos com ele, até mesmo o encorajamos. Você sabe que não pode confiar em nós, mas enquanto o mantivermos cativado com nossa ironia e auto-depreciação, você não vai conseguir pensar em nenhuma alternativa. Ao invés de ter o ideal de lutar contra o status quo, você vai se juntar às fileiras dos niilistas do Dilbert, não mais capazes de acreditar em nada, mas ainda fazendo sua parte neste sistema de desespero.

CrimethInc.

**Você é nossa
audiência cativa.**



Eu muito pior para algumas pessoas que conheço: elas têm contas de cartão de crédito e empréstimos para pagar. Essas corporações têm controle sobre elas por todas suas vidas: não importa o que elas queiram fazer, seja no mês que vem ou daqui a dez anos, elas estarão à sua mercê. Isso significa que elas têm que ganhar

porque eu não quero brigar para subir no pódio corporativo? Eu não *mereço* provar a comida dos restaurantes que ele frequenta, só lho eu não *mereço* deixar as estufas ligadas tanto tempo quanto meu chefe torna todos esses confortos possíveis — só porque eu me sujo mais no trabalho para que um poucos homens ricos possam arrecadar mais riquezas ficasse tão quente e bem alimentada quanto possível, eu tenho que pagar por fato que, apesar de existirem tecnologias que permitiriam facilmente que eu esteja roncando e me sinto solitário, eu não consigo evitar ficar furioso com o mais do que puder pagar... e quando estou tremendo de frio, meu estômago mais comida do que eu possa pagar, ou falhar com meus amigos no telefone deixar as estufas ligadas por mais tempo do que eu possa pagar, ou comer tes a um ano inteiro! No meio-tempo, eu tenho que tomar cuidado para não dormir — sem contar o governo, que retira impostos do meu salário referen- que um empréstimo meu quando eu pago um mês antecipado pra ter onde préstimo sem juros na forma do meu trabalho. E o senhório também conse- to em que depósito meu cheque semanas mais tarde, eles pegam um em- colocaram tudo a seu favor. Do começo da semana de trabalho até o momen- soas que controlam a propriedade na qual eu vivo, e no local onde trabalho, meu salário sem ter trabalhado por pelo menos três semanas — pois as pes-

Gastar seu dinheiro dessa forma ape- aparelho de som ou num carro novo! mas eles não vão encontrar isso num garçom, levando as vidas que levam, desesperados por liberdade e empol- consolarão: é claro que eles estão mais coisas, em tentativas vas de se vez que vejo meus amigos comprando servidão do débito. E eu agonezo toda para me sugar, para me prender na ses desgastados fariam qualquer coisa crédito pelo correio, sabendo que es- tra oferta promocional de cartão de- rativado toda vez que eu recebo ou- são de vender suas vidas. Eu fico en- elas nunca estarão livres da compul- sejam dispostas a declarar falência, e isso significa que ao menos que es- mais umas centenas de reais por mês,

(continua da página 92)

P.S.: Uma Luta de Classes Onde Todas Pessoas Podem Participar

A pobreza contra a qual lutamos através da história não é meramente a pobreza de bens materiais; o tédio e a desorientação sentidos pelos membros das classes média e alta nas ricas nações industriais de hoje têm revelado a pobreza da própria existência Ocidental.

Os problemas que enfrentamos hoje não podem ser associados somente ao conflito de classes. Não é simplesmente o fato de que a classe dominante lucra às custas do proletariado, pois vemos que o lucro obtido por quem detém o capital não torna suas vidas mais plenas. Não importa se uma mulher está na prisão, em um reformatório, em uma maquiladora, em um gueto, em uma universidade de prestígio, em um condomínio financiado ou em uma mansão com piscina e quadra de tênis, de qualquer forma ela está presa. Todo mundo sofre com o "status quo" de hoje, embora de formas diferentes; mas quer um homem esteja passando fome com seu salário mínimo, exausto por suas repetitivas responsabilidades no escritório, ou confuso pelo sentimento de futilidade que vem com a aquisição de bens materiais sem objetivos, ele tem interesse em lutar por mudanças. Então todos nós, ricos e pobres, devemos nos unir para mudar nossa situação.

Isso também significa que não existem os míticos "Eles". Incontáveis movimentos radicais e críticas sociais contaram com este conceito para motivar as pessoas cultivando o ódio aos "maldosos orquestradores" do sofrimento humano, os inimigos que conspiram contra nós. Mas este tipo de pensamento serve apenas para nos colocar uns contra os outros, e quer estejamos divididos em classes, cores, ou de acordo com outras categorias, tiramos nossa atenção do que realmente importa e atrasamos o nosso progresso. Nosso verdadeiro "inimigo" são as forças e padrões sociais que atuam entre nós, e são estas forças que temos que entender e combater.

Isto não quer dizer que não existam indivíduos cujo comportamento é particularmente perigoso aos outros seres humanos na medida em que ele perpetua e intensifica o atual estado de emergência. Mas mesmo se estes indivíduos têm intenções negativas em relação aos outros, é improvável que tenham um entendimento claro das condições extremamente complicadas para as quais estão contribuindo. Nossas relações sociais e econômicas são nocivas de maneiras tão complexas que nenhuma sociedade secreta composta pelos mais brilhantes gênios do mal poderia ter nos posto nesta situação.

E não deixe ninguém dizer que estes indivíduos estão se beneficiando às custas do resto da população. Se ganhar riquezas materiais e status em uma sociedade assassina realmente é se beneficiar, então devemos apenas deixar as coisas como estão e usarmos nossas energias para combater os outros e chegar ao topo deste monte de merda. Se a vida destas pessoas não é tão pobre quanto as nossas, todo nosso sistema de valores está falido. É compreensível que alguns de nós sintam inveja sobre o controle desproporcional sobre os recursos de nossa sociedade... mas não é ter coisas ou status que torna nossa vida boa, é?

testemunho genuíno de um membro da classe trabalhadora na vida real!

Chega de abstrações! Vamos falar da vida real!

Como é nunca ser tratado como adulto? Nunca ser livre de regras e regulamentos impostos sobre você "para o seu próprio bem", ter que obedecer e se curvar a professores, chefes, policiais — pois eles trabalham para mestres que têm mais dinheiro e poder sobre a sua vida do que você jamais espera conseguir? Ter que implorar, tramar e mentir para ter uma tarde de "folga" para fazer o que você quer, uma única vez? Responder a sinais automáticos, ficar à mercê de máquinas, de relógios, de pessoas com a metade da sua inteligência e personalidade, se vestir em uniformes com cores iguais como sacos idênticos de batata frita? Ser exigido a repetir frases padronizadas repetidamente — ser programado como uma máquina?

Você acha que é apenas uma coincidência que a Coca-Cola agora seja vendida em todos os cantos da terra? Você realmente confia nelas para terem todo esse poder e transformar esse planeta em um lugar que você gostaria de morar?

Toda vez que chego em casa e encontro minha caixa de correspondência cheia de panfletos e mala-direta, toda vez que tento jantar silenciosamente com um de meus amantes e somos interrompidos por uma ligação de uma companhia de telemarketing, me lembro que vivo em uma sociedade que valoriza mais as vendas do que a privacidade. Toda vez que alguém liga a televisão e uma avalanche de comerciais nos ataca, eu me lembro de quão pouco a verdade e a reflexão silenciosa importam para os vendedores que desejam fazer uma venda. Toda vez que ando na minha bicicleta, eu passo por anúncios publicitários que proclamam o poder e o *sex appeal* de vários produtos triviais, e eu fico furioso ao imaginar todos bons usos para os quais a publicidade poderia servir. Se pelo menos houvesse um meio de nós decidirmos o que vai ser exposto em nossas ruas, além de criar graffiti!

E quando as contas vencem, eu me lembro mais uma vez do que importa nesta época douorada. Eu tenho que pagar o aluguel no início do mês, *antes* de ficar no apartamento por uma única noite, mas não recebo

* Na época em que este texto foi escrito, em algumas nações da América Latina a Coca-Cola era responsável pelas vendas de mais de 60% de todos os tipos de bebidas. De acordo com seu relatório de cinco anos, o seu próximo objetivo é tornar máquinas de Coca-Cola mais comuns que fontes d'água. Será que eles não se dão conta de que são apenas uma empresa de refrigerantes? Mais de 90% do corpo humano é água... qual a porcentagem do seu corpo que você comprou da Coca-Cola? E de outras corporações? Dizem que você é o que come...

24 de agosto de 1967

A CONQUISTA DA BOLSA DE NOVA YORK

Dois velhos amigos de Eldridge Cleaver³ da época de colégio chegaram à Bolsa de Valores de Nova Iorque, seus bolsos cheios de notas de um dólar. Quando o porteiro tentou proibir-lhes a entrada, acusando-os de serem "hippies", eles protestaram, indignados, "Nós não somos hippies, somos judeus!" e ele não se atreveu a recusá-los.

Eles se dirigiram até o mezanino sobre a bolsa de valores em si e começaram a jogar notas para baixo na direção dos operadores da bolsa. Os operadores

pararam o que estavam fazendo e correram, empurrando e pulando atrás do dinheiro até que a polícia chegou para arrastar os "hippies" para fora. Como resultado da interrupção do dia de trabalho, o mercado inteiro quebrou nesse dia e todos os operadores e acionistas perderam milhões de dólares. A coisa toda foi mostrada pelas câmeras de televisão, e nessa noite as famílias dos Estados Unidos foram presenteadas com imagens dos homens de negócios revelando suas verdadeiras naturezas patológicas de voracidade fetichista. Semanas depois, um vidro à prova de balas e uma grossa grade de ferro foram instaladas entre os observadores do mezanino e o piso da bolsa, e os porteiros foram instruídos a não permitir a entrada de judeus.

³ Eldridge Cleaver foi um escritor e ativista estadunidense que foi um dos primeiros líderes do Partido dos Panteras Negras.



*"Cultura? Ah! É o produto que querem a gente compre mais que todos —
aquele que nos faz pensar que precisamos de todos os outros."*

— Marilyn Monroe, na sua carta de suicídio

"Quando eu ouço a palavra cultura, já pego minha carteira."

— Ayn Rand, explicando como ela iniciou a sua escalada social

Cultura: das Vitrines até Abaixo do Underground.

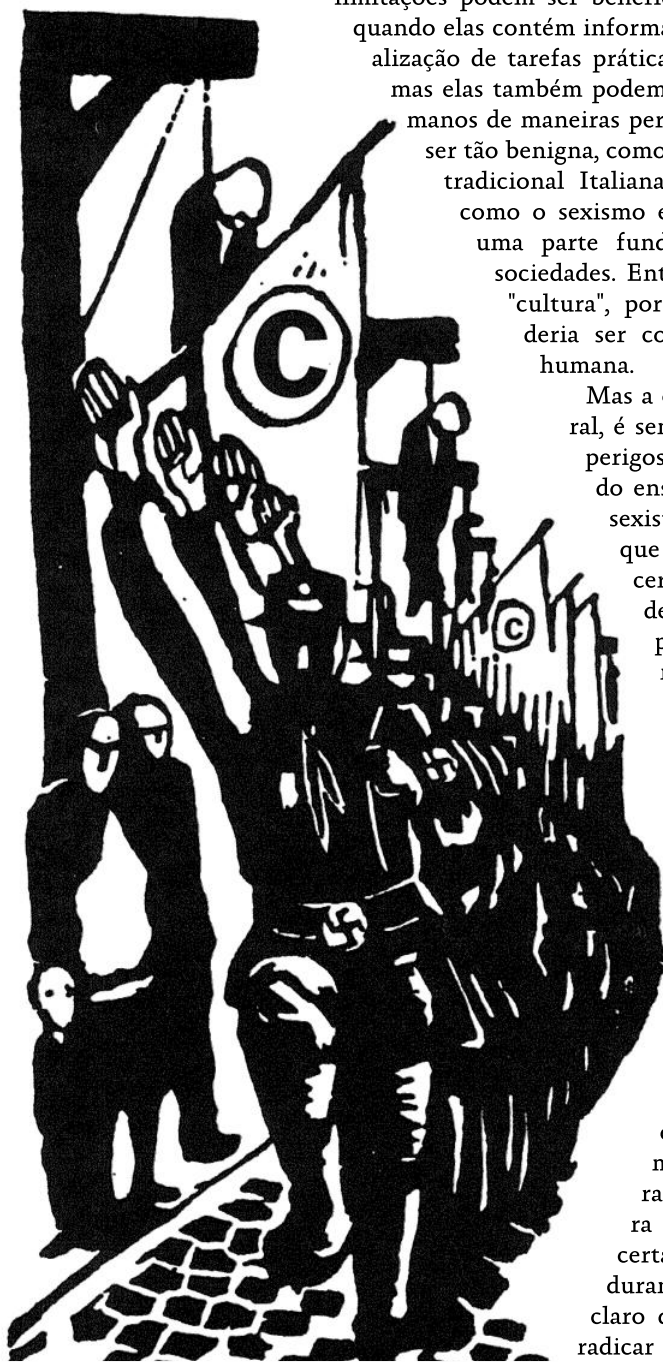
Caríssima Nadia,

Eu li parte do manuscrito, como você pediu. Escuta, me fala: todos esses mitos — revolução, completa destruição da hierarquia, a união do interesse próprio com a generosidade, liberdade perfeita como libertação permanente de qualquer amarra incluindo as leis da natureza — têm a intenção de representar objetivos alcançáveis, ou são apenas símbolos para perseguirmos enquanto eles recedem à nossa frente? O problema da cultura foi mencionado pela primeira vez, há mais de oito décadas, pela publicação dadaísta *Icarus Was Right*:

"Cultura: a) as crenças, formas sociais e características materiais habituais de um grupo racial, religioso ou social. b) um conjunto de atitudes, valores, objetivos e práticas compartilhadas que caracterizam um grupo definido.

"Tomara que fique óbvio, depois de ler a definição acima, que cultura, qualquer cultura, é inerentemente ruim e problemática. Quem gostaria de ter que se conformar, e forçar outras pessoas a se conformarem, a pensamentos e valores pré-definidos de um "grupo racial, religioso ou social"?"

O que o autor estava argumentando nesse artigo era uma crítica à maneira como as tradições moldam nossas vidas. "Cultura", qualquer uma, é formada pelas tradições e pelos padrões das ações e interações passados de uma pessoa para a outra. Ou seja, cultura, propriamente dita, consiste de limitações prescritas sobre as ações, interações, e até pensamentos dos seres humanos. Estas



limitações podem ser benéficas — por exemplo, quando elas contêm informações úteis para a realização de tarefas práticas como cozinhar — mas elas também podem limitar os seres humanos de maneiras perigosas. Cultura pode ser tão benigna, como no caso da culinária tradicional Italiana, e tão repugnante, como o sexismo e o racismo que são uma parte fundamental de muitas sociedades. Então, é fácil ver como "cultura", por essa definição, poderia ser contrária à felicidade humana.

Mas a cultura, de modo geral, é sempre um fenômeno perigoso, não apenas quando ensina pessoas a serem sexistas e racistas — porque toda cultura ensina certos valores e modos de fazer as coisas, prescrevendo-as como se fossem certas para todo mundo, sendo que os seres humanos são todos diferentes e possuem necessidades diferentes. Qualquer cultura pode ser certa para algumas pessoas durante determinado momento de suas vidas, mas nenhuma cultura é certa para todos — e, já que as pessoas mudam, não há garantia que uma cultura em particular será certa para uma pessoa durante toda sua vida. É claro que é impossível erradicar a cultura de nossas

vidas — tudo que somos é resultado dela: sem ela, nós não teríamos nem linguagem/idioma, não seríamos capazes de pensar sobre o mundo da maneira que fazemos. Além disso, existem muitas coisas boas, além da linguagem/idioma e do desenvolvido uso de ferramentas, que não poderíamos ter sem a existência da cultura: movimentos artísticos, boa culinária, literatura, citando apenas algumas. A solução, ao contrário, é sermos cautelosos em relação à cultura e à tradição: nunca aceitá-las como certas, mas sim, escolher o que é certo para você no momento e rejeitar o resto. Mantenha uma noção clara de como seu comportamento, atitudes e idéias são formados pela cultura ou culturas em sua volta. Talvez você aprecie a abordagem mais descontraída e romântica para a vida que faz parte da cultura Espanhola, mas acha a atitude em relação as mulheres desprezível. Ou talvez você aprecie a música entusiasta e a crítica social da "cultura" punk, mas acha que o jeito de dançar e os engraçados estilos de roupa não te atraem. Pegue o que te agrada e deixe o resto — assim não haverá nenhum perigo de você ser levado para fora do rumo por nada. Citando Robin Hood: "O supermercado de idéias, como qualquer supermercado, serve apenas para ser saqueado."

Hoje, quando os Estados Unidos, considerando sua influência mundial devido ao poder econômico, avança sobre as outras culturas e as substitui pela norte-americana, há muitos grupos que se opõem raivosamente. Eles demandam a liberdade para manter a "própria" cultura e lutam para protegê-la face a invasão de outras. Fazendo isso, eles estão lutando pelo direito de serem reprimidos pelas suas próprias tradições e costumes; quando, de fato, eles deveriam lutar pelo direito de não serem reprimidos por *nenhuma* tradição ou costume, pelo direito de inventar novas maneiras de viver e pensar de acordo com suas próprias necessidades e desejos, e somente pegar idéias e costumes de qualquer cultura quando estas idéias e costumes provarem serem as certas para eles. A cultura tem a capacidade de ocupar um papel positivo e útil em nossas vidas, mas primeiro, devemos escapar de suas tiranias sobre nós, que permitimos com a aceitação cega de suas restrições.





é de Domesticação

"Arnold Schwarzenegger foi manipulado geneticamente. Nós somos orgânicos."

— F. Markatos Dixon, membro do Grupo de Artistas Paul F. Maul, falando sobre uma intervenção de arte/terrorismo que realizou numa academia de fisiculturismo.

A DOMESTICAÇÃO DOS ANIMAIS... ...E DO HOMEM.

Talvez você se questione, às vezes, se estamos nos deixando levar emocionalmente em nossa crítica da vida moderna, se toda a conversa sobre o sistema do mal e nossa sociedade doente não seria somente exagero e rebeldia de juventude. Certamente é difícil saber, do ponto de vista da raça humana, com toda nossa simulação, projeção e fingimento, se o que estamos fazendo tem sentido ou não.... então quem sabe, talvez as coisas não estão tão fodidas, certo? Se você quer ter observar de outro ângulo se a ordem do admirável mundo novo realmente é tão ruim para nós quanto algumas pessoas dizem, então dê uma olhada em como ela afeta os outros que também tem que viver nela: os animais.

Se você faz parte da classe média, os animais dos quais você é mais próximo (além daqueles em filmes animados e comerciais) são provavelmente aqueles que ocupam a categoria correspondente na hierarquia não-humana: os animais domésticos, os presidiários de zoológicos e "artistas" de circos, os mascotes esportivos e cavalos de corrida. Assim como a burguesia, eles aparentam ter uma vida boa: deitados em um canto o dia inteiro, comendo e dormindo, brincando com seus mestres — mas essa não é a vida que esses animais foram preparados para ter no decorrer dos últimos milhões de anos de evolução. Os cachorros têm quatro patas para que possam correr por campos e desfiladeiros, e perseguir suas presas, não jogar frisbe uma hora por semana. Os papa-

gatos possuem asas para voar sobre as florestas e através de paisagens selvagens, não apenas para ficar parados, de asas cortadas, em pequenas jaulas, sem nada para fazer para se manter felizes além de cantar para si mesmos e aprender fragmentos sem significados de linguagem/idioma menos musicais. Os gatos têm garras para que possam lutar e caçar, afiá-las em qualquer lugar, tem testículos e ovários para que possam marcar território e ficar no cio, fazer amor e criar gatinhos. Tire tudo isso e os deixe trancafiados. Eles ficam mal humorados, patéticos e gordos por não fazerem nada, a não ser comer uma ração insossa que não foi caçada por eles. Se espera dos animais domésticos que sejam bobos da corte, cortesãos da família moderna, que forneçam entretenimento e substituição de companhia, e que suas vidas e até corpos se ajustem de acordo. O papel deles não é de *ser animais*, em toda maravilhosa complexidade envolvida, mas simplesmente de ser brinquedos.

Uma olhada rápida na classe média humana revela o quão similar nossa situação é. Nós também vivemos isolados de nossos companheiros em caixas pequenas e de clima-controlado, pequenos aquários completos com vegetação simulada, chamados apartamentos. Nós também somos alimentados com comida padronizada, produzida em massa, que aparece como se surgisse do nada, vastamente diferente daquela comida que nossos ancestrais comiam. Nós também não temos uma válvula de escape para nossos desejos espontâneos e selvagens, esterelizados e com suas garras arrancadas pela necessidade de viver em cidades apertadas e subúrbios sob a limitação de convenções legais, so-



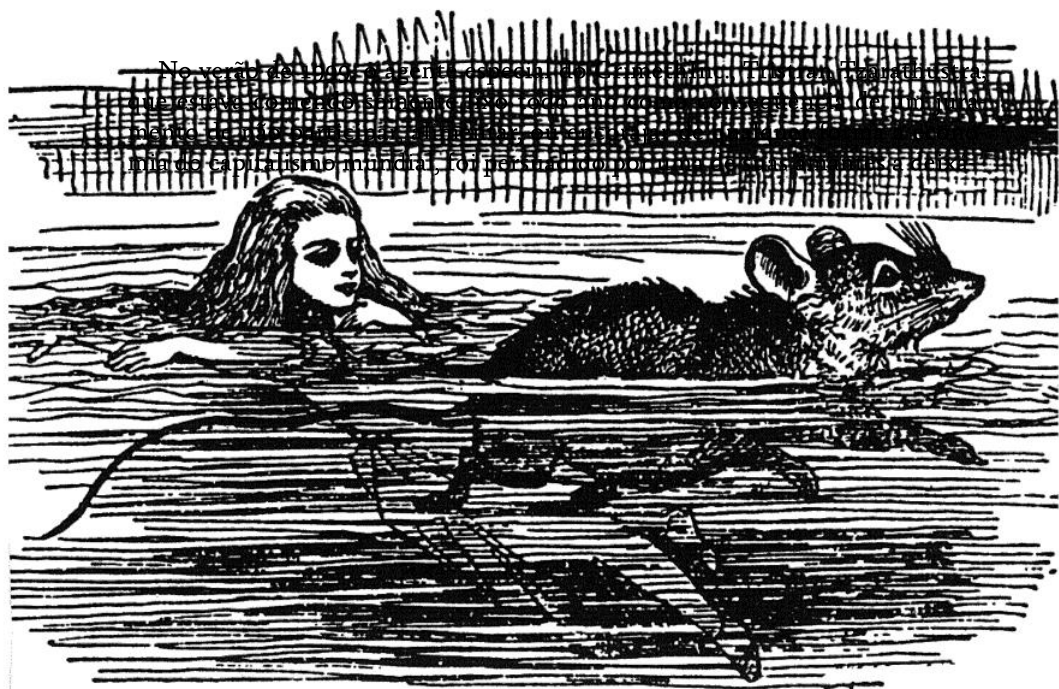
ciais e culturais. Nós também não podems vagar muito longe de nossos canis, atrelados como estamos por empregos das 8h às 18h; por aluguéis de apartamentos, por cercas, limites de propriedades e fronteiras nacionais. E da mesma maneira que nossos animais de estimação, aprendemos a nos comportar, a fazer nossas necessidades nos lugares "adequados", a nos conformar e adaptar a este pesadelo, nos tornando gordos, mal humorados, sem poder cantar.

Muito menos afortunados que nós, prisioneiros castrados (tanto animais e humanos), são os animais que formam o proletariado não-humano: as galinhas vivendo presas na própria merda em fábricas-de-ovos, com seus bicos removidos para que não possam bicar os olhos das outras; os coelhos que têm seus olhos sistematicamente queimados para que se possa testar a segurança de xampus; os vitelos que passam a sua miserável existência em minúsculos quadrados de madeira. Os papéis que esses animais representam correspondem àqueles de trabalhadores de fábricas, lavadores de pratos e secretárias temporárias, atendentes de bombonière de cinemas recebendo salário-mínimo — e indiferente da visão de algum chefe em particular, você pode apostar que o mercado vê todos com o mesmo desinteresse calculado. É a mesma insensível fome por lucro que faz com que seja possível que a indústria da carne considere o holocausto anual de bilhões de animais como normal, que os mantém fazendo o possível para combater as demandas por melhores condições de trabalho e salários mais altos. Assim como as vacas e galinhas têm sido cuidadosamente procriadas, até mesmo geneticamente manipuladas, até o ponto em que não são mais capazes de sobreviver fora de suas jaulas, os trabalhadores modernos não fazem mais idéia de como a vida fora do mundo de plástico e concreto do trabalho pode ser ou em como aplicar suas energias exceto sob o jugo de um chicote. Para onde ele iria, de qualquer maneira, se fosse escapar? Existem terras habitáveis ainda não reivindicadas, para onde poderia fugir? E ele não acabaria destruindo essas terras também, trazendo consigo os valores de dominação com que foi envenenado por seus chefes? No fim das contas, a não ser que considere uma total rejeição do capitalismo industrial, seu voô seria apenas mais um avanço da correnteza de concreto que está varrendo o globo.

Finalmente, há os animais selvagens que ainda sobrevivem em ambientes poluídos com manchas de petróleo, garrafas plásticas de refrigerante jogadas fora e com a poluição do ar, da água e do solo, pra não falar das estradas e dos caçadores. À medida que a urbanização e suburbanização avançam impiedosamente, destruindo os recursos de seus habitats naturais, eles aprendem a sobreviver do lixo humano, ou perecem. Os pombos constróem seus ninhos usando bitucas de cigarros ao invés de galhos, ratos aprendem a viver em esgotos e a se adaptar de acordo, baratas se proliferam como os abutres da nova era. Esses animais selvagens urbanos ocupam a mesma camada da sociedade que os sem-teto, procurando entre o lixo pelos coisas essenciais para a vida, embora eles certamente se saiam melhor do que sua contraparte humana. Os animais de subúrbio — os ardilosos gambás, mão-peladas, bugios, que sobrevivem nos cantos esquecidos das terras conquistadas, vivendo do que ainda resta de natural, sem mencionar dos extras e excessos da burguesia — podem ser comparados aos okupadores, agricultores

agroecologistas, punks, e caçadores-coletores metropolitanos da resistência underground. As espécies restantes, de animais verdadeiramente selvagens, como golfinhos, tamanduás, e pingüins, são análogas aos realmente poucos povos indígenas do mundo que ainda não perderam toda sua cultura nem foram colocados em zoológicos. Para todos eles, o futuro parece sombrio, à medida que o vento de ferro da padronização sopra através deste planeta.

Tudo isso não significa que nós saímos do rumo de um grande plano criado para nós pela "Mãe Natureza", ou que a medida da felicidade e da saúde deve ser conforme o que é "natural". Toda vez que os seres humanos tentam descrever o que a "Natureza" é, eles invariavelmente a projetam de acordo com as leis que sua própria sociedade obedece, ou atribuem a ela tudo que pensam que falta à sua civilização. Além do mais, a natureza em si é algo que muda constantemente: neste momento, o hábitat natural de um poodle realmente é uma coleira e um canil. Se nós destruimos o mundo natural com a nossa "civilização", então no final das contas, isto também deve ter sido uma parte do nosso destino "natural" (pois, o que existe que não procede basicamente da natureza? A humanidade é, de alguma forma, abençoada ou amaldiçoada por poderes que são... *supernaturais*?). A questão não é em como voltar à submissão ao Natural, mas sim como nos reintegrarmos no mundo à nossa volta de uma maneira que funcione. Nós somos capazes de criar um mundo em que humanos e animais possam viver harmoniosamente uns com os outros, sem divisão entre eles, sem nenhuma distinção entre o natural e o civilizado, entre o familiar e o desconhecido? Somos capazes de escapar das selvas de aço e alcançar aquelas, verdes e exuberantes, que persistem, em nossa fantasias?



"Vocês (homens brancos) não apenas transformaram e deformaram seus primos alados e quadrúpedes; vocês também fizeram isso a si mesmos. Você transformaram homens em diretores administrativos, trabalhadores de escritórios, batedores de ponto. Vocês transformaram suas mulheres em donas-de-casa, criaturas realmente assustadoras. Uma vez eu fui convidado à casa de uma.

"Cuidado com as cinzas, não fume, você vai manchar as cortinas. Cuidado com o aquário, não encoste sua cabeça no papel de parede; pode engraxar o seu cabelo. Não vire licor nessa mesa: ela tem o acabamento delicado. Você devia ter limpado suas botas; o piso tinha acabado de ser encerado. Não não não..."

Isso é loucura... Vocês moram em prisões que vocês mesmo construíram, e as chamam de 'lares, escritórios, fábricas'".

— John (Fogo) Lane Deer e Richard Erdoes,
Lame Deer Seeker of Visions



A RAINHA DOS DRAG KINGS ENTRA NUM PARAÍSO SUFI

Isabelle Eberhardt, disfarçada de jovem homem árabe, avança através do sul do deserto Algeriano em direção a Touggourt, com uma comitiva de centenas de homens e mulheres vestidos em elaborados trajes para o deserto. O cheiro de pólvora no ar e o som rouco das flautas e tambores os acompanha enquanto viajam lentamente no dorso de cavalos e camelos ao encontro de El Hachemi, o Sheikh de um seita nômade Sufi para a qual Isabelle havia entrado secretamente, e sua comitiva. Quando chegam perto do Sheikh, o encontram vestindo, em contraste à multidão colorida, uma túnica austera, sem adornos, de seda verde, turbante verde e véu branco apro-

ção de espaço aberto à frente, finalmente deslançaram em galope, correndo, como Isabelle escreveu mais tarde, "como se para chegar no fim do mundo".

A fantasia durou dois dias e Isabelle segue sendo a única mulher europeia a ter vivenciado tal evento. Ela tinha 23 anos de idade. Isabelle nasceu em 1877 na Suíça, filha de uma aristocrata russa exilada e de um pai armênio anarquista-disfarçado-como-padre. Seu pai a criou como anarquista em um complexo fora de Genebra; quando ela completou dezesseis anos de idade ele já havia a ensinado a falar Russo, Francês, Alemão e Italiano, e a ler o Alcorão em Árabe. Aos dezenove anos ela se mudou para Gene-

"A vida está aqui." – Isabelle no seu diário um mês antes de sua morte repentina

priados a um descendente do profeta El Djilani. A multidão o saúda com gritos de "Ya O Djilani!" enquanto ele tenta controlar seu cavalo branco. As dunas estéréis que os cercam ganham vida com as pessoas. Várias comitivas de cavalos, camelos ativos e majestosos nômades do deserto se encontram numa nuvem de fumaça enquanto faixas são desenroladas com gritos e cavalos batem seus cascos com impaciência. Quando todos estão reunidos, vão para uma grande área plana coberta com tumbas, onde os cavaleiros e cavalos (Isabelle entre eles, cheia de coragem e impaciência), estimulados com a sensa-

bra, onde trabalhou como secretária para um grupo de terroristas russos exilados. À noite ela começou a se fantasiar de jovem marinheiro e ficava livre para explorar os cantos mais escuros da Genebra Vitoriana, rastejando de taberna em taberna.

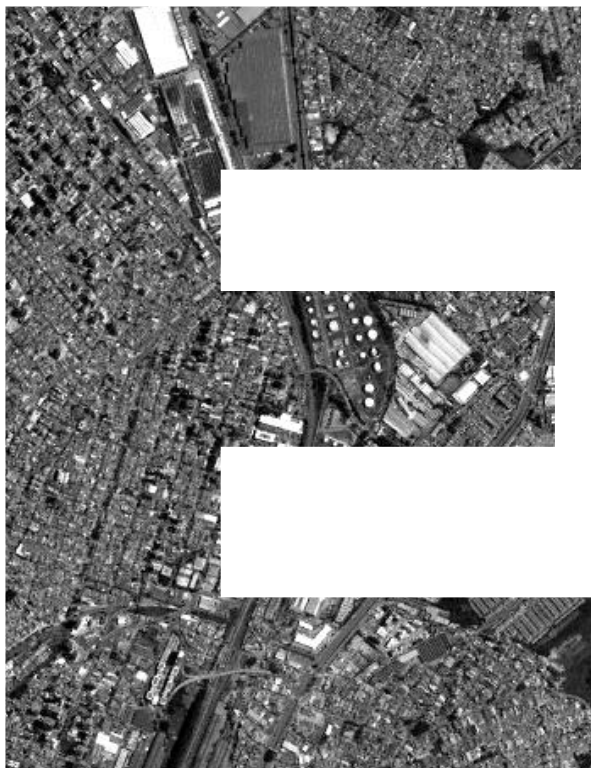
Aos vinte anos de idade, ansiando por escapar da sufocante Europa e buscar as míticas paisagens africanas com as quais sempre sonhou, ela viajou disfarçada para o sul da Argélia, se passando por um jovem árabe erudito. Lá, sentindo a liberdade de sua primeira independência real, Isabelle tinha amantes de todos os tipos, em desafio escancarado às morais euro-

péias da época. Depois de um breve período de prazer e aperfeiçoando seu dialeto árabe, ela se juntou aos outros estudantes em uma breve insurreição contra a polícia colonial francesa na cidade de Bône, no Mediterrâneo. Armada com uma adaga e uma pistola ela feriu e matou pelo menos um policial nas lutas nas ruas que consumiram a cidade. Para evitar uma possível prisão, Isabelle se escondeu, finalmente aparecendo em Paris meses mais tarde como uma jornalista de descendência "turca". Ansiando pelo deserto, o qual ela não alcançou em sua primeira viagem, ela logo retornou em segredo, novamente disfarçada como homem árabe. Rumando sul para as planícies abertas, ela se juntou a uma tribo nômade do deserto, se tornou uma mística, e se casou (com um jovem guerreiro árabe). Ela conseguiu sobreviver a uma tentativa de assassinato com uma espada sagrada por um inimigo de sua seita Sufi — um grupo rival supostamente financiado pelo governo francês na Argélia. Seu assassino de aluguel foi levado a julgamento e Isabelle se tornou conhecida em toda Argélia. Ela usou sua nova fama para conseguir outra pauta jornalística, desta vez para um jornal franco-algeriano. Sua fama também a colocou em muito perigo, já que ela estava sob investigação pelos governos da França, Suíça e Rússia por várias atividades infames. Portanto ela decidiu seguir com o exército francês invadindo a remota fronteira do Marrocos. Mas Isabelle logo começou a negligenciar sua pauta quando entrou em contato com um místico Sufi em uma fortaleza escondida nas montanhas próxima à fronteira. Ela desapareceu por vários meses — perdida em

que mundos, não saberíamos dizer. Ela reapareceu em uma cidade-oásis, doente e exausta: o corpo de Isabelle havia sido consumido por sua vida intensa. Em seguida, Isabelle morreu em uma enchente repentina, aos 27 anos de idade.

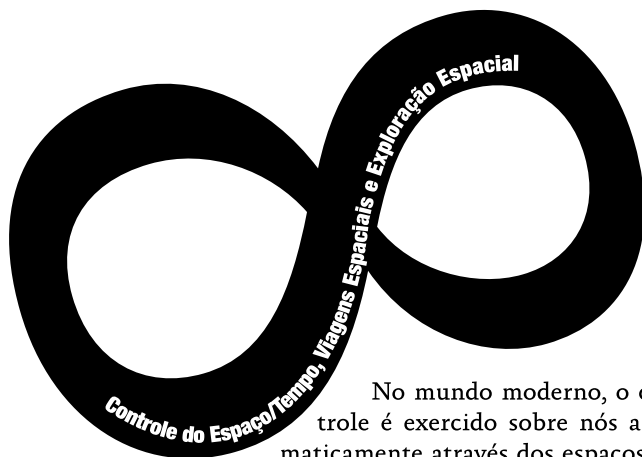
A participação de Isabelle na *fantasia* no deserto e toda sua história nos lembram que escapar da mentalidade colonialista (e hoje em dia, turística) enquanto vagamos pela Terra é completamente possível, e pode nos levar a mundos que apenas sonhamos imaginar. Se ao menos ousássemos uma fração das buscas apaixonadas e incansáveis de Isabelle nossos mundinhos explodiriam à nossa frente. Seus "impulsos" (que a levaram ao deserto) também invocam os ditos de que, realmente, quando você abandona a segurança de seu ônibus turístico com ar-condicionado (ou o seu Guia de Viagem Quatro Rodas!) não há como voltar atrás... como você já deve ter imaginado.





é de Espaço


Alienação: O Mapa do Desespero



No mundo moderno, o controle é exercido sobre nós automaticamente através dos espaços em que vivemos e nos movimentamos. Nós passamos por certos rituais em nossas vidas — trabalho, "lazer", consumo, submissão — porque o mundo é projetado só para isso. Nós sabemos que shopping centers são para fazer compras, escritórios são para trabalhar, e as ironicamente chamadas salas-de-estar são para assistir televisão, e as escolas são para obedecer professores. Todos os espaços pelos quais transitamos possuem significados pré-estabelecidos, e tudo o necessário para nos manter fazendo as mesmas coisas é nos deixar caminhando pelos mesmos caminhos. É difícil achar algo para fazer no Wal-Mart além de olhar e comprar produtos; e, como estamos acostumados a isso, é difícil conceber que realmente poderia haver outra coisa para se fazer lá — sem contar que se pararmos pra pensar percebemos que fazer qualquer coisa lá além de comprar é provavelmente ilegal.

Restam no mundo cada vez menos espaços livres e não desenvolvidos, onde podemos deixar nossos corpos e mentes correr livres. Praticamente todo lugar que podemos ir pertence a alguma pessoa ou grupo que já lhe designou um significado e uma utilidade: propriedade privada, zona comercial, auto-estrada, sala de aula, parque federal. E as nossas próprias rotas previsíveis pelo mundo raramente nos levam perto das zonas livres que ainda restam.


Esses espaços, onde o pensamento e o prazer podem ser livres em todos os sentidos, estão sendo substituídos por ambientes cuidadosamente controlados como a Disneylândia — lugares onde nossos desejos são pré-fabricados e nos vendidos de volta com custos financeiros e emocionais. Dar o nosso próprio significado ao mundo e criar nossas próprias maneiras de nos divertir agir nele



*atroCidade: A cidade é a
organização do silêncio e do
isolamento, a humanidade é
paralisada como uma máquina
de movimento perpétuo.*

*Turismo: O processo pelo
qual um espaço que não foi
destinado à produção ou
habitação (à erradicação da
vida humana) é transformado
em um lugar onde uma
vida falsa pode acontecer
— por um preço.*

são
partes fun-
damentais da vi-
da humana; hoje, por
nunca estarmos em lugares
que encorajem essa postura,
não deveríamos nos sur-
preender que tantas pessoas se



sintam desesperadas e frustradas. Porque sobraram tão poucos espaços livres no mundo, e por nossa rotina nunca nos levar lá, somos forçados a ir em lugares como a Disneylândia para termos algo parecido com brincadeiras e aventuras. A verdadeira aventura pela qual nossos corações anseiam foi substituída pela falsa aventura, e a sensação de criar pelo torpor de ser um mero espectador.

O nosso tempo está tão ocupado e controlado quanto nosso espaço; de fato, a subdivisão do nosso espaço é uma manifestação do que já aconteceu com o nosso tempo. O mundo inteiro se move e vive de acordo com um sistema padronizado de tempo, projeta-

a distância entre indivíduos dentro da comunidade aumenta.

Um efeito curioso do desenvolvimento de sistemas de trânsito rápido é que enquanto a distância entre comunidades diminui,

do para sincronizar nossos movimentos de um lado do planeta ao outro.

Dentro deste sistema, todos nós temos nossas vidas regadas por nossos horários de trabalho e/ou horários de aulas, assim como pelos horários de funcionamento do transporte público e do comércio, etc. Essa organização das nossas vidas, que começa na infância, exerce um controle sutil mas profundo sobre todos nós: chegamos a esquecer que o tempo de nossas vidas é *nosso* para usar como escolhermos, ao invés de pensar em termos de dias de trabalho, horas de almoço, e finais-de-semana. Uma vida verdadeiramente es-

pontânea é impensável para a maioria de nós; e o chamado tempo "livre" é normalmente apenas tempo que foi programado para fazermos outra coisa que não trabalhar. Com que frequência você vê o sol nascer? Quantas vezes você passeia em belas tardes ensolaradas? Se você tivesse a oportunidade inesperada de fazer uma viagem bacana neste fim-de-semana, você poderia ir?

Estes ambientes e horários restritivos limitam drasticamente o vasto potencial de nossas vidas. Também nos isolam umas das outras. Nos nossos empregos, passamos uma grande parte do tempo fazendo um determinado tipo de trabalho com um determinado grupo de pessoas em um determinado local (ou pelo menos em um determinado ambiente, o que vale para operários de construção e empregados temporários). Experiências tão limitadas e repetitivas nos dão uma visão muito limitada do mundo, e não nos dão a oportunidade de conhecer pessoas diferentes. Nossos lares nos isolam ainda mais: hoje nos mantemos trancafiados em pequenas caixas, em parte por medo daquelas pessoas a quem o capitalismo maltratou ainda mais que a nós, e em parte porque acreditamos na propaganda paranóica das empresas que vendem sistemas de segurança. Os condomínios de hoje são cemitérios de comunidades, as pes-

O espaço não *existe* até ser explorado. Nós *criamos* o espaço ao correr, escalar, dançar e saltar através dele.

soas empacotadas em caixas separadas... exatamente como a mercadoria no supermercado, lacradas para "maior frescor". Com grossas paredes entre nós e nossos vizinhos, nossos amigos e família, espalhados por cidades e nações, é difícil haver qualquer tipo de comunidade, muito menos compartilhar espaço comunitário onde as pessoas possam se beneficiar mutuamente da criatividade alheia. Tanto o trabalho quanto as nossas casas, nos mantêm amarradas a um lugar único, estacionárias, incapazes de viajar ao longe no mundo exceto em rápidas férias.

Até mesmo nossas viagens são restritas e restritivas. Nossos métodos modernos de transporte — carros, ônibus, metrô, trens, aviões — todos eles nos mantêm presos a trilhas fixas, vendo o mundo passar pela janela, como se fosse um programa de televisão particularmente chato. Cada um de nós vive em um mundo pessoal que consiste principalmente de destinos bem conhecidas (o local de trabalho, o mercadinho, o apartamento de um amigo, a boate) com alguns elos entre elas (sentado no carro, ficar de pé no metro, subir a escada), e poucas chances de encontrar algo inesperado ou de descobrir novos lugares. Um homem pode viajar pelas estradas de dez países sem ver nada além de asfalto e postos de gasolina, se ele ficar no seu carro. Presos a nossas trilhas (trilhas?), não conseguimos visualizar uma viagem verdadeiramente *livre*, viagens de descoberta que nos colocariam em contato direto com pessoas e coisas

completamente novas a cada esquina.

Ao invés disso, ficamos sentadas presas em engarramentos, cercadas por centenas de pessoas na mesma situação que nós, mas separadas pelas jaulas de aço de nossos carros — de forma que as outras pessoas parecem mais com objetos em nosso caminho do que com seres humanos como nós. Nós pensamos que alcançamos mais partes do mundo com nossos transportes modernos; mas na verdade nós vemos menos, se é que vemos alguma coisa. Quando nossas capacidades de transporte aumentam, nossas cidades se espalham mais e mais no horizonte. E sempre que as distâncias aumentam, mais carros são necessários; mais carros precisam de mais espaço e então as distâncias aumentam de novo... e de novo. Neste ritmo, autoestradas e postos de gasolina irão um dia substituir tudo pelo qual valia a pena viajar... isso quer dizer, tudo que ainda não virou um parque temático ou uma atração turística.



Alguns de nós vêm a internet como a "fronteira final", como um espaço livre, ainda não desenvolvido pronto para ser explorado. O ciberespaço pode oferecer ou não algum grau de liberdade para aquelas pessoas que conseguem pagar pelo acesso para usá-lo e explorá-lo; mas o que quer que ele ofereça, ele oferece sob a condição de deixarmos nossos corpos na chapelaria: amputação voluntária. Lembre-se, você é um corpo tanto quanto é uma mente: ficar sentando, parado, olhando luzes que brilham durante horas, sem usar os sentidos do toque, paladar e olfato, é liberdade? Você esqueceu a sensação de pisar descalço na grama úmida ou na areia quente, do cheiro dos eucaliptos ou de lenha queimando em suas narinas? Você se lembra do cheiro dos talos de tomate? A tremulação da chama de uma vela, a emoção de correr, nadar, tocar?

Hoje podemos recorrer à internet quando queremos emoções sem nos sentirmos enganados, pois nossa vida moderna já é tão limitada e previsível que esquecemos como a ação e movimento no mundo de real podem fazer a gente se sentir bem. Por que se acomodar com a liberdade limitada que o ciberespaço pode dar, quando existem muito mais experiências e sensações para sentir aqui no mundo real? Nós devíamos estar correndo, dançando, remando uma canoa, bebendo a essência da vida, explorando novos mundos — *quais* novos mundos? Temos que redescobrir nossos corpos, nossos sentidos, o espaço à nossa volta, e então podemos transformar esse espaço em um novo mundo ao qual podemos dar nossos próprios significados.

Para conseguir isso, precisamos inventar novos jogos — que possam ser jogados nos espaços já conquistados deste mundo, nos shopping centers, restaurantes e salas de aula, que vão destruir seus significados pré-estabelecidos para que possamos lhes dar novos significados de acordo com nossos sonhos e desejos. Precisamos de jogos que nos unam, nos tirem da confinamento e isolamento de nossas casas particulares, e nos tragam aos espaços públicos onde podemos nos beneficiar da companhia e criatividade umas das outras. Assim como desastres naturais e blecautes podem unir as pessoas e trazer-lhes emoção (afinal, todo mundo quer um pouco de variedade emocionante em um mundo outrora terrivelmente previsível), nossos jogos vão nos unir para fazermos coisas novas e emocionantes. Devemos pintar poesia nas paredes das zonas comerciais, fazer shows nas ruas, sexo em praças e em sala de aula, piqueniques de graça nos supermercados, festivais espontâneos nas auto-estradas...

Também precisamos inventar novas definições de tempos e novos modos de viajar. Tente viver sem um relógio, sem sincronizar o seu tempo ao tempo muito ocupado do resto do mundo. Tente fazer uma longa viagem a pé ou de bicicleta, de forma que você encontrará em primeira mão tudo pelo que você passar até chegar ao seu destino, sem vidros no meio. Tente explorar a sua própria vizinhança, olhando nos telhados e dobrando as esquinas que você nunca notou antes — você se surpreenderá com quanta aventura existe lá, esperando por você!

Os mapas que existem por aí descrevem um mundo onde nenhum ser humano jamais pisou: um mundo de distâncias cuidadosamente medidas e símbolos padronizados, congelado no tempo, vazio de ambiências emocionais — um mundo *objetivo*, quando hoje não conhecemos nenhum mundo além do *subjetivo*. Esses mapas possuem tão pouca informação de real importância à vida humana que não é de se surpreender que acabemos nos perdendo quando os utilizamos: ficamos às voltas em círculos, chegando "no horário" em nossos supostos destinos, sem ter idéia de para onde estamos indo ou por quê, muito menos o que há para ser encontrado neste mundo além de autoestradas interestaduais e Goiânia, em Goiás.

Se fizéssemos nossos próprios mapas, traçando nossas experiências individuais ao invés dos puros dados fornecidos por nossos instrumentos, eles revelariam claramente o que é ser humano neste mundo. Talvez então poderíamos sair por aí criando um mundo para *seres humanos*, não para instrumentos, viverem. Um livro como *Pé Na Estrada* é um exemplo de um desses mapas: ele registra os caminhos de alguns indivíduos através do espaço e do tempo, fazendo uma crônica do tráfego de seus corações e do movimento de seus corpos. Realmente, ele não seria muito útil para encontrar o caminho para um posto de gasolina em Curitiba,

Mapas Reais do Mundo Imaginário. Mapas Imaginários do Mundo Real.

ba, mas com o tempo ele nos ajudaria a ir bem mais longe do que um mapa do Paraná jamais conseguirá.

É verdade que todos vivenciamos o mundo de formas diferentes, e que se fôssemos fazer mapas sinceramente (ou seja, subjetivamente) seriam todos diferentes uns dos outros; mas isso deveria ser motivo para celebrarmos a diversidade do mundo, não para reclamarmos! E assim como um livro sobre pessoas que você nunca conheceu pode ser útil como um mapa para sua própria vida, esses mesmos registros individuais podem muitas vezes ser úteis a muitas outras pessoas de várias formas. Você vai perceber que se você se expressar honestamente, você estará provavelmente falando por outras pessoas também: isso é parte de ser humano (e nossa desculpa para usarmos a palavra "nós" tantas vezes nestas páginas). A seguir estão alguns mapas subjetivos que pessoas de nosso coletivo fizeram, como exemplos; este próprio livro é um mapa também, é claro, se você usá-lo da forma certa.



8. Eu penso no que deixei pra trás.

11. Pressionei tuas cartas contra minha bochecha úmida.

1. Éramos jovens e estranhas e nós transformamos o espaço.

10. E minhas mãos estavam cheias de areia em movimento.

Canção das Amantes

por

Gloria Cubana



5. O delírio e o medo da liberdade.

7. E en falei com tua ausência na escuridão tépida.

15. O sol branjo escorregou lentamente para trás de morros negros.

4. Sentimos uma força selvagem dentro de nós.

6. Encontrei minha própria voz.

16. E o mundo parecia maior que nunca.

Que desejo selvagem se move dentro de mim?

3. Em promet-te trazer-me o fazer com que tu te aproximes.

E tuas mãos em mim quando o campo está relento.

E en solnei em mim mas estranhei por perder você.

O pulso da noite me deixou tonto.

Aqui todos eles se afetaram por esse momento.






eu tô com medo

deixe-me espalhar você entre
as flores amarelas

o que escreve o seu nome em letras
de fumaça entre as estrelas do

sub?

0  1

Passos

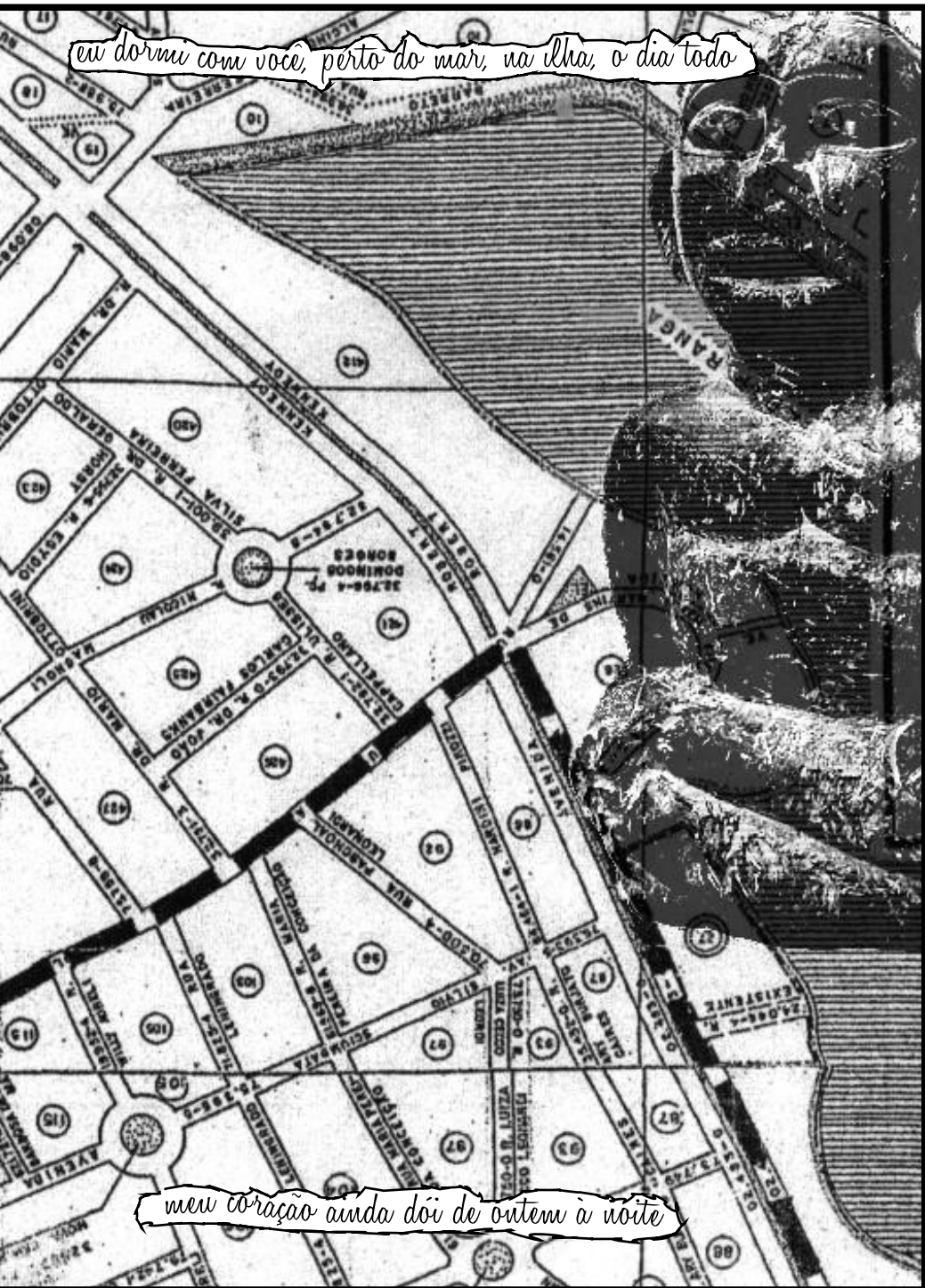
conversão:

1 passo = 1 batimento = 1 beijo

★ 1 beijo = 2 anos-luz, etc.



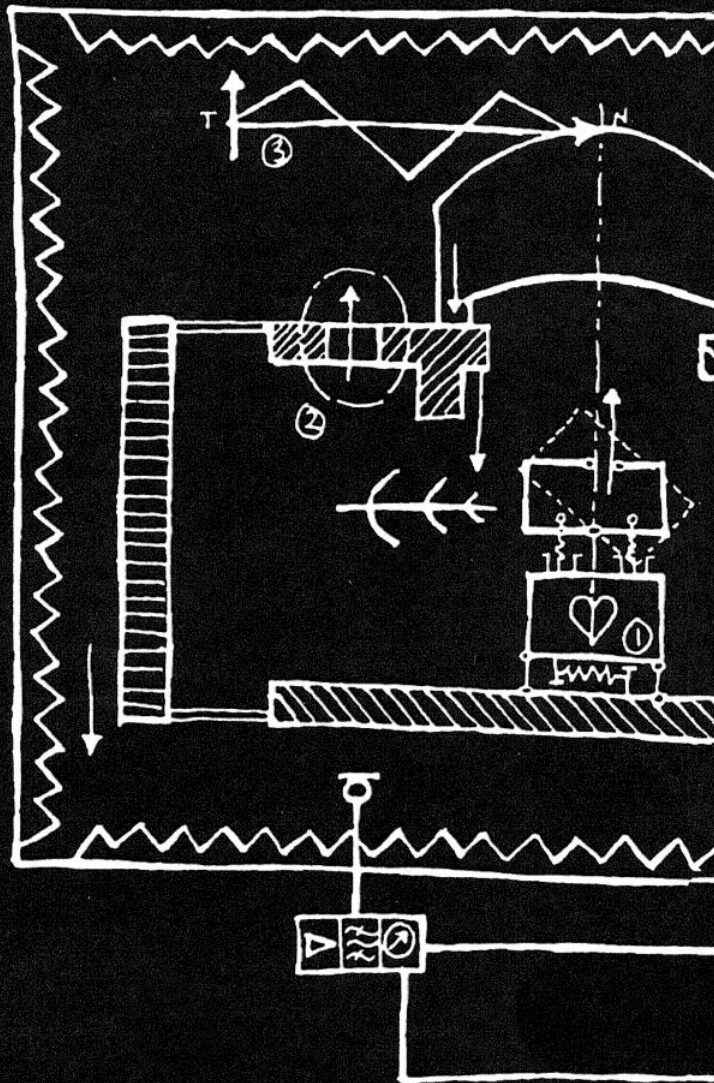
eu dormi com você, perto do mar, na ilha, o dia todo



meu coração ainda dói de ontem à noite

Fé básica no sistema envol

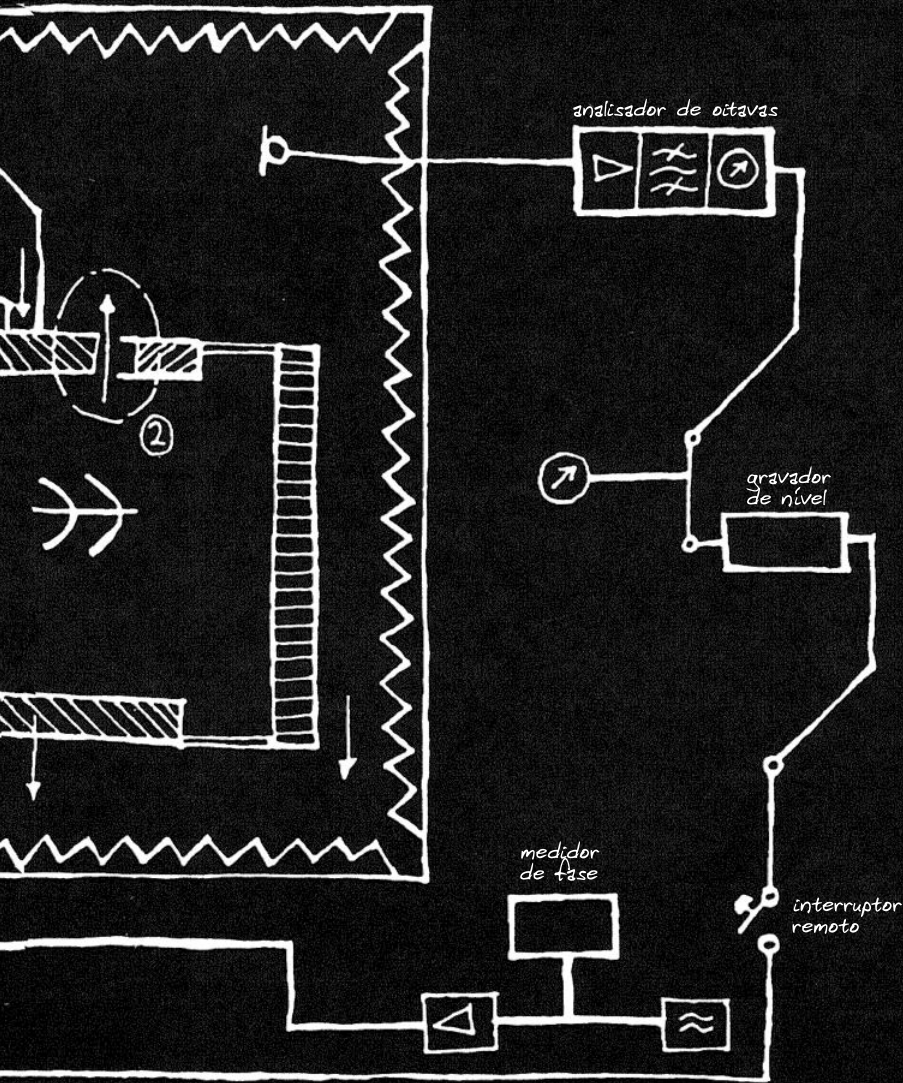
Câmara



- ① câmara de ressonância individual
- ② instrumento do sistema como quatro massas parciais
- ③ função de deslocamento, um sistema de duas classes

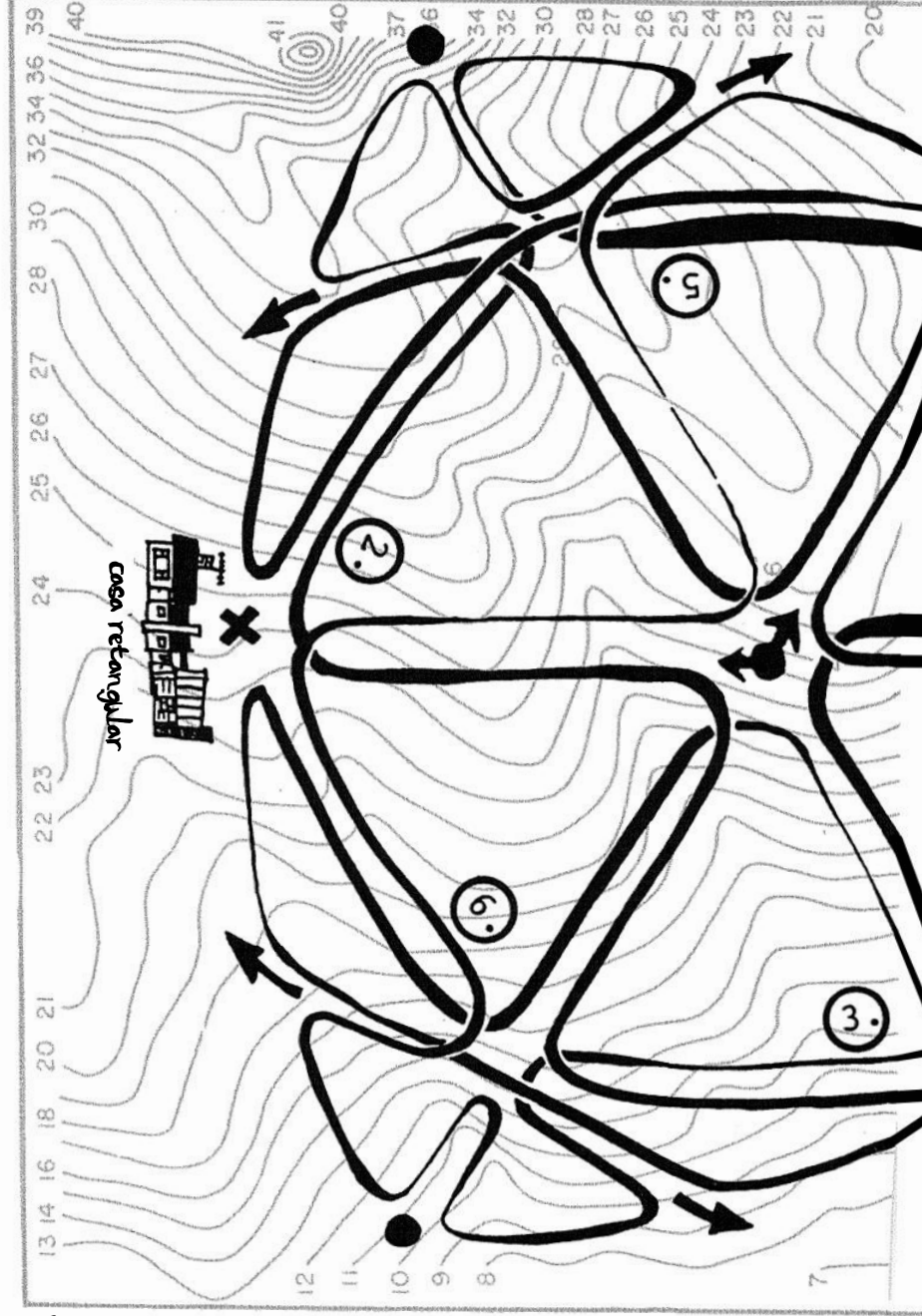
Assumir riscos...

Anaeróbica



is pelas quais flui a comunicação
es de liberdade cinematográfica

Legenda: 1. Eu andei (—) série de jornadas. (◇) na floresta que fica ao redor

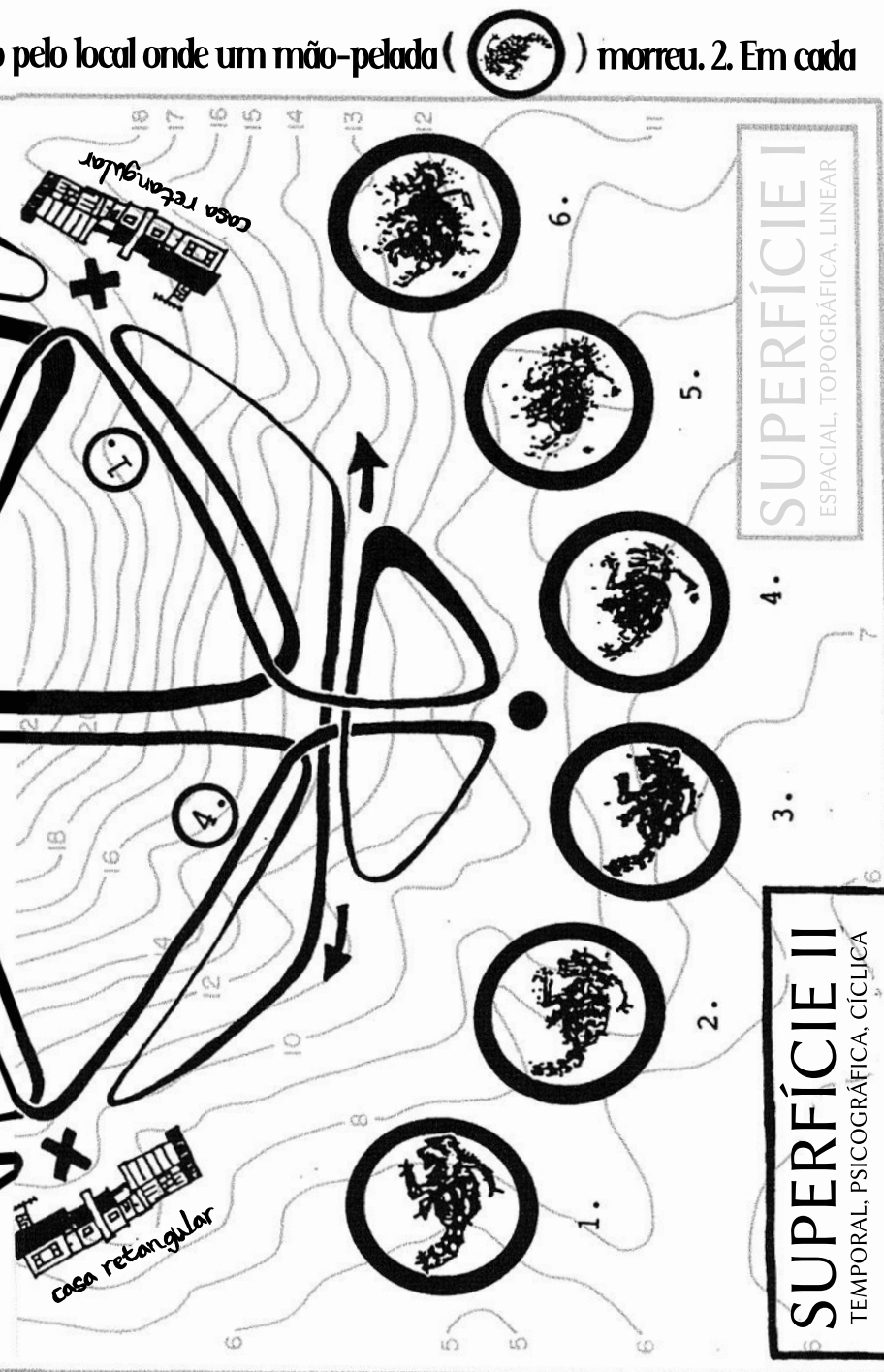


perdi confirmado pelo cheiro de um mão pelada em decomposição.

de minha casa. Cada vez eu ia por uma rota nova, mas sempre passo

onde para quando, não o quando teórico de um calendário mas o visco

visita, sua carga testemunhava a passagem do tempo. 3. Minha orientação mudava de



o pelo local onde um mão-pelada () morreu. 2. Em cada

SUPERFÍCIE II
TEMPORAL, PSICOGRAFICA, CÍCLICA

SUPERFÍCIE I
ESPACIAL, TOPOGRÁFICA, LINEAR

O SEQUESTRO DO WASHINGTON POST

Em resposta ao fluxo constante de desinformação da grande imprensa sobre o caso do "Unabomber", um comando do Coletivo Crimidéia liderado por um designer gráfico de cargo baixo no departamento de publicidade do Washington Post removeu um anúncio de calcinhas do caderno principal da Edição de Domingo e substitui pelo texto a seguir:

O Unabomber: Um Herói de Nossos Tempos

"Eu matei mais pessoas que o Unabomber porque eu paguei mais impostos que ele." — Oprah Winfrey

Enquete: como é chamado quando uma das mentes mais brilhantes de uma geração escolhe alguns indivíduos que estão pessoalmente envolvidos na destruição do meio ambiente (um lobista das madeiras) ou na destruição da capacidade de atenção e de raciocínio de dezenas de milhares de americanos (um executivo de publicidade) e os mata ou mutila em sua busca para sejam ouvidas suas preocupações com os problemas sociais... preocupações que de outra forma seriam ouvidas por poucas pessoas?

Claramente, é assassinato.

E como é chamado quando uma nação de cabelereiros acima do peso, de balconistas que não foram pagos, de intelectuais de classe média preguiçosos e desempregados, de donas de casa educadas por programas de auditório, de covardes gerentes de redes de lanchonetes, de garotas de fraternidades racistas, conspira para proteger o glorioso status quo de seus "atentados" claramente perturbados?

Pena de morte. E corretamente apli-

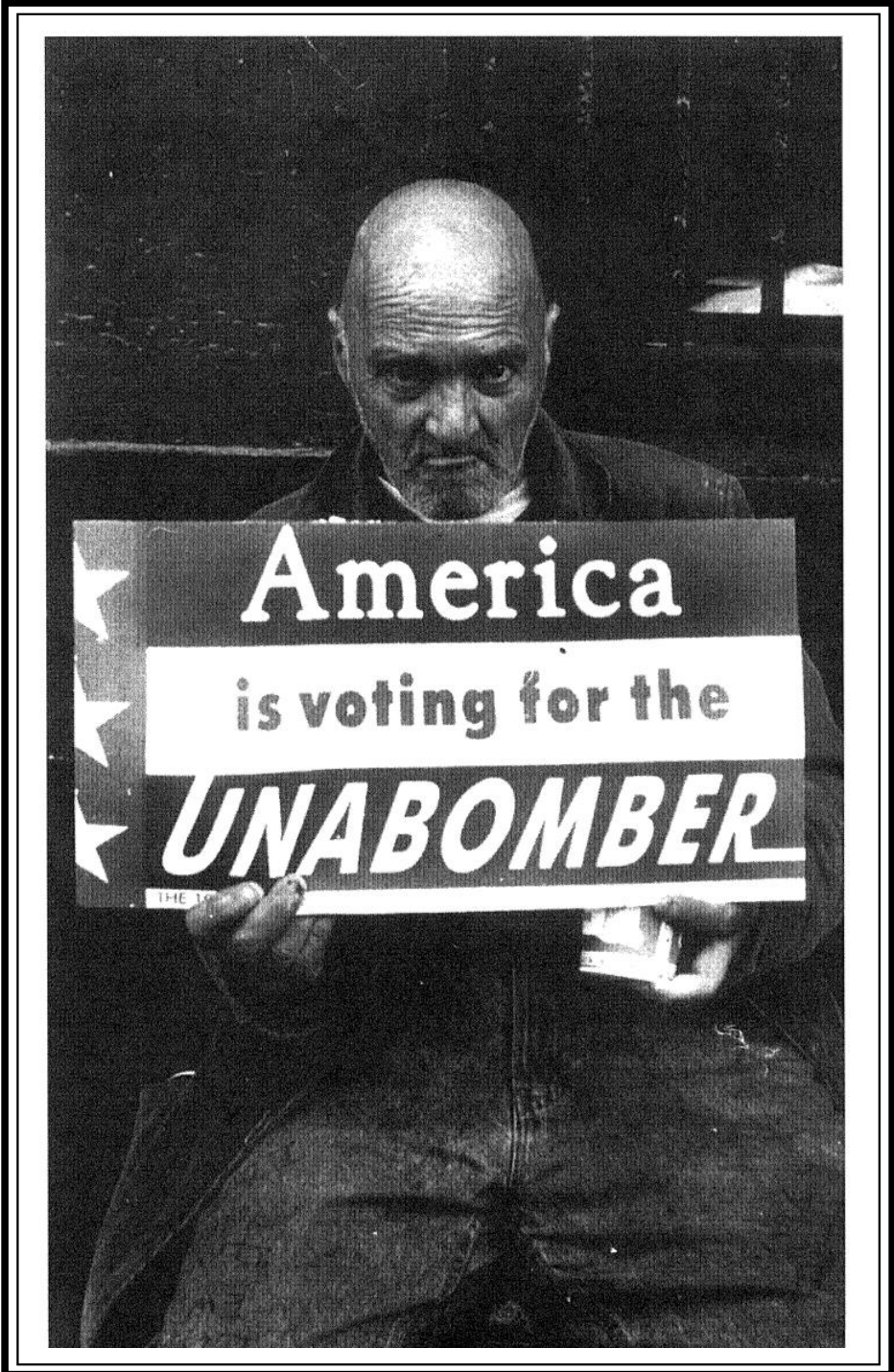
cada, na defesa dos direitos dos desmatadores de floresta e mentirosos profissionais que continuarão distorcendo nosso mundo à sua visão sem a possibilidade de serem molestados por aqueles que preferem florestas ao invés de supermercados, e canções populares a slogans de detergentes.

Falando sério, e deixando a retórica de lado, qual é a diferença entre as duas situações? No primeiro caso, uma única pessoa avalia sua situação e decide fazer coisas que ele acha que são certas. No outro caso, milhões de pessoas, que não estão acostumadas a tomar decisões por si mesmos, se sentem fortes o suficiente juntos decide atacar cegamente um indivíduo que não fica dentro de seus limites de comportamento aceitável.

Agora, nosso leitor gentil e moderado sem dúvida fará uma objeção de que não é o nosso medo de indivíduos livres e decididos que nos faz gritar contra este terrorista, mas indignação moral - pois ele acabou com uma vida "inocente" em sua busca para que ouvissem suas idéias, e isto sempre é errado.

Mas essa nação de aprendizes de imbecis não se indigna normalmente com a morte de vidas inocentes: contanto que se encaixem dentro dos parâmetros do status quo eles não se importam nem um pouco.

Quantas pessoas a mais que o Unabomber a indústria do tabaco feriu ou mutilou, usando publicidade para viciá-los a uma droga extremamente nociva quando ainda são muito jovens e desinformados? E quanto às companhias que anunciam e vendem bebidas alcóolicas baratas em bairros pobres cheios de alcóolatrás? Quantos cidadãos de países de terceiro mundo sofreram e morreram nas mãos de governos apoiados por companhias como a Shell ou mesmo pelo próprio governo dos E.U.A.? E quanta vi-



da animal é destruída todo ano, todo dia em granjas industriais sem merecer a menor reflexão... ou na destruição ecológica feita por companhias como a Exxon (nosso leitor ou leitora se lembrará do Valdez) ou McDonald's (um dos mais conhecidos desmatadores da Amazônia)? Ninguém se preocupa tanto com esses crimes contra vidas "inocentes".

E realmente, é difícil se preocupar, pois eles estão institucionalizados dentro de nosso sistema social e econômico... "normal". Além disso, é difícil descobrir quem exatamente é reponsável por eles, pois são resultado de trabalhos de complexa burocracia dentro de um ainda mais complexo sistema socioeconômico.

Por outro lado, quando um indivíduo tenta fazer com que as pessoas escutem suas críticas sobre este sistema destrutivo de uma das poucas formas realmente eficazes, é fácil pegá-lo e amarrá-lo. E nossa indignação hipócrita sobre suas malfetorias quando comparadas com nossas próprias instituições sociais mostra que é a sua habilidade de agir a respeito de suas próprias convicções que é o que realmente nos choca e assusta acima de tudo.

Nosso medo do Unabomber como um indivíduo que age livremente fica explícito nas tentativas da nossa imprensa de demonizá-lo. Aspectos de seu caráter, como suas proezas acadêmicas e sua capacidade de viver uma existência Thoureauana autosuficiente, que normalmente seriam aplaudidos, são agora usados para demonstrar que ele é um esquisito desajustado. Detalhes insignificantes e aleatórios de sua vida, como casos de amor fracassados e doenças na infância, são usados para explicar seu "comportamento insano". Logo, ao falar, representantes da imprensa insinuam que não há dúvidas de que suas ações foram resultado de sua insanidade, fugindo em terror de qualquer pensamento de que ele possa ser tão racional quanto eles... ou mais. Jornais imprimem os trechos mais arbitrários e desconexos de seu manifesto que possam combinar, e então descrevem o manifesto como sendo aleatório e

desconexo — eles até mesmo o descrevem como "desvairios" com o rosto compenetrado, apesar da conhecida pouca duração da atenção da mídia.

Mas não precisamos aceitar a típica super-simplificação do caso pela mídia. O manifesto do Unabomber foi, como resultado de seus esforços, publicado e amplamente distribuído. Podemos lê-lo nós mesmos, não apenas trechos desconexos, mas em sua integridade, e tirarmos nossas próprias conclusões sobre as suas idéias.

Não tenha medo da disposição do Unabomber de se destacar da multidão e tomar quaisquer ações que ele acredita serem necessárias para alcançar seus objetivos. Numa civilização tão abalada pela submissão idiota a normas sociais e regras irracionais seu exemplo deveria ser refrescante ao invés de assustador; pois seus piores crimes não são piores do que os nossos, ao sermos cidadãos desta nação... e seus maiores feitos como indivíduo inteligente e dedicado ofuscam os da maioria de nossos heróis, que de qualquer forma são em grande parte jogadores de futebol e músicos pop que aparecem em programas de auditório.

Pelo menos, tendo a chance como temos, deveríamos ler seu manifesto e tirar nossas próprias conclusões, ao invés de permitirmos que a imprensa e a opinião/paranóia pública decidam por nós.



é de Gênero

"Os homens olham as mulheres; as mulheres vêem a si mesmas sendo vistas."
- Simone de Boudoir.

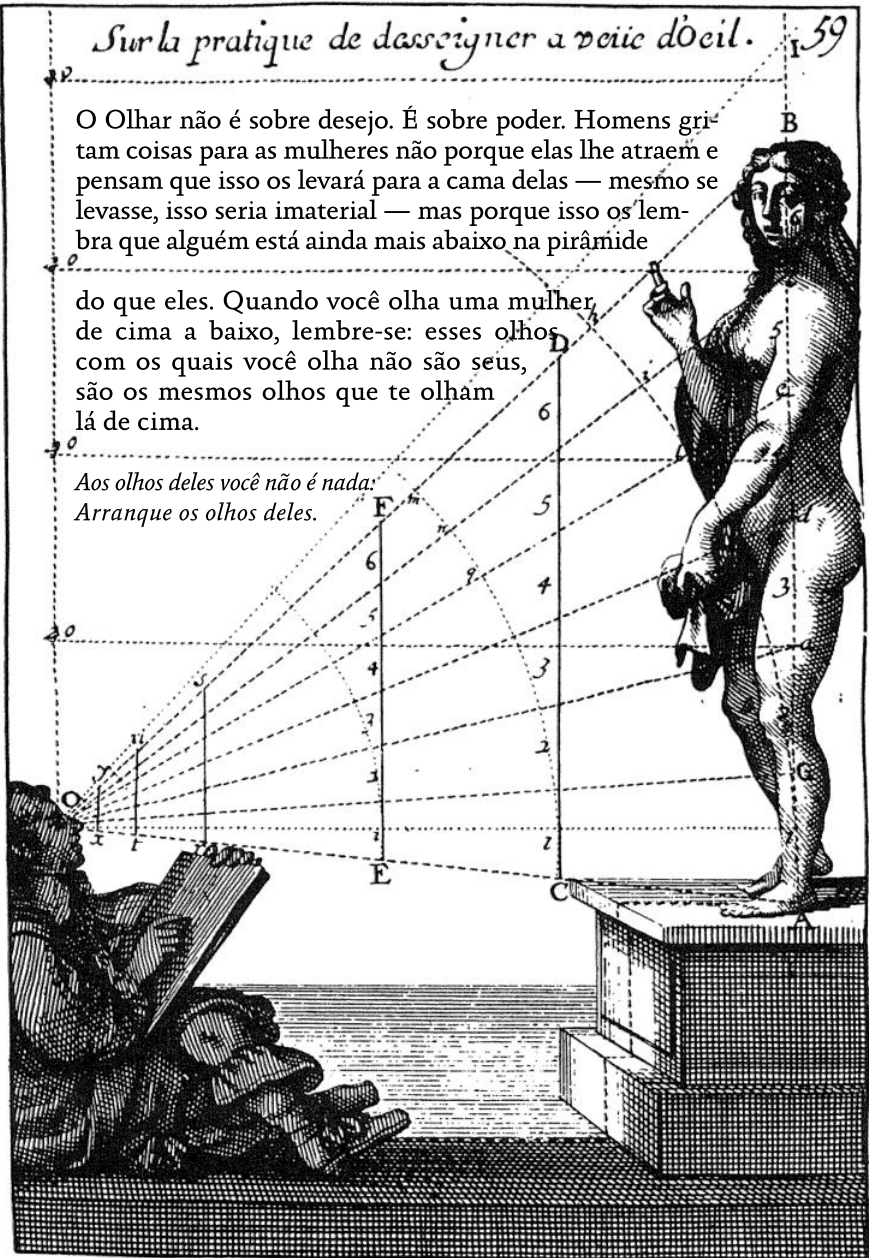
Sur la pratique de dessigner a veüe d'œil.

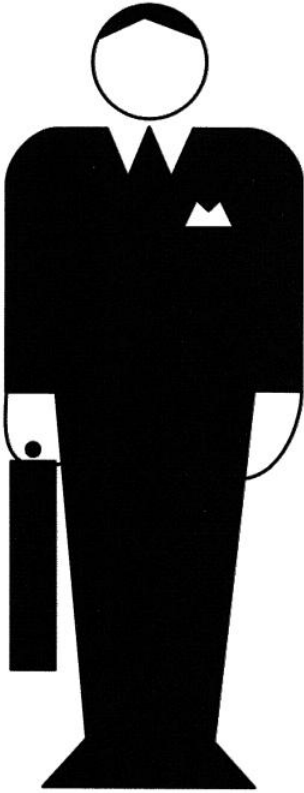
159

O Olhar não é sobre desejo. É sobre poder. Homens gritam coisas para as mulheres não porque elas lhe atraem e pensam que isso os levará para a cama delas — mesmo se levasse, isso seria imaterial — mas porque isso os lembra que alguém está ainda mais abaixo na pirâmide

do que eles. Quando você olha uma mulher, de cima a baixo, lembre-se: esses olhos, com os quais você olha não são seus, são os mesmos olhos que te olham lá de cima.

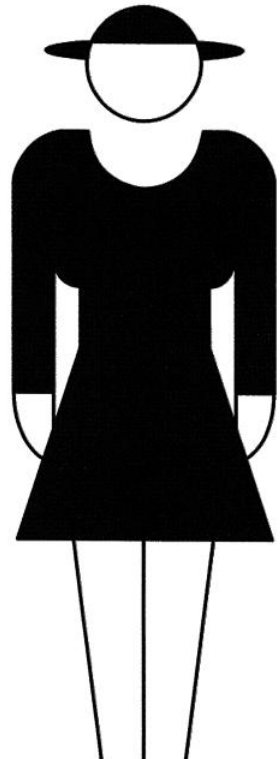
*Aos olhos deles você não é nada.
Arranque os olhos deles.*





Você pode perceber no próprio movimento dos seus corpos, forçados dolorosamente dentro do estreito espaço da masculinidade permitida, movendo-se dentro de uma jaula invisível, como os supostos vencedores do jogo dos sexos sofrem tanto quanto os outros a sua vitória vazia. Constantemente aterrorizados uns dos outros e de todo mundo, deles mesmos acima de tudo, descontam seu medo no resto de nós, perpetuando o clima de medo e violência — mas quando até mesmo o terreno da afeição for ocupado, quando todo o gesto tiver sido apropriado pela linguagem da coação, como vamos nos aproximar uns dos outros para dar apoio, proteção e saúde?

Gênero é outra falsa divisão da vida em categorias arbitrárias, nenhuma das quais pode descrever adequadamente ou conter qualquer um de nós, para nos definir uns contra os outros em interesse do Poder. Não existe fêmea. Liberte-se. Vá para fora do mapa.




durante a Primeira Guerra Mundial

A ARTE SE EXPLODE

Em uma discoteca de Zurique, um grupo muito diversificado de desajustados, pequenos criminosos, matemáticos fracassados e aprendizes de poeta com problemas de fala se juntaram para desmistificar e destruir completamente a Arte como categoria distinta da própria vida. Seu ataque descuidado à civilização Ocidental definiu os padrões para muitas tribos de guerri-

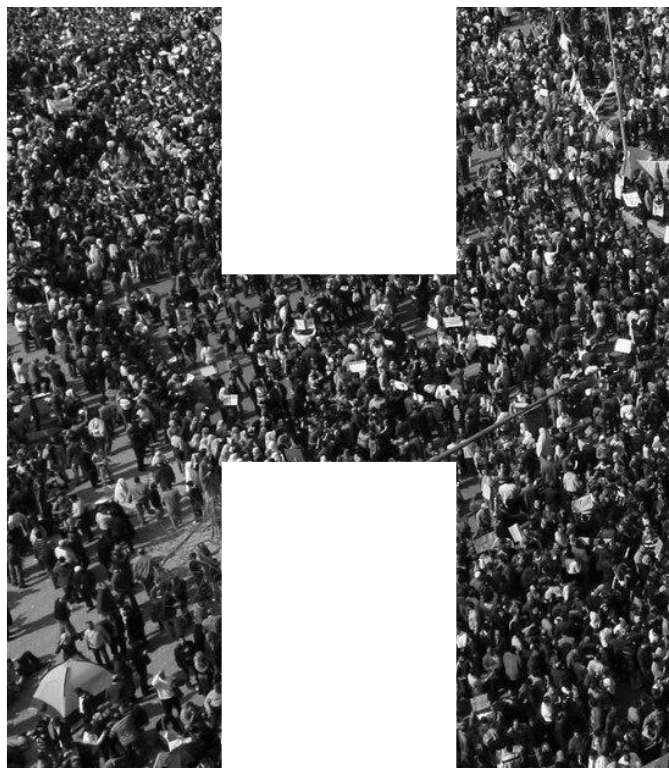
heiros culturais do século XX (inclusive a *Up Against the Wall Motherfuckers*, que se auto-descrevia como "uma gangue de rua com uma análise").

Quando falando para uma audiência educada de acadêmicos, décadas mais tarde, perguntaram para o Lama Dada Richard Huelsenbeck se o dadaísmo surgiu como uma reação à Primeira Guerra Mundial. Ele respondeu:



"Nós éramos a favor da guerra, e hoje ainda somos a favor da guerra. A vida deve doer, não há tragédias o suficiente."

...muitas farsas, poucas tragédias



***é de História,
Higiene e
Hipocrisia***

A Mão Morta do Passado

HISTÓRIA



Você se lembra de como o tempo passava de forma diferente quando você tinha doze anos de idade? Um verão era uma vida, e cada dia passava como um mês passa agora. Pois tudo era novo: cada dia guardava experiências e emoções que você nunca havia encontrado antes, e quando o verão terminava você tinha se tornado uma pessoa diferente. Talvez você sentisse uma liberdade selvagem que desde então te abandonou: você tinha a impressão de que tudo poderia acontecer, como se a sua vida pudesse se tornar qualquer coisa. Agora, mais além naquela vida, ela já não parece tão imprevisível. As coisas que antes eram novas e transformadoras há muito perderam o seu frescor e perigo, e o futuro à sua frente parece já estar determinado pelo seu passado.

Logo, é assim que somos controlados pela história: o passado jaz sobre nós como uma mão morta, nos guiando e controlando direto de sua tumba. Ao mesmo tempo em que ela dá ao indivíduo uma concepção de si mesmo, uma "identidade", ela joga um peso sobre as suas costas contra o qual ele deverá lutar para se livrar se quiser continuar um indivíduo leve e livre o suficiente para continuar se reinventando. É a mesma coisa para o artista: até as inovações mais desafiadoras eventualmente se tornam muletas e clichés. Uma vez que um artista criou uma boa solução para um problema, é difícil se livrar dele para conceber outras possíveis soluções. É por isso que a maioria dos grandes artistas só podem oferecer umas poucas idéias revolucionárias: eles ficam presos pelos sistemas que eles próprios criaram, e esses sistemas também prendem todo mundo que vem depois. É difícil fazer algo completamente novo quando nos encontramos contra mil anos de tradição e história da pintura. E é a mesma coisa para o amante, para a matemática e para a aventura: para todas as pessoas, o passado é um adversário à ação no presente, uma força de inércia sempre crescente que deve ser superada.

Também é a mesma coisa para o radical. A sabedoria convencional diz que um conhecimento do passado é indispensável na busca da liberdade e das mudanças sociais. Mas o conhecimento de filosofias e lutas passadas não deixa os pensadores e ativistas radicais de hoje mais perto de mudar o mundo; pelo contrário, eles freqüentemente parecem fixados em métodos e argumentos antigos, incapazes de aprender o que é necessário no presente para fazer as coisas acontecerem. O seu lugar na tradição de lutas os aprisionou em uma batalha que está sendo perdida, defendendo posições que há muito tempo se tornaram inúteis e ultrapassadas; as suas constantes referências ao passado não apenas os tornam incompreensíveis às outras pessoas, mas também os impedem de se referir ao que está acontecendo à sua volta.

Vamos refletir sobre o que é que faz a história ser tão paralisadora. No caso da história mundial, é a natureza exclusiva e anti-subjetiva da coisa: a História (com "H" maiúsculo) é supostamente vista pelo olho objetivo da ciência, como se "de cima"; ela exige que o indivíduo valorize suas experiências e impressões menos do que a Verdade oficial sobre o passado. Mas não é a história oficial que nos paraliza, é a própria idéia do passado.

Tente pensar no mundo incluindo todo o tempo passado e futuro como espaço presente. Uma pessoa pode pelo menos esperar ter algum controle so-

A TECNOLOGIA

PARA SUBJUGAR AS FORÇAS
MAIS PODEROSAS
DO MUNDO...

PARTE I: A PUXADA DO TRATOR

NA COMPETIÇÃO DE PUXAR COM TRATOR, O INEVITÁVEL É
CONHECIDO COMO TRENÔ. O TRENÔ IRÁ SOBREPUJAR OS
MAIS PODEROSOS TRATORES.

TODO TRENÔ PUXADO
POR TRATOR CONTÉM
3 PEÇAS CHAVE:

AS RODAS

A PLACA DESLIZANTE

A CAIXA PESO



QUANDO COMEÇA A PUXAR, A CAIXA-
PESO ESTÁ POSICIONADA SOBRE
AS RODAS, ONDE A FRICÇÃO É MÍNIMA.

MAS QUANDO
O TRATOR
PUXA O
TRENÔ...



UM MECANISMO NO TRENÔ
EMPURRA A CAIXA EM
DIREÇÃO À PLACA DESLI-
ZANTE.

ISSO AUMENTA GRADUALMENTE
A FRICÇÃO NA PLACA DESLI-
ZANTE ATÉ QUE O TRATOR
NÃO AGENTE.



SUPER-
TRATOR
DE ESCOOP
SE VENDO.



TRATORES DO MUNDO, LARGUEM OS SEUS TRENÔS!





bre aquela parte do mundo que está no futuro; mas somente o passado age sobre ela, ela nunca pode agir de volta sobre ele. Se ela pensa que o mundo mundo (quer esse "mundo" consista de sua vida ou da história do mundo) consiste predominantemente de futuro, proporcionalmente falando, ela se verá como livre o suficiente para escolher seu próprio destino e exercer sua vontade sobre o mundo. Mas se a sua visão do mundo coloca a maior parte do mundo no passado, isso a coloca em uma situação de impotência: não apenas ela é incapaz de criar e agir na maior parte do mundo no qual ela existe, mas o futuro que resta já está em grande parte pré-determinado pelos efeitos de eventos passados.

Quem, então, quer ser um ponto insignificante perto do final dos oito mil anos de história da civilização humana? Conceber o mundo de tal forma só pode resultar em sentimentos de futilidade e pré-determinação. Devemos pensar o mundo de uma forma diferente para escapar desta armadilha — devemos colocar nosso "eu" e nossa presente existência onde é seu lugar de direito, no centro do universo, e nos livrarmos do peso morto do passado. O tempo pode se estender infinitamente tanto para trás como à nossa frente, mas não é assim que *nós* sentimos o mundo, e também não é assim que devemos visualizá-lo, se quisermos encontrar algum significado nele. Se ousarmos nos atirar no desconhecido e no imprevisível, a continuamente buscar situações que nos forcem a *estar* no presente momento, podemos nos livrar dos sentimentos de inevitabilidade e inércia que limitam nossas vidas — e, nesses instantes, *sair* da história.

O que significa sair da história? Significa, simplesmente, entrar no presente, entrar em você mesmo. O tempo é comprimido no momento, o espaço está

O Poder do Mito em Ação: Um Exemplo

Para entender como os mitos funcionam, vamos dar uma olhada na subcultura do punk rock. A história do punk não precisa ser "lembrada" (ou seja, escrita para todos por especialistas), pois está *presente* toda vez que uma banda punk toca e, baseando-se em uma tradição mais antiga do que qualquer um de nós é capaz de lembrar, recaptura aquela agitação atemporal que faz o punk rock importar, em primeiro lugar. Os fatos e detalhes do passado são absolutamente irrelevantes, e não seriam capazes de capacitar qualquer banda a fazer isso; a banda deve simplesmente reconhecer o elemento crucial e atemporal que fez a música de seus predecessores importar, e aprender com eles que isso não pode ser capturado da mesma forma mais de uma vez. Todos esses livros de história do punk são apenas um fardo para você, e tornam-se irrelevantes quando uma banda está na sua frente colocando isso em *prática*. Essa paixão que você ainda pode ver com a total espontaneidade das melhores bandas punks é uma força histórica se isso existe — não é algo que possa ser explicado em termos de história e tradição: elas estão acima de tudo se valendo de uma *tradição de quebrar tradições*, de quebrar tabus para abrir horizontes. Logo, quando funciona, o mito da banda punk que destrói e liberta através da música não é um arquétipo platônico restritivo, não é uma "identidade" que confina, mas um modelo que *potencializa* a ação.

concentrado em um ponto, e a *densidade* sem precedentes da vida é empolgante. A ruptura que ocorre quando você se livra de tudo que veio antes não é só uma quebra com o passado, você está se desligando do contínuo do passado-futuro que você tinha construído e se lançando num vácuo onde *tudo* pode acontecer e você é forçado a se refazer de acordo com um novo projeto. É uma sensação tão assustadora quanto libertadora, e nada falso ou supérfluo pode sobreviver a ela. Sem limpezas como esta, a vida fica tão sufocada com coisas mortas e secas que fica quase "invivível", como ela o é para nós hoje.

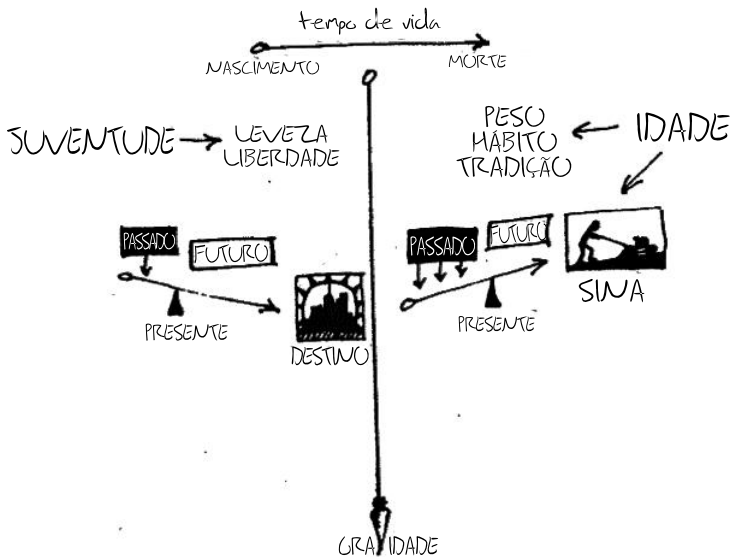
Nada disso significa que devemos aceitar as mentiras deliberadas daqueles que querem *reescrever* a história, com a intenção de nos afundar ainda mais em ignorância e passividade. Mas a solução não é combater as suas supostas "verdades objetivas" com mais alegações de Verdade Histórica, pois não precisamos de *mais* passado, para pesar sobre nós, mas mais atenção ao presente. Não devemos permitir que eles façam nossas vidas e pensamentos girar somente ao redor do que já foi; em vez disso devemos perceber que cabe a nós descobrir o que é verdade sobre o presente e o que é possível daqui.

Mito = História Sem Tempo.

Então, o que devemos aceitar no lugar da História? Mito. Não as superstições obscurantistas e mentiras sagradas da religião e do capitalismo, mas os mitos democráticos dos contadores de histórias. O mito não faz nenhuma alegação de falsa imparcialidade ou Verdade objetiva, ele não se propõe a oferecer uma explicação exaustiva do cosmos. Mitos pertencem a todo mundo, pois é feito e refeito por todos, então ele não pode ser nunca usado por nenhum grupo para se impor sobre outro. E ele não paraliza: em vez de prender as pessoas na corrente da causa e efeito, o mito as torna conscientes da enorme gama de possibilidades que suas próprias vidas têm a oferecer; ao invés de fazê-las se sentir desesperadamente pequenas em um universo vasto e insensível, ele centraliza o mundo de novo em suas próprias experiências e ambições. Quando nós contamos estórias de heróis e heroínas em volta de uma fogueira, de outras lutas e aventuras e sociedades, estamos oferecendo uns aos outros exemplos do quanta vida é possível.

Podem ter aqueles que ameaçam que o mundo todo vai sair dos trilhos se pararmos de nos preocupar com o passado e pensarmos somente no presente. Deixem-no sair dos trilhos então! Que bem nos fez a história até agora, se repetindo e repetindo? Vamos sair fora disso de uma vez por todas, antes que entremos nas trilhas circulares que nossos antepassados marcaram no chão.

Vamos cair fora da História e construir os momentos de nossas vidas diárias, do mundo em que vivemos e nos importamos — somente então poderemos transformá-lo em um lugar com significado para nós. O presente pertence a quem que pode aproveitá-lo, que pode reconhecer tudo que ele é e pode ser!



Como Fugir da Cadeia de Eventos (viagem no tempo e outras banalidades)

O mundo da vida real, das necessidades básicas do momento, nos aguarda sob a história, seus mistérios passados de geração em geração na moeda de experiências tão intensas que parecem transcender o próprio tempo. Essas experiências podem ser suprimidas, desencorajadas e negadas pelo relógio que nos oprime de todos os lados, mas enquanto tivermos corações em nossos

*Você já reparou —
quanto mais relógios temos,
menos tempo nos sobra?*





Sim, eu tive meus momentos — mas eu gostaria que a minha vida não tivesse sido nada além de momentos, um após o outro . . .

peitos, sempre as encontraremos. A história é assombrada pelo seu próprio karma; o momento de revolução, de verdadeira poesia, traz todas suas dívidas não acertadas à tona, para serem pagas de uma vez para que a vida possa realmente começar. O que precisamos neste momento é de instantes tão intensos, tão irresistíveis, de forma que todo o sistema de controle do tempo regulado derreta sob a sua radiação ardente. Nós aventureiros devemos caçar esses instantes por este mundo como caçadores perseguem a mais valiosa das presas.

Nós queremos *viver*, estar *aqui, agora*. Um desejo que vai além do presente, do passado, do futuro, atemporal, um instante que flutua no infinito como uma única nota musical, como nossas estórias e cicatrizes que persistem desprezando nossas mudanças de idéia. *Hoje eu sinto e existo, para sempre*. Contra os relógios. Amém.

P.S. - Se Não Agora, Quando?

O homem deve viver todo dia, ou ele não viverá nada. Sua felicidade e liberdade devem ser partes do seu dia-a-dia.

Qualquer solução, qualquer revolução, que nós propusermos, deve ser orientada para o presente e não para o futuro para ser realmente revolucionária.

O Cristianismo exige que seus seguidores adiem a gratificação até que adentrem o próximo mundo, quando eles supostamente serão recompensados pelo seu bom comportamento; ao fazer isso pressupõe-se que o bom comportamento não é em si mesmo gratificante o suficiente para valer a pena se não for recompensado. Este tipo de pensamento reflete um terrível desentendimento da natureza da felicidade humana; pois a felicidade é encontrada na atividade, em atividades que são emocionantes e satisfatórias em si mesmas, e não na espera de recompensas por atividades insatisfatórias. Logo, não é de se surpreender que muitos cristãos devotos são indivíduos amargos, maliciosos, que invejosamente ressentem atividades saudáveis e a emoção dos outros — pois acreditam que só encontrarão a verdadeira felicidade em sua "recompensa divina" por um comportamento que não os empolga nem um pouco, e logo têm que assistir a outras fazerem livremente o que eles apenas sonham em fazer em suas fantasias mais "pecaminosas". E por outro lado, muitos cristãos que são felizes são felizes apesar de sua cristandade, porque são capazes de tirar felicidade de suas vidas e feitos neste mundo.

O marxismo tradicional leva o erro cristão um passo além quando exige que seus seguidores trabalhem por uma revolução que eles provavelmente não estarão vivos para ver, ou seja, na "fé" marxista a gratificação fica adiada além do alcance da experiência humana. Não é de se surpreender que hoje em dia, além de algum romantismo anarquista sobre a "nobreza" do auto-sacrifício, a oferta marxista não funciona muito como incentivo para as pessoas lutarem seriamente pela "revolução comunista". Em contraste, o mercado consumidor capitalista de hoje pelo menos promete recompensas imediatas na forma de bens materiais (e mitos e imagens associados com eles) em troca do trabalho geralmente nada satisfatório que é exigido.

Nossa revolução deve ser uma revolução imediata em nosso cotidiano; qualquer outra coisa não é uma revolução, mas uma exigência de que mais uma vez as pessoas façam o que não querem e esperem que desta vez, de alguma forma, a compensação será suficiente. Aquelas que aceitam, muitas vezes sem ter consciência disto, que é impossível realizar os seus desejos — e, portanto, que é inútil lutar por si mesma — geralmente terminam lutando por um ideal ou por uma causa. Mas ainda é possível lutarmos por nós mesmos (ou pelo menos deve valer a pena tentar!); então é crucial que busquemos mudanças não em nome de alguma doutrina ou grande causa, mas em nosso próprio nome, para que possamos viver vidas mais significativas. De forma semelhante, devemos antes e acima de tudo alterar os conteúdos de nossas vidas de uma maneira revolucionária, ao invés de lutarmos por mudanças históricas mundiais que não poderemos presenciar. Desta forma evitaremos os sentimentos de inutilidade e alienação que surgem quando acreditamos que é necessário "nos sacrificarmos pela causa", e, em vez disso, viver para vivenciar os frutos do nosso trabalho... em nossos próprios trabalhos.

ESTADO ANARQUISTA DE VIDA CURTA EM FIUME

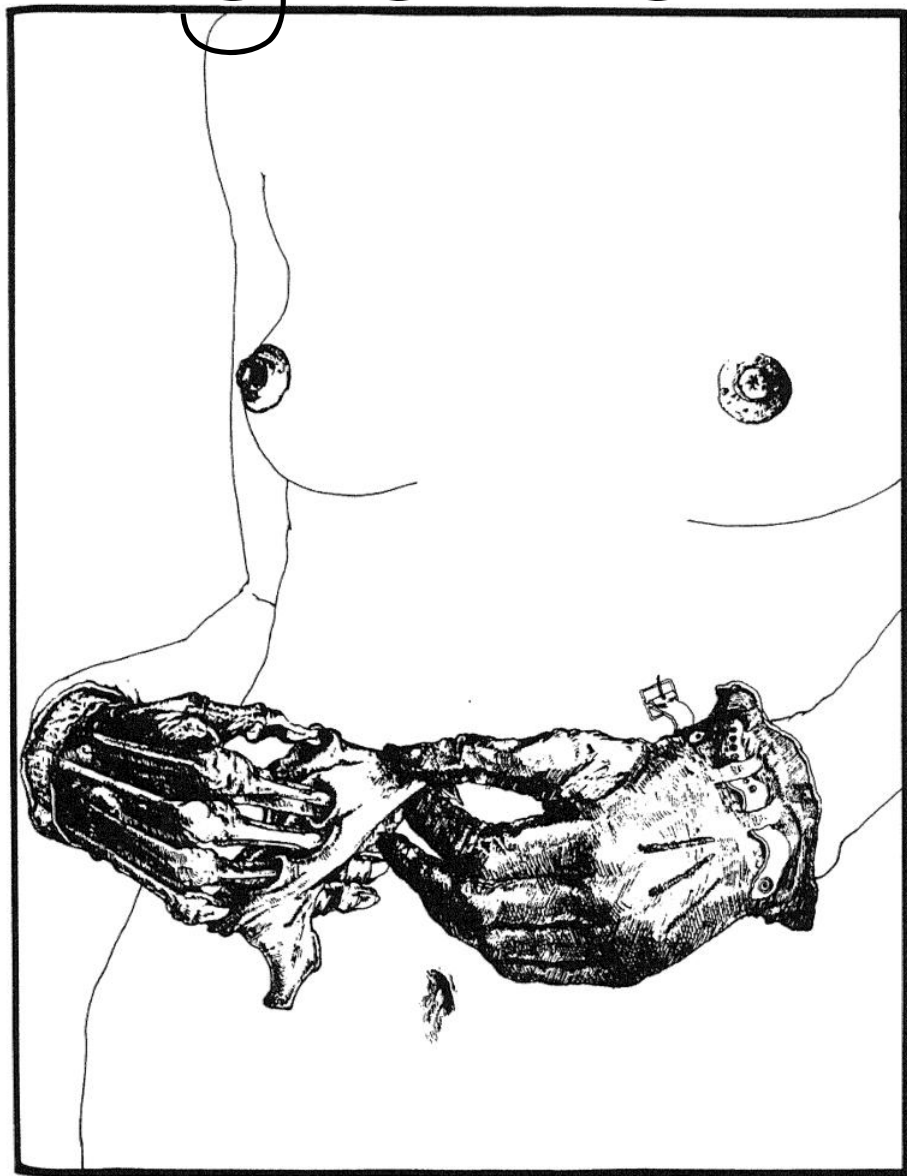
Gabriel D'Annunzio, poeta Decadente, artista, músico, esteta, mulherengo, pioneiro aeronauta malabarista, mago negro, gênio e imoral, emergiu da Primeira Guerra Mundial como um herói com um pequeno exército ao seu dispor e comando: os "Arditi". Sentindo falta de aventura, ele decidiu capturar a cidade iugoslava de Fiume e dá-la à Itália. Depois de uma cerimônia necromântica com sua amante em um cemitério em Veneza, ele partiu para conquistar Fiume, e conseguiu com poucos problemas a se mencionar. Mas a Itália recusou sua oferta generosa; o Primeiro-Ministro lhe chamou de tolo.

Num acesso de raiva, D'Annunzio decidiu declarar independência e ver como ele conseguia se safar desta. Ele e um de seus amigos anarquistas escreveram a constituição, que declarava a música como princípio central do Estado. A Marinha (composta de desertores e sindicalistas marítimos de Milão) se nomeou Uscochi, em homenagem aos piratas há muito desaparecidos que viviam em

ilhas extraterritoriais e atacavam barcos Venezianos e Otomanos. Os Uscochi modernos obtiveram sucesso em alguns golpes radicais — vários ricos navios mercantes italianos deram à República um futuro: dinheiro nos cofres! Artistas, boêmios, aventureiros, anarquistas (D'Annunzio se correspondia com Malatesta), fugitivos e refugiados expatriados, homossexuais, dândis militares (o uniforme era negro com a caveira e ossos cruzados dos piratas — mais tarde roubado pela S.S.), reformistas excêntricos de todas as correntes (incluindo Budistas, Teosofistas e Vedantistas) começaram a aparecer em Fiume em ondas. A festa nunca terminava. Todas manhãs D'Annunzio lia poesia e manifestos de sua sacada; toda manhã um concerto, depois fogos de artifício. Isso constituíam todas as atividades do governo. Dezoito meses mais tarde, quando já tinha acabado o vinho e o dinheiro e a marinha italiana finalmente apareceu e disparou alguns tiros contra o Palácio Municipal, ninguém tinha energia para resistir.



higiene



"A última característica notável de "Che" é a sua sujeira. Ele odeia se lavar e nunca o faz. Ele é imundo, mesmo pelo padrão de limpeza mais baixo comum entre as forças de Castro na Sierra Maestra. De vez em quando, "Che" leva alguns de seus homens a um riacho ou açude, para que possam se lavar. Nessas ocasiões, "Che" nunca se lava ou a suas roupas, mas senta na margem e assiste os outros. Ele é realmente excepcionalmente e espetacularmente sujo."

— descrição ofensiva de Ernesto "Che" Guevara
do dossiê de 1958 da C.I.A.

limpeza... e lavagem cerebral

Até nos círculos alternativos mais radicais, eu me surpreendo de quantas vezes escuto alguém reclamar de pessoas que chamam de "hippies" ou "punks sujos". "Esses punks sujos vieram aqui e deixaram o lugar todo fedendo", costumam dizer. Que crime tão grave essas pessoas cometeram para serem tão vilificadas? Elas têm um orientação distinta da nossa na questão da "limpeza".

A propósito, de onde vêm nossas idéias e valores da chamada "limpeza"? A civilização ocidental tem um longo histórico de associar limpeza à bondade e ao mérito, melhor resumida pela velha expressão "a limpeza está próxima da Divindade". Em peças de teatro da Grécia antiga, pessoas más e espíritos — as Fúrias, por exemplo — eram freqüentemente descritas como sujas. As Fúrias eram sujas, velhas e fêmeas, exatamente o oposto de como o escritor que as descreveu se via; a sua sujeira, entre outras coisas, as identificava como excluídas — como estranhas, animais, desumanas. Com o tempo, a limpeza se tornou uma medida com a qual os mais ricos se separavam dos pobres. As pessoas que possuíam riquezas e poder necessários para se permitir ficar dentro de casa, inativas, faziam graça dos camponeses e viajantes cujos estilos de vida envolviam sujar suas mãos e seus corpos. Através da nossa história, podemos ver que a limpeza foi usada como um padrão de valor por quem possuía poder para atribuir status social — e logo, os "próximos a Deus", aqueles que se auto-proclamavam sagrados que ficavam sobre o resto de nós na sociedade hierárquica, alegaram que a sua limpeza, comprada com o esforço das pessoas forçadas a trabalhar para eles, era uma medida de sua "Divindade" e superio-

ridade. Até hoje, aceitamos esta crença tradicional: que ser "limpo" de acordo com as normas sociais é desejável por si só.

Deveria estar claro, pela história de nossas idéias sobre "limpeza", que qualquer crítico aos valores convencionais, qualquer radical ou roqueiro punk, deve suspeitar muito do grande valor atribuído a ficar "limpo" de acordo com os padrões tradicionais. Além disso, o que exatamente significa "limpo"?

Hoje em dia, a limpeza é mais definida principalmente por corporações vendendo "produtos sanitários". É importante ter isto em mente. Certamente, a maioria desses produtos tem uma capacidade fantástica de atravessar o pó e a sujeira naturais — mas remover a poeira e sujeira naturais com químicos sintéticos constitui necessariamente na única forma aceitável de sanitização? Eu fico pelo menos tão assustado por estes produtos artificiais, fabricados, como fico de um pouco de poeira, lama, suor, ou (deus nos livre!) uma mancha de comida ou sangue na minha camiseta. Pelo menos eu sei de onde a "sujeira" veio e do que ela é feita!

A idéia de que vale a pena usar químicos (quer sejam desodorantes, detergentes ou xampus) para erradicar sujeira orgânica também possui algumas implicações assustadoras. Primeiro, ela apóia a velha superstição cristã de que o corpo biológico é vergonhoso e deve ser escondido — que nossos corpos e nossa existência como animais no mundo físico são intrinsecamente revoltantes e pecaminosas. Esses valores têm sido usados para nos manter inseguros e envergonhados, e, conseqüentemente, à mercê dos padres e outras autoridades que nos dizem como ficar "puros": antigamente, nos submetendo à sua divina negação do ser, e agora, gastando boa parte do nosso dinheiro em vários produtos de "higiene" que querem nos vender. E também, enquanto o capitalismo transforma o mundo inteiro do orgânico (florestas, pântanos, desertos, rios) para o inorgânico (cidades de aço e concreto, bairros de asfalto e gramados aparados, terras que foram limpas de todos seus recursos naturais, lixões), a idéia de que há algo que é mais valioso nos químicos sintéticos do que na sujeira natural implica que essa transformação possa ser uma boa coisa... e portanto justificaria implicitamente a destruição do nosso planeta motivada pelo lucro.

Na verdade, essas corporações estão muito menos preocupadas com a nossa saúde e limpeza do que estão em nos vender seus produtos. Elas se utilizam do alto valor que damos à higiene para nos vender todo tipo de produto... e quem sabe quais são os efeitos reais, de longo prazo desses produtos à nossa saúde? Elas certamente não se importam. Se nós algum dia ficarmos doentes por usar seus detergentes especiais e xampus de alta tecnologia, elas podem nos vender outro produto — remédios — e manter as rodas da economia capitalista girando. E a vergonha de nossos corpos (por serem produtores de suor e outros fluídos naturais que consideramos "sujos") que elas capitalizam e encorajam, também as ajuda a vender outros produtos que dependem da nossa insegurança: produtos para dietas, produtos para exercícios físicos, roupas da moda, etc. Quando nós aceitamos a sua definição de "limpeza" esta-



mos aceitando a sua dominação econômica sobre nossas vidas.

Mesmo que concordem sobre a natureza questionável dos produtos de higiene de hoje, a maioria das pessoas ainda argumentaria que a higiene ainda é mais saudável que a sujeira. Até algum ponto isto é verdade — provavelmente é uma boa idéia lavar o seu pé se você pisar em cocô. Mas além de casos óbvios como esse, existem milhares de padrões diferentes do que é limpo e o que é sujo ao redor do mundo; se você observar diferentes sociedades e civilizações, você vai se deparar com práticas de saúde que parecem suicidas pelos nossos padrões sanitários. E ainda assim, essas pessoas sobrevivem tão bem quanto nós. Povos na África alguns séculos atrás viviam confortavelmente num ambiente natural que destruiu muitos dos exploradores ocidentais mais asseados e polidos que vieram ao seu continente. Seres humanos podem se adaptar a uma grande variedade de ambientes e situações, e parece que a questão sobre quais tipos de sanitização são saudáveis é, pelo menos, tanto uma questão de convenção como de regras gravadas biologicamente. Tente violar alguma das regras do "bom senso" da higiene Ocidental alguma vez: você descobrirá que tirar comida do lixo e passar algumas semanas sem tomar banho não é tão perigoso ou difícil quanto te ensinaram.

Talvez a questão mais importante quando tratamos do valor pouco comum que damos à "limpeza" tradicional é o que perdemos ao fazer isso. Antigamente, antes de disfarçarmos nossos odores naturais com químicos, cada um

Oito Motivos Pelos Quais os Capitalistas Querem Te Vender Desodorante.

1. Os cheiros do corpo são eróticos e sensuais. Capitalistas não gostam disso porque são impotentes e se opõem a todas manifestações de sensualidade e sexualidade. Pessoas sexualmente conscientes são potencialmente perigosas a capitalistas e seus sistemas rígidos e assexuais.

2. Os cheiros do corpo nos lembram que somos animais. Capitalistas não querem que nos lembremos disto. Animais são sujos e comem coisas do chão, não de embalagens plásticas. Animais são abertamente sexuais, não usam ternos ou gravatas, e não cuidam do seu cabelo. E o pior, não chegam no horário para o trabalho.

3. Os cheiros do corpo são únicos. Todo mundo tem seu próprio odor corpóreo. Capitalistas não gostam de individualidade. Existem milhões de cheiros de corpo mas só alguns aromas de desodorante. Os capitalistas gostam disto.

4. Alguns desodorantes são nocivos à saúde. Capitalistas gostam disso pois estão sempre procurando novas doenças para curar. Capitalistas adoram inventar novos remédios. Remédios são lucrativos e lhes concedem prêmios; eles também causam novas doenças para que capitalistas possam inventar ainda mais remédios.

5. Desodorantes custam dinheiro. Capitalistas ficam especialmente felizes com isso.

6. Desodorantes disfarçam os danos que os produtos capitalistas causam ao seu corpo. Comer carne e outros alimentos entupidos de químicos vendidos pelos capitalistas fazem você cheirar mal. Usar calcinha faz você cheirar mal. Capitalistas não querem que você pare de usar calcinha e de comer carne.

7. Quem usa desodorante é inseguro. Capitalistas gostam de pessoas inseguras. Pessoas inseguras não criam problemas. Pessoas inseguras também compram desodorizadores de ar, condicionadores de cabelo, maquiagem e revistas com artigos sobre dietas.

8. Desodorantes são desnecessários. Capitalistas se orgulham e ganham prêmios de marketing por causa disso.

tinha seu cheiro único. Esses cheiros nos atraíam uns aos outros e nos ligava emocionalmente através da memória e associação. Agora, se você tem associações positivas com o cheiro do homem que você ama, provavelmente é o seu perfume (idêntico ao perfume de milhares de outros homens) que você gosta, não seu cheiro pessoal. E os feromônios naturais com os quais antes nos comunicávamos uns com os outros, e que jogavam uma parte importante na nossa sexualidade, foram agora completamente abafados por produtos químicos padronizados. Nós não sabemos mais o que é ser um ser humano puro, natural, cheirar como um ser humano de verdade. Quem sabe o quanto perdemos por causa disto? Aqueles que me acham nojento por gostar do cheiro e do gosto da minha amante quando ela não toma banho ou passa produtos sintéticos no seu corpo, quando ela cheira como um ser humano de verdade, são provavelmente os mesmos que tremem ao pensar em arrancar um vegetal do solo e comê-lo ao invés do lanche feito por mãos humanas e enrolado em plástico que todos crescemos comendo. Nós ficamos tão acostumados com a nossa existência domesticada, projetada que nem sabemos o que estamos perdendo.

Então tente ter a mente mais aberta quando se tratar dos "sujinhos". Talvez eles apenas cheirem mal porque você nunca teve a chance de descobrir como cheiram os seres humanos de verdade; talvez tenha algo de valor em "não se lavar" que você ainda não percebeu. A moral desta história é a moral de toda história anarquista: aceite somente as regras e valores que fazem sentido para você. Descubra o que é certo para você e não deixe ninguém te dizer que não — mas também, se esforce para entender o que motiva as outras pessoas, e avaliar as suas ações pelos seus próprios padrões, e não de acordo com alguma norma padronizada.

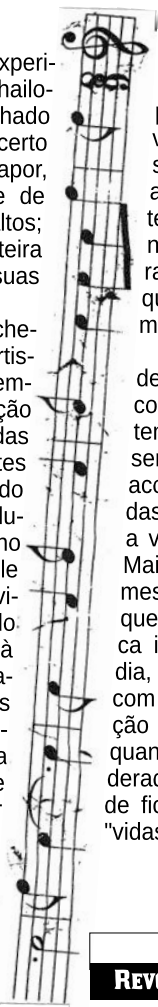
O CONCERTO EM BAKU

Nesse dia o compositor experimental russo, Arseny Mikhailovich Avraamov subiu no telhado de um alto prédio e dirigiu um concerto de sirenes de fábrica, apitos a vapor, artilharia e tudo mais na cidade de Baku capaz de fazer barulhos altos; para o clímax da peça, um frota inteira do Mar Cáspio se juntou com suas buzinas.

Apesar de logo o governo Bolchevique ter limitado a atuação de artistas de todo o tipo, por um curto tempo o irrompimento da revolução russa tornou novas aplicações das artes, como esta, possíveis⁴. Antes da revolução, Avraamov tinha vivido na obscuridade e pobreza absolutas, incapaz mesmo de ter um piano para testar suas composições; ele andava pelas ruas de Baku, revirando lixo atrás de comida, olhando com inveja para os homens ricos à sua volta e os "artistas" de estimação que os seguiam como poodles adestrados. Era um sonho impossível para ele pensar que um dia ele não apenas seria abrigado e alimentado em troca de oferecer sua criatividade à sociedade (ao invés de seu trabalho alienado), mas também ser dado a oportunidade de utilizar todos seus recursos para fazê-lo. Mas o governo revolucionário que assumiu o poder em Baku levou os comunistas ao pé da letra quando disseram que todos deveriam receber poderes iguais para contribuir à sociedade de sua pró-

pria forma, que os meios de produção deveriam pertencer às pessoas como um todo e tornar a vida mais prazerosa para todos; sabendo que Avraamov era um artista em dificuldades com pretensões de vanguarda, o comissionou para compor uma sinfonia para celebrar a libertação da cidade, que poderia ser tocada no próprio maquinário da cidade.

Dando voltas no novo sistema de transporte público, se reunindo com líderes operários sobre o tom e tempo dos apitos, o jovem artista sentiu um gostinho do que poderia acontecer se as artes fossem levadas a sério como forma de melhorar a vida, ao invés de apenas imitá-la. Mais tarde, Avraamov sofreria as mesmas restrições no seu trabalho que a instituição centralizada Soviética impôs a todo mundo; mas neste dia, todos em Baku foram tratados com participação em uma demonstração comovente do que é possível quando arte e cooperação são consideradas parte da vida social, ao invés de ficarem de quarentena em nossas "vidas privadas" e tempo de "lazer".



década de 1930

REVOLUÇÃO ANARQUISTA NA ESPANHA

Você pode ler sobre ela facilmente em outros lugares. É um bom exemplo para ser citado, quando as pessoas te dizem que uma sociedade democrática/igualitária é um sonho impossível, e que mesmo se tal sociedade existisse ela seria incapaz de se defender de agressões externas.

⁴ Outro exemplo celebrado deste breve período de liberdade e inovação foi a invenção, em 1919, do Theremin, primeiro instrumento musical eletrônico, pelo amigo de Lenin, Leon Theremin.

"Submeter-se a um sistema é submeter-se a uma mentira." — Jean Genet

Hipocrisia

...é a forma mais sincera de...

Atualmente é impossível evitar a hipocrisia na luta contra o status quo.

As estruturas políticas e econômicas são construídas de forma que é praticamente impossível evitar se envolver em suas maquinacões. Hoje, não importa o que um homem pensa sobre as oportunidades de trabalho disponíveis ou sobre o nosso sistema econômico, ele basicamente não tem escolha a não ser trabalhar se não quiser morrer de fome ou de uma doença pela qual não possa pagar o tratamento. Se ele não acredita em propriedade material, não tem escolha a não ser comprar toda a comida e roupas de que necessita, e comprar ou alugar um lugar para morar (isto é, se não está pronto para contrariar o sistema legal) — pois não restam mais terras que não tenham sido reclamadas por alguém, quase nenhuma comida ou outros recursos em um lugar que não sejam "propriedade" de alguém. Se uma mulher quer distribuir um material criticando o sistema capitalista de produção e consumo, ela não tem outra forma de produzir e distribuir esse material que não seja pagando para produzi-lo e vendendo-o a consumidores — ou pelo menos vendendo espaço publicitário, que encoraja as pessoas a serem consumidoras — para financiar sua produção. Se uma mulher não quer financiar a tortura brutal e o massacre de animais em nome do capitalismo, ela pode parar de comer carne e laticínios, parar de comprar produtos de beleza testados em animais e parar de usar couro e peles; mas ainda há produtos de origem animal nos pneus de sua bicicleta e nos filmes que ela assiste, nos discos de vinil que ela ouve e em incontáveis outros produtos que ela dificilmente viverá sem na sociedade moderna. Além disso, as empresas das quais ela compra seus vegetais estão provavelmente ligadas com as companhias que produzem carne e laticínios, então o seu dinheiro vai para os mesmos fins; e esses próprios vegetais, provavelmente foram colhidos por trabalhadores migrantes ou outras pessoas oprimidas. Para a pessoa comum, que não está pronta para desligar sua vida com-



pletamente e correr risco de morte e total ostracismo, manter suas mãos limpas do pesadelo à sua volta é um sonho impossível.

Mesmo se você rejeitar e se desconectar radicalmente de cada uma dessas instituições, e sobreviver só de roubo e transgressão, você ainda está participando do *status quo*. "O Sistema" é uma entidade vasta e orgânica que permeia tudo dentro de suas fronteiras, mesmo os reclusos que fogem dele e terroristas que morrem o combatendo. Lutar é *sempre* lutar de dentro do Sistema, pois ele nos cria e nos molda, mesmo quando nos volta contra ele mesmo. Alegar estar fora dele mesmo por um instante, vivendo como vivemos, num mundo que é composto quase inteiramente de construções humanas (quer sejam físicas, sociais ou filosóficas), é pior que loucura — é fanatismo de uma tendência decididamente Cristã fora de seu lugar.

Os valores Ocidentais modernos estão entranhados tão profundamente em

nossas mentes que é praticamente impossível evitar que nossas ações sejam influenciadas pelos próprios pressupostos e atitudes que estamos tentando combater. Depois de uma vida sendo ensinados a colocar valor financeiro nas horas da nossa vida, é difícil parar de sentir que devemos receber recompensas materiais por uma atividade para que ela valha a pena. Depois de uma vida sendo ensinados a respeitar hierarquias de autoridades, é muito difícil, de uma hora para outra, passarmos a interagir como iguais com todos os seres humanos — ainda mais fazer sexo com eles sem erotizar dominação e submissão! Depois de uma vida sendo ensinados a associar felicidade com a passividade de sermos espectadores, é difícil apreciar construir móveis mais do que assistir televisão. E, é claro, existem outras dezenas de milhares de modos mais sutis nos quais estes valores e suposições se manifestam em nossos pensamentos e ações.

Isso não significa que resistir é inútil — pelo contrário, se hoje nossas escolhas são limitadas a ponto de não podermos agir sem replicar as condições das quais estamos tentando escapar, a resistência é ainda mais crucial. Isso significa *sim* que "inocência" é um mito, um conceito contra-revolucionário que devemos deixar para trás com o resto dos pensamentos pós-cristãos. A exigência cristã tradicional sobre os seres humanos é que eles sejam *inocentes*, que mantenham suas mãos limpas de qualquer "pecado". Ao mesmo tempo, é tão difícil para o Cristão evitar o "pecado" (assim como a atividade contra-revolucionária o é para nós hoje) que essa exigência leva a sentimentos de culpa, fracasso e, finalmente, desespero quando ele se dá conta que é impossível para ele ser inocente e puro. Em fato, ao proibir o "pecado", a doutrina cristã deixa ele ainda mais tentador e intrigante para o crente; pois quer a mente reconheça ou não, o coração humano não reconhece nenhuma autoridade e vai sempre atrás do que é proibido.

Não devemos cometer os mesmos erros que os cristãos. A exigência de que os radicais sejam livres de hipocrisia, livres de qualquer implicação com o sistema, tem os mesmos efeitos que a exigência cristã para que as pessoas sejam livres de pecado: ela cria frustração e desespero nas pessoas que buscam mudança, e ao mesmo tempo tornam a hipocrisia ainda mais tentadora. Ao invés de buscarmos ficar com nossas mãos limpas, devemos buscar fazer os efeitos negativos inevitáveis de nossas vidas *valerem a pena* oferecendo atividade positiva suficiente para mais do que equilibrar a balança. Essa visão do problema pode nos salvar de sermos imobilizados pelo medo da hipocrisia ou pela vergonha da nossa "culpa".

Além disso, exigências para evitarmos a hipocrisia negam a complexidade da alma humana. O coração humano não é simples; todo ser humano tem uma gama de desejos que o empurram em diferentes direções. Pedir que ele persiga somente alguns desses desejos e sempre ignore outros é exigir que fique constantemente frustrado... e curioso. Isso é típico do pensamento dogmático, ideológico que tem nos assolado por séculos: ele insiste que o indivíduo *deve* ser leal a um e somente um conjunto de regras, ao invés de fazer o que é apropriado para suas necessidades em cada situação.

"Nada
menos
que a
hipocrisia
é bom o
suficiente
para mim."
- Diane Di
Prima

Pode bem ser verdade que o nosso ser somente possa ser expresso em sua totalidade através da hipocrisia. Certamente uma pessoa precisa criar um conjunto geral de diretrizes sobre as decisões que ela tomará, mas fugir dessas referências ocasionalmente evita a estagnação e dá a oportunidade de considerar se essas diretrizes precisam ser reavaliadas. Uma pessoa que não tem medo de ser hipócrita de vez em quando corre menos risco de algum dia se vender permanentemente, pois ela pode provar o "fruto proibido" sem se sentir forçada a fazer uma escolha definitiva. Ela é imune à vergonha e eventual desespero que afligem aquelas que lutam pela "inocência" perfeita.

Então tenha orgulho de si mesma como você é: não tente fazer com que as inconsistências de sua alma combinem de maneira falsa ou forçada, ou isso apenas fará com que elas voltem para te assombrar. Ao invés de se agarrar inflexivelmente a um sistema definido, vamos ousar rejeitar a idéia de que devemos ser fiéis a qualquer doutrina em particular em nossos esforços para criar uma vida melhor para nós mesmos. *Não* vamos alegar ser inocentes, *não* vamos alegar ser puros ou corretos! Mas vamos proclamar orgulhosamente que somos hipócritas, que nada irá nos deter, nem mesmo a hipocrisia, em nossa luta para tomar o controle de nossas vidas. Nesta época na qual é impossível evitar ser parte do sistema que combatemos, somente a hipocrisia escancarada é verdadeiramente subversiva — pois só ela fala a verdade de nossos corações, e só ela pode mostrar como é difícil viver a vida moderna que nos foi preparada. E só isso já é motivo suficiente para lutarmos.

Texto de Jane E. Humble. Dedicado a todo radical que adora usar jaquetas de couro, andar de motocicleta e ser chamada de "puta" ou "vadia" durante o sexo.

PROVA A: O Próprio CrimethInc.

O CrimethInc. é um exemplo perfeito das dificuldades que uma organização subversiva encontra na busca por evitar a hipocrisia e das possibilidades libertadoras que a sua aceitação pode criar.

O nosso tablóide Harbinger existe para criticar fenômenos modernos como a publicidade, que é basicamente uma tentativa das empresas modernas de persuadir as pessoas a comprarem seus produtos quer isso seja ou não do seu melhor interesse. E mesmo assim o CrimethInc. *tem* que vender espaço publicitário nas páginas do Harbinger para poder financiar sua publicação, pelo menos quando o lucro do roubo não basta. Harbinger existe para denunciar aqueles que vendem ideologias que recebem certos tipos de pensar e agir, quer ou não esse tipo de pensamento e ação seja do melhor interesse dos seres humanos. E ainda assim, para poder competir com essas forças, o CrimethInc. também *deve* vender uma ideologia: a ideologia do "pense por si mesmo", mas ainda assim uma ideologia. Podemos alegar que *nostros* produtos, *nostras* ideologias, realmente *são* do melhor interesse dos seres humanos, mas não é exatamente isso que as corporações e partidos políticos fazem?

Neste caso e em muitos outros é impossível para nós do CrimethInc. irmos atrás dos objetivos que buscamos sem ao mesmo tempo trair esses objetivos. Quando lutamos contra o sistema, acabamos o reproduzindo. Vender idéias "revolucionárias" também é vender idéias, e enquanto houver *compra e venda* nada realmente revolucionário estará acontecendo. O fato de que idéias "revolucionárias" sejam usadas para perpetuar o status quo significa que toda resistência que exista será assimilada e neutralizada desde o início.

Por outro lado, atividade é melhor que inatividade, e talvez os esforços que fazemos ainda serão capazes de ter efeitos positivos; e

temos esperança que a nossa disposição em avisar que fomos comprometidos irá prevenir que esse comprometimento torne nossos esforços inúteis. *Pode ser* que seja possível incitar mudanças genuínas nas vidas dos seres humanos, apesar das implicações inerentes a todo tipo de atividade; vale a pena tentar.

É claro, talvez este tipo de idealismo só vai servir para nos fazer traír, com a melhor das intenções, os próprios ideais que buscamos promover. Talvez estejamos selando nosso próprio destino ao transformar quaisquer desejos genuínos por mudanças que as pessoas podem ter em atividades em última instância ineficientes como comprar "produtos revolucionários" e discutir as idéias dos outros. Talvez o espaço publicitário que vendemos no Harbinger só vai levar as pessoas a comprar os produtos anunciados (e logo, serem forçadas a ficar presos no sistema de escravidão salarial), ao invés de levantar fundos necessários de maneira inofensiva para publicar nossas exigências para o fim deste sistema. Ou talvez esta hipocrisia seja somente uma máscara que nos permite fazer a nossa revolução sem parecermos ser uma grande ameaça, fazendo com que pareçamos mais um grupo pseudorevolucionário inócuo; talvez apenas a nossa aparência esteja comprometida para que as forças que estão em risco no status quo não reconheçam a ameaça que somos — até que seja tarde demais! Ou talvez pode ser que o CrimethInc. seja na verdade orquestrado por essas próprias forças, para tirar de rumo aqueles que desejam mudanças e fazer com que gastem seus esforços inutilmente — mesmo assim pode ter efeitos imprevisíveis... Quem pode dizer com certeza?

O negócio é *agir*, agir com alegria, não aceitar que não podemos fazer mudanças. Pois se nós procuramos resistir os papéis e vidas que nos empurram, se lutamos com bravura um combate contra as forças que nos mantêm em desespero, se ousarmos agir por conta própria e agir apaixonada e livremente, isto em si já é revolução.

9 de abril de 1950

O INCIDENTE DE NOTRE DAME

Quatro homens jovens se infiltraram pela porta dos fundos na catedral de Notre-Dame, em Paris, durante a missa de Páscoa. Lá eles rapidamente despiram um monge dominicano de suas vestes, e um deles — Michel Mourre, que até então era um seminarista, estudando para ser um dominicano — se vestiu com elas, e então subiu no púlpito diante de uma multidão de dezenhas de milhares de pessoas de vários países. Ele se dirigiu a eles com este sermão:

Aqui, hoje, neste dia de Páscoa deste Ano Sagrado sob o emblema de Notre-Dame de Paris, eu acuso toda a Igreja Católica de desvio letal de toda nossa força vital para um céu vazio. Eu acuso a Igreja Católica de fraude. Eu acuso a Igreja Católica de infectar o mundo com sua moralidade funérea, de ser a ferida no corpo decomposto do Ocidente

Certamente eu digo a vocês: Deus está morto. Nós vomitamos a agonizante insipidez de suas orações, pois suas orações foram a fumaça engordurada sobre os campos de batalha de nossa Europa

Avancem então no trágico e glorificado deserto que é o mundo, onde Deus está morto, e trabalhe esta terra de novo com suas mãos nuas com suas mãos ORGULHOSAS, com suas mãos que não oram.

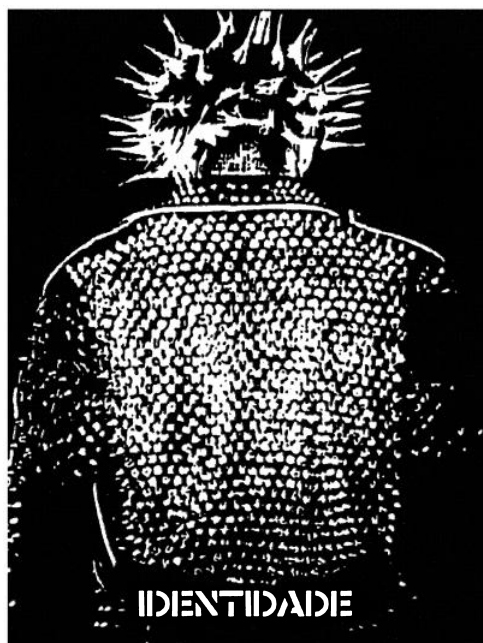
Hoje, neste dia de Páscoa deste Ano Sagrado, aqui sob o emblema de Notre-Dame de Paris, nós proclamamos a morte do deus-Cristo, para que o Homem possa finalmente viver.

Primeiro, a audiência escutou em estupor obediente, mas então se deu conta do que estavam ouvindo e se iniciou uma comoção. Os Guardas Suíços da catedral desembainharam suas espadas e correram para matar os intrusos — um teve sua face cortada. Sua vestimenta roubada se encharcou com o sangue de seu camarada, Michel alegremente abençoou a multidão que berrava enquanto ele e seus amigos escapavam para fora da catedral e para dentro do folclore da criminalidade para sempre.





***é de Identidade,
Ideologia e
Imagem***



"NÓS" CONTRA "ELES": O ETERNO MITO E PARADOXO

(adaptado dos diários
de Stella Nera)

1. Identidade e a Economia de Escassez do Ser

Depois que conhecemos Alec, Jackson comentou: "Quando eu conheço uma pessoa, eu não gosto se ela imediatamente começa a falar mal de outras pessoas. Eu não quero ouvir quais grupos ela é contra, mas sim o que ela própria está fazendo."

Bem, Jackson, eu acho que de sua própria forma limitada, Alec *estava* tentando te dizer o que ele está fazendo: o que ele está fazendo é simplesmente "sendo contra" as coisas das quais estava falando. Talvez ele não tenha noção de como fazer algo mais positivo do que fazer oposição. E ele certamente não é o único.

Relações humanas competitivas dependem e perpetuam um sentimento de empobrecimento no indivíduo, uma economia de escassez da alma: pois no status quo ela é incapaz de fazer o que quer e, ao mesmo tempo, *deve* sentir esse desamparo e pobreza da vida para se dispôr a jogar o jogo de poder do perdedor. Para aliviar esse sentimento de empobrecimento, o indivíduo procura — mais do que posses materiais, que são apenas um meio para esse fim — *identidade*, o consolo pela falta de liberdade (se "eu não posso", pelo menos "eu sou..."). Identidade, como conceito, funciona com o contraste: alguém "é" preencha-o-espaço-em-branco, ao contrário dos outros, que não são... logo, para a alma desesperada da sociedade moderna, nada é mais precioso que oponentes, pessoas para desprezar, para que ela consiga se afirmar o seu próprio valor: como uma consumidora fiel da ideologia marca X, por exemplo. A

jovem "ativista", embora inconsciente disso, cumpre um papel importante em manter a *alienação* dos outros, e não é de surpreender que ela aja de forma superior, ameaçadora, etc. para manter a distância entre si e as pessoas "normais".

Para ser eficiente ao agir radicalmente (ao invés de apenas parecer radical!), devemos estar desinteressados em *ser* radical ou "um ativista", e só desejar fazer coisas radicais acontecerem. Então vamos parar com conflitos estúpidos e lutas internas, pelo amor de deus! Num sistema que é conflito sistematizado como relações sociais, no qual sociedade é uma rede de lutas organizadas como estrutura social, *se dar bem* é praticamente a definição de ação radical. Até que sejamos capazes de deixar nossas "identidades" para trás, sempre que nos reunirmos será sempre um caso de imagens se encontrando e entrando em conflito — com os humanos por trás delas incapazes de enxergarem-se uns aos outros.

2. Lute guerras e busque a paz

Sendo este o caso, não podemos gastar toda nossa energia tentando derrotar o Estado, a tirania das corporações, etc. — pois mesmo se obtivermos sucesso, enquanto a maioria das pessoas não forem capazes de trabalhar juntas (e portanto inconscientes de seu potencial), só poderemos ser mais um partido de vanguarda/governo. Sob tais condições, a luta contra o estado é só mais uma luta entre poderes que funciona como um substituto à liberdade de ação. Nós precisamos lutar simultaneamente para nos libertar das restrições que nos são impostas e pela força para amar, perdoar e cooperar, e para esta empreitada precisamos estar prontas para nos livrarmos de nossa necessidade de Identidade no sentido tradicional. O que mais precisamos no momento são formas de falar que *dêem* às outras pessoas voz própria (ao contrário da já mencionada economia da escassez, na qual o próprio ato de falar monopoliza a expressão e a nega aos outros) e formas de agir capazes que empodere-as a agir — essas serão as armas que nenhum poder conseguirá derrotar.

O que precisamos acima de tudo, então, é a autoconfiança para falar com e ouvir as outras pessoas, encontrar truques mágicos com os quais velhos conflitos possam ser superados e gente como Alec e suas facções rivais descubram maneiras de coexistir e se ajudar. Pois revolução não é tornar os outros iguais em suas ideologias ou relações uns com os outros, mas simplesmente estabelecer relações de benefício mútuo entre indivíduos e grupos diferentes. Eu preferiria pensar como Alec e eu podemos transcender nossas interações previsíveis, ao invés de apenas o analisarmos de uma forma que faça eu parecer mais inteligente ou maduro.

Você

as

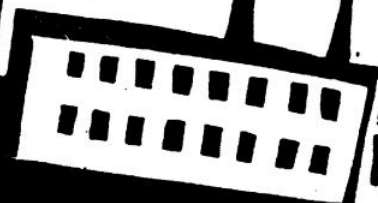
ou

idéias

tem

têm

idéias,



você?



"Um idealista é um homem que acredita na fraude fabricada por seu próprio intelecto: que uma idéia, ou seja o símbolo de uma realidade momentaneamente percebida, possa possuir a realidade absoluta."
— Sócrates, refutando a interpretação de suas idéias por Platão

"Eu não sou um Marxista." — Karl "Groucho" Marx.

"O mundo nos escapa porque ele volta a ser ele mesmo." — Lewis Carrol.

Introdução do editor: Possivelmente o melhor texto que algum de nós já escreveu sobre este assunto é uma carta que Nádia enviou a um amigo em resposta a um artigo que ele tinha escrito com sua ajuda (o título original dela era "A Luta Política é a Luta Contra a Política", que ele mudou para "Contra a superficialidade da Política")... então aqui está sua carta, reimpressa de sua coleção particular. Lembre-se, tudo em que você acredita te aprisiona.

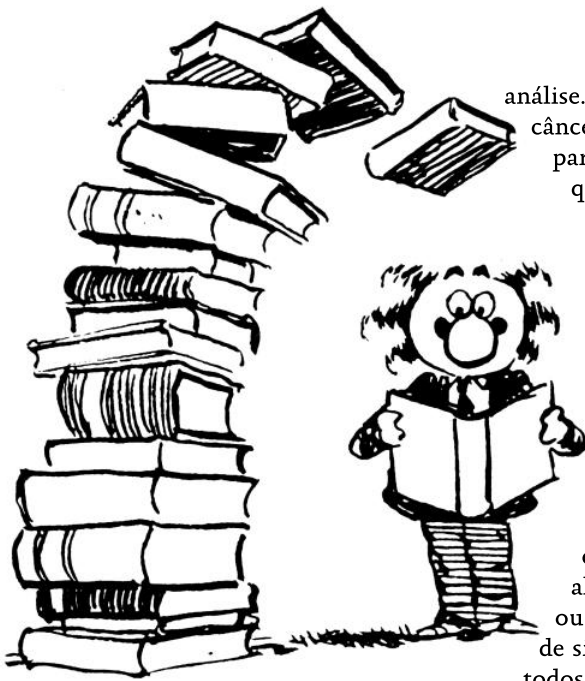


02 de junho
Amsterdã
(na casa de Chloë, com
Phoebe e Heloise)

Caro E--,

Não, você não entendeu *nada* do que eu estou falando. Na sua pressa de conseguir para si a imagem de "ativista político" (ou, pior, teórico) — o que quer que isso signifique — você concluiu que *tudo* tem que ser "política" — o que quer que seja *isso!* Pois quanto mais você expande o significado de uma palavra, mais nebulosa ela se torna, e mais inútil. Uma vez que *tudo* é política, então "política" de novo não significa nada, e temos que começar do zero.

Então, supondo que "política" não seja apenas uma palavra sem-sentido e generalista... É claro que todo assunto pode ser analisado de uma forma "política", incluindo nossa própria mortalidade — eu não estava tentando negar *isso*. Isso, de fato, é exatamente o que quero dizer: uma vez que você começa a se pensar como "político", uma vez que você começa a pensar em termos de análise e crítica — pior ainda pensar a se ver como alguém que *tem* uma crítica — você começa a ver *tudo* desta forma, você tenta encaixar *tudo* na sua



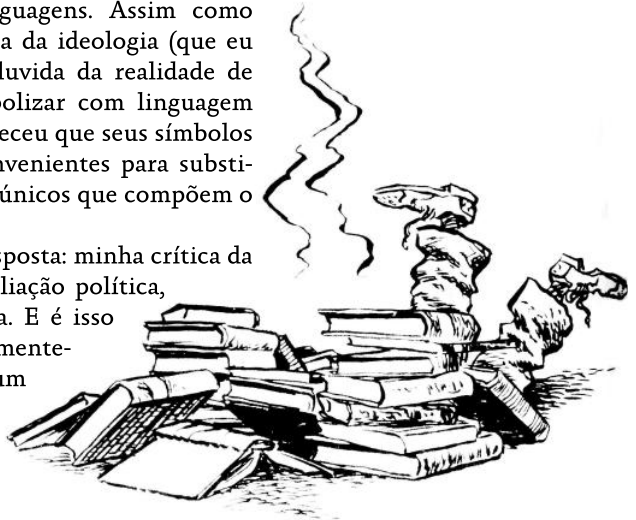
análise. Ser "político" se torna um câncer que se espalha lentamente para toda parte do seu ser, até que você não consiga pensar em nada que não envolva a luta de classes, de gêneros, do que quer que seja.

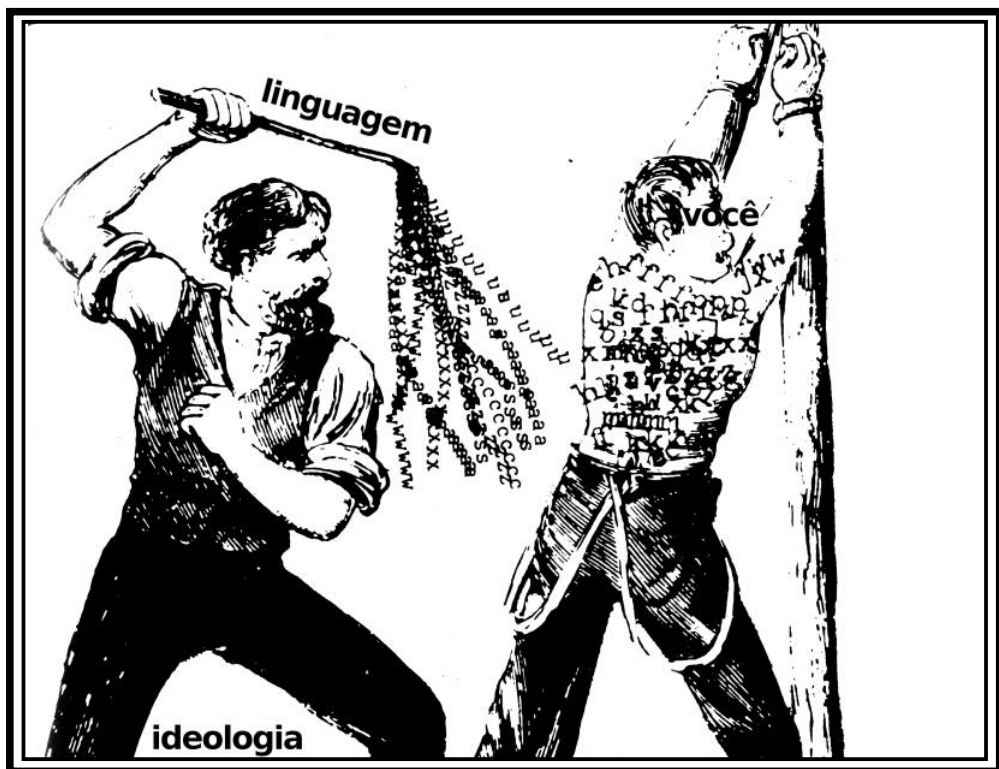
E não há análise ou ideologia (porque é sobre isto que estamos falando aqui, com sua insistência na política da vida e na teoria da política) ampla o suficiente para conter tudo o que a vida é. Uma ideologia, assim como uma imagem, é sempre algo que você deve comprar — ou seja, você deve dar uma parte de si em troca. Essa parte de si são todos os aspectos do mundo, toda experiência deliciosamente complexa,

todo detalhe irredutível que não se encaixe na moldura que você construiu com orgulho.

É claro, você pode ver o sexo oral, o pôr-do-sol, canções de amor e a deliciosa comida chinesa como assuntos políticos, ou até mesmo abordá-los de uma forma que seja política num sentido muito menos superficial — mas o fato é que quando você está lá nesses momentos existem coisas que escapam qualquer tipo de compreensão, pra não mencionar expressão, pra não mencionar análise. Viver e sentir são simplesmente complicados demais para serem capturados completamente por qualquer linguagem, ou por qualquer combinação de linguagens. Assim como aquele idiota do Platão, vítima da ideologia (que eu imploro que você não seja) duvida da realidade de tudo que ele não possa simbolizar com linguagem (política ou não), pois ele esqueceu que seus símbolos são apenas generalizações convenientes para substituir os incontáveis momentos únicos que compõem o universo.

Eu posso antecipar a sua resposta: minha crítica da política é ela mesma uma avaliação política, uma parte da minha ideologia. E é isso mesmo. Eu te escrevo tão veementemente sobre isso porque é um problema com o qual estou lutando agora. Eu me vejo





transformando *tudo* em um tratado ou crítica política, possuída por (o que minha ideologia descreve como!) uma compulsão capitalista de transformar todos meus sentimentos e experiências em *objetos* — ou seja, em teorias que posso levar comigo aonde eu for. Meus valores passaram a girar ao redor dessas teorias, que eu exibio como provas de minha inteligência e importância, assim como um burguês exhibe seu carro como prova do seu valor: minha vida não é mais sobre minhas experiências reais, é sobre "a luta" — e na verdade eu queria que essa luta fosse para que minha vida girasse ao redor de minhas experiências, e não de um novo substituto! Eu gostaria de dizer que esta carta é minha barricada final contra as exigências do político que consomem tudo... mas isso foi provavelmente há muito tempo atrás, a última vez que eu consegui pensar em algo sem que me ocorressem todas ramificações políticas. Cuidado com o que você deseja, E---, quando você diz que tudo é política.

Eu acho que parte da necessidade patológica de sistematizar tudo vem de vivermos em cidades. Tudo ao nosso redor foi feito por seres humanos, e tem um significado humano específico atribuído — então quando você olha ao seu redor, ao invés de ver os objetos que estão à sua volta, você vê uma floresta de símbolos. Quando eu estava nas montanhas, era diferente. Eu caminhava e não via nenhum sinal de "Pare", eu via árvores e flores, coisas que existem além de qualquer quadro de significados e valores humanos. Ficar lá sob um

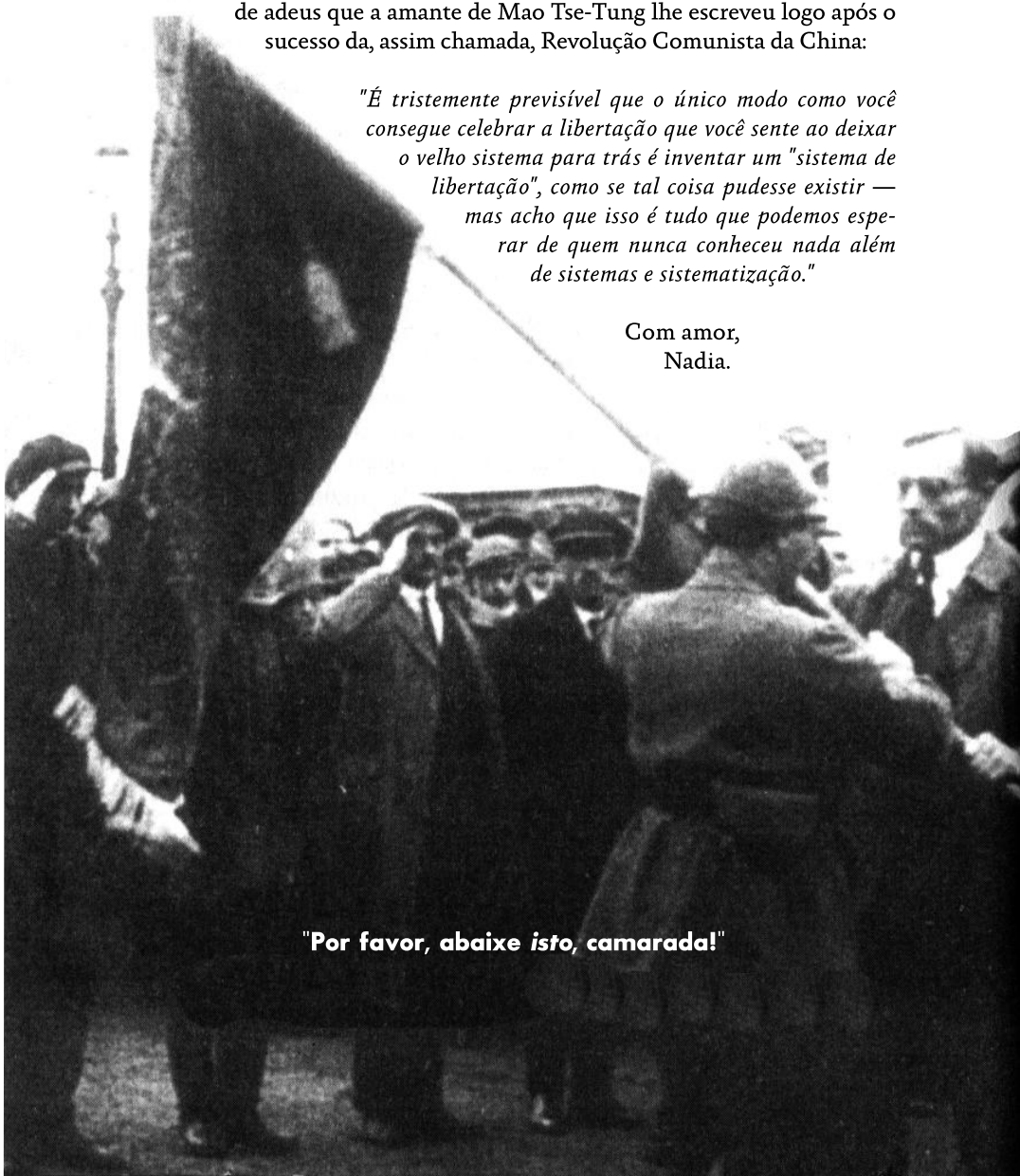
céu estrelado, olhando o horizonte silencioso, o mundo parecia tão imenso e profundo que eu podia apenas ficar lá de pé o encarando, muda e tremendo. Nenhuma política jamais conseguirá fornecer uma caixa grande o suficiente para conter esses momentos. Pra não dizer que não há razão para conceitualizarmos as coisas, E---, é claro que isso é útil às vezes... mas é um meio, e não o único meio, para um fim muito mais importante. Isso é tudo.

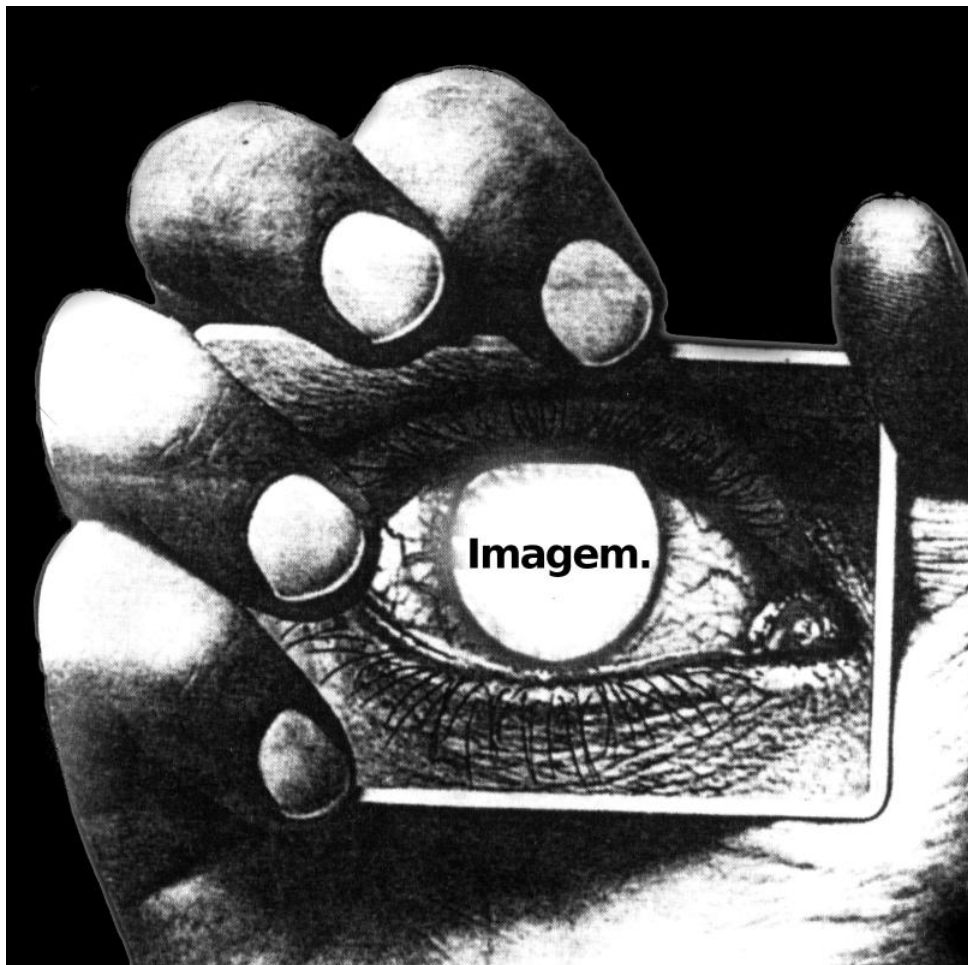
Eu te deixo com isso, minha pobre tradução de uma linha da carta de adeus que a amante de Mao Tse-Tung lhe escreveu logo após o sucesso da, assim chamada, Revolução Comunista da China:

"É tristemente previsível que o único modo como você consegue celebrar a libertação que você sente ao deixar o velho sistema para trás é inventar um "sistema de libertação", como se tal coisa pudesse existir — mas acho que isso é tudo que podemos esperar de quem nunca conheceu nada além de sistemas e sistematização."

Com amor,
Nadia.

"Por favor, abaixe isto, camarada!"





eles têm você na palma da mão.

Seduzidos pela Imagem da Realidade

Quando eu era pequeno e olhava revistas, costumava pensar que deveria existir em algum lugar um mundo mágico onde tudo parecia — e era — perfeito. Eu via imagens disso naquelas páginas, o ar enevoado de salas pouco iluminadas, cheio de drama, onde as modelos relaxavam em roupas de marca. É *lá* que a emoção e a aventura estão, eu pensava, no mundo onde toda sala é impecavelmente decorada e o guarda-roupa de toda mulher é escolhido e combinado com ousadia e elegância. Eu resolvi ter minha própria vida de aventuras, e comecei a procurar imediatamente por essas salas e essas mulheres. E embora eu tenha descoberto que o romance e a emoção raramente andam lado a lado com suas imagens que nos são apresentadas — normalmente a verdade é o oposto, encontramos a aventura exatamente onde não há tempo ou energia para manter as aparências — às vezes ainda me peço pensando que



tudo seria perfeito se eu morasse naquela pitoresca cabana de madeira com tapetes combinando.

Seja o que for que estamos procurando, nós tendemos a perseguir nossos desejos indo atrás de imagens: símbolos das coisas que desejamos. Compramos jaquetas de couro quando queremos perigo e rebeldia. Compramos carros rápidos não para dirigir a altas velocidades, mas para recapturar nossa juventude perdida. Quando queremos viver num mundo diferente, compramos panfletos políticos e adesivos de pára-choques. De alguma forma presumimos que possuir todos os acessórios certos nos dará as vidas perfeitas. E enquanto construímos nossas vidas, geralmente fazemos isso de acordo com uma imagem, um padrão que nos foi oferecido: hippie, empresário, dona-de-casa, punk.

Por que pensamos tanto nessas imagens hoje, ao invés de nos concentrarmos na realidade, em nossas próprias vidas e emoções? Uma das razões pelas quais imagens ganharam tanta importância nesta sociedade é que, ao contrário da atividade, imagens são fáceis de vender. Publicidade e marketing, que são feitos para dar valores simbólicos a produtos para atrair consumidores, transformaram nossa cultura. Há gerações as corporações têm disseminado propaganda projetada para nos fazer acreditar nos poderes mágicos de seus produtos: desodorante te dará popularidade, refrigerante dá juventude e energia, calças jeans te deixam sexy. Em nossos empregos, trocamos nosso tempo, energia e criatividade pela capacidade de comprar estes símbolos — e nós os continuamos comprando, pois é claro que nenhuma quantidade de cigarros jamais dará sofisticação a alguém. Ao invés de satisfazer nossas necessidades, esses produtos as multiplicam: pois para adquiri-los, devemos vender nossas vidas. E nós continuamos repetindo, por não saber outra forma, esperando que o novo produto (livros de auto-ajuda, discos de punk rock, aquela cabana de férias com tapetes combinando) será aquele que deixará tudo certo.

Somos facilmente persuadidos a perseguir essas imagens pois é muito mais

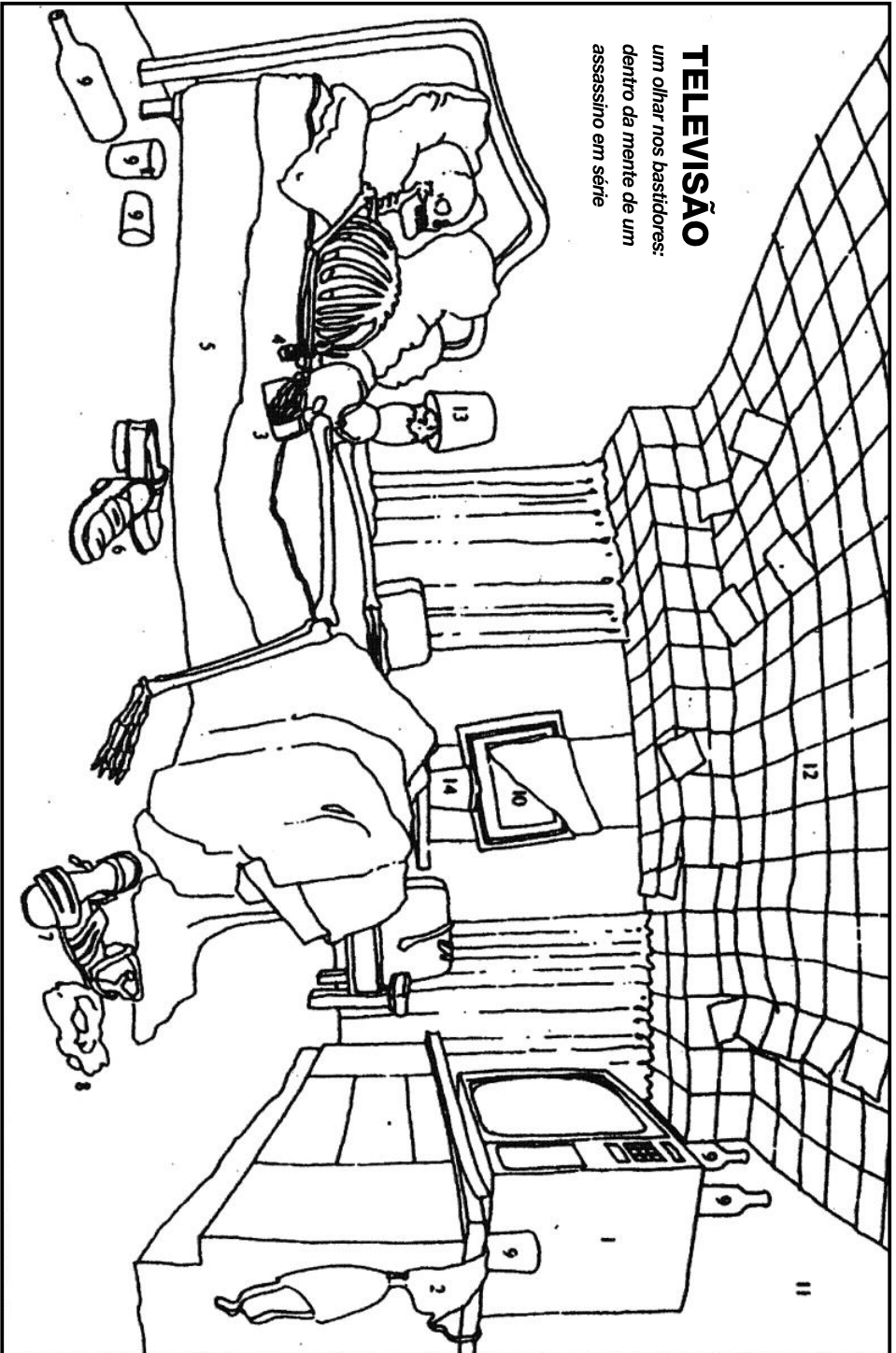
fácil mudar o cenário à sua volta do que mudar sua própria vida. Quantos problemas, quantos riscos você evitaria se você pudesse tornar sua vida perfeita simplesmente colecionando os acessórios corretos! Sem precisar participar. A imagem vem para encorporar tudo aquilo que você deseja, e você gasta todo o seu tempo e energia tentando acertar os detalhes (a garota boêmia tenta encontrar a perfeita boina preta e os perfeitos saraus para participar — o universitário tem que ser visto com os amigos certos, nas festas certas, bebendo a cerveja certa e usando a camisa casual correta) ao invés de tentarem perseguir seus desejos diretamente — pois é mais fácil se identificar com uma imagem pré-fabricada do que identificar exatamente o que você quer da vida. Mas se você realmente quer aventura, uma jaqueta australiana de caça não será suficiente — e se você quer romance de verdade, jantar e cinema com a garota mais popular da sua escola podem não ser o bastante.

Fascinados como somos por imagens, nossos valores passaram a girar em torno de um mundo que nunca podemos vivenciar de verdade. Não há como entrar nas páginas de uma revista, não há como ser o arquétipo punk ou o executivo perfeito. Estamos "presos" aqui fora no mundo real, para sempre. E mesmo assim continuamos buscando por vida em fotografias, em modas e espetáculos de todos os tipos, qualquer coisa para colecionar ou assistir — ao invés de *fazer*.

Nós procuramos por vida
na imagem da vida.

TELEVISÃO

um olhar nos bastidores:
dentro da mente de um
assassino em série



Olhando a vida passar.

O curioso de um espetáculo é como ele *imobiliza* os espectadores: assim como a imagem, ele faz sua atenção, seus valores e suas vidas girarem ao redor de algo que não eles mesmos. Ele os mantém ocupados sem mantê-los ativos, faz eles se sentirem envolvidos sem lhes dar o controle. Dá pra imaginar uma série de exemplos disso: programas de televisão, filmes de ação, revistas de foca, esporte profissional, "democracia" representativa, a Igreja Católica.

O espetáculo isola as pessoas que prestam atenção nele. Muitas de nós sabem mais sobre personagens fictícias de seriados televisivos do que sobre a vida e os amores das pessoas que moram na casa ao lado — pois mesmo quando falamos com elas, é sobre programas de TV, noticiários e o clima; ou seja, as mesmas experiências e informações que temos em comum como espectadores servem para nos separar como indivíduos. É a mesma coisa num grande jogo de futebol: toda pessoa que assiste da arquibancada é um ninguém, não importa quem ela seja. Elas podem se sentar lado a lado, mas os olhos estão focados no campo. Se elas conversam, quase nunca é *sobre* elas, mas sobre o jogo que está sendo jogado à sua frente.

E apesar de os fãs de futebol não poderem participar dos acontecimentos do jogo ao qual estão assistindo, ou exercer qualquer influência real sobre ele, eles dão extrema importância a esses eventos e associam suas necessidades e desejos com o resultado do jogo de um modo muito incomum. Em vez de concentrar sua atenção em coisas que sejam relevantes aos seus desejos, eles reconstróem os seus desejos para fazer parte do que estão assistindo. Até mesmo sua linguagem confunde as conquistas do time com o qual se identificam com suas próprias ações: "fizemos um gol!", "ganhamos!" gritam os torcedores de seus assentos e sofás.

Isso entra em extremo contraste com o jeito com qual as pessoas falam de coisas que acontecem em suas próprias cidades e comunidades. "Eles estão construindo uma nova auto-estrada" nós dizemos sobre as mudanças em nossa vizinhança. "Qual vai ser a próxima coisa que eles irão criar?" dizemos sobre os últimos avanços da tecnologia. Nossa linguagem revela que nós nos vemos como espectadores em nossas sociedades. Mas não são "Eles", os misteriosos Outros, que fazem o mundo ser o que é — somos nós, a humanidade. Nenhum pequeno grupo de cientistas, políticos e urbanistas pode ter feito todo o trabalho, criação e organização que foram necessários para transformar esse planeta; foi preciso e ainda é todos nós, trabalhando juntos, para fazê-lo. Somos *nós* que fazemos, diariamente. E ainda assim muitos de nós

ainda pensam que podemos ter mais controle sobre jogos de futebol do que sobre nossas cidades, nossos trabalhos, ou mesmo nossas vidas.

Nós podemos ter mais sucesso em nossa busca pela felicidade se tentarmos realmente *participar*. Ao invés de apenas aceitarmos o papel de espectadores passivos dos esportes, da sociedade e da vida, cabe a cada um de nós descobrir como ter um papel ativo e significativo na criação do mundo ao nosso redor e dentro de nós. Talvez um dia nós possamos construir uma nova sociedade na qual todos nós possamos estar envolvidos nas decisões que afetam nossas vidas; só então poderemos realmente escolher nossos destinos.



Qual o sentido de fazer algo se ninguém está olhando?

Todos queremos ser famosos, ser *vistos*, congelados, preservados na mídia, porque nós acabamos valorizando o que é visto mais do que o que é realmente vivido. De alguma forma nós entendemos tudo ao contrário e as imagens nos parecem mais reais do que as experiências. Para saber que nós realmente existimos, que nós realmente importamos, temos que ver nossos fantasmas preservados em fotografias, em programas de televisão e em fitas de vídeo, nos olhos do público.



E quando você sai de férias, o que você vê? Muitos turistas com câmeras de vídeo coladas em seus rostos, como se estivessem tentando chupar todo o mundo real para o mundo bidimensional das imagens, gastando o seu "tempo de folga" vendo o mundo através de uma pequena lente de vidro. É claro, transformando tudo que você pode vivenciar com os seus cinco sentidos em informação gravada que você só pode observar à distância, desligado, te oferece a ilusão de ter controle sobre a sua vida: você pode rebobinar e assistir de novo, quantas vezes quiser, até que tudo pareça ridículo. Mas que tipo de vida é essa?

Qual o sentido de olhar se ninguém faz nada?

década de 1950

ROCK'N'ROLL

Atualmente poucas pessoas sabem que quando a canção "Rock Around the Clock" de Bill Haley and The Comets foi lançada ela causou tumultos. Jovens que a ouviram pela primeira vez na trilha sonora do filme *Sementes da Violência* (*The Blackboard Jungle*) rasgaram seus assentos nos cinemas, joga-

que — ou então parecia que iam explodir. Como Jerry Rubin escreveu em seu famoso manual de terroristas *Do It!*, jovens mulheres que nunca tinham tido um orgasmo antes o descobriram em números recordes no despertar de concertos de artistas corporativos como Elvis Presley — parecia que as corporações finalmente haviam cri-



ram garrafas de refrigerante nas telas e saíram às ruas chutando janelas e virando carros antes mesmo que acabasse o primeiro refrão. Por meses os subúrbios ficaram cheios de adolescentes rondando, eletrificados com emoções sentidas pela primeira vez em gerações, sabendo que tinham que fazer algo — ninguém sabia o

ado um produto que poderia minar seu próprio poder.

Mas fãs de rock'n'roll nunca desenvolveram uma análise do que é que a música lhes dava uma amostra, e conseqüentemente não foram capazes, como grupo, de passar da porta desta liberdade selvagem, primitiva que esse gostinho prometia.



Quando as primeiras bandas de rock'n'roll mostraram que as regras não-ditas da música predominante não eram nada além de ilusões, isso os fez sentir que todas as regras e leis pudessem ser meras ilusões, que *tudo* era possível; mas como não agiram imediatamente sobre esse sentimento empolgante abolindo todas as divisões que tornam a hierarquia e o capitalismo possíveis no Ocidente, acabaram sendo reintegrados dentro do sistema existente como produtores e consumidores de uma nova série de produtos imateriais — a parafernália da "juventude rebelde". Como eles não desafiaram a distinção entre artista e sociedade e a divisão do trabalho e dos recursos nos quais ela se baseia, eles foram facilmente divididos e conquistados: alguns se tornaram artistas, canalizando suas ânsias revolucionárias na criação inofensiva

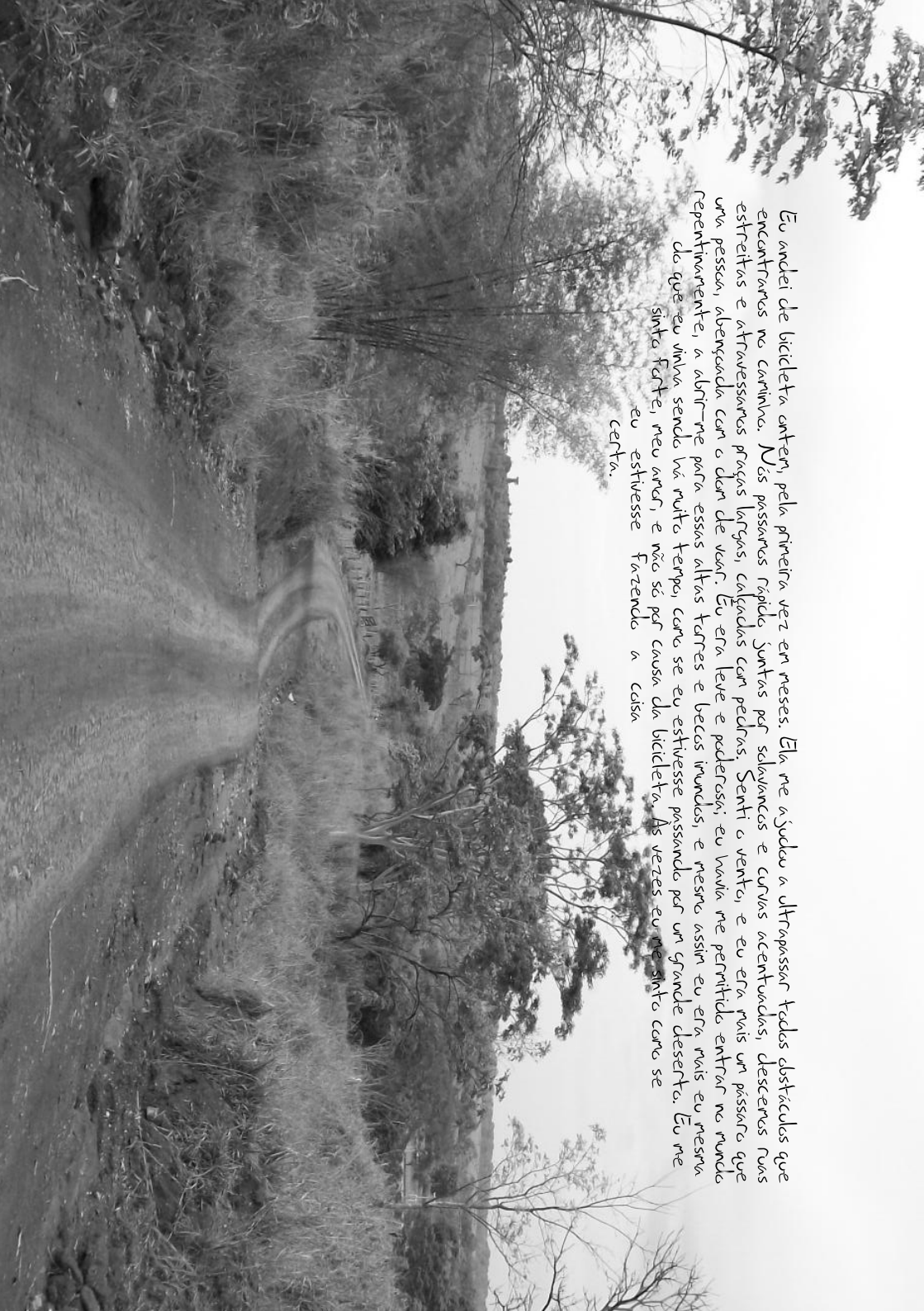
de mais (cada vez menos desafiadora) música — com a permissão das gravadoras que controlam o acesso aos meios de produção musical, é claro — enquanto o resto foi forçado a permanecer como consumidores, muito ocupados ganhando dinheiro (que agora não era necessário apenas para sobrevivência, mas também para comprar discos) para participar, exceto como espectadores neste desgaste de energias revolucionárias.

Até hoje, músicos de rock ainda buscam reencenar o velho ritual de libertação através da transgressão, com eventuais sucessos nos círculos mais alternativos; mas parece claro que ao menos (até?) que isto possa se tornar parte da completa transformação da vida, em vez de uma distração da vida, só vai servir para manter o atual sistema de miséria funcionando.





é de Liberdade



Eu andei de bicicleta anten, pela primeira vez em meses. Ela me ajudou a ultrapassar todos os obstáculos que encontramos no caminho. Nós passamos rápido, juntas por saliências e curvas acentuadas, desceramos nas estreitas e atravessamos praças largas, calçadas com pedras. Senti o vento, e eu era mais um pássaro que uma pessoa, abençoada com o dom de voar. Eu era leve e poderosa; eu havia me permitido entrar no mundo repentinamente, a abrir-me para essas altas torres e becas imundas, e mesmo assim eu era, mais eu mesma, de que eu vinha sendo há muito tempo, como se eu estivesse passando por um grande deserto. Eu me sinto forte, meu amor, e não só por causa da bicicleta. Às vezes eu me sinto como se eu estivesse fazendo a coisa certa.

Liberdade é uma sensação. Nós só temos "escolha".

É quase engraçado pensar quantos homens e mulheres morreram pela idéia ocidental de liberdade: um homem numa cabine eleitoral com um lápis, escolhendo qual opção marcar. A verdadeira liberdade, o tipo de liberdade pelo qual lutamos, é algo muito maior — significa criar as opções que iremos escolher, só para começar. Uma melhor representação é um músico tocando com seus companheiros: em cooperação espontânea e alegre, criando ativamente o ambiente sônico e emocional no qual eles existem, participando então na transformação do mundo que irá depois transformá-los. Pegue este modelo e o extenda a todos os momentos de nossa vida — isso seria a verdadeira liberdade.

Nada é verdade, tudo é permitido.

No verão de 1999, o agente especial do CrimethInc., Tristran Tzarathustra, que estava comendo somente lixo todo ano como consequência de um juramento de não participar, alimentar, ou encorajar de qualquer forma a economia do capitalismo mundial, foi persuadido por uma de suas amantes a deixá-la pagar um jantar num caro restaurante italiano. Nos meses que antecederam essa noite, ele havia quase morrido de fome; e morando numa cidade com comida sedutoramente embalada espiando de toda vitrine comercial, ele havia conseguido permanecer fiel ao seu voto somente por sempre se lembrar que qualquer exceção seria uma vitória do sistema que estava matando milhões de outras pessoas de fome.

A experiência de terminar esse exílio o assustou pois ele não estava preparado para o enorme sentimento de libertação que passou por ele no momento em que levantou seu garfo. Ele sentiu que o mundo iria acabar, mas não acabou; ou melhor ainda, o mundo inteiro *acabou*, silenciosamente, e um novo começou, impensável, insuportável em sua perfeita semelhança com o antigo; mas agora ele estava comendo comida cara ao lado de seus inimigos, como se não fosse nada.

As aterradoras *possibilidades* deste mundo se abriram perante ele, como na sua juventude — a idéia de que qualquer coisa pode acontecer, que ele poderia fazer qualquer coisa, matar pessoas, pular de edifícios, desafiar qualquer auto-regulação ou expectativa — e, com horror, ele se deu conta que a sua alma estava se divertindo dentro dele, desprezando a desaprovação da sua consciência. Ele pulou de sua cadeira e mergulhou nas ruas, e caminhou nelas durante horas, agonizando sobre sua desavença consigo mesmo. Exatamente dois minutos depois da meia-noite ele teve uma epifania, e correu para casa e escreveu essas anotações:

A liberdade só é encontrada na sensação de agir, de criar a si mesmo (e conseqüentemente, ao mundo), de realizar através da prática o velho dito "nada é verdade, tudo é permitido". [Exemplo: o revolucionário encontra a liberdade o ato de transformar completamente a sociedade, e portanto transformando a si mesmo - não simplesmente pela remoção de forças restritivas.] Para sentir isso, devemos ser capazes de fazer qualquer coisa a qualquer hora - lembre-se da história de Aquiles e da tartaruga:

A tartaruga pergunta a Aquiles: 'Você é livre, Aquiles?' e Aquiles responde: 'É claro que sou livre! Eu sou Aquiles, deus entre os homens, entre homens livres. Eu posso fazer tudo o que quiser!'

'Então', indaga a tartaruga, 'você pode me matar?'

'Facilmente! Eu sou Aquiles, o invulnerável! [Não tão invulnerável como ficou claro mais tarde.] herói de lendas e mitos gregos, e você é... uma tartaruga.'

'Então... me mate', desafia a tartaruga, casualmente.

'Mas você é minha grande amiga, companheira e camarada! Eu já mais poderia matá-la', protesta Aquiles.

'Exatamente', murmura a tartaruga sugestivamente, e Aquiles dá de ombros.

A moral é que numa situação onde todo significado já foi atribuído, a liberdade é irrelevante, pois todas suas possíveis opções já estão determinadas. Só encontramos liberdade em espaços novos, em momentos totalmente novos, quando elementos novos entram em jogo e você tem que se recriar do zero.

Devemos estar sempre praticando se queremos ser revolucionários: devemos constantemente destruir e recriar o nosso ser, devemos ultrapassar limites e quebrar todas regras e limitações (daí a de outra forma inexplicável afeição que muitos amantes da liberdade têm pelo Marquês de Sade) - exatamente como Jane E. escreveu em seu panfleto sobre hipocrisia.

O problema com tudo isso é que o exercício da total liberdade inevitavelmente vai entrar em conflito com os seus desejos. Além de ter a sensação de liberdade de todas restrições e ter comida saudável na minha barriga, eu também não tenho o menor desejo de entrar em acordo com todos esses imbecis, nunca tratar animais ou laticínios como se fossem comida, nunca dar-lhes meu dinheiro ou o de qualquer outra pessoa...

A resposta a tudo isso, é claro, é simplesmente que devemos criar um mundo onde tudo que seja possível seja também desejável - de forma que uma coisa como "pecado" não seja nem mesmo concebível, e não haverá razão para sentir culpa, sem possibilidade de hipocrisia ou conflitos entre desejos. Na utopia, que nossa revolução (agora falando miticamente) criará, tudo será possível - isso é bom, pois nossos corações não desejam nada menos que a liberdade total. Eu não deveria ter que resistir a nada, nenhuma tentação, logo eu tenho que fazer um mundo de tentações sem vergonha - um mundo livre de carnes e laticínios e de restaurantes elitistas finos, por exemplo!



***é de Morte,
Mídia, Mito
e Movimento***

O Ocultamento da Morte



"Porque nós não sabemos quando vamos morrer, nós vemos a vida como um poço cuja água nunca acaba. Mas tudo acontece somente um determinado número de vezes, e um número realmente muito pequeno. Quantas vezes mais você irá se lembrar de uma certa tarde da sua infância, uma tarde que é uma parte tão profunda do seu ser que você não consegue nem mesmo conceber sua vida sem ela? Talvez mais quatro ou cinco vezes, talvez nem mesmo isso. Quantas vezes mais você vai ver a lua cheia nascer?

Talvez vinte. E ainda assim tudo parece infinito."

— Gloria Cubana, *The Sheltering Sky*

Aqui está um exercício para se tentar em casa. Você vai precisar de um relógio de ponteiros que marque os segundos. Antes de começar, sente-se em uma poltrona confortável e afrouxe suas roupas.

Observe o ponteiro dos segundos enquanto ele passa sobre a superfície do relógio. Visualize o momento da sua morte, talvez ainda daqui a muitas décadas, ou talvez a apenas alguns anos ou meses (quem pode saber?). Espere pelo ponteiro dos segundos alcançar o o marco zero, no topo do relógio, e então observe como ele registra a passagem de um minuto da sua vida. Agora imagine que o relógio está em uma contagem regressiva contando os minutos que faltam para o momento de sua morte. Faça esse exercício imaginando que esse momento seja daqui a algumas décadas. Repita-o imaginando o momento da sua morte no próximo mês. Na próxima semana. Hoje à noite. Pois afinal, você nunca sabe.

Agora observe os ponteiros dos minutos e das horas no relógio. O que você estava fazendo a essa hora, vinte e quatro horas atrás? Quarenta e oito horas atrás? Um mês atrás? O que você vai estar fazendo a essa hora semana que vem?

Imagine que o momento da sua morte será daqui a um mês. Reflita: se você soubesse que isso é verdade, o que você estaria fazendo agora? O que você estaria fazendo a essa hora amanhã? Repita esse passo, imaginando sua morte como daqui a um ano. Faz tanta diferença assim nos seus pensamentos sobre o que você faria hoje ou amanhã saber o momento exato da sua morte?

Compare suas atividades das últimas vinte e quatro horas às atividades que você teria escolhido se você soubesse que estaria deixando esse mundo daqui a um mês ou um ano. Compare suas atividades do último mês, do último ano, da última década se você soubesse que hoje você só teria trinta dias ou doze meses restantes de vida. O quão diferente seria sua vida se você soubesse a data de sua morte? Você estaria pronto para morrer daqui a um mês ou um ano tendo levado a vida que você levou?

É provável, pelo menos até onde sabemos, que a maioria das pessoas que lê este texto e participa deste exercício irá viver ainda muitos anos. Mas ainda assim, observe o ponteiro dos segundos, e acompanhe-o enquanto ele registra a passagem dos minutos, contando os minutos que te restam enquanto eles te escapam. Você está vivendo a vida que você quer? Você está vivendo uma vida em que, a qualquer momento, você poderia olhar pra trás com satisfação se de repente se desse conta que ela iria acabar? Você está vivendo o tipo de vida que você desejaria para um ser humano, uma vida que é empolgante e plena, que é bem gasta, cada minuto dela? Se a resposta é não, o que você pode fazer no tempo que ainda te resta — seja ele muito ou pouco — para tornar sua vida mais parecida com aquela que você gostaria de viver? Pois todos nós só temos um quantidade limitada de tempo disponível nesse mundo — devemos usá-la com isso em mente.

Se você descobre, ao olhar sua vida em retrospecto, que passou anos vivendo sem considerar a sua mortalidade, isso não é incomum, pois nosso ambiente social/cultural não nos encoraja a pensar sobre os limites que a natureza impõe em nossa vida. A morte e o envelhecimento são negados e escondidos como se fossem vergonhosos e embaraçosos. As pessoas mais velhas de nossa sociedade são escondidas em "asilos" como leprosas em colônias de leprosos. Os outdoors, as fotos de revistas e os comerciais de televisão nos quais nossos olhos esbarram em cada esquina nos mostram apenas imagens de homens e mulheres saudáveis no auge de suas vidas. Cemitérios, que antigamente guardavam a memória dos mortos e um lugar para eles na mente dos vivos, estão agora esquecidos em bairros abandonados e cobertos de ervas daninhas. Quando um homem morre, os rituais que antes celebravam a sua vida e traziam o tema da mortalidade humana aos pensamentos de quem sobrevive hoje são encarados apenas como uma inconveniência. A morte é rude e embaraçosa, é considerada de mau gosto — não há tempo para ela no corrido mundo das fusões corporativas e dos novos recordes de consumo. Nossas agendas lotadas e revistas brilhosas não a permitem e não dão nenhuma explicação sobre como ela pode ser relevante para nossas vidas e sistema de valores. E assim mesmo, se nós pararmos e pensarmos sobre o assunto, talvez iremos descobrir que quando consideramos seriamente os limites do nosso tempo neste planeta, acompanhar seriados televisivos e ter um bom currículo parecem menos importante do que pareciam antes. O silêncio de nossa cultura sobre a mortalidade humana nos permite esquecer quanto peso têm os momentos individuais de nossas vidas, somando-se às nossas próprias vidas. Então passamos incontáveis horas assistindo televisão ou fazendo balanço de nossas contas — horas que em retrospecto seriam mais bem utilizadas se tivéssemos passados caminhando à beira-mar com pessoas que gostamos, cozinhando refeições gostosas para nossas crianças ou amigos, escrevendo ficção, ou pegando carona pela América do Sul. Não é fácil para ninguém entrar em acordo com a realidade de sua futura morte, mas é sem dúvida melhor considerarmos isso agora do que nos arrependermos de não o termos feito quando for tarde demais.

A nossa negação da morte tem um significado mais profundo, além de suas funções como uma reação ao nosso medo da mortalidade e uma cegueira seletiva que ajuda a preservar o status quo. É um sintoma de nossa contínua luta para escapar dos ciclos de mudança na natureza e estabelecer uma permanência artificial no mundo. Nossa mortalidade é uma evidência assustadora de que não temos controle sobre tudo: então a ignoramos rapidamente, se não conseguimos nos livrar dela totalmente — um feito para o qual nossos pesquisadores médicos estão trabalhando em velocidade máxima. É válido questionar se isso é até mesmo desejável.

Desde o início da civilização Ocidental, homens e mulheres têm ansiado por dominar não apenas o mundo e uns aos outros, mas também dominar as estações, e o próprio tempo. Nós falamos do eterna grandiosidade de nossos deuses e impérios, e projetamos nossas cidades e corporações para existirem eternamente. Nós construímos monumentos, arranha-céus, que esperamos que fiquem de pé para sempre e sejam testemunhas de nossa vitória sobre as areias do tempo. Mas essa vitória só pode vir a um preço, a este preço: que nada passe e que nada venha a ser — que o

mundo que criamos seja um lugar estático e padronizado que não guarda mais nenhuma surpresa. Seria bom termos cuidado ao realizar nossos sonhos mais sombrios criando tal distopia, um mundo congelado onde ninguém mais deve temer a morte, pois todo mundo vive para sempre e ninguém vive um instante sequer.



Vivos na terra dos mortos. Comem comida morta com dentes falsos. Seus prédios têm falsas fachadas, suas estações de rádio e TV transmitem ar morto. Matam tempo como espectadores de falsas imagens. Suas corporações são culpadas de falsa propaganda, e suas "oportunidades" de emprego só oferecem perigosos maus-tratos, tédio letal, e submissão fatal; exigem que você cumpra prazos, que arme sua barraca em campos de extermínio. A rua sem fim justifica os meios? Moram em cidades mortas e fazem jogadas falsas, indo a lugar nenhum, traçando dia após dia a mesma trilha de desespero. Até o seu ar é condicionado. Pedem que você dê sua vida por seus países, por suas religiões, por suas economias, deixando você somente com . . . Seu sistema é organizado por inteligência artificial e só produz realidade virtual. A sua cultura vai imobilizá-lo e entediá-lo até a morte, seu estilo de vida é sem vida, sua existência um círculo fechado. Tudo sobre eles é morto e falso. A única coisa insuportável é que *nada* é insuportável. Quando vamos exigir mais?

A luta é pela **vida**, pela vida **real**. Lute sujo, a vida é real!

A CONVERSÃO DE RIMBAUD EM SEU LEITO DE MORTE

Arthur Rimbaud, em seu leito de morte, se converteu ao Cristianismo que tanto desprezava — abrindo um novo precedente para viver a vida ao máximo.

Rimbaud foi o segundo filho de quatro de uma filha de fazendeiros vivendo na França rural. Aos dezesseis anos, fugiu para viver nas ruas de

Paris, escrevendo poesia que era ao mesmo tempo visionária e blasfema.

Ele conheceu o poeta Verlaine,

em cuja casa morou até que a esposa de Verlaine o forçou a sair;

Verlaine tinha se apaixonado por ele e continuava a ajudá-lo, apesar do escândalo que sua relação homossexual causou.

Rimbaud criou caos em Paris, derrubando chapéus de padres nas ruas, agredindo verbal e fisicamente os poetas populares que Verlaine lhe apresentava, e destruindo o casamento de Verlaine. Os dois fugiram para o interior, e então se mudaram para Londres para viver em total pobreza até que Rimbaud, com nojo de Verlaine, que alegava que não poderia viver sem ele, o deixou.

Desesperado, Verlaine atirou em Rimbaud, ferindo-o no pulso. A polícia veio e Verlaine foi preso por dois anos, acusado de sodomia, não de agressão; enquanto isso Rimbaud fugiu para a fazenda de sua mãe, onde terminou a coleção de poemas que iria mudar a poesia e a escrita para sempre. Então, aos dezoito anos, Rimbaud abandonou sua caneta e anunciou que estava de saco cheio de ser poeta. Aprendeu quatro outras línguas (alemão, árabe, russo e hindu — ele já sabia francês, inglês e latim, entre outras) e saiu a viajar: atravessou os Alpes a pé, se juntou ao exército colonial holandês e desertou nas Índias, se juntou a um circo Alemão que fazia turnê na Escandinávia, visitou o Egito, e trabalhou no Chipre. Durante essas aventuras ele contraiu sérias doenças e problemas de saúde, mas nunca deixou isso o atrapalhar. Quando tinha vinte e nove anos, se tornou o primeiro homem branco a viajar pela região de Ogaden na Etiópia, e seu relato (publicado nas atas da Sociedade Geográfica) atraiu o interesse de círculos acadêmicos.

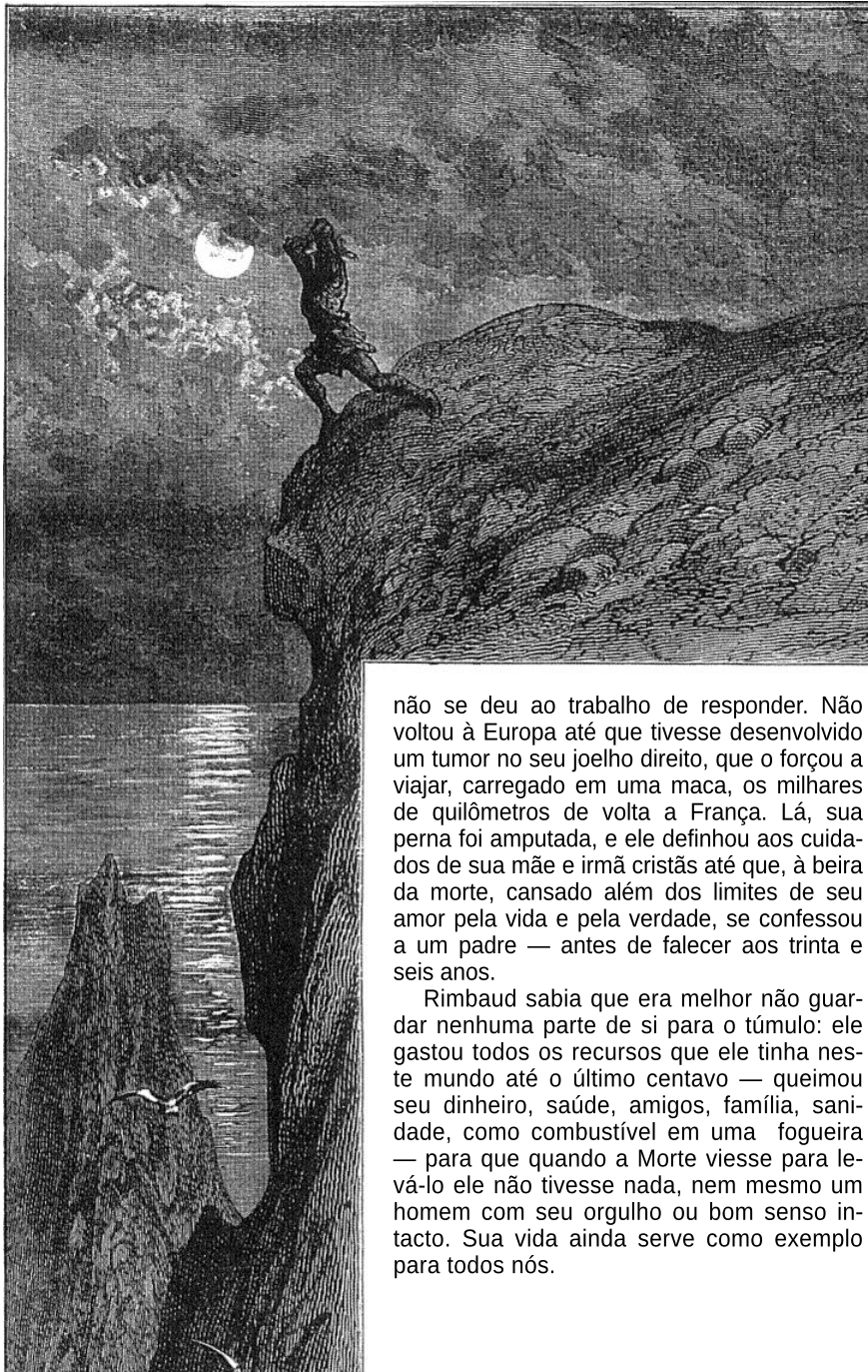
Rimbaud logo se mudou para a Etiópia como contrabandista de armas, e se tornou íntimo de pessoas de lá, vivendo com uma nativa e tornando-se amigo do rei. Ele recebeu uma carta de uma famosa revista francesa de poesia, implorando para que ele voltasse para liderar o novo movimento literário que havia surgido em torno de seus escritos, mas

**"A vida está
noutro lugar"
— jovem Arthur em
seus diários, um
mês antes de
deixar a fazenda de
sua mãe pela
primeira vez.**

zenda de sua mãe, onde terminou a coleção de poemas que iria mudar a poesia e a escrita para sempre. Então, aos dezoito anos, Rimbaud abandonou sua caneta e anunciou que estava de saco cheio de ser poeta. Aprendeu quatro outras línguas (alemão, árabe, russo e hindu — ele já sabia francês, inglês e latim, entre outras) e saiu a viajar: atravessou os Alpes a pé, se juntou ao exército colonial holandês e desertou nas Índias, se juntou a um circo Alemão que fazia turnê na Escandinávia, visitou o Egito, e trabalhou no Chipre. Durante essas aventuras ele contraiu sérias doenças e problemas de saúde, mas nunca deixou isso o atrapalhar. Quando tinha vinte e nove anos, se tornou o primeiro homem branco a viajar pela região de Ogaden na Etiópia, e seu relato (publicado nas atas da Sociedade Geográfica) atraiu o interesse de círculos acadêmicos.

Rimbaud logo se mudou para a Etiópia como contrabandista de armas, e se tornou íntimo de pessoas de lá, vivendo com uma nativa e tornando-se amigo do rei. Ele recebeu uma carta de uma famosa revista francesa de poesia, implorando para que ele voltasse para liderar o novo movimento literário que havia surgido em torno de seus escritos, mas

Rimbaud logo se mudou para a Etiópia como contrabandista de armas, e se tornou íntimo de pessoas de lá, vivendo com uma nativa e tornando-se amigo do rei. Ele recebeu uma carta de uma famosa revista francesa de poesia, implorando para que ele voltasse para liderar o novo movimento literário que havia surgido em torno de seus escritos, mas



não se deu ao trabalho de responder. Não voltou à Europa até que tivesse desenvolvido um tumor no seu joelho direito, que o forçou a viajar, carregado em uma maca, os milhares de quilômetros de volta a França. Lá, sua perna foi amputada, e ele definhou aos cuidados de sua mãe e irmã cristãs até que, à beira da morte, cansado além dos limites de seu amor pela vida e pela verdade, se confessou a um padre — antes de falecer aos trinta e seis anos.

Rimbaud sabia que era melhor não guardar nenhuma parte de si para o túmulo: ele gastou todos os recursos que ele tinha neste mundo até o último centavo — queimou seu dinheiro, saúde, amigos, família, sanidade, como combustível em uma fogueira — para que quando a Morte viesse para levá-lo ele não tivesse nada, nem mesmo um homem com seu orgulho ou bom senso intacto. Sua vida ainda serve como exemplo para todos nós.

A COMUNA DE PARIS VOLTA DO ALÉM

Uma revolução em grande escala irrompeu na França (que, na verdade, foi uma das poucas nações ocidentais nas quais o rock ainda não era popular entre os jovens), que começou como uma indignação pública sobre o tratamento violento dado a alguns estudantes que tiraram vantagem da apatia estudantil para se elegerem ao conselho de classe para "desapropriar" fundos da escola com o propósito de imprimir literatura subversiva. Milhares de estudantes e trabalhadores saíram às ruas em protesto, terminaram combatendo a polícia pelas ruas, as quais acabaram tomando e mantendo por pelo menos um mês. Toda classe operária entrou em greve e ocupou seus locais de trabalho em solidariedade; as universidades foram tomadas e pessoas de todos os níveis sociais se reuniram lá por horas para discutir e debater como deveria ser o novo mundo. No último momento, depois que os conselhos da ocupação revolucionária já tinham mandado telegramas a todos governos do mundo (para o Papa também) anunciando que o dias de seus reinados bárbaros estavam chegando ao fim, os sindicatos de trabalhadores e partidos de esquerda sabotaram tudo mandando as pessoas

que ainda confiavam neles de volta ao trabalho em troca de um pequeno aumento de salário. A "ordem" estava reestabelecida, e a ilusão de dócil satisfação veio junto; e até hoje, as forças que levaram a França ao limite de transformação social completa seguem ocultas, dormindo.

A Internacional Situacionista, um corpo de teóricos ultra-radicais e ex-artistas, é citada com frequência por ter feito o relato mais lúcido do que tratava a revolução de Maio de 1968. As idéias e ações da I.S. são certamente uma parte importante dos antepassados do Coletivo CrimethInc., mas não vamos escrever sobre eles aqui. Eles foram discutidos e analisados suficientemente por comentaristas profissionais da indústria da cultura que, conscientemente ou não, se esforçaram para minar seus esforços em mudar o mundo os apresentando como mera história (e portanto, no caso dos carreiristas, apenas outro assunto de pesquisa — por lucro). A verdadeira forma de os homenagear é fazer o que eles faziam, roubando suas idéias para usá-las onde apropriado, ao invés de contemplá-las como parte do que eles teriam chamado de Espetáculo da História (ou seja, a história do Espetáculo).





*Nossa raiva contra
o sistema é
vendida pra
beneficiar o sistema!
Nos fudemos!*

Trabalhando "Dentro do Sistema"

Se você vencê-los em seu próprio jogo, você perde.

Então... você tem uma banda, com uma mensagem realmente importante e quer levá-la ao maior número de pessoas possível — estão tentando ficar muito populares e vender muitos e muitos discos. Ou talvez você seja ativista política e você acha que é necessário usar a grande mídia para educar as pessoas sobre certos assuntos. Parece fazer sentido que você tenha que usar esses métodos para atingir as pessoas — porque, de outra forma, quem vai te ouvir? Sim, você se dá conta de que está se envolvendo com o mesmo sistema que você está tentando combater, mas vai valer a pena no final... e todo mundo precisa ceder algumas vezes, não é verdade?

Vale a pena refletir se precisamos mesmo, assim como é bom nos questionarmos se avançar neste sistema consumista e de competição brutal pode de alguma forma nos ajudar a melhorar o mundo. O que aconteceria se parássemos de abrir exceções, parássemos completamente de jogar o jogo deles e concentrássemos todos nossos esforços em criar nossos próprios canais e espalhar idéias de novas formas?

A Revolução Não Pode Ser Televisionada.

*"No
palco eu
faço amor
com dez
mil
pessoas,
depois eu
vou pra
casa
sozinha."*

— Janis
Joplin

É óbvio que eles te querem no seu programas de televisão, programas de rádio, festivais de rock, gravadoras. Eles não se importam se estão vendendo antisséptico bucal ou revolução anarquista contanto que isso mantenha as pessoas assistindo e comprando. Eles sabem que mais cedo ou mais tarde as pessoas irão se entediar com toda baboseira supérflua e inócua que normalmente oferecem, e contam contigo pra que hajam sempre novas idéias e estilos a serem explorados; sem isso, não teriam nada de novo para vender para as pessoas. Eles sabem que se conseguirem encontrar maneiras de vender a expressão da tua própria revolta de volta para você, para lucrar com cada frustração que o seu sistema cria, você estará derrotado. Pois sabem que nenhuma mensagem que você pode passar pelos seus canais será mais poderosa que a mensagem que é passada quando usamos os meios deles: *fiquem conectados*.

Toda consciência e percepção que você consegue levar às pessoas com aparições na TV e CDs vendidos nos *shoppings* não é mais importante que a consciência do poder das pessoas de agirem por si mesmas. Assistir televisão e comprar no supermercado mantém as pessoas passivas, observando coisas que nunca podem participar e pessoas que nunca poderão encontrar, comprando o que é anunciado pelas corporações ao invés de fazerem sua própria música, terem suas próprias idéias, viverem suas próprias vidas. Para motivar as pessoas a agirem por si mesmas, é preciso contatá-las de forma mais direta.

**EI... ELE ESTÁ USANDO A SUA BANDA
PRA "VENDER" A REVOLUÇÃO...**

**...OU ESTÁ USANDO A
"REVOLUÇÃO" PRA
VENDER A SUA BANDA?**

CONTINUA...



Os Valores da Produção em Massa.

Somos ensinados a pensar sobre o nosso sucesso na forma de números, não é mesmo? Se tocar a vida de uma pessoa é uma coisa boa, então tocar a vida de mil pessoas deve ser algo ótimo. É fácil ver onde aprendemos a pensar desse modo: toda nossa sociedade gira em torno da produção em massa. Quanto mais unidades pudermos mover, mais clientes pudermos atender, mais votos obtivermos, mais dinheiro e coisas acumularmos, melhor, certo?

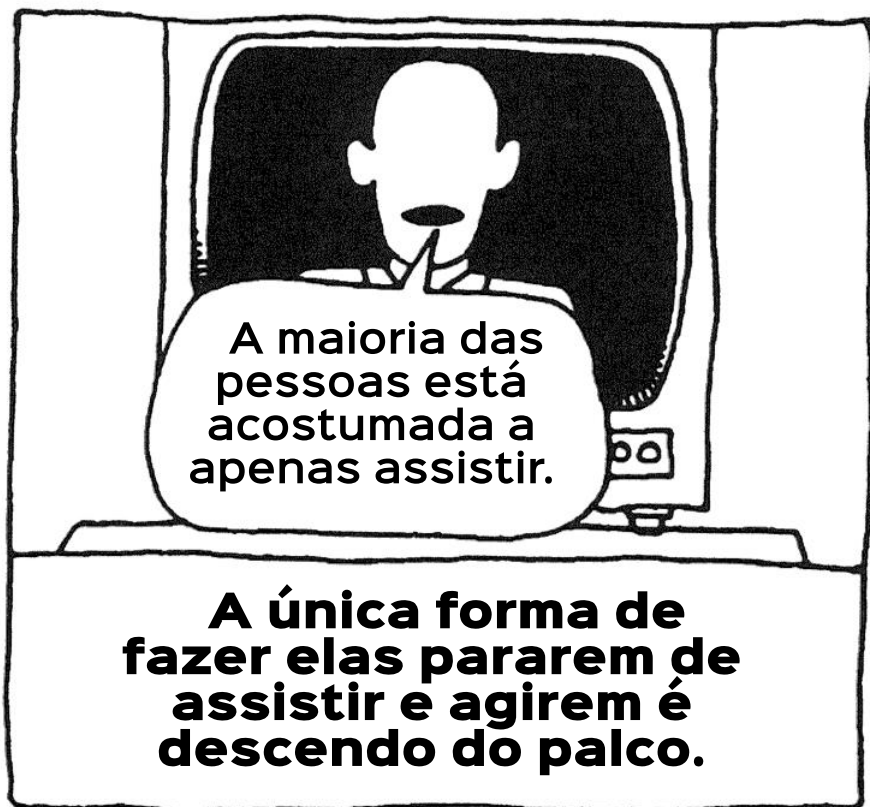
Talvez não seja possível tocar mil pessoas de forma tão profunda e poderosa quanto tocaríamos uma ou dez pessoas. E talvez não seja tão revolucionário no fim das contas ter uma pessoa ou grupo dizendo a todas outras o que é certo. Não seria melhor tentarmos de uma maneira descentralizada onde todas agem em proximidade com aquelas ao seu redor, ao invés de algumas pessoas liderando uma massa anônima? Você, ou a sua banda, ou o seu selo, têm que salvar o mundo sozinhos? Por que você não confia em outras pessoas para compartilhar essa tarefa? (E você já percebeu o quanto tem que pisar nos outros para conseguir aquele sucesso necessário para difundir as suas idéias?)

Uma banda política fazendo um show para novecentas pessoas pode recitar slogans revolucionários a todo mundo ali presente, mas ela fica fora do alcance da maioria dessas pessoas, em cima de um pedestal como "músicos", "ar-

tistas", "heróis". Por outro lado, uma banda tocando um show tão empolgante quanto para quarenta pessoas, em um ambiente mais íntimo, pode interagir pessoalmente com todas presentes, e deixar claro que todas elas são capazes de fazer o mesmo. Assim essa banda tem o potencial de dare origem a quatro outras bandas (ou projetos revolucionários), aumentando o seu impacto exponencialmente. O mesmo vale para selos de discos, escritores, oradores e artistas, e é claro, para organizadores e "líderes" de qualquer tipo.

Trabalhando Dentro do Sistema.

A maioria de nós não obtém muito prazer das coisas que temos para fazer dentro do sistema. Preferimos ler livros sozinhos do que fazer trabalhos para a escola, preferimos usar nossas habilidades, energia e tempo para trabalhar em projetos de nossa própria escolha do que nos vender para empregadores. Mas sentimos que precisamos trabalhar para eles, queiramos ou não. Nunca nos ocorre quão mais divertido, e talvez mais eficiente, poderia ser tirarmos nosso trabalho das mãos deles e fazer outra coisa com ele. *Claro*, seria difícil no começo, mas o que poderia ser mais difícil do que agüentar toda esta merda para o resto de nossas vidas? Melhor nos dedicarmos a substituí-lo do que





FILHO, A REVOLUÇÃO NÃO ESTÁ MOSTRANDO A VIDA PARA AS PESSOAS, ESTÁ FAZENDO ELAS VIVEREM.

a aceitá-lo.

Mas, você protesta, ainda estaremos lutando contra o status quo, vamos mudar as coisas de dentro, certo? Isso é o que *eles* te dizem, pelo menos. É claro que o sistema tem "procedimentos adequados" para pessoas com queixas seguirem para tentar fazer as coisas melhorarem; essa é a válvula de escape para liberar a pressão quando as pessoas ficam *muito* inquietas. Você acha que os poderes que estão aí deixariam você utilizar as suas próprias leis e métodos para depô-los? Se este sistema fornecesse oportunidades para mudanças reais, as pessoas as teriam utilizado há muito tempo. Incontáveis gerações tomaram iniciativa certas de que iriam obter sucesso onde outras falharam — você sabe, é daí que *saem* repórteres e advogados. Eles são os cadáveres céticos de jovens idealistas que pensaram que o sistema poderia ser reformado.

Além disso, você confia em si mesmo para trabalhar "dentro do sistema" pelos motivos certos? Somos todos programados para querer "sucesso", a nos medir pela riqueza e status social que obtemos, quer gostemos ou não. Será possível que você quer ser um jornalista, professor de ciências políticas ou as-



tro de rock pois você não consegue considerar outras opções seriamente, pois você tem medo de cortar a fita de segurança que te amarra à segurança do estilo de vida imposto pela nossa sociedade? E como você pode ter certeza de que não é um canto sombrio do seu coração que te empurra para buscar o sucesso, a parte que adora atenção e os sentimentos de grandiosidade que a sua popularidade e posição social te trazem? É claro que nos sentimos ótimos ao contar a nossos pais quais são nossos objetivos e eles aplaudem nossas decisões... mas isso é forma de se decidir como mudar o mundo?

Vamos ouvir nossos corações, confiar nos nossos instintos, e recusar participar em qualquer coisa que nos deixe entediados ou indignados. Precisamos nutrir o nosso idealismo e nossa vontade de correr riscos, não descobrir novas formas de integrar nossa frustração e nosso desespero por mudança de volta à sociedade que os gerou. Lembre-se, todo dia que passamos "usando o sistema" é outro dia que teremos que esperar até que novas redes e melhores modos de vida substituam os antigos.

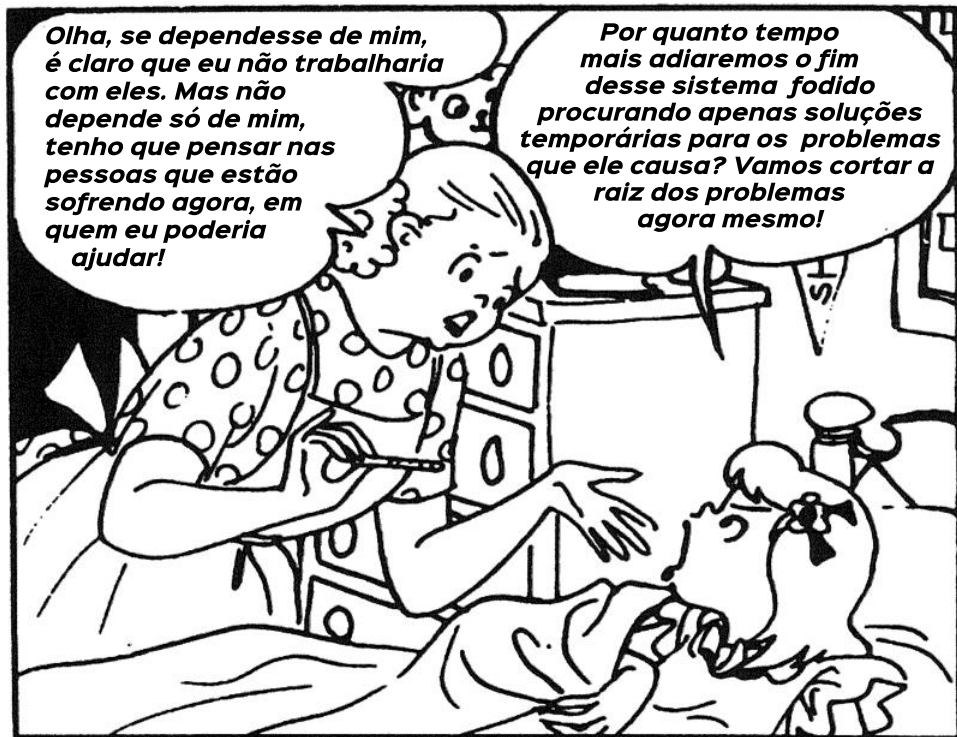
Como saímos daqui?

Sim, frequentemente temos a impressão de que não há alternativa a não ser trabalhar "dentro do sistema" se quisermos que as coisas sejam feitas e não quisermos deixar nossas idéias em quarentena dentro dos espaços confinados do "alternativo". Mas por quê manter o alternativo confinado em espaços limitados? Com certeza se pusermos toda nossa energia em expandir os espaços

nos quais interagimos como seres humanos iguais e livres, ao invés de tentar consertar a máquina fumegante desta sociedade condenada, poderíamos pelo menos causar algum impacto. Imagine o que poderíamos alcançar se mantivéssemos todo nosso potencial em nossas próprias mãos, e nos recusássemos para sempre a gastá-lo trabalhando para esse sistema, mesmo que por um único minuto.

Não há desculpa para deixarmos uma fração de nossas vidas passar fazendo coisas que não amamos, ou deixarmos que alguns de nossos talentos e esforços sirvam para promover uma ordem mundial à qual nos opomos. Pelo contrário, vamos lutar e viver tão bravamente que outras pessoas dentro das jaulas da vida padronizada possam nos ver e se inspirar para se juntar a nós em nossa rejeição total do velho mundo e toda sua porcaria. E vamos tornar nossas comunidades em algo melhor do que são; vamos torná-las mais abertas e mais capazes de oferecerem condições de vida, para que outras pessoas sejam capazes de se juntar a nós.

O sistema no qual vivemos oferece somente jogos no quais todo mundo perde — então por quê jogá-los? Cabe a nós inventarmos novos jogos, mais alegres e empolgantes que os antigos. Não vamos tentar derrotá-los em seus próprios jogos, mas fazê-los participarem dos nossos!





Caros amigos do CrimethInc.:

Então, vocês têm todas essas idéias legais — por que você as desperdiçam nos ouvidos surdos de punks e outros seguidores de radicalismos mortos? Vocês não deveriam tentar formar um movimento próprio, Crimidéismo, assim como fizeram os comunistas e nudistas?

I. Resposta do NietsChe: Não.

Um Movimento é baseado numa construção ideológica: não numa convergência de desejos únicos, mas num padrão do que esses desejos devem ser — ou, na melhor das hipóteses, um modelo pré-definido de como integrar desejos diferentes. Desta forma, o Movimento como conceito tem a mesma relação com a vida que buscamos como a Imagem tem com a experiência vivida: é uma representação inorgânica de uma coisa orgânica. Você não pode prender as alegrias de se sentir livre, generoso e vivo em qualquer construção social, seja nos Aventuristas Internacionais ou nos Escoteiros Maoístas, assim como você não pode tornar a paixão permanente em uma relação de amor através



do casamento. As aventuras e sensações que buscamos são como animais selvagens, elas não vão ficar paradas nas convenções sociais de qualquer movimento, nem mesmo para nós.

Isso não é a mesmo que dizer que formar associações livres na busca por nossos objetivos seja sempre auto-derrotismo — muito pelo contrário! — mas nós devemos ficar atentos, ou então nossos grupos se tornarão Movimentos. Assim como Imagens tiram nossa atenção das coisas que só existem de forma invisível, mas que são realmente valiosas (como por exemplo, o garoto que assiste uma poderosa performance de uma trupe teatral anarquista e associa o sentimento de libertação que eles lhe inspiraram com suas roupas extravagantes), então os Movimentos nos prendem em armadilhas — *quaisquer* armadilhas, quer sejam teóricas (ideologia) ou práticas (estrutura organizacional, tradição, etc.) — de nossa verdadeira busca, que é pela própria Vida. Não deve ser difícil para a pessoa inteligente que lê estas páginas perceber exemplos de movimentos que começaram com a canalização de forças vitais e terminaram como paródias patéticas de si mesmos: na política, o Partido Comunista; nas artes, surrealismo, ou jazz, ou hardcore "emo"; na cultura, os

hippies, beatniks, os punks.

Guy Debord dissolveu a Internacional Situacionista, uma organização parcialmente responsável pela quase bem-sucedida revolução francesa de 1968, logo após essa insurreição: quando as pessoas começaram a tentar se juntar a ela para estarem associadas com um grupo radical tão prestigioso, ao invés de por acharem que havia algo novo com o qual poderiam contribuir. Ele explicou que fez isso para prevenir a I.S. de se tornar um Movimento no sentido explicado acima — portanto sua memória poderia manter sua importância, para ser usada como uma bomba pelas gerações futuras⁵. Isso serve como um bom exemplo de como podemos nos proteger nos mantendo à frente da inércia que se acumula em nossos esforços.

Com imagens e movimentos, é melhor sermos rápidos: mudar subitamente, subvertendo expectativas, talvez flertando de brincadeira com uma imagem ou outra (como é impossível *não* ter imagem: tudo parece *algo*), mas nunca confiar ou se comprometer. E pode ser que uma boa estratégia para evitar os efeitos mutiladores de se tornar um Movimento, e a perigosa atenção dos historiadores carreiristas (como Greil Marcus), seja fazermos nosso trabalho dentro de movimentos supostamente "mortos", como o punk rock. Ao fazer isso, nós enfatizamos duas verdades que não podem ser enfatizadas o suficiente: que a Vida e a Liberdade que nós buscamos podem surgir em todo lugar, inesperadas e imprevisíveis — se esse não for o caso, nós realmente estamos em apuros — e nunca *poderá* haver um Movimento centralizado em torno da própria Vida, uma vez que ela pode estar em *qualquer lugar*, mas não é esperada em lugar nenhum.

II. Resposta da Nadia: Absolutamente não.

Se a história é a *cadeia* de eventos — a reprodução causal, determinista de um mundo onde tudo é previsível (ou seria, se você tivesse informação suficiente) e a magia da liberdade total é impossível — e nossos mitos revolucionários referem-se àquele outro mundo, o sobrenatural, aquele que nossos sonhos e desejos descrevem (um mundo que se manifesta somente através de música transcendental e milagres similares: fenômenos que invocam beleza e significado sem serem racionalmente explicáveis) — então o que realmente estamos procurando são brechas para *fora* da história e para dentro de outro mundo. Tais brechas só aparecem de vez em quando, o maior de nossos mitos, é claro, é que nós podemos de alguma forma passar pelo seu horizonte de eventos para escapar da história *para sempre* e entrar em um espaço sem história, de total liberdade.

⁵ Uma pena que agora, graças aos esforços avarentos de críticos culturais pagos como Greil "Herbert" Marcus (autor de *Undimensional Man* e *Zeros in Civilization*), eles finalmente se tornaram parte da História, colocados no passado e portanto se tornaram inorgânicos — agora slogans que antes eram inspiradores e perigosos em nossas mãos plagiadoras estão datados, e o plágio que era ação criativa agora é mera repetição.

Um movimento é uma força *histórica*: uma tentativa de agir dentro da cadeia de eventos para mudar sua direção. Tais esforços obtiveram sucesso no passado, mas tal sucesso não é o que buscamos. O que queremos é algo que, por sua própria natureza, nunca aconteceu antes: destruir a cadeia de eventos que nos prende, levar a história a um fim, para que um mundo inteiramente novo possa começar. Para isso ser possível, vamos precisar da convergência perfeita de forças de *fora da história*.

Isso não é algo que possa ser organizado por qualquer esforço de dentro do fluxo da história; na verdade não é algo que jamais possa ser organizado, mas somente acreditado, enquanto ficamos riscando fósforos e os jogando fora até que um deles acenda o incêndio final. A revolução total não virá como mero resultado do planejamento adequado e trabalho duro (isso não é trabalho assalariado, como você sabe!), mas como um salto de fé: fé nas possibilidades ilimitadas do que hoje parece um mundo estéril e previsível. Como tudo grandioso ou terrível na vida, ela não pode ser merecida; rejeitar os pressupostos do pensamento da economia de trocas (onde tudo tem um valor de troca, e até mesmo a revolução pode ser comprada com a quantidade certa de sangue e suor) ajudará a explicar isso. Nós podemos trabalhar o dia todo pelo resto da eternidade, construindo e usando meticulosamente estratégia após estratégia, sem chegar perto da verdadeira revolução (mesmo que alcançássemos alguma falsificação malfeita, como os exemplos Chinês e Russo); ou, igualmente possível, um impensado e desafiador ato criativo no momento certo será tudo o necessário para começar a reação em cadeia com que sonhamos há tanto tempo.

Que tudo isto soe como baboseira acadêmica anarcomística (o que isto é, é claro — a liberdade não pode ser compreendida, a não ser pelo misticismo!), eis aqui um exemplo concreto (histórico!). A curta "selvageria adolescente" dos estudantes, que serve tradicionalmente para acalmar e dissipar seus impulsos e rebeliões libertinos como preparação para sua vida adulta miserável, sempre foi uma força histórica — uma tendência facilmente explicável em termos de condições sociais, que também serve para mantê-las; mas, ao mesmo tempo, ela às vezes coexistiu com uma força não histórica: aquelas raras sensações de liberdade real e leveza que a juventude e a vida de estudante às vezes cria, um fenômeno que não pode ser descrito ou explicado de verdade em termos de história ou causa e efeito, ao qual os sociologistas podem se referir à distância mas nunca compreendem de verdade. A Internacional Situationista, que NietzChe citou anteriormente, não tentou criar um movimento entre estudantes rebeldes; tal coisa, mesmo que tivesse obtido sucesso em modificar os detalhes de sua alienação, nunca seria capaz de tirá-los da história (da academia, da revolta juvenil, da Civilização Ocidental, da sua falta de vida em geral, etc.) na qual estavam aprisionados. Ao invés disso, os Situationistas foram fiéis a seus próprios desejos por um mundo mais grandioso que qualquer coisa que pudesse se originar das tendências históricas de seu tempo, e partiram para descobrir e dar força a outras forças não históricas escondidas no mundo à sua volta; para conseguir este feito, eles tentaram criar fer-

ramentas de teoria e análise que pudessem ser usadas para cavar uma rota de fuga que os conduzisse diretamente para fora da longa noite da história capitalista. Foi o encontro fortuito das ferramentas analíticas que eles criaram com pérolas não históricas de um punhado de estudantes aventureiros em Estrasburgo que deslançou a avalanche de desejos incompletos que praticamente transformou todo o mundo⁶.

Leia tudo isto como uma metáfora se assim quiser, ou somente como uma nova forma de interpretar a história (pois *tudo* é história para algumas de vocês, vítimas de um mundo que não admite mais nada de mágica); mas *é assim* que a verdadeira revolução acontece. Para alcançá-la, não precisamos dos planos mais infalíveis, dos movimentos mais bem organizados, dos sistemas mais bem projetados; em vez disso, cada um de nós deve ser fiel às vontades de seu coração por coisas que sejam extravagantes demais para se encaixar neste mundo, e ir atrás delas a tal ponto que inspire outras pessoas em suas próprias buscas. É dessa alquimia que precisamos, não de mais um movimento.

⁶ Também é importante ressaltar que todos os movimentos existentes na França nessa época, inclusive os supostamente mais radicais (o Partido Comunista, os sindicatos, etc.), se opuseram à insurreição desde o seu começo até sua derrocada final em suas mãos; aqueles que passaram décadas tentando trabalhar dentro do fluxo da história, investindo tudo nisso, não estavam prontos para ver tudo terminar e "deixar seu povo ir", nas palavras do velho religioso. E apesar de que as estruturas de base de alguns sindicatos ajudaram a facilitar a organização dos novos Conselhos de Trabalhadores, elas só foram úteis porque não estavam sendo utilizadas para seu propósito original; portanto a metáfora da alquimia se oferece à nós como uma forma de representar a questão de como transformar estruturas e recursos existentes na matéria-prima de um mundo completamente *novo*.

A FUGA DO TRIBUNAL NA ALEMANHA

Sem armas, serras ou reféns, três radicais alemães conseguiram libertar um dos seus das garras do sistema de "justiça" no meio de uma audiência no tribunal. Os três estavam em julgamento sob várias acusações (incluindo incêndio proposital e assalto) resultantes de seu ativismo contra as instituições militares/capitalistas. Dois deles, Michael "Bommi" Baumann e Thomas Weisbecker, estavam aguardando serem libertados em condicional, enquanto o terceiro, Georg von Rauch, iria ser condenado a pelo menos dez anos de prisão, quando a corte pediu um recesso. Tanto Thomas e Georg tinham cabelo comprido e barba, e sua aparência era muito similar aos olhos nada sofisticados dos policiais e advogados; então antes de reentrar no tribunal, Georg deu seus óculos a Thomas. Quando deram condicional a Thomas e Bommi e lhes disseram que estavam livres para ir, Bommi e Georg levantaram e geraram uma grande comoção, abraçando, apertando as mãos de todos e gritando. Então ambos saíram rapidamente do prédio e desapareceram, deixando Thomas, que todo mundo achava que era Georg. Quando o delegado veio para levar Thomas embora algemado, ele protestou alegando que havia acabado de ser liberado em condicional e os guardas frustrados tiveram que deixá-lo ir também.

Depois da fuga, os três formaram uma nova organização de guerrilha, o Movimento Dois de Junho, batizado em homenagem ao dia de 1967 em que um estudante radical desarmado foi assassi-

nado por um policial durante uma manifestação. O próprio Georg foi morto a tiros pela polícia cinco meses mais tarde, e três meses depois foi a vez de Thomas, mas o M2J continuou financiando muitas atividades secretas através de roubos de bancos e conseguiu muitas proezas como o seqüestro do político Peter Lorenz, que foi trocado com su-



cesso por cinco prisioneiros políticos em 1975. Bommi saiu do terrorismo para outras atividades, incluindo escrever um relato de suas experiências na guerrilha, chamado *Como Tudo Começou*. Na publicação do livro, o governo alemão suspendeu a liberdade de expressão nacionalmente para confiscar e destruir todas as cópias, assim como dois anos mais tarde ele burlou o assim chamado sistema de justiça para assassinar três prisioneiros políticos do R.A.F. (um grupo companheiro do M2J) em suas próprias celas.

Caríssima Nadia,

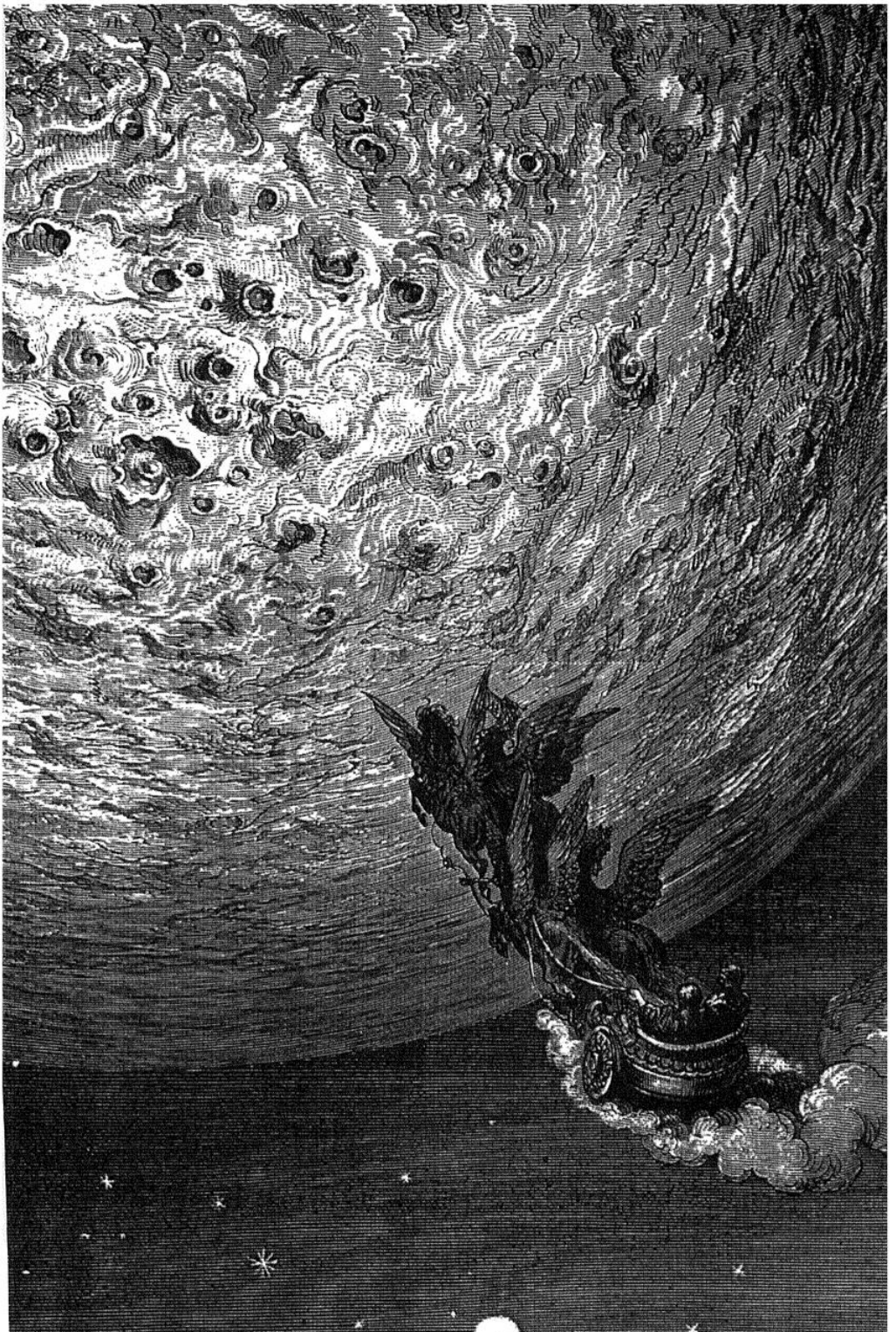
Eu li parte do manuscrito, como você pediu. Escuta, me fala: todos esses mitos — revolução, completa destruição da hierarquia, a união do interesse próprio com a generosidade, liberdade perfeita como libertação permanente de qualquer amarra incluindo as leis da natureza — têm a intenção de representar objetivos alcançáveis, ou são apenas símbolos para perseguirmos enquanto recedem à nossa frente?

Meu Caro E---

Bem, é o segundo, óbvio: para nos guiar e nos dar algo para enxergarmos além dos absurdos de nossa atual condição. Mas também — se nós acreditarmos, como os hereges do Espírito Livre acreditavam, que podemos alcançar o paraíso na terra, que a barreira entre o natural (o mundo como parece ser, a história como uma série de reações previsíveis, como uma *cadeia* de eventos) e o supernatural (nossas paixões, nossos desejos por coisas de fora *deste* mundo, que são invisíveis à história, aos quais nos referimos em nossas canções e divagações) pode ser magicamente dissolvida — e alguns de nós acreditam! — então sim, também leve estes mitos ao pé da letra. Nós somos mulheres e homens loucos, os doidos sagrados desta nova era, que são maníacos por ainda acreditarem em *qualquer coisa* nestes dias niilistas. Que assim seja!

Sim, o que queremos é algo que nunca aconteceu antes — por sua própria natureza! Então não podemos olhar para trás para encontrar precedentes, somente olhar adiante para tornar este sonho louco realidade de uma vez por todas. Ninguém jamais tentou isso antes — é por isso que vai funcionar.

E é por isso que hoje, os mitos, como intimações do que pode vir a ser, são muito mais poderosos do que os fatos — embora (não *porque*) possam não ser baseados em coisas que são "verdade objetiva" do mundo atual. O CrimethInc. é ele mesmo em grande parte mito — mas um mito que tem poder, pois aponta para um mundo que todos nós desejamos mais do que este. Eu te desafio, se é algo que *você* quer, a torná-lo realidade.

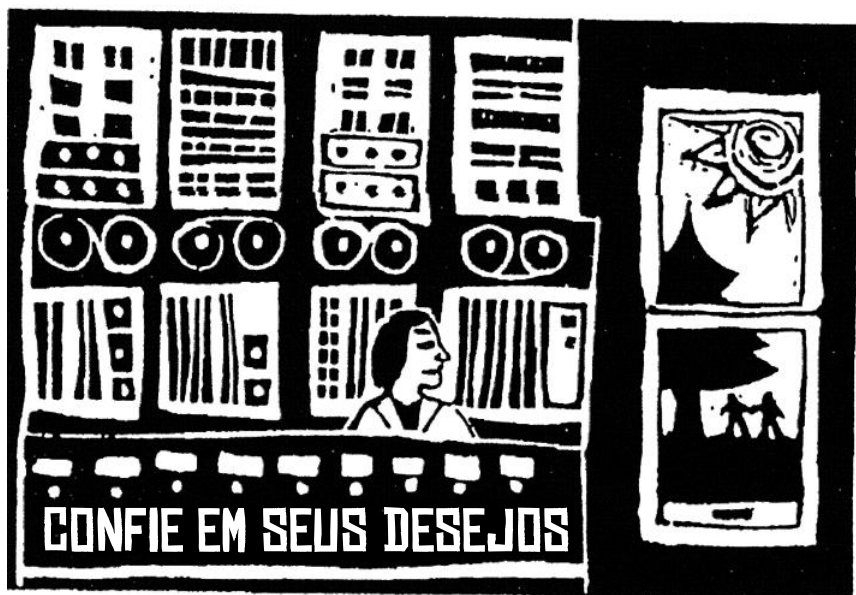


NASCE O CRIMETHINC.

De acordo com uma das lendas, o CrimethInc. começou em uma manhã ensolarada de maio quando um futuro trabalhador do CrimethInc. (nome ocultado para proteger os culpados) pegou a caroneira Nadia C. no seu caminho para o trabalho. Os dois começaram uma conversa tão intensa que ele passou o seu trabalho e foram para a área rural, onde fizeram uma longa caminhada e continuaram caminhando. No fim da caminhada ele ligou para

o seu patrão no celular, pediu demissão, e então arremessou seu telefone no meio do lago ao lado da estrada. No espírito do momento os dois decidiram iniciar uma organização revolucionária naquele instante.

Cabalistas do CrimethInc. interpretam a história como uma alegoria representando a união da oprimida classe trabalhadora com a resistência radical/boêmia, mas Nadia insiste que aquilo de fato aconteceu.





***é de Plágio,
Política e
Produção***



I. "Propriedade Intelectual"

Fomos todos ensinados desde jovens que não há nada de novo neste mundo. Sempre que uma criança tem uma idéia empolgante, uma pessoa mais velha rapidamente lhe diz ou que esta idéia já foi tentada antes e não funcionou, ou que outra pessoa não apenas teve a mesma idéia, mas também a desenvolveu e a expandiu além de limites que nenhuma criança conseguiria. "Aprenda e escolha entre as idéias e crenças que já estão em circulação, ao invés de buscar desenvolver e arranjar as suas próprias", é a mensagem, e esta mensagem é passada claramente pelos métodos de instrução usados tanto em escolas públicas quanto privadas no mundo Ocidental.

Apesar dessa atitude comum, ou talvez por causa dela, nós somos muito possessivos com nossas idéias. O conceito de propriedade intelectual está entranhado na psicosse coletiva ainda mais fundo que o conceito de propriedade material. Muitos pensadores já disseram que "propriedade é roubo"⁷ ao falar de imóveis e outros capitais físicos, mas poucos ousaram dizer o mesmo sobre suas próprias idéias. Mesmo o mais notório dos pensadores "radicais" orgulhosamente proclamaram suas idéias como, acima de tudo, *suas* idéias.

Conseqüentemente, pouca distinção é feita entre pensadores e seus pensamentos. Estudantes de filosofia estudarão a filosofia de Descartes, estudantes de economia estudarão Marx-ismo, estudantes de arte estudarão as pinturas de Dalí. Na pior das hipóteses, o culto à personalidade que se desenvolve ao redor de pensadores famosos evita qualquer consideração útil de suas idéias ou trabalhos de arte; partidários da adulação de heróis juram aliança a um pensador e todos os seus pensamentos, enquanto outros que possuem algum preconceito contra o "proprietário" das idéias têm dificuldades para não ter preconceitos contra as idéias em si. Na melhor das hipóteses, esta ênfase no "autor-proprietário" quando consideramos suas proposições ou obras é irrelevante ao valor das próprias proposições ou obras, mesmo se as histórias sobre o indivíduo em questão são interessantes e possam encorajar o pensamento criativo independente.

As próprias suposições por trás do conceito de "propriedade intelectual" exigem mais atenção do que temos lhes dado. Os fatores que afetam as palavras e feitos de um indivíduo são muitos e variados, entre os quais o ambiente sócio-cultural e a contribuição de outras pessoas são de grande relevância. Dizer que uma idéia tem toda sua origem somente em uma pessoa, homem ou mulher, é de um simplismo grosseiro. Mas estamos tão acostumados a alegar que itens e objetos são nossos e a sermos forçados a aceitar alegações similares dos outros, nesta competição sangrenta que é a vida na economia de mer-

⁷ Essa é na verdade uma afirmação problemática, uma vez que o julgamento "roubar é errado" depende do pressuposto de que "respeitar a propriedade é correto".

cado, que parece natural fazermos o mesmo com as idéias. Certamente devem haver outras formas de pensar sobre as origens e propriedade das idéias... pois nossa visão atual faz mais do que nos distrair das idéias em si.

Nossa tradição de reconhecer "direitos de propriedade intelectual" é perigosa pois ela endeusa o "pensador" e o "artista" publicamente conhecido às custas de todas outras pessoas. Quando idéias são sempre associadas a nomes próprios (e sempre aos *mesmos* nomes próprios), isso sugere que pensar e criar são habilidades especiais que pertencem a alguns indivíduos seletos. Por exemplo, a glorificação do "artista" na nossa cultura, que inclui o estereótipo dos artistas como "visionários" excêntricos que vivem no limite (na "vanguarda") da sociedade, encoraja as pessoas a acreditar que artistas são significativamente e fundamentalmente diferentes dos outros seres humanos. Na verdade, qualquer pessoa pode ser artista, e todo mundo o é, em alguma medida. Mas quando somos levadas a acreditar que ser a criatividade e o pensamento crítico são talentos que somente poucos indivíduos possuem, aquelas pessoas que não foram sortudas o suficiente para serem batizadas de "artistas" ou "filósofas" por nossas comunidades não farão muito esforço para desenvolver essas habilidades. Logo, ficamos dependentes dos outros para muitas de nossas idéias, e devemos ficar contentes como espectadores do trabalho criativo das outras pessoas.

Outro inconveniente incidental de nossa associação das idéias com indivíduos específicos é que isso promove a aceitação dessas idéias em sua forma original. Estudantes que aprendem a filosofia de Descartes são encorajadas a aprendê-la de forma ortodoxa, ao invés de aprender as partes que acham relevantes para suas próprias vidas e interesses e combinar essas partes com idéias de outras fontes. Por respeito ao pensador original, endeusado como é em nossa tradição, seus textos e teorias devem ser preservados como estão, sem jamais serem postos em novas formas ou contextos que possam revelar novas idéias. Mumificadas, muitas teorias se tornam completamente irrelevantes à existência moderna, quando poderiam enriquecer a vida se fossem tratadas com um pouco menos de reverência.

Então podemos ver que nossa aceitação da tradição da "propriedade intelectual" tem efeitos negativos em nossos esforços para pensar criticamente e aprender sobre nossa herança artística e filosófica. O que podemos fazer para resolver esse problema?

Uma das possíveis soluções é o plágio.

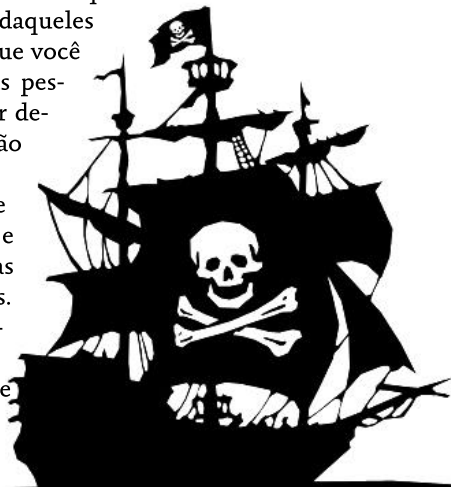
II. O Plágio e o Revolucionário Moderno

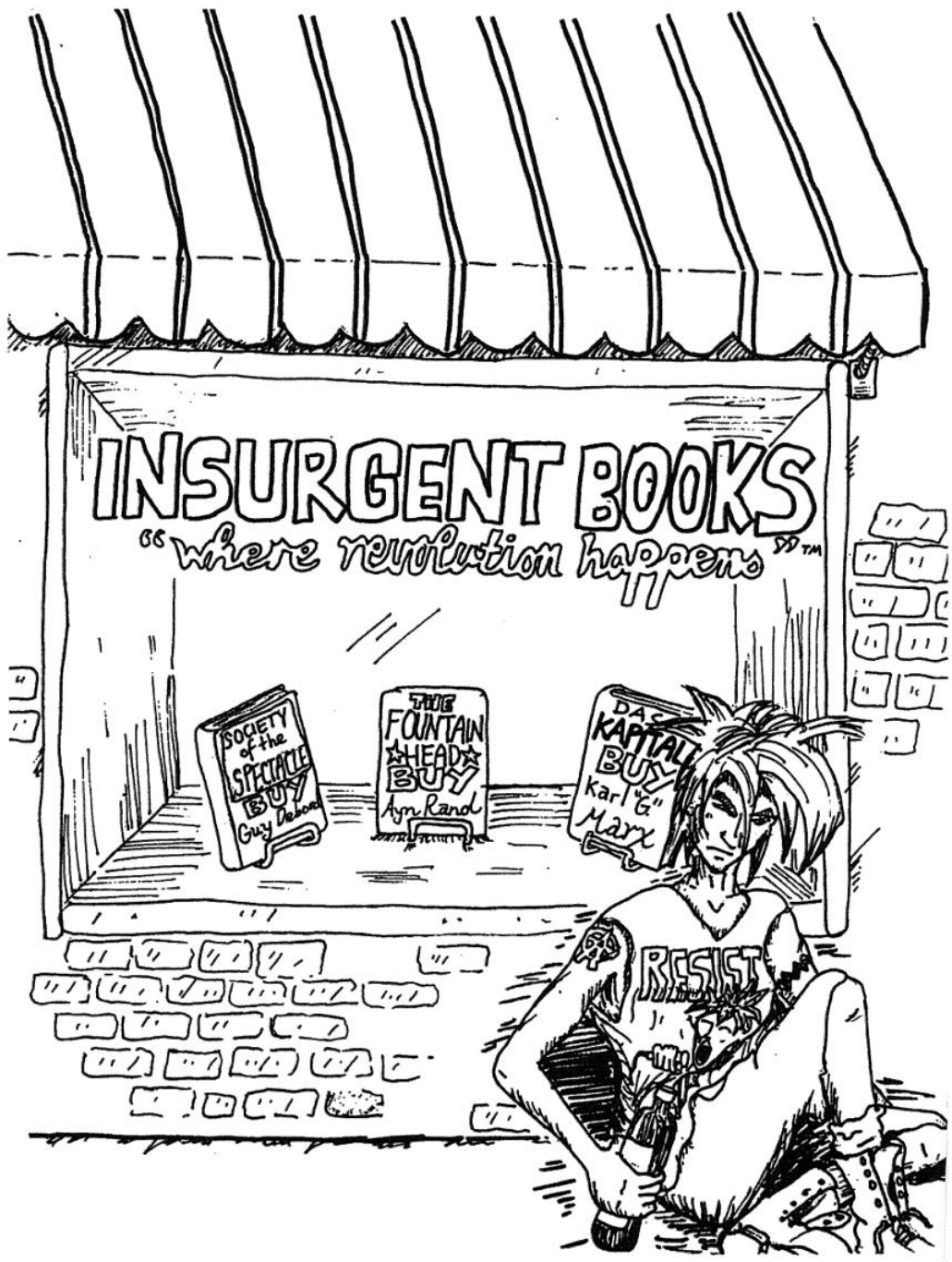
O plágio é um método especialmente eficiente de se apropriar e reorganizar idéias, e como tal pode ser uma ferramenta útil para o jovem homem ou mulher que procura encorajar pensamentos novos e empolgantes em outras pessoas. E é um método revolucionário pois não reconhece direitos de "propriedade intelectual", pelo contrário, a ataca, assim como ataca todos os efeitos negativos que seu reconhecimento pode trazer.

O plágio foca sua atenção no conteúdo, longe de questões incidentais, tornando as verdadeiras origens do material impossíveis de serem confirmadas. Além disso, como sugerido anteriormente, podemos argumentar que de qualquer forma as *verdadeiras* origens da maioria das inspirações e proposições são impossíveis de determinar. Ao assinar um novo nome, ou não assinar nome nenhum, a um texto, o plagiador coloca o material num contexto completamente novo, e isso pode criar novas perspectivas e novos pensamentos sobre o assunto. O plágio também torna possível combinarmos as melhores ou mais relevantes partes de vários textos, criando um novo texto com muitas das virtudes dos antigos — e algumas novas virtudes também, uma vez que a combinação de materiais de fontes diferentes pode resultar efeitos imprevisíveis, e também pode destravar possibilidades ou significados ocultos que estiveram dormentes nos textos por anos. E por último, mais que tudo, o plágio é a reapropriação de idéias: quando um indivíduo plagia um texto que as pessoas que acreditam em propriedade intelectual considerariam "sagrado", ele afirma que não há diferenças hierárquicas entre ele e o pensador de quem ele pegou. Ele pega as idéias do pensador para si mesmo, para expressar como achar melhor, ao invés de tratar o pensador como uma *autoridade* cujo trabalho ele teria o dever de preservar de acordo com a intenção original. Ela nega, de fato, que há uma diferença fundamental entre o pensador e o resto da humanidade, apropriando-se do material do pensador para que se torne *propriedade* da humanidade.

Pois afinal, uma boa idéia deveria estar disponível para todo mundo — deveria *pertencer* a todas as pessoas — se realmente é uma boa idéia. Num sociedade organizada para a busca da felicidade humana, leis de infração de direitos autorais e restrições similares não impediriam a distribuição e recombinação de idéias. Estes impedimentos só tornam mais difícil para que as pessoas que procuram por materiais inspiradores e desafiadores os encontrem e compartilhem com os outros.

Então, se realmente "não há nada de novo neste mundo", vamos levar isso ao pé da letra, e agir de acordo. Pegue o que parece relevante para a sua vida e suas necessidades das teorias e doutrinas de quem veio antes. Não tenha medo de reproduzir palavra por palavra daqueles textos que parecem perfeitos, para que você possa compartilhá-los com as outras pessoas que então poderão se beneficiar deles também. E, ao mesmo tempo, não tenha medo de roubar idéias de fontes diferentes e reorganizá-las de maneiras que você acha mais úteis e empolgantes, mais relevantes a suas próprias necessidades e experiências. Você pode criar um corpo personalizado de pensamentos críticos e criativos, com elementos reunidos de





INSURGENT BOOKS

"where revolution happens" SD™

SOCIETY of the SPECTACLE BUY
Guy Debord

THE FOUNTAIN HEAD BUY
Am Rand

DAS KAPITAL BUY
Karl G. Marx

RESIST

diversas fontes, ao invés de apenas escolher uma entre várias ideologias pré-fabricadas que te são oferecidas. Afinal, nós temos idéias ou elas nos têm?

III. A Linguagem e a Questão da Autoria Em Si

Palavras, convenções musicais e artísticas, símbolos e gestos, tudo isto é útil somente porque as temos em comum — isso por si faz delas moeda para a comunicação. Os seres humanos, assim como tudo mais no mundo, não são entidades isoladas: cada um de nós existe como parte de uma vasta rede, como uma intersecção de fios que chegam de todas direções. Nenhum de nós poderia ser o que somos se não fosse pelas outras à nossa volta e aquelas que nos precederam, e o mundo natural — nossos pensamentos são construídos a partir dos idiomas falados em nosso entorno, nossos valores e narrativas a partir dos objetos achados neste mundo; representamos nossas experiências e memórias para nós mesmos nas configurações desenvolvidas pela civilização que nos criou.

Isso não quer dizer que nada seja original; pelo contrário, *tudo* é original, pois toda expressão, toda ação, não importa quantas vezes for repetida, tem origem num ponto único na rede de relações humanas. Mas isso ao mesmo tempo significa que a recontextualização de elementos pré-existentes (o que algumas pessoas chamam de "plágio") é essencial a *toda* comunicação. E se toda expressão é ao mesmo tempo emprestada e única, é absurdo tentar delimitar expressões a só uma das duas categorias. Sim, cada uma de nós participa na continuidade e evolução das línguas que falamos; mas na verdade, a linha entre imitação e inovação é tão nebulosa que qualquer distinção será arbitrária.

Se esse é o caso, então vamos deixar que cientistas descubram os detalhes cronológicos de quem foi a primeira pessoa a organizar palavras ou notas musicais em uma determinada ordem. Muito mais importante, para nós, é o que podemos fazer com estas combinações de elementos compartilhados.

Algumas pessoas reclamam para si os direitos de propriedade sobre combinações que acreditam (corretamente ou não) terem sido as primeiras a aplicar; muitas justificam isso insistindo que essas combinações são a expressão perfeita de suas emoções ou experiências, e que quem as lê ou escuta ganha acesso direto à sua alma. Mas o fato é que, um poema ou canção sempre tem um significado diferente para a pessoa que lê ou escuta do que para quem o compôs. Quem lê aplica as palavras às suas próprias experiências, busca em seu coração para ver quais palavras ressonarão com as emoções únicas que sente. Goste ou não, depois que você cria algo e o libera no mundo, a sua criação assume vida própria nas reações e emoções que provoca nas outras pessoas — e ela não vai prestar contas ou representar você exceto por coincidências. Para quem escreve, o verdadeiro significado do trabalho é no ato de criação em si, no moldar e rearranjar as formas. Quem espera ter controle dos produtos de sua criação vive em negação.

Logo, podemos abandonar todas superstições em torno da autoria — a questão da chamada autenticidade, a glorificação da auto-expressão, o conceito de propriedade intelectual — e ver a assinatura pelo que ela realmente

é: outro elemento da composição. A assinatura de um trabalho é parte do processo criativo: ela oferece um contexto no qual o trabalho será interpretado. De toda forma, que assinatura pode capturar verdadeiramente todas as origens de um trabalho, se levarmos em consideração todos os componentes discrepantes e antigos que compõem qualquer obra de arte, e todas as relações humanas e inovações que são necessárias para alcançá-las? A propósito, se a noção de identidades fixas e distintas dos indivíduos também é uma superstição, isso torna absurda até mesmo a possibilidade de uma assinatura individual! Se nós quiséssemos ser honestas, deveríamos assinar o nome de toda nossa civilização em nossa poesia ou cerâmica, e adicionar o selo do cosmos no qual ela cresceu — tornando o trabalho efetivamente comunitário.

Portanto, se a assinatura é somente mais um elemento da composição, faz tanto sentido quanto colocar a assinatura de outra pessoa ou um nome falso (completo talvez com uma identidade fabricada), dependendo de qual pode oferecer um contexto que melhorará o conteúdo da obra. Pois, uma vez que



Artistas ruins imitam.

Grandes artistas roubam.

—Pablo Picasso

estivermos livres da ilusão de que podemos possuir expressões, podemos focar na verdadeira questão de como criar expressões — contexto e tudo — que mais nos ajudarão a encontrar a nós mesmos e aos outros... e então, transformar o que descobriremos.

AVISO: Todo esse papo de roubo artístico não é para ser considerado um incentivo à mera repetição. Jovens aprendizes de plagiadores algumas vezes esquecem completamente de recontextualizar, e acham que é o suficiente apenas papagaiar o que ouvem por aí. Mas você provavelmente não vai dizer nada tão real ou importante quanto isso, vai?

A PRIMEIRA CONVENÇÃO INTERNACIONAL DO COLETIVO CRIMETHINC.

Os detalhes do encontro da primeira Internacional do Crime-thinc. (CrimelIntern) estão envolvidos em mitos e fábulas. Algumas pessoas dizem que os delegados se encontraram por acaso, tentando aplicar um golpe no mesmo restaurante; outras alegam que eles se reuniram na piscina de um hotel chique, onde entraram sorrateiramente, enquanto outras insistem que foi apenas uma conversa entre uma funcionária de uma gráfica corporativa e um trabalhador do CrimethInc. que estava roubando fotocópias com ajuda dela. Independente das reas circunstâncias da convenção, todo mundo concorda que foi nesse evento que foram estabelecidos os dogmas iniciais do programa de partido do CrimethInc.:

Nunca Trabalhe

Não se permita ser comprado. Faça o que você mais quer fazer, não apenas o que te pagam para fazer. Se você vender o seu tempo por dinheiro, fazendo algo que não seja recompensador,

você está vendendo a sua vida. O que você poderia comprar com esse dinheiro que valeria mais que a vida que você perdeu?

Existe uma diferença entre vida e mera sobrevivência. A economia capitalista quer vender a sobrevivência para você em troca se sua vida: ela faz isso fazendo você passar a sua vida trabalhando para alcançar os objetivos de outras pessoas ao invés dos seus próprios, para ganhar o dinheiro para comprar as coisas que a publicidade e a mídia fazem você acreditar que precisa.

*Nós só temos um curto tempo neste planeta para viver e encontrar a felicidade. A vida que você vive é aquela capaz de te dar mais felicidade? Você faz o que faz por amor ou por alguma outra razão? O que poderia justificar não fazer o que você realmente quer fazer com a sua vida? Sempre que você puder, nunca trabalhe para empresas ou outras forças externas; faça o que você faz na sua vida por **si mesmo**.*



Nunca Descanse

Decida o que você quer da vida e vá atrás! Não fique sentado esperando que venha até você; provavelmente não virá. Se você quer alguma coisa, qualquer coisa, você vai ter que ir pegar. Cabe a você descobrir como... e fazer.

Hoje nós estamos condicionados a ficarmos sentados parados quando não estamos obedecendo ordens. Quando não estamos no trabalho, nós devemos sentar silenciosamente na frente da televisão absorvendo tudo que nos for alimentado, ou agir nos papéis pré-determinados (e absolutamente inofensivos) de fãs de música ou de esportes. Mas se queremos encontrar felicidade neste mundo, devemos aprender novamente a como agir por nós mesmos. Devemos lutar para encontrar novas formas de sobrevivência e de vida, especialmente se quisermos nos libertar do fardo do "trabalho". Não podemos ficar sentados fazendo o que nos dizem, dando voltas nos círculos do assim chamado entretenimento e "tempo livre"; devemos inventar nossas próprias atividades, devemos nos motivar e nunca descansar na luta para retomar nossas vidas. Não será fácil, mas vale a pena!

Aumente a Aposta!

Se um pouco de liberdade é bom, então muita liberdade é ótimo. Se um pouco de prazer é bom, então muito prazer é glorioso. Nós não nos contentamos em nos acomodarmos em trocas dos restos de autodeterminação e ale-



gria que nos são oferecidos dentro do sistema que comanda nossas vidas. Queremos tudo. Queremos controle sobre todos aspectos de nossas vidas; queremos sentir a mais doce das felicidades e a mais empolgante liberdade que esta existência tem a oferecer; queremos levar vidas que sejam heróicas, tão magnífica quanto as que vemos sobre nos livros. Queremos apostas arriscadas: não queremos apenas deixar nossas vidas passarem por nós, medíocres e cansativas, como muitas pessoas deixaram antes de nós.

Para isso, estamos dispostos a arriscar tudo; para isso, estamos dispostos a lutar!

Todas as pessoas que estavam presentes ficaram profundamente comovidas pela idéia de nunca mais abrir mão de seus desejos e seu tempo, e se espalharam pelo mundo em todas direções para tentar o experimento de viver sem concessões.

Encare os fatos,
**a tua política
é chata pra
caralho!**



por Nadia C.

Você sabe que é verdade. Caso contrário, por que todo mundo se incomoda quando você toca no assunto? Por que a presença das pessoas em seus encontros do grupo de discussão anarcocomunista caiu tanto? Por que o proletariado oprimido não se conscientiza e se junta a você na sua luta pela libertação mundial?

Talvez, após anos de lutas para educar essas pessoas sobre a sua condição de vítimas, agora você as culpe. Provavelmente elas devem *querer* estar esmagadas sob a sola do sapato do imperialismo capitalista; caso contrário, por que não demonstram nenhum interesse diante da sua causa política? Por que elas ainda não se juntaram a você em manifestações contra a privatização das estatais, cantando slogans em protestos cuidadosamente planejados e frequentando livrarias de esquerda? Por que elas ainda não se sentaram e aprenderam toda a terminologia necessária para uma genuína compreensão das complexidades da teoria econômica marxista?

A verdade é que a sua política é chata para elas porque é realmente irrelevante. Elas sabem que o seu antiquado estilo de protesto, suas marchas, faixas e encontros, são hoje em dia incapazes de causar mudanças reais porque se tornaram uma parte previsível do status quo. Elas sabem que o seu jargão pós-marxista está desatualizado pois na verdade ele é apenas uma linguagem de mera disputa acadêmica, não uma arma capaz de enfraquecer os sistemas de controle. Elas sabem que as suas lutas internas, os seus grupos divididos e as suas rixas a respeito de teorias efêmeras nunca poderão causar nenhuma mudança real no mundo que elas vivenciam no dia-a-dia. Sabem que não importa quem está na chefia, quais leis estão nos livros ou sob qual “ismo” os intelectuais estão se curvando no momento, o conteúdo de suas vidas vai permanecer o mesmo. Elas — *nós* — sabemos que o nosso tédio é uma prova de que essa “política” não é a chave para qualquer transformação nas nossas vidas. Visto que nossas vidas já são chatas o suficiente sem isso.

E você sabe disso também. Para quantos de vocês a política é uma *responsabilidade*? Uma coisa na qual você se engaja porque se sente no *dever* de se engajar, quando em seu coração há milhares de outras coisas que você preferiria estar fazendo? O seu trabalho voluntário é seu passatempo favorito ou você o faz por um sentimento de obrigação? Por que você acha que é tão difícil motivar as outras pessoas a serem voluntárias como você? Pode ser que seja, acima de tudo, um sentimento de *culpa* que leva você a cumprir o seu “dever” de ser politicamente ativo? Talvez você torne o seu “trabalho” mais interessante tentando (conscientemente ou não) arrumar problemas com as autoridades, ser preso: não apenas porque isso vai servir à sua causa, mas para tornar as coisas mais excitantes, para trazer de volta um pouco do romance dos tempos turbulentos do passado. Por acaso você já se sentiu como se estivesse meramente participando de um ritual, numa recém estabelecida tradição de protesto consentido, que serve apenas para fortalecer a posição da corrente dominante? Por acaso você já almejou escapar da estagnação e tédio das suas “responsabilidades” políticas?

Não é surpresa nenhuma o fato de que ninguém se juntou a você nos seus

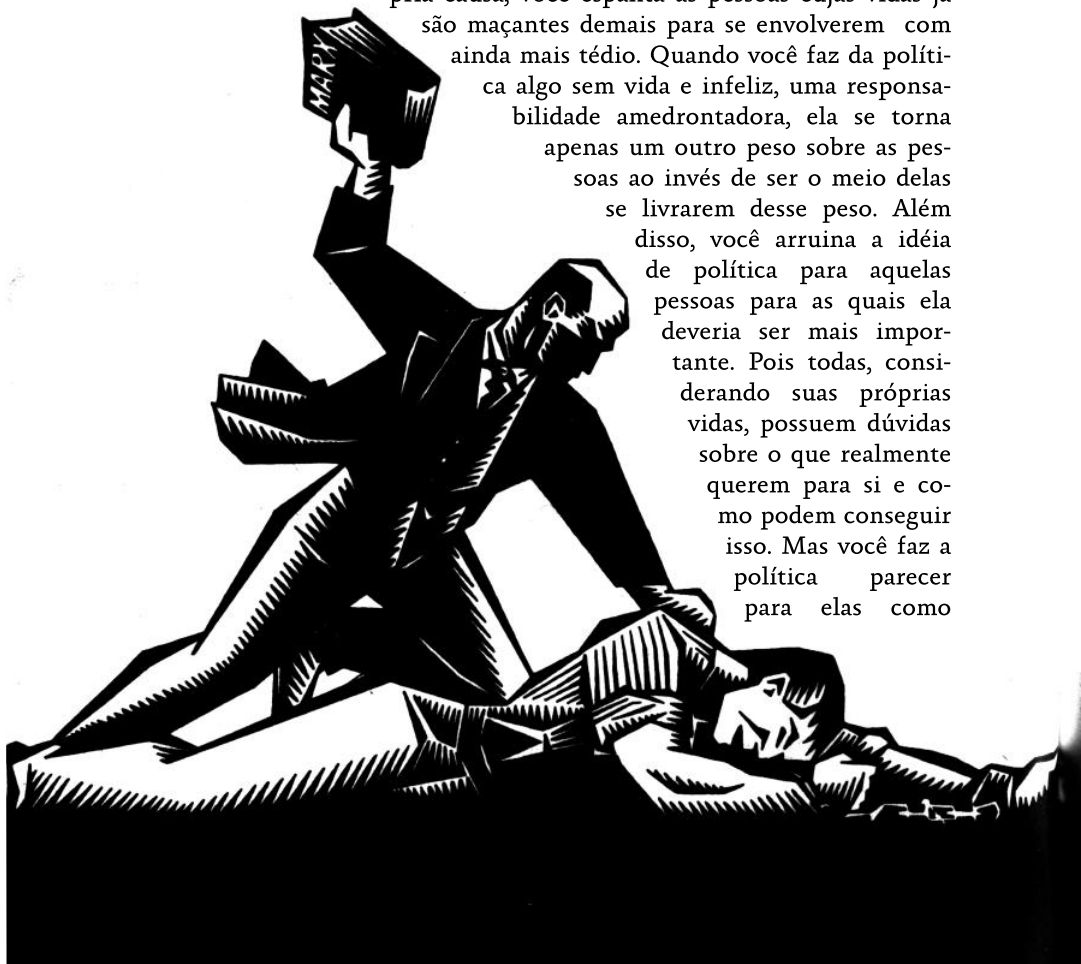
esforços políticos. Talvez você diga a si mesmo que é um trabalho duro e sem reconhecimento, mas alguém tem que fazê-lo. Bem, a resposta é NÃO.

Na verdade você causa a todos nós um sério prejuízo com a sua política te-diosa e cansativa. Pois, de fato, não há nada mais importante que política. Não a política da “democracia”, da lei e de quem é eleito deputado para assinar os mesmos projetos de lei e perpetuar o mesmo sistema. Não a política anar-quista do tipo “*Eu me envolvi com a esquerda radical porque me divirto em fazer jogo de palavras com detalhes triviais e em escrever retoricamente sobre uma utopia inalcançável*”. Nem a política de qualquer ideologia ou líder que necessite que você faça sacrifícios pela causa. Mas sim a política da nossa vida cotidiana.

Quando você separa a política das experiências imediatas e cotidia-nas das pessoas, ela se torna completamente irrelevante. De fato ela se torna o domínio privado dos ricos e intelectuais, que podem desafiar a si mesmos com essas coisas monótonas e teóricas. Quando você se envolve em política por um sentimento de obrigação e transforma a sua ação política em uma respon-sabilidade maçante ao invés de um jogo excitante e vantajoso para a sua pró-pria causa, você espanta as pessoas cujas vidas já

são maçantes demais para se envolverem com ainda mais tédio. Quando você faz da políti-ca algo sem vida e infeliz, uma responsa-bilidade amedrontadora, ela se torna apenas um outro peso sobre as pes-soas ao invés de ser o meio delas

se livrarem desse peso. Além disso, você arruina a idéia de política para aquelas pessoas para as quais ela deveria ser mais impor-tante. Pois todas, consi-derando suas próprias vidas, possuem dúvidas sobre o que realmente querem para si e co-mo podem conseguir isso. Mas você faz a política parecer para elas como



um jogo miserável, narcisista e sem graça, da classe média “boêmia” — um jogo sem relevância para a vida real que elas vivem.

O que deveria ser político? Se gostamos das coisas que fazemos para conseguir casa e comida. Se nós sentimos que as nossas interações diárias com os nossos amigos, vizinhos e colaboradores são satisfatória. Se nós temos a oportunidade de viver cada dia do jeito que desejamos. E a “política” não deveria consistir em meramente *discutir* essas questões, mas em agir diretamente para melhorar as nossas vidas no presente imediato. Agindo de um jeito que seja ao mesmo tempo excitante e alegre — porque a ação política que é entediante, cansativa e opressiva só servirá para perpetuar o tédio, a fadiga e a opressão em nossas vidas. Não devemos mais perder tempo debatendo temas irrelevantes quando temos que ir trabalhar de novo no dia seguinte. Chega de manifestações previsíveis com as quais as autoridades sabem muito bem como lidar; chega de protestos ritualizados maçantes que não sejam um modo emocionante de se passar uma tarde de sábado. Essas enfadonhas manifestações claramente não nos levarão a lugar nenhum. Nunca mais devemos “nos sacrificar pela causa”. Porque *nós mesmos*, a felicidade em nossas próprias vidas e na vida de nossos companheiros, deve ser a nossa causa!

Depois que fizermos da política algo relevante e excitante o resto vem junto. Mas de uma política monótona e puramente teórica e ritualizada, nada de valor pode surgir. Isso não significa que não deveríamos demonstrar nenhum interesse no bem estar de humanos, animais e ecossistemas que não temos contato diretamente em nosso dia-a-dia. Mas a base da nossa política deve ser concreta: deve ser imediata, deve estar evidente para todo mundo o porquê dela valer a pena, deve ser divertida em si mesma. Como nós podemos fazer coisas positivas para as outras pessoas se nem ao menos temos prazer com nossas próprias vidas?

Para dar um exemplo de como isso é possível: uma boa ação política seria passar uma tarde coletando alimentos de empresas que os jogariam fora, e oferecendo-os para pessoas famintas e para as que estão cansadas de trabalhar; ou quem sabe invadir uma casa desocupada, que está esperando o melhor momento para ser vendida, e realizar uma festa junto com seus amigos. Mas apenas se essa ação te der prazer. Se fizer isso com seus amigos, se fizer novas amizades, se você se apaixonar ou trocar histórias engraçadas ou se sentir orgulhoso de ter ajudado uma mulher a diminuir as suas necessidades financeiras, essa é uma ação política. Por outro lado, se você passa a sua tarde inteira digitando uma carta furiosa para um obscuro jornal de esquerda contestando um colunista pelo fato de ele ter usado o termo “anarcossindicalista”, isso não faz você conseguir merda nenhuma e você sabe disso.

Talvez seja a hora de uma nova palavra para definir “política”, já que você transformou a velha num “palavrão”. Para que ninguém se desanime quando nós começarmos a falar sobre como agir conjuntamente para melhorar as nossas vidas.

Então, nós apresentamos aqui as nossas exigências, que não são negociáveis, e que devem ser atendidas *assim que possível* — porque nós não vamos viver para sempre, não é mesmo?

- 1.** Faça novamente a política ser relevante para o seu dia-a-dia. Quanto mais distante estiver o objeto do nosso interesse político, menos ele significará para nós; e quanto menos real e urgente ele parecer, e mais maçante será a política.
- 2.** Toda a atividade política deve ser alegre e excitante em si mesma. Você não pode escapar da monotonia com mais monotonia.
- 3.** Para realizar os dois primeiros passos, devem ser criados métodos e propostas políticas inteiramente novas. As velhas estão antiquadas e obsoletas. Talvez elas NUNCA tenham sido nada aproveitáveis e é por isso que o nosso mundo está desse jeito hoje em dia.
- 4.** Divirta-se! Nada justifica estar entediado... ou ser um tédio!

Junte-se a nós em fazer da "revolução" um *jogo*; um jogo no qual apostamos todas as nossas fichas, mas mesmo assim um jogo alegre e despreocupado!

A PEGADINHA DO CINEMA

Agentes do CrimethInc. vestidos com uniformes de um cinema corporativo de Chicago, nos Estados Unidos, distribuíram 200 ingressos gratuitos para uma exibição do filme *Assassinos Por Natureza*. Quando uma multidão, composta por partes iguais de pessoas que não perdem nada grátis e cinéfilos que nada suspeitavam, apareceu esperando entrar no cinema gratuitamente, os gerentes primeiro barraram as portas e exigiram

saber quem era o responsável pela pegadinha. Mas quando ficou claro que a multidão pensava que os gerentes do cinema estavam sacaneando elas, e começou a ficar hostil, os gerentes perceberam que a coisa mais sensata a fazer seria aceitar os ingressos e deixar todo mundo entrar. Portanto um núcleo de trabalhadores empobrecidos do CrimethInc. conseguiu ver um filme de graça e radicalizaram algumas centenas de civis no processo.



Honestamente, quando foi a última vez que você passou um dia inteiro apenas aproveitando o que você estava fazendo e sentindo?
Aproveitando só por aproveitar, sem pensar no futuro ou se preocupar com as conseqüências a longo prazo?

Quando foi a última vez que você passou um mês inteiro vivendo desse jeito?

É difícil para você esquecer as suas responsabilidades, os seus objetivos, a sua produtividade, e apenas estar no presente?

Produto é o *Excremento* da Ação.

por Jeanette Winterson

Hoje em dia, nossas vidas giram em torno de *coisas*. Medimos o nosso valor de acordo com as nossas posses materiais: de acordo com o controle sobre coisas externas a nós mesmos. Medimos o nosso sucesso na vida de acordo com a nossa "produtividade", que é a habilidade de fazer essas coisas. O nosso sistema social, mais do que qualquer coisa, gira em torno da produção e do consumo de bens materiais, representamos as nossas vidas como coisas para nós mesmos: consideramos as nossas realizações, probabilidades para o futuro, posição social... tudo menos como realmente nos *sentimos*. "Os fins justificam os meios", dizemos; ou seja, os *produtos* das nossas ações, o resultado final das nossas vidas, são mais importantes para nós do que o próprio processo de viver.

Mas os produtos são os *excrementos* das nossas ações. Produto é o que resta quando a poeira baixa e a pulsação volta ao normal, quando o dia acaba, quando o caixão é depositado no solo. Nós não existimos na poeira abaixada ou no resultado final; estamos aqui no tempo presente, no fazer, no sentir. Assim como nós tentamos nos imortalizar fugindo para o mundo das imagens fixas e imortais, nós tentamos nos externalizar pensando nos resultados de nossas ações ao invés da experiência das próprias ações. Afinal, é bastante complicado ter que se preocupar se você está realmente se divertindo, ou como você está se sentindo no momento. É mais fácil focar-se nos resultados, a evidência concreta da sua vida; essas coisas parecem mais fáceis de se entender e mais fáceis de se controlar.

Lógico que a maioria dos trabalhadores de hoje em dia estão acostumados a pensar muito mais sobre os fins do que os meios. Eles gastam a maior parte do seu tempo e energia trabalhando em um emprego que provavelmente não satisfaz os seus sonhos. Eles esperam pelo pagamento todo mês, pois contam com o cheque para isso tudo ter algum sentido em sua vida: sem isso, eles se sentiriam como se estivessem perdendo seu tempo. Se eles não olhassem para as "conseqüências" das suas ações como uma forma de justificá-las, a sua vida seria insuportável — o que aconteceria se eles constantemente considerassem seus sentimentos enquanto estão ensacando mantimentos, ou perguntassem a

si mesmos se estão se divertindo enquanto brigam com um fax que não quer funcionar. Na medida que a sua experiência diária de vida é tediosa e sem sentido, eles precisam se concentrar no próximo fim-de-semana, nas próximas férias, nas próximas compras, para evitar a loucura. Conseqüentemente eles são obrigados a generalizar esse modo de pensar as outras áreas de suas vidas: eles avaliam possíveis ações de acordo com as recompensas que elas podem oferecer, do mesmo jeito que avaliariam um emprego pelo salário que oferece.

Desse modo, o presente tem perdido quase toda a sua importância para o homem moderno. Ao invés disso ele passa a sua vida planejando o futuro: ele estuda por um diploma, ao invés de pelo prazer de aprender; escolhe o seu trabalho por status social, riqueza e "segurança", ao invés de pela alegria; economiza o seu dinheiro para grandes compras e viagens de férias, ao invés de comprar a sua saída da escravidão do trabalho assalariado, por uma liberdade em tempo integral. Quando se encontra experimentando uma profunda felicidade com outro ser humano, ele tenta congelar esse momento e transformá-lo em algo fixo (um *contrato*), casando-se. Aos domingos vai à Igreja, onde lhe dizem que deve fazer boas ações para merecer a salvação eterna (como Nietzsche disse, o

A sociedade moderna gira ao redor da produção e da distribuição de bens materiais, ao invés da felicidade e satisfação de seus participantes.

Logo
O homem moderno considera a sua vida de acordo com aquilo que ele pode exibir, com suas conquistas, ao invés de considerar a vida por si própria.

bom cristão também deseja ser *bem pago*), ao invés de pelo puro prazer de ajudar as outras pessoas. O "aristocrático pouco caso pelas conseqüências", aquela habilidade de agir pela ação que os heróis possuem, está muito além dele.

É clichê dizer que homens e mulheres de meia idade da classe média dificilmente colocam de lado as suas apólices de seguro e seus programas de investimento para tentar entender o agora; mas, quase sempre, também acabamos por trocar o presente pelo futuro e a experiência por souvenirs. Guardamos lembranças, troféus, caixas de presentes, cartas velhas, como se a vida pudesse ser juntada, armazenada e congelada para depois... para depois? Para quando? A vida está aqui conosco agora, passando por nós como um rio; e como um rio ela não pode ser represada sem perder sua ma-



gia. Quanto mais tempo gastarmos tentando "preservá-la", menos tempo teremos para nela mergulhar.

Os piores de nós, de fato, são radicais e artistas. Muito freqüentemente, nós "revolucionários" empregamos nossos esforços pensando e discutindo sobre a revolução que "está por vir", ao invés de nos concentrarmos em *fazer* a revolução no tempo presente. Estamos tão acostumados a pensar em termos produção que mesmo quando tentamos fazer da vida algo imediato e excitante, ainda assim acabamos por centralizar os nossos esforços num evento futuro — um que provavelmente não vamos nem viver para ver. E como supervisores de uma fábrica, estamos muito mais preocupados com os números de nossa produtividade (a quantidade de novos simpatizantes recrutados, o progresso da "causa", etc...) do que com a forma que nós e nossos companheiros humanos nos sentimos e vivemos.

Os artistas são os que mais sofrem essa tendência, pois a sua própria vocação depende de transformar o material bruto da experiência da vida real em produtos. Há algo da sede capitalista por dominação no modo como os artistas moldam as suas próprias emoções e experiências, em formas de sua própria criação através do ato de expressão; pois a expressão de pensamentos e sensações, únicas e impenetráveis como são, sempre consiste em um tipo de simplificação. Não é suficiente para a artista apenas experimentar e apreciar a vida como ela realmente é; ela canibaliza a sua vida para beneficiar o que na verdade é uma *carreira*, uma série de produtos externos a ela, chegando mesmo a ajustar a sua vida de acordo com a sua obra. Pior, ela pode achar que não pode fazer amor no telhado durante o nascer do sol sem planejar a *excelente*

cena para o seu livro (excremento!) que isso renderá.

Certamente, a excreção é uma função saudável e necessária do corpo e da mente e há um lugar para a arte em nossas vidas como um modo de devolver os sentimentos para o mundo quando o coração estiver quase transbordando, mas se você continua fazendo isso quando já não é mais necessário acabará expelindo o seu coração e o resto das suas entranhas (você se lembra do conto de fadas da galinha dos ovos de ouro?). Devemos colocar a vida e a experiência em primeiro lugar e abordar o mundo com apenas isso em mente, frescas e inocentes como crianças, sem intenções de canibalizar, classificar, organizar ou simplificar a profunda infinidade das nossas experiências. Caso contrário, em nossa busca por coisas que possam ser compactadas e preservadas eternamente, perderemos o que é mais vital, mais bonito e mais imediato neste mundo. *"A imaginação deveria ser usada em primeiro lugar para transformar a realidade do dia-a-dia, não apenas para fazer representações simbólicas dela."* De qualquer forma, quantos romances empolgantes poderiam ser escritos sobre o tipo de vida que a maioria de nós vive hoje em dia? *Façamos do viver a nossa arte, ao invés de procurar transformarmos nossas vidas em mera arte.*

Então vamos parar de "fazer história" — estamos todos tão obcecados em "deixar uma marca" — e vamos começar a viver.

Essa seria a verdadeira revolução.



A SEGUNDA INTERNACIONAL

Depois de dois anos do experimento de trabalho zero, estava claro para todos os membros da federação CrimethInc. que era o momento de compartilhar soluções para dificuldades inerentes à empreitada, e discutir quais deveriam ser os próximos passos. Uma segunda CrimethIntern foi convocada em uma igreja fundamentalista abandonada, à qual atenderam cerca de uma centena de homens e mulheres. Os delegados concordaram que principais problemas da estratégia do não-trabalho era que só era viável para

uma minoria, e que ela tinha uma tendência a privar aquelas pessoas que buscavam do acesso a alguns recursos disponíveis ao resto da sociedade. Foi decidido que o próximo projeto do CrimethInc. teria que ser a reintegração dos ex-trabalhadores em amplos setores da sociedade, para atingir o objetivo de integrar mais membros da sociedade no círculo de ex-trabalhadores. Para isso, foram planejados novos projetos para o CrimethInc., além de roubo, revirar lixo e ocupação de prédios abandonados.





é de Roubo



"Num mundo que está de cabeça para baixo, você tem que ser um ladrão para ser um homem honesto."

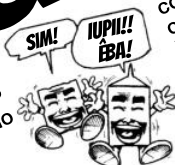
— Mike Fromage, autor de Gehenna: One Man's Quest for Vengeance

Por que eu amo

Yomangar*

de grandes corporações por... hmmm... anônimo

com nossos amigos, os travessos Leite de Soja e Tofu.



COMEÇA AQUI!



Nada se compara ao sentimento de júbilo, de fardos sendo levantados e amarras sendo soltas, que sinto quando eu saio de uma loja corporativa com seus produtos em meus bolsos. Num mundo onde tudo já pertence a alguém, onde é esperado que eu venda minha vida trabalhando para conseguir

* do espanhol "Yo Mango", que significa "eu roubo". Yomango é um movimento anti-consumismo e antitrabalho de roubo de mercadorias.



dinheiro para pagar pelo básico de que preciso para sobreviver, onde estou cercado de forças além do meu controle ou compreensão que obviamente não se preocupam com minhas necessidades e bem-estar, esta é uma forma de cunhar um pedaço do mundo para mim — reagir a um mundo que age tanto sobre mim.

É uma sensação completamente diferente daquela que sinto quando compro algo. Quando eu pago por uma coisa, estou fazendo uma troca; estou oferecendo o dinheiro que comprei com meu trabalho, com meu tempo, e com minha criatividade por um produto ou serviço que a corporação não deixaria eu ter de nenhum outro jeito. De certa forma, nós temos uma relação baseada na violência: nós negociamos uma troca não por respeito ou preocupação um com o outro, mas de acordo com as forças que exercemos um sobre o outro. Supermercados sabem que podem me cobrar dois reais pelo pão porque vou morrer de fome se não comprá-lo; eles sabem que não podem me cobrar cinco reais, porque daí vou comprar em outro lugar. Então nossa interação gira em torno de ameaças implícitas, em vez de amor, e sou forçado a dar algo meu para conseguir algo deles⁸.

Tudo muda quando eu roubo. Não estou mais negociando com entidades não humanas, sem rosto, que não se preocupam com meu bem-estar; em vez disso, estou pegando o que preciso sem me desfazer de nada. Eu não sinto mais que estou sendo forçado a uma troca, e eu não sinto mais que não tenho controle sobre a forma como o mundo dita a minha vida. Eu não tenho mais que me preocupar se o prazer que eu recebo pelo livro que comprei compensa

⁸ Por outro lado, em uma relação de amor, as pessoas acreditam que se beneficiam ao doar para as outras, e vice-versa.

as duas horas de trabalho que me custou para comprá-lo. Dessa e de outras centenas de formas, roubar faz eu me sentir libertado e poderoso. Vamos examinar o que o roubo tem a oferecer como método alternativo de consumo.

O ladrão ganha seus prêmios quando corre riscos, e não quando dá um pedaço de sua vida em troca. A vida para ele não é uma coisa que deva ser vendida por sete ou oito reais a hora em troca de sobrevivência; ela é algo que lhe pertence pois ele a toma para si, porque ele a reclama. Em nítido contraste com o consumidor que acata as leis, o modo como os bens são adquiridos é tão empolgante quanto os próprios bens; e isso significa, de muitas formas, que é mais digno de louvor.

Roubar é uma recusa a participar na economia de trocas. É uma negação de que as pessoas mereçam comer, viver e morrer baseado no quão eficientes elas são em trocar seu trabalho e capital com as outras. É uma negação que possa se atribuir um valor monetário a tudo, que ter um pedaço delicioso de chocolate na sua boca vale exatamente cinqüenta centavos ou que uma hora da vida de uma pessoa possa realmente valer dez reais mais que a de outra. É uma recusa a aceitar o sistema capitalista, no qual trabalhadores têm que comprar os produtos do seu próprio trabalho dando o lucro para os donos do capital, que os comandam ao seu bel prazer.

Roubar é dizer *NÃO* a todas características que caracterizam a corporação moderna. É uma expressão de descontentamento com os baixos salários e falta de benefícios que tanta corporações exploradoras forçam os seus empregados a sofrer em nome do lucro da empresa. É uma recusa a pagar por produtos de baixa qualidade que foram projetados para estragar ou se desgastar logo para forçar os consumidores a comprar mais. É se recusar a financiar a destruição ambiental causada impiedosamente por tantas corporações durante a fabricação de seus produtos e construção de novas lojas, uma recusa a apoiar as corporações que levam empresas locais à falência, uma recusa a aceitar o assassinato de animais nas indústrias de carne e laticínios e a exploração de imigrantes nas indústrias de frutas e vegetais. Roubar é uma declaração contra a alienação do consumidor moderno. O ato de roubar declara: "Se não somos capazes de encontrar ou comprar nenhum produto além destes, que foram feitos a milhares de





quilômetros de nós e sobre os quais não podemos saber nada, então nos recusamos a pagar por eles".

O ladrão ataca as cínicas táticas de controle mental da publicidade moderna. Os comerciais, outdoors, até mesmo o piso e as estantes dos produtos nas lojas de hoje são projetados por psicólogos para manipular possíveis consumidores a comprar tais produtos. As corporações bancam caras campanhas publicitárias para instigar pensamentos de consumo em todas as cabeças, e até se esforçam para tornarem seus produtos símbolos de status que as pessoas de algumas camadas sociais *devem* possuir para conseguirem receber algum respeito. Quando se depara com este tipo de manipulação, o cidadão respeitador das leis tem duas escolhas: ou conseguir o dinheiro para comprar esses produtos vendendo a sua vida como um trabalhador assalariado, ou ficar sem e possivelmente ser humilhado publicamente ou ficar frustrado. O

ladrão cria uma terceira opção: ele pega o produto que foi condicionado a desejar sem pagar por ele, de forma que as próprias corporações tenham que pagar por toda sua propaganda e tática de controle mental.

Roubar é a forma mais eficiente de protestar contra essas características detestáveis das corporações modernas porque não é apenas teórica — é prática e envolve ação. Protestos verbais podem ser dirigidos a empresas irresponsáveis sem jamais ter algum efeito concreto, mas roubar é intrinsecamente danoso a essas corporações ao mesmo tempo que (mesmo que disfarçadamente) demonstra insatisfação. É melhor do que o boicote, porque não apenas gera *custos* à corporação, ao invés de apenas negar o lucro, mas também significa que o ladrão ainda é capaz de obter os produtos, que ele pode precisar para sobreviver. E nestes dias, quando tantas corporações estão interligadas, e tantas multinacionais estão envolvidas em atividades inaceitáveis, roubar é um protesto generalizado: é uma recusa a colocar qualquer dinheiro na economia, então o ladrão pode ter certeza que nenhum do seu dinheiro jamais irá parar nas mãos das corporações que ele desaprova. E além disso, ele também terá que trabalhar menos!

Mas e as pessoas nas corporações? E o seu bem-estar? Antes de tudo, corporações são diferentes das empresas privadas tradicionais pelo fato de existirem como entidades financeiras separadas de seus proprietários. Então o ladrão está roubando de uma entidade não-humana e não diretamente do bolso

de outro ser humano. Em segundo lugar, uma vez que a maioria dos trabalhadores recebem salários fixos (como o salário mínimo, por exemplo) que dependem mais do mínimo que a corporação consegue se safar pagando do que com quanto lucro ela está fazendo, o ladrão não está prejudicando a maior parte da força de trabalho de qualquer corporação que seja. Os acionistas, que são quase sempre mais ricos que o ladrão comum, são os que podem perder um pouco caso a corporação sofra perdas significativas; mas realisticamente, nenhuma campanha de roubo poderia ser tão intensa a ponto de levar à pobreza qualquer um dos indivíduos ricos que lucram com essas companhias. Além disso, as corporações modernas já têm um dinheiro reservado para perdas com roubos, porque elas os antecipam. É isso mesmo — essas corporações estão conscientes de que há insatisfação com elas e sua economia capitalista, que as pessoas irão roubá-las sem remorso. Por esse lado, os ladrões estão apenas fazendo o seu papel na sociedade, assim como os diretores das empresas. Mais significativamente, essas corporações são cínicas o suficiente para continuar fazendo negócios como se nada estivesse acontecendo, apesar de saberem que isto deixa muitos de seus clientes (e empregados!) prontos para roubar tudo que conseguirem. Se elas estão dispostas a continuar fazendo negócios dessa forma mesmo quando têm consciência de quantas pessoas são marginalizadas por isso, não deveriam se surpreender que as pessoas continuem roubando delas.

E a respeito do mito de que roubar eleva os preços para os consumidores: você não acha que os preços que você paga são realmente determinados apenas pelos custos de produzir e distribuir os produtos, acha? Novamente, estas corporações cobram o máximo que elas acham podem cobrar. É o mercado, e não suas despesas, que determina os preços. Se o dinheiro que elas reservam para perdas com roubos não é usado, é



mais provável que a empresa fique com ele como lucro, ou invista na abertura de novas lojas (e portanto, levando ainda mais empresas independentes a fecharem suas portas) do que dividi-lo com seus funcionários mais pobres, muito menos passá-lo de volta ao consumidor com preços mais baixos. Se fossem roubados produtos suficientes para que a empresa tivesse que subir os seus preços, isso faria com que os consumidores parassem de comprar dela e passassem a comprar em lojas locais mais inofensivas — isso é tão ruim assim?

Roubar é mais do que um modo de sobreviver na competição cruel do "mercado livre" e de protestar contra as injustiças corporativas. Também é uma perspectiva diferente para enxergarmos o mundo e a vida em geral.

O ladrão de lojas resiste em um ambiente que foi conquistado pelo capitalismo e pela indústria, onde tudo se tornou propriedade privada e não há mais um mundo natural de onde retirar recursos, sem aceitar isso ou o modo de vida absurdo que o segue. Ele toma sua vida em suas próprias mãos aplicando um velho método ao problema da sobrevivência moderna: ele vive como um catador-coletor urbano. Desse modo, ele é capaz de viver de uma forma parecida com a de seus distantes ancestrais que viviam antes do mundo ser subjugado pela tecnologia, pelo imperialismo e pelas exigências irracionais do mercado "livre"; e ele pode encontrar os mesmos desafios e recompensas em seu trabalho, recompensas que hoje são inalcançáveis para o resto de nós. Para ele, o mundo é tão perigoso e empolgante quanto era para a humanidade pré-histórica: todo dia ele se encontra em novas situações, confrontando novos riscos, vivendo pela sua própria astúcia em um ambiente que está sempre mudando. Para o consumidor que respeita as leis, o mais provável é que todo dia de trabalho seja parecido com o anterior, e perigo é tão ausente em sua vida quanto significado e propósito.

Roubar de lojas corporativas é colocar desejos imediatos, corpóreos (como fome) acima de "éticas" abstratas e outras construções etéreas, cuja maioria são resquícios da Cristandade mesmo. Roubar despe os produtos (e o mercado em geral) do poder mítico que eles parecem ter para controlar a vida dos consumidores... quando produtos são pegos à força, eles se mostram pelo que realmente são: meros recursos que foram tomados à força por essas corporações às custas de todo mundo. Roubar nos coloca de volta no mundo físico, onde as coisas são reais, onde as coisas não são nada além de suas características físicas (peso, gosto, facilidade de aquisição) e não possuem qualidades supersticiosas como "valor de mercado" e "margem de lucro". Isso nos força a correr riscos e vivenciar a vida novamente em primeira mão. Talvez o ato de roubar, sozinho, não será capaz de derrubar a sociedade industrial ou o sistema capitalista... mas até que esses momentos cheguem é uma das melhores, e mais práticas, formas de protestar e tomar o poder sobre nossas próprias vidas de volta!





é de Sexo

A Vanguarda da Revolução Sexual

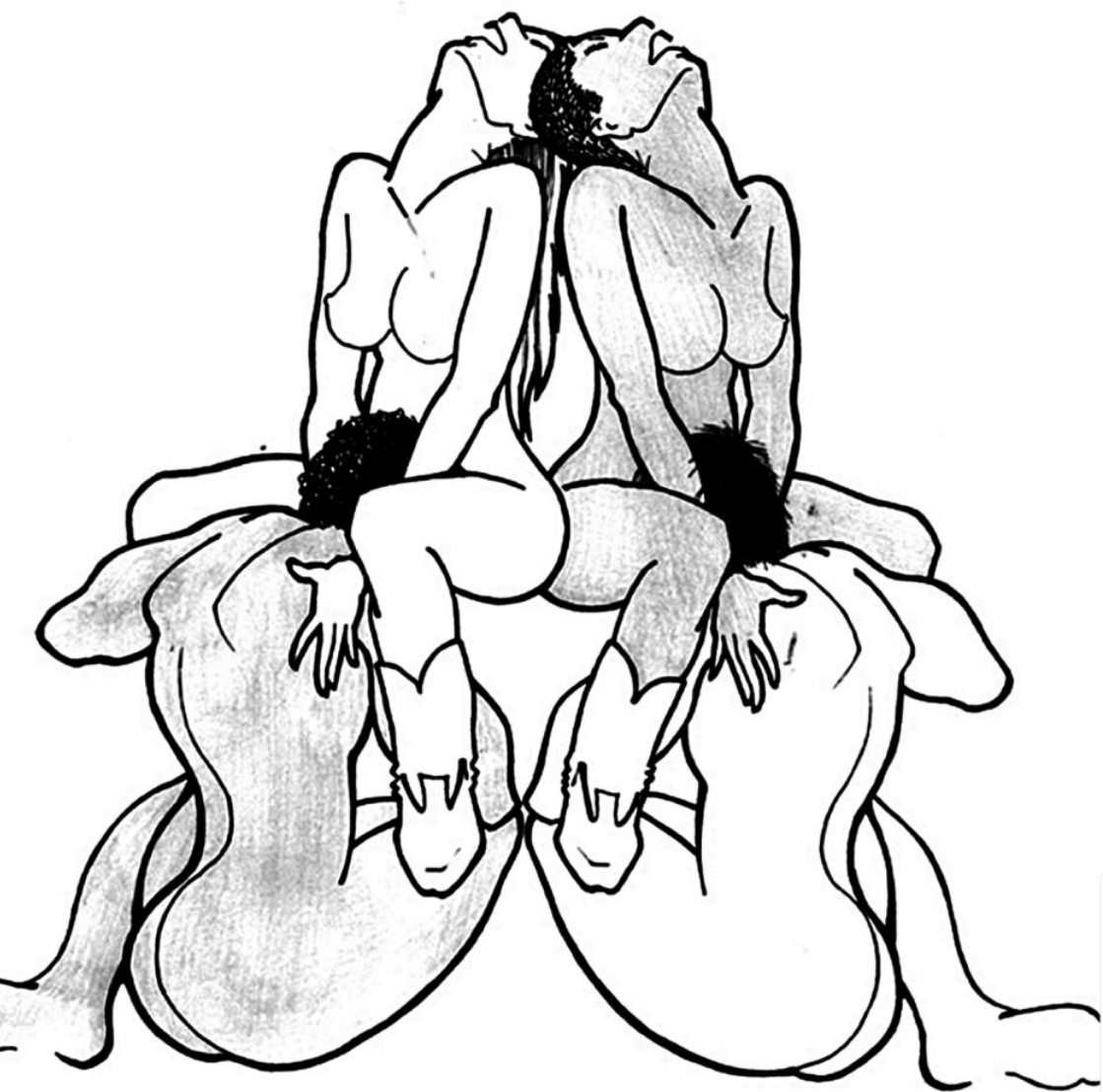
Um comitê ad hoc, composto por todas pessoas que num dado momento estejam fazendo sexo e que o estendam aos seus horizontes pessoais, que seja socialmente proibido, ou que aconteça em espaços públicos. Geralmente inclui jovens amantes, tipos artistas afoitos, e homens e mulheres de todas as idades entrando em inesperados casos amorosos; adolescentes punheteiros que vivem com suas famílias são considerados membros honorários. “Libertinos” metidos a conquistadores são excluídos por princípio, é claro. Aqui está o manifesto V.R.S., escrito por Nadia C. numa noite na biblioteca, quando ela não transava por perturbantes três dias... ou talvez numa manhã de natal, após uma noite de sexo apaixonado com uma mulher que ela desejava há anos.

O mundo precisa de seus (a)braços fortes!

É só porque acabamos conseguindo muito pouco sexo honesto, íntimo e lindamente *perigoso* que eles conseguem nos vender imagens insípidas dele. É justamente porque passamos muito mais tempo contemplando essas *representações* do que fazendo sexo que quando finalmente dormimos juntos, é mais um encontro de atuações que de indivíduos — e não são nem ao menos atuações satisfatórias. Porque as pessoas mais radicais entre nós ainda preferem falar caprichosamente da revolução total a ousar um momento de verdadeira experimentação num assunto que realmente importe, nossas camas. Porque enquanto nossas sexualidades forem construídas pela mídia do silêncio e pela cultura da violência, cada uma de nós é um Cavalo de Tróia que leva nossos inimigos (os valores de submissão e dominação, a paralisia do medo e da vergonha) aonde quer que vamos.

É hora de pararmos de ser espectadores e começarmos a ser atores (ou agentes, se você preferir, o duplo sentido é intencional) para nos reapropriarmos dos nossos desejos, convertendo nossas vidas sexuais de recreação passiva em ativa re-criação. E, para fazer isso, devemos primeiro trocar as representações do sexo na nossa vida e em toda nossa volta por *sexo de verdade*.

Somos mais do que você imagina. Você é um de nós toda vez que transfor-



ma um espaço “público” — não ao “privatizá-lo” [ele já está *privado* de qualquer coisa *pessoal*, e daí a ironia de que o “público” é atualmente o menos *público* dos espaços], mas ao fazer dele um verdadeiro *espaço das pessoas*, fazendo nele algo que verdadeiramente transmita libertação... por exemplo, trepar (no telhado de um posto policial, na praia junto às pedras bem abaixo da janela do museu de arte, etc.). Não que o sexo em público seja, por si só, sempre sexo revolucionário, mas tal sexo é sempre revolucionário no que leva o ato de fazer amor para fora dos confins estreitos onde é permitido — isto é, no qual se permite que ele *definhe*, preso e despido da espontaneidade que é seu sangue vital, assim como nós definhamos quando o *resto* do mundo é privado *dele*.

Eles nos reconhecerão pela inocência dos nossos sorrisos culpados, de mãos dadas enquanto caminhamos à noite nos parques névoa afora: transformados e transcendentais, altivos e desinibidos neste mundo seco e sem sonhos — pelos anticoncepcionais usados (* e **) deixados nas salas de aula das universidades e nos banheiros dos escritórios — pelo crescente número de mulheres que sabem exatamente o que querem e por homens que não tem medo de se tocarem. Nós seremos a fagulha que incendiará a nova revolução sexual: exércitos de amantes deixando as suas responsabilidades de lado e unindo-se com outros para lutar contra o triste sufocamento deste mundo. Para devolver o hino homofóbico e intolerante dos skinheads de volta para eles, nós nos negamos “a ficar no armário porque lá é seguro” — justamente por essa razão! Como aprendemos com o tempo e nesta luta, *nossa única segurança está no perigo*.

Amantes do mundo, uni-vos — vocês não têm nada a perder a não ser sua vergonha, e há um mundo de prazeres para se ganhar!

* ...contudo, é relevante ressaltar que a maioria dos métodos contraceptivos utilizados em nossa cultura hoje estão muito longe de serem radicais ou libertadores. Outro aspecto da produtificação das nossas vidas em geral e da sexualidade em particular é que nós devemos comprar um produto para tudo, mesmo para as nossas atividades mais pessoais e naturais, como o sexo... provavelmente ainda será um produto químico que fode com nossos corpos numa centena de maneiras assustadoras. Olhe em volta e você verá que existem alternativas... não só para os métodos contraceptivos disponíveis no mercado, mas também para as maneiras tradicionais de se fazer amor e de ser sexual que a cultura vigente nos oferece.

** É claro que tem quem vá ler todo este manifesto como uma apologia à desordem, baseados na extravagância dessa simples frase... para algo tão deprimente posso apenas responder com um alegre FODA-SE!”

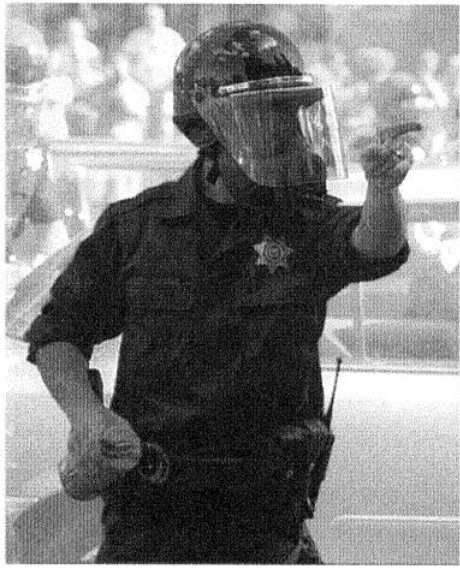
A AÇÃO DE ESTOCOLMO

Numa imitação grotesca e burra dos sindicatos dos funcionários públicos da Suécia, que em alguns dias coloca trabalhadores voluntários extras a trabalhar de graça para mostrar como fariam melhor o seu trabalho se tivessem mais recursos, a polícia de Estocolmo anunciou que também teria o seu dia "Estocolmo Segura". Nesse dia toda a força policial, tanto os oficiais de serviço como os que estavam de folga, iriam patrulhar as ruas da cidade, com a proposta de mostrar que colocando mais vigilância policial poderia de alguma forma tornar a cidade mais segura, mais agradável.

Uma reunião especial do CrimethInc. sueco foi convocada, e lojas de fantasia por todo o país foram atacadas para vestir quase duzentos outros "policiais freelance" para a ocasião. Estes policiais do CrimethInc. apareceram em Estocolmo naquele dia junto com os porcos oficiais, emitindo multas aos transeuntes por infrações absurdas e caricaturando a agressividade comum dos oficiais de polícia. Eles ajudaram a aumentar ainda mais a frustração que os cidadãos comuns sentiam por estarem cercados por um número ainda maior de policiais que o normal, e esta frustração acabou com qualquer atmosfera festiva que o evento teria tido, de outra forma, para os porcos.

Perto do pôr-do-sol, a polícia se deu conta que os seus números não estavam apenas reforçados pelos policiais de folga, mas também por falsos policiais. Eles temiam prender os causadores de problema, pois se o fizessem poderiam fazer as pessoas se questionarem sobre a legalidade de ter qualquer tipo de "policiais freelance", mas começaram a ameaçar e intimidar os oficiais do CrimethInc. Esta tática falhou, e sua fúria aumentou até que um dos policiais de

mentirinha tentou efetuar uma prisão civil de um sargento da polícia que violava o código de trânsito. Com esta provocação, iniciou um tumulto policial, com a polícia atacando raivosamente os policiais impostores com seus cacetetes; mas os agentes do CrimethInc. se misturaram ao corpo de policiais à sua volta, e logo ninguém conseguia distinguir uns dos outros. Furiosos e desesperados para punir seus inimigos por terem sido humilhados,



os policiais atacavam uns aos outros cegamente, usando gás lacrimogênio e no final, balas. No todo, sete policiais e seis agentes do CrimethInc. foram feridos.

Um juiz decidiu que ter policiais de folga patrulhando as ruas era ilegal, e liberou os agentes do CrimethInc. enquanto reprimiu duramente a força policial, que foi desestabilizada pela desordem interna com tal catástrofe. E, cedendo à pressão pública, o governo diminuiu severamente o orçamento do departamento de polícia, ao invés de aumentá-lo como eles esperavam.



***é de Tecnologia
e Trabalho***

(da resposta de Jeanette Winterson a uma carta de seu amigo William Gibson:)

QUANDO USAMOS

Atualmente, as inovações tecnológicas exigem demais da nossa atenção. Nós gastamos uma quantidade desproporcional de nossa criatividade coletiva inventando novas tecnologias para dominar o mundo, ao invés de descobrir novas formas de aproveitá-lo. Isso é um reflexo da temática implícita da nossa civilização: os nossos valores têm mais a ver com controle do que com prazer. Nós dirigimos todas nossas capacidades em ajustar o "como" da vida, sem pararmos para pensar no "por quê".

Algumas pessoas alegam que o desenvolvimento tecnológico rápido e irresponsável é inerente a qualquer sociedade industrial. Parece igualmente provável que ele seja resultado da pressão que a economia capitalista exerce sobre as empresas e inventores para continuamente apresentar novos produtos para tornar os velhos supérfluos. Uma verdadeira sociedade não-capitalista, na qual a competição para vender e sobreviver não existe, pode ser capaz

de fazer o melhor uso das tecnologias que ela tem ao seu dispor ao invés de continuamente buscar por mais complexidade. A tecnologia também seria utilizada de forma diferente nessas condições (por exemplo, mais transporte público, menos carros, autoestradas e poluição), fazendo dela uma ameaça menor à liberdade e felicidade humana.

Mas existem outras questões importantes a serem consideradas. Em primeiro lugar, quais tecnologias de hoje ainda seriam possíveis numa sociedade não-capitalista e não-hierárquica? Hoje em dia, o poder fica concentrado nas mãos de tecnocratas que dirigem redes globais incrivelmente complexas. São esses sistemas que produzem as tecnologias incrivelmente com-



***A televisão
não será
revolucionada.***

plexas a que nos acostumamos. A democracia direta e as decisões em grupo são mesmo possíveis em uma escala tão grande? Provavelmente não. A questão, então, é o quanto da nossa tecnologia complexa podemos levar conosco no processo de descentralização de nossa sociedade.

E ainda temos que considerar os prós e os contras de cada tecnologia. Sob circunstâncias radicalmente diferentes, podem os automóveis, e-mail, televi-

***Quando a ação parece impossível,
a "Comunicação" é um consolo.***

são e luzes de neon serem usadas para tornar nossas vidas mais emocionantes e recompensadoras? Para algumas

delas, a resposta é provavelmente sim, enquanto que para outras, não. Quando avaliamos o valor de uma tecnologia em particular, devemos sempre lembrar que as nossas atividades e o nosso ambiente são moldados tanto pelas ferramentas que usamos quanto pelo uso que damos a essas ferramentas. Por exemplo, usar a internet exige que fiquemos sentados imóveis por minutos ou horas, olhando uma tela luminosa, isolados do mundo dos sentidos, cercados mas mesmo assim separados das outras pessoas, como alguém em um congestionamento (justamente por isso pessoas que se comunicam de forma anônima na internet freqüentemente tratam umas às outras com a mesma cortesia que se tratam na hora do rush); ela também substitui formas de comunicação que são menos mediadas. Em um paraíso, isso seria parte do nosso dia-a-dia?

Você fala em usar as ferramentas do sistema para destruir o sistema — mas se algumas dessas ferramentas criam alienação ao serem usadas, elas só podem modificar e no fim das contas reforçar o sistema de alienação. Ao invés de aceitarmos a posição oficial de que "mais tecnologia é melhor," e aceitarmos a

FERRAMENTAS

concepção linear da história que nos foi ensinada pela ideologia do "progresso" (ex.: a humanidade vai de um estado menos tecnológico para um mais tecnológico, nunca o oposto), devemos estar dispostos a fazer qualquer alteração que for necessária nas tecnologias usadas por nossa espécie para conseguirmos tirar o máximo possível de nossas vidas.

E sim, devemos usar toda tecnologia que colabore nesta luta, mas apenas aquelas que realmente funcionam. Vamos ser cuidadosos com toda tecnologia, e ousar acreditar que realmente podemos abandonar aquelas que não nos têm utilidade.

Para deixar essas generalizações concretas, eu realmente fico apavorado

com a imagem antiquada de uma utopia baseada na tecnologia que você materializa com seus carros guiados por computador. Hoje eu já mal consigo consertar um carro; você se dá conta que se tudo fosse guiado por computadores, a capacidade de consertar e controlar tudo estaria confinada nas mãos de uma minúscula minoria, aquelas pessoas que tivessem as habilidades necessárias? A pessoa comum se sentiria teria muito pouca compreensão ou controle do mundo no qual ela vive. Todos os aspectos práticos da vida seriam deixados para "especialistas". Nós estamos quase lá, e isso torna do mundo um lugar estranho e confuso para a maioria de nós, não é? O "progresso" é realmente tão necessário que eu não deveria ousar pedir que isso fosse diferente?

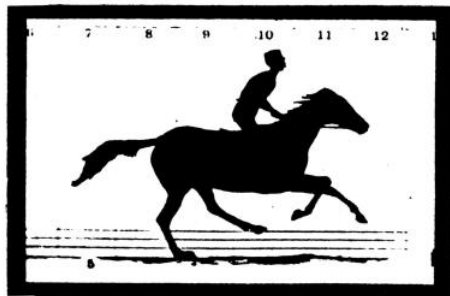
Com todas nossas novas capacidades de comunicação e mobilidade, estamos paralisados correndo sem sair do lugar. Num mundo onde informação é igual a poder, quem tem mais poder é quem está disposto a ser imobilizado em todos os sentidos reais para funcionar melhor como processadores de informação. Desconecte-se do circuito! Mobilize-se!

(...e a crítica de Stella Nera à resposta de Jeanette:)

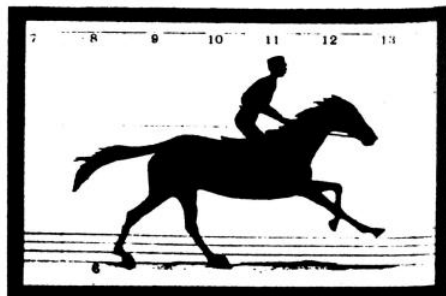
SOMOS USADOS

Oh, Ciberespaço, que olhos e orelhas grandes você tem!

Uma vez disseram que o mapa não é o terreno. A intenção era indicar os limites da abstração humana em contraste com a realidade plena. Mas agora estamos sendo conduzidos como gado do terreno ao mapa, do real ao virtual — logo não haverá contraste! O espaço eletrônico simulado é o mapa, um mero mapa: o melhor para simplificar, racionalizar, descrever, monitorar, pre-



Progresso...



Avante, em direção a que?

ver, propagandear, conter e controlar você. O ciberespaço é um cercadinho fechado, onde tudo é permitido, mas nada é possível. Usar o ciberespaço para conseguir informação? Quando você usa o ciberespaço você entra *em formação*.

A comunicação interativa se tornou uma forma de controle invisível. O Ciberespaço nos integra numa rede neural; juntos, nos tornamos o cérebro estendido do sistema tecnológico. Quanto mais interconectada estiver a população, mais rápido a propaganda se dispersa. O controle através da comunicação de ontem: po-

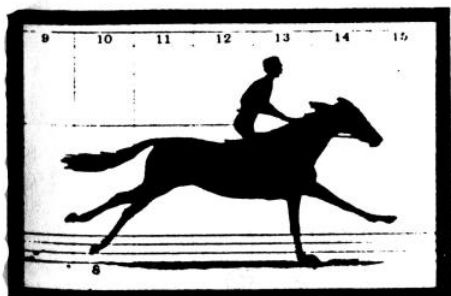
***Um novo formato para as relações,
Relações de distância,
Relações que não exigem encontros,
Relações que exigem o fim dos encontros.***

líticos questionavam o público, processavam os resultados, e ajustavam a sua retórica para corrigir problemas da sua imagem. O controle através da comunicação de hoje: equipar os empregados com smartphones e redes sociais... é interessante prestarmos atenção em como o foco atual da propaganda é que os consumidores precisam de mais informação — e portanto não devem apenas conectarem-se no sistema, mas também carregar um arsenal de aparelhos de comunicação consigo onde quer que vão.

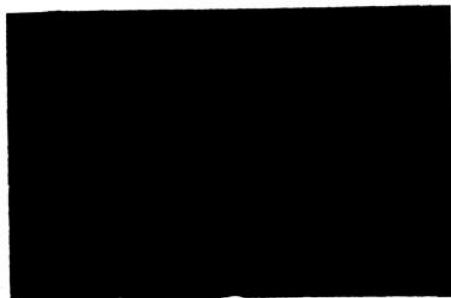
E o futuro? Os dias de assistir ao Espetáculo estão quase terminando. A audiência invade o palco: agora nós somos o Espetáculo, e a propaganda está obsoleta.

No futuro, a mídia e outras forças não irão mais nos distrair e nos guiar para longe da realidade. Nós mesmos seremos as distrações, interagindo uns com os outros em um meio no qual nenhuma realidade é possível. Nós nos deslocamos da realidade para o Ciberespaço.

POR ELAS.



Estamos em velocidade máxima



E não há ninguém na direção

Nostalgia de um futuro imprevisível

Neste sistema, trabalhamos pela organização. E quanto mais organização, mais trabalho. Quanto mais rápida e arduamente nós trabalhamos, mais trabalho há para ser feito. Humanos — originalmente soltos e livres — foram amarrados, primeiro às fazendas, depois às fábricas na cidade, depois aos escritórios, e agora às telas luminosas dos computadores. Trinta anos atrás, escritórios não possuíam PCs ou cubículos. Quantos de nós hoje são forçados a sentar solitários sob lâmpadas fluorescentes em cubículos cinza sem janelas pela maior parte do tempo em que estamos acordados (a maior parte de nossas vidas) na frente de uma tela de computador, olhando para um imenso vazio azul, escutando o zumbido agudo das máquinas, fazendo minúsculos movimentos com nossos dedos para manipular símbolos que não possuem significado vital para nós, enquanto subconscientemente ficamos apavorados com a vigilância contínua? Esqueça todo o dinâmico complexo de coerção, persuasão, socialização, prêmios, punições e créditos que nos mantém presos no console. Será que nós faríamos isso, se pudéssemos apenas viver nossas vidas, coletando de uma maneira ou de outra, comendo, socializando, fodendo, fantasiando, dormindo, desenhando, cantando, dançando, apenas sendo humanos, desempregados, sem uso, livres, livres de objetivos fabricados? A substância seria um luxo, comparada com os "luxos" que temos.

A mente humana é transformada em processadores de informações. (Pelo menos no trabalho manual a mente fica livre para fantasiar.) Nós somos rebaixados a máquinas servis — processando a realidade crua em dado lógicos de computador. Somos usados mais e mais tanto como robôs para trabalho manual ou tradutores, ou seja, como intermediários entre sistemas computadorizados. Na indústria de serviços, a turma da cadeia alimentar deve usar uniformes e logotipos, recitar falas, pesar porções de sorvete usando luvas de plástico. As máquinas nos moldaram à sua imagem.

A tecnologia usa as pessoas, as pessoas não usam a tecnologia. Tecnologia não é um único ob-



Se as sociedades modernas de caçadores-coletores servem de indicativo, o *homo erectus* gastava em média somente de **4 a 5 horas** por dia "trabalhando" e o resto em rituais e no ócio criativo!



jeto isolado, é um sistema unificado de relações entre elementos e sistemas. Aquelas pessoas que alegam que a tecnologia é uma "ferramenta neutra" ou que ela é o acúmulo de "coisas" independentes a serem escolhidas seletivamente para guardar, falham em se dar conta que a tecnologia é um conjunto metafísico, que ela é uma expressão da organização, e portanto só pode apontar para uma organização maior, maior controle centralizado, e a inevitável degradação de

seus componentes humanos. O fluxo metabólico deve acelerar para alcançar a produtividade total. Nós sempre podemos ser mais eficientes, mas nunca eficientes o bastante.

O punho eletrônico vem em plástico bege moldado, bipando. Logo todos nós viveremos Windows, e aquele que não computa não vai comer. E o nosso lazer é como o nosso trabalho: ambos são comunicação. Ficar em silêncio ou des-en-formado é ser anti-social. Estaremos presos no eletrônico para sempre, famintos por luz, ar fresco, comida fresca, movimentos espontâneos, companhia amigável cara-a-cara, calor humano, cheiro humano, contato humano, despidos de nossa animalidade. Nós resistimos: depressão, síndrome do pânico, vícios, bulimia, obsessão-compulsão, suicídios. E os médicos medicam.

Nossa ancestral pré-pacificação, a mulher das cavernas, jamais aceitaria isso. Nem nós mesmos aos quatro anos de idade. Mas o ciberespaço dispersa a multidão e limpa as ruas. Estamos vivendo na era pós-protestos e tumultos, dentro de nossos cubículos (blocos de escritórios, condomínios, celas de prisão), olhando para telas, sendo entretidos.

(E finalmente! A visão de F. Markatos sobre tudo isso:)

EIS A CIÊNCIA POPULAR!

Sim, o problema foi solucionado

Mas eu nunca o vi comprovado.

Outra pessoa, mas não eu,

Aterrissou na lua.

— *Sera White, "A Momentary Gain of My Loss; or, Fragments"*

Não há nada de errado com as ferramentas, com a tecnologia e com a ciência. Como uma espécie, não somos nada senão os inventores e construtores de nosso mundo; mas como indivíduos, temos a capacidade de determinar que mundo nós queremos, e contruí-lo nós mesmos. Quando fazemos isso, nós nos apoderamos da aventura, da invenção... da inventura! que é nosso direito de nascença. Isso é ciência popular.

Ciência popular não é algo novo, é tão velha quanto a humanidade — jalecos de laboratório, o método científico, e a tecnologia centralizada de cima-para-baixo é que são novidades. À medida que progredirmos, aprenderemos a ver essas coisas como aberrações da criatividade científica inata que é parte de cada pessoa. Como cientistas populares, veremos que a ciência consensual, com suas explicações e soluções universais, nos ensinou a desconfiar de nossa própria engenhosidade, criatividade e intuição.

Ciência Popular Vs. "O" Método Científico

O método científico é uma linguagem e formato universal para a experimentação. Entre outras coisas, o método científico é uma forma de apresentar os resultados da pesquisa de uma cientista para que eles sejam acessíveis a outros cientistas. Então o método científico age como uma rede, combinando os esforços de cientistas do mundo todo. Usando essa poderosa ferramenta Babilônica, cientistas cooperam para superar todas nossas necessidades e nos levar à sua modernidade cada vez mais rápido e de forma mais eficiente.

Como fenômeno criado pelo método científico, a modernidade nos diz que não há utilidade na repetição. Essa visão é a fonte do comentário frequent de que "isso já foi feito", uma condenação à morte de um ato científico. Usado desta forma, o método científico se torna um método que encoraja o progresso do grupo acima do progresso do indivíduo.

Então nossa crítica sobre "O Método Científico" não é à "Ciência" pois ela é uma ferramenta fundamental de nossa espécie, não é ao "Método" pois o

"Ainda poderosos senhores do universo, mais cedo ou mais tarde vocês nos darão máquinas para brincarmos, ou seremos forçados a construí-las nós mesmos — para ocupar o tempo livre no qual vocês, com uma ansiedade insana, desejam nos ver definhar em trivialidades e com morte cerebral."

— Marianne, a filha rebelde de Henry "Adolph" Ford, em uma carta enviada de sua comunidade rural.

método é a aplicação da ciência, mas é o "O" o culpado dos crimes. A tirania do "O" é parte de uma linguagem que tenta unificar a diversidade da curiosidade humana e forçá-la em uma única técnica investigativa e, ao fazê-lo, decepiona tanto a ciência quanto a humanidade.

Ciência Popular e Arte

Em suas raízes, arte e ciência são o mesmo. Em suas raízes, arte e ciência são o mesmo. Ambas as buscas usam a observação e a experiência que são parte de todas as vidas como uma base do pensamento criativo, engenhosidade e produção. Mas como a ciência se universalizou e se agrupou nas mãos de uma minoria, ela passou a alienar a maioria.

A alienação da ciência consensual também contaminou a arte. Da Pintura Color Field à merda enlatada, a arte se tornou um jogo interminável do isso-já-foi-feito. Esse processo é encorajado quando críticos e historiadores que adoram a lógica, a ordem e seus empregos apoiam a arte que contribui para o progresso linear da história da arte. Isto é arte no modo tecnológico.

Em face a um sistema que se importa somente com o produto final, cientistas populares reclamam os processos de descoberta artística e científica como inerentemente valiosos. Cientistas populares vêem a beleza, aventura e relevância de reinventar a roda*. Então uma frase como "isso já foi feito" não significa nada para o cientista popular, que responderá: "não por mim". Vendo a invenção como uma brincadeira, cientistas populares ficam livres da tradição de progresso linear que roubou a criatividade dos não iniciados e fez da ciência e da arte um sacerdócio inalcançável.

A Ciência Popular do Amor

Cientistas profissionais se tornaram intermediários entre nós e o nosso mundo; mas hoje em dia esse intermediários são encontrados por tudo. Esses doutores, designers, evangelistas e psicólogos são uma casta de sacerdotes no ramo de conectar indivíduos inferiores com o universo, a saúde, deus, felicidade, e até mesmo o amor.

Eu gosto de pensar que, se eu nunca tivesse visto um beijo na televisão, eu teria acabado descobrindo essa interação bizarra, mas não tenho como saber. Estamos tão saturados de ícones de amor na grande mídia, que, como a ciência e a arte, esse impulso natural se torna o assunto de especialistas. Esses atores vaidosos e estrelas pornô nos deixam brincar com nossos corpos estranhos, por linhas tortas e com luz inadequada, e então sobem no palco para nos mostrar como é que se faz. O maior feito dos amantes é transcender o bombardeio de imagens brilhosas e encontrar o seu próprio caminho.

E aqui está a Ciência Popular...

...onde encontrar nosso próprio caminho é uma prática diária. Aqui, não é tarde demais para inventarmos o avião, a bicicleta, o beijo. Aqui, há espaço para pesquisas com gravidade, câncer, psicologia e formigueiros. Aqui, incrédulos, nós partimos para descobrir se o mundo é redondo — e descobrir que ele não o é.

Então não use seu dinheiro, que se gasta como sola de sapato. Use a sua engenhosidade, que é viva e fica mais aguçada com o uso — use seu tempo, que, junto com a engenhosidade, parece cada vez mais abundante — use sua vida, a única posse que você pode guardar gananciosamente e doar graciosamente ao mesmo tempo.

Pense, crie, distribua e destrua!

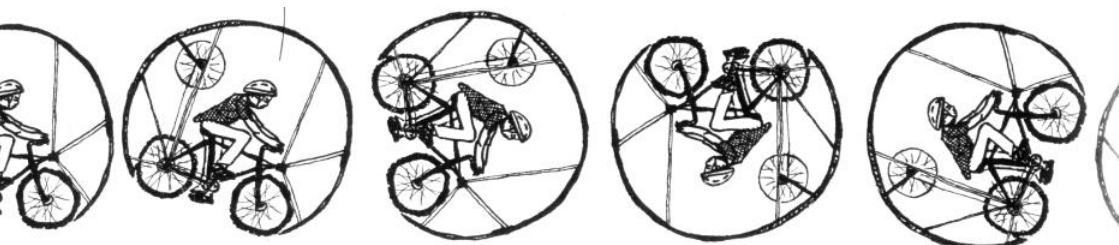
breve explicação da bicicleta

Bicicleta de Segurança: *Produto de duas semanas de idéias.*

Equipada com freios dianteiros duplos.

Instruções:

Vá rápido, freie bruscamente, vire para a frente rolando sobre a barra de metal, aterrise sobre as duas todas, e saia pedalando vitorioso.



*Reinventando a Roda: mostramos aqui o agente F. Markatos Dixon testando a sua "Bicicleta de Segurança". Dixon comenta que embora a construção da Bicicleta de Segurança tenha sido tão divertida para ele quanto fazer o avião foi divertido para Santos Dumont, a bicicleta de segurança provavelmente não matará milhares de pessoas em acidentes, nem será usada para bombardear civis, nem contribuirá para a morte do planeta. "É verdade!" diz Kit Carson, o seu doido e saltitante assistente, "e ninguém pode refutar a Bicicleta de Segurança!"

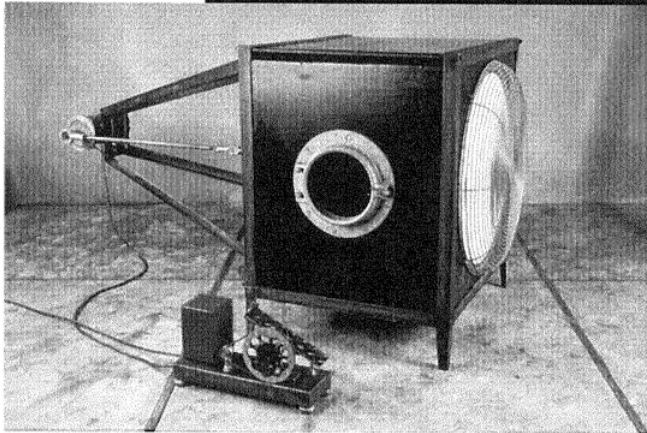
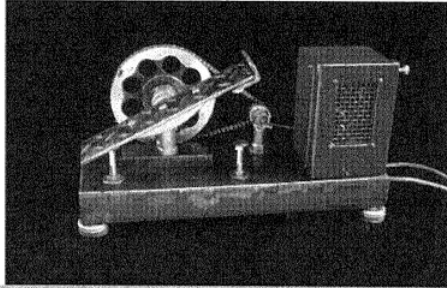


COLETIVO CRIMETHINC. TERMINA O TRABALHO PARA DADA

F. Markatos Dixon, membro do Grupo de Artistas Paul F. Maul, começou seu último projeto, o Dinamitador-Sub-Sub-Contra-Baixo, em uma prestigiosa exposição de arte em Manhattan. O Dinamitador-Sub-Sub-Contra-Baixo é um enorme aparato que funciona como um tipo de alto-falante caseiro, que emite as frequências de som mais graves audíveis para os humanos. Na noite de abertura, quando celebridades e críticos de toda Nova Iorque tinham se reunido para bebericar champanhe e trocar referências literárias na galeria, o proprietário pediu a Dixon que fizesse uma demonstração de sua obra. Quando foi ligado, os sons graves do Dinamitador o soltaram de sua base mal construída, e fizeram com que ele saísse pulando e andando pela galeria, fotografos e astros fugiam em terror. Ele quebrou tudo

entre as paredes, dizimando a maior parte das esculturas e pinturas na sala (causou um dano estimado de 240 mil dólares), e conseguiu correr quase todo público que lá estava para a rua (com a exceção de Dixon que ficou de lado, rindo histericamente), graças a um gerador de energia interno, até que finalmente se desmontou em pedaços que caíram ainda vibrando na calçada, ante uma platéia de observadores horrorizados. Dixie pegou a bandeja de biscoitos do buffet e desapareceu pela porta dos fundos, aparecendo mais tarde somente para "dissuadir" os

donos da galeria de prestarem queixa — e perguntar sobre o seu pagamento.



outono de 1997

ESTRÉIA A TRUPE DE BALÉ CRIMETHINC.

A coreógrafa Jane E. Hubmle dirigiu um pequeno exército de pessoas vestidas em fantasias desajeitadas e que limitavam sua visão, encenando tortuosamente uma performance não-anunciada do Ritual da Primavera de Marcel Duchamp para benefício dos especialistas que participavam da conferência anual organizada pelo *Jornal de Cientistas Atômicos*.

"Trabalho é o oposto de criação, que é uma brincadeira.

"O mundo só começou a receber algo de valor de mim quando eu parei de ser um sério membro da sociedade e me tornei *eu mesmo*. O Estado, a nação, as nações unidas do mundo, não foram nada além de uma enorme agregação de indivíduos que repetiram os erros de seus antepassados. Eles estavam presos neste ciclo quando nasceram e assim ficaram até suas mortes — e eles tentaram dignificar essa corrente chamando-a de "vida". Se você pedisse a qualquer pessoa para explicar ou definir vida, qual o significado de tudo, você recebia um olhar vazio como resposta. A vida era algo sobre o qual os filósofos divagavam em livros que ninguém leu. Aquelas pessoas que entendiam e aproveitavam a vida não tinham tempo para perguntas tão tolas. "Você tem que comer, não tem?" Esta pergunta, que deveria apontar uma necessidade, e que já havia sido respondida, se não com uma negativa absoluta pelo menos por uma perturbadora negativa relativa por aqueles que sabiam, eram uma dica a todas as questões que se seguiam em uma verdadeira seqüência Euclidiana. Do pouco que eu havia lido eu tinha observado que os homens que mais estavam *na* vida, que a moldavam, que eram a vida, comiam pouco, dormiam pouco e pouco ou nada possuíam. Eles não tinham ilusões sobre o dever, ou sobre a perpetuação de seus amigos e família, ou sobre a preservação do Estado. Estavam interessados somente na verdade. Ele só reconheciam um tipo de atividade: a *criação*. Ninguém comandava seus serviços porque eles tinham feito votos voluntários de doar tudo. Doavam sem esperar nada em troca, porque é a única forma de dar. Essa era a vida que me atraía: ela fazia sentido. Isso *era* vida — não o simulacro que as pessoas à minha volta idolatram."

—Henry Miller, *The Revolution of Everyday Life*



Truques dos Sem-Ofício

Gregarius: Existem mil razões para não trabalhar: aproveitar mais a vida, evitar a humilhação de colocar um preço no seu tempo, vestir um uniforme ou ter um chefe, não dar o seu esforço ao mercado capitalista. E quando eu digo "não trabalhar", eu não quero dizer não fazer nada, eu quero dizer usar o seu tempo para o que você quer fazer. Eu acho que um dos melhores motivos para não trabalhar é que muitas pessoas não sabem o que fazer senão trabalhar. Você tem que ter a chance de exigir a sua habilidade de comandar a sua própria energia. Eu não seria capaz de fazer tanto trabalho de ativismo, ou viajar tanto, se eu tivesse um emprego normal, com certeza.

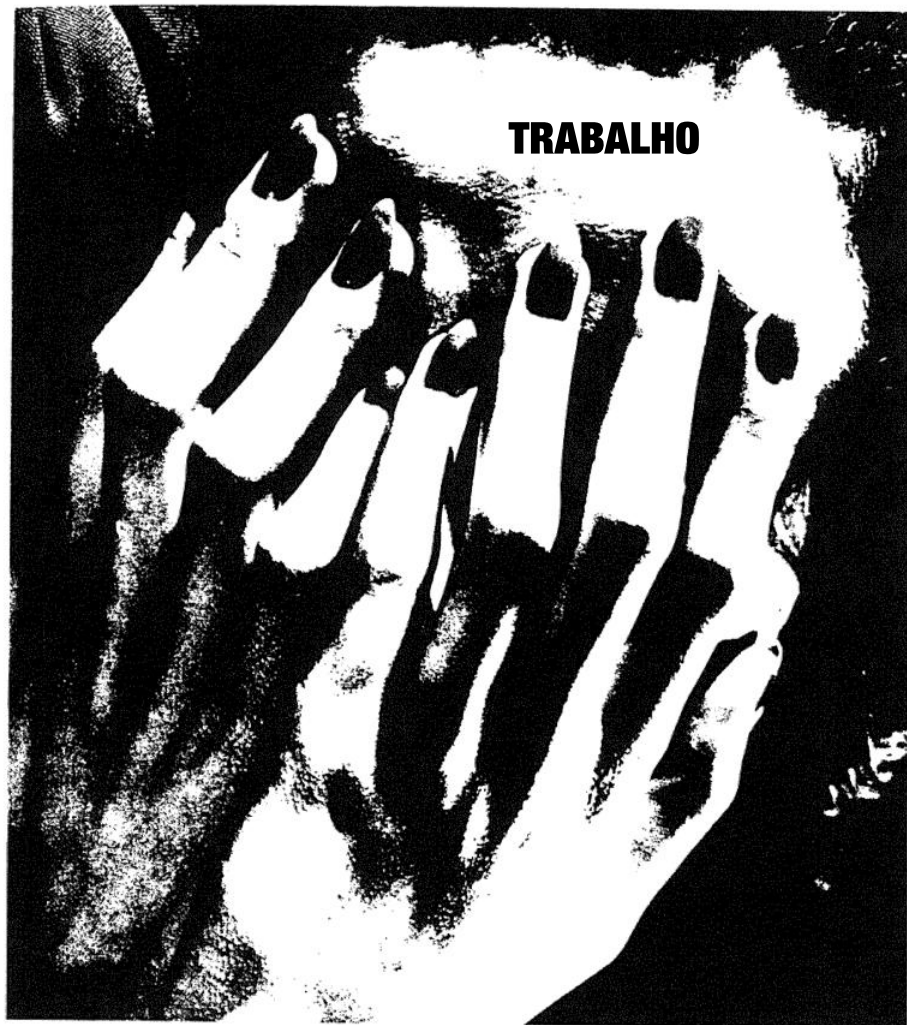


Débora: Para mim é também sobre se afastar o máximo possível do sistema de produção e consumo quanto possível. Se eu não tiver dinheiro entrando, eu não vou ter a tentação de gastá-lo em produtos inúteis... o que antes de tudo me faria precisar de uma renda, presa com apenas uma opção de estilo de vida — você pode ficar tão presa pagando as dívidas das últimas coisas que comprou para lhe alegrar, comprando mais coisas para agüentar a ansiedade resultante e assim por diante — e além disso, é ecologicamente correto também, não encorajá-los a continuar produzindo porcarias em massa quando os aterros já estão cheios de lixo.

Paul: No meu caso, foi antes de tudo muito difícil, eu admito — realmente horrível nos primeiros anos, depois que decidi nunca mais arranjar outro emprego, porque eu não conhecia ninguém que estivesse fazendo a mesma coisa ou tivesse algum conhecimento para compartilhar comigo. Eu praticamente tive que aprender tudo sozinho, o que é triste agora que eu vejo que muitas outras pessoas estão fazendo coisas parecidas que poderiam ter ajudado a eu me ajustar. Todos meus amigos da faculdade não conseguiam entender o conceito — eles tinham todos conseguido empregos, ou estavam ganhando dinheiro de seus pais, e eles reclamavam de dinheiro como todo mundo enquanto bebiam em um bar que cobrava entrada ou em algum outro lugar que eu não podia pagar; finalmente nós paramos de nos encontrar, simplesmente porque eu não tinha dinheiro. Teve um período angustiante no qual eu fiquei muito tempo sozinho, vagando sem rumo, procurando desesperadamente pelas necessidades da existência. Mas eu usei o novo tempo que eu tinha me envolvendo em projetos que me puseram em contato com novos círculos de amigos, pessoas que entendiam bem melhor o que eu estava fazendo e por que. Elas me ajudaram bastante, e a vida está muito melhor agora. Todo dia eu acordo saudável e vivo, toda vez que eu coloco comida na minha boca sem vender é outra pequena vitória, outra pequena prova de que a resistência realmente é possível.

Jay: Para mim é bem diferente do Paul, pois eu cresci realmente pobre, eu nunca tive nada em primeiro lugar, inclusive opções de emprego. Para mim não trabalhar é uma extensão do que eu aprendi ao crescer vendo meu pai desempregado, e então tendo que fugir e viver nas ruas... mas fazer isso por vontade própria significa que eu posso tornar isso uma coisa positiva e não me sentir desesperado à mercê da economia. Eu poderia sentar e me sentir miserável, esperando por uma chance de trabalhar de vez em quando para alguma porcaria de lanchonete, ou eu posso fazer isso. De verdade, uma vez que não possuo nada, pelo menos eu posso viver minha vida plenamente, fazer as coisas criativas que tenho vontade.

Markatos: Antigamente eu trabalhava em turno integral, trabalho de construção, e então comecei a diminuir as horas para que eu pudesse ter mais tempo para fazer minha arte... quando perdi meu emprego, comecei a fazer



apenas pequenos serviços, montar exposições em galerias para artistas comerciais, em serviços de comida, talvez um trabalho temporário de duas ou três semanas para pagar alguns meses de liberdade. Eu aceitava empregos porque eu queria aprender algo que eles podiam me ensinar, como soldar — do mesmo jeito que a Sarah consegue um emprego por uma semana num xerox toda vez que ela termina uma nova edição do seu zine, apenas para roubar as cópias. Eu encontrei uma casa muito barata aqui no campo e plantei um jardim. Neste momento eu tenho que trabalhar apenas algumas semanas por ano.

Débora: Se você quer fazer isso, é apenas uma questão de pular do penhasco: largue seu emprego e não olhe para trás, você vai aterrisar em algum lugar. Eu não conheço ninguém que não tenha obtido sucesso, uma vez que tenha decidido fazer tudo dar certo, uma vez que eles acreditassem que eles realmente conseguiriam fazê-lo. Não há muito nesse mundo que possa matá-lo de verdade. Toda área cinza que parece morte e desastre da ponto de vista seguro da burguesia é muito mais fácil de lidar quando você se aproxima.

Gregarius: Se você não está pronto para pegar o rumo do desemprego, como o Paul ou a Débora, existem muitas outras opções. Eu descobri o malabarismo cedo, e então me dei conta de que se eu me apresentasse corretamente aos cães de corrida da América corporativa, eles me pagariam quinhentos dólares ou mais por apresentações únicas. Eu fiz cartões de visita estilosos, consegui um agente, e eu me apresento talvez vinte noites por ano em seus encontros e convenções. É como assalto na auto-estrada, basicamente, porque isso financia o resto da minha vida, que eu uso para minar todo o trabalho deles. E existem outras oportunidades, menos raras — se eu não estivesse fazendo isso, eu poderia conseguir um trabalho pago em um dos grupos ativistas nos quais faço trabalho voluntário. Minha amiga Ana é gerente de uma livraria radical sem fins lucrativos, e o salário é suficiente para ela ajudar alguns de seus amigos menos afortunados. Isso é uma parte importante de toda essa empreitada livre de trabalho: ser capaz de reconhecer quando você tem mais recursos que outras pessoas e estar disposto a compartilhar. Não estou dizendo que você tem que tomar conta de todo mundo, mas reconhecer que algumas pessoas podem ter algo além de dinheiro para oferecer e não ter medo de compartilhar com elas o que você tem... como um dos caras que fica com ela um monte e faz todo o trabalho de dobrar, grampear e outros serviços voluntários para o boletim deles, porque ele tem tempo e ninguém mais tem. Quando todos estão comprometidos a dar tudo uns para os outros, é maravilhoso parar de medir, parar de se preocupar sobre comércio justo e trocas iguais e apenas dar e compartilhar com as pessoas.

Jay: Por alguns anos eu fiquei apenas pegando caronas, esmolando trocados, e ficando com os moradores de rua... Tive que lutar muito com a depressão. Mas fiz outras coisas também, sempre mantive a mente aguçada de uma forma ou de outra. Como quando eu estava dormindo nas bibliotecas, aprendi

sozinho a usar os computadores de forma que eu possa construir páginas de internet e essas coisas para os meus amigos e para as coisas que fazemos... de qualquer forma, dei muita sorte ano passado quando eu conheci a Lizie totalmente por acidente. Ela é uma escritora profissional, muito bacana apesar de ser completamente classe média — na verdade eu já conhecia as suas filhas. Ela estava sobrecarregada de coisas para escrever — ela deveria fazer um monte de coisas chatas para as revistas de bordo dos aviões — então quando descobriu que eu podia escrever, ela me deu algumas das matérias para escrever e me dava uma parte do dinheiro. Agora eu sou o único aqui com uma renda decente, mesmo entre os meus amigos que vieram da classe média! É bizarro. Eu acho que o mundo sempre irá nos surpreender, se você ficar nele tempo suficiente.

Paul: Eu passo muito tempo na biblioteca do campus da faculdade daqui — bibliotecas são maravilhosas, é dessa forma que todas as propriedades deveriam funcionar de qualquer forma, e nesta aqui eu consigo livros de graça, exibições de filmes, vídeos (ela tem até mesmo videocassetes e televisões para nós usarmos), acesso à internet, salas tranquilas para dormir, banheiros... e posso gravar todos os discos que quiser quando eu invado a estação de rádio da universidade na porta ao lado. Eu apenas tento prestar atenção em todas as coisas que posso coletar facilmente sendo um caçador-coletor urbano — papel higiênico, fósforos, pratos e talheres em restaurantes corporativos, fitas grátis em promoções de lojas de discos — tem tanta coisa que vai pro lixo nos Estados Unidos, é ridículo. Você pode conseguir quase qualquer coisa numa lata de lixo: comida, móveis, eu me lembro quando o Jay achou um ótimo amplificador de guitarra, que funcionava! Você também pode ajudar pequenas empresas em troca das suas sobras — eu costumava roubar grandes latas de azeitonas da lanchonete de um dormitório particular e trocava por burritos em um pequeno quiosque — e também dá pra roubar, ou conseguir coisas de graça com empregados insatisfeitos, o que é muito fácil com tanta gente infeliz nos seus empregos... você não deveria nunca pagar por fotocópias, ou pãezinhos, por



exemplo. Uma vez eu troquei alguns discos com um amigo por uma boa bicicleta que havia sido abandonada na oficina de bicicletas onde ele trabalha! E também há os golpes — depois que você conhece outras pessoas com o mesmo estilo de vida, uma nova pessoa aparecerá mais ou menos a cada mês: telefonemas e selos de graça, ou vales transporte de algum tipo de truque. Eu ouvi falar de uns ótimos, como no livro *Roube Este Livro*, de Abbie Hoffman, onde ele descobre quais moedas estrangeiras podem substituir perfeitamente as moedas de 25 centavos nas máquinas e encontra uma moeda desvalorizada do terceiro mundo que ele pode trocar cinco centavos por algo como cem moedas que funcionam como 25 centavos cada! Aprender a se adaptar a viver com poucas roupas e utensílios é importante, mas isso pode ser uma experiência enriquecedora também, não precisa ser humilhante como parece à distância para um garoto de classe média normal. Sim! Você pode economizar muito dinheiro e fazer coisas bem mais interessantes se você não fumar, beber ou usar drogas.

Jackson: Eu dei sorte, eu apenas fazia as coisas que gostava de fazer e a minha atual fonte de renda simplesmente caiu no meu colo. Eu era fissurado por histórias em quadrinhos velhas e raras e coisas do tipo, algo que nenhum dos meus amigos entendia, e descobri que podia fazer muito dinheiro pirateando. Não é algo errado de se fazer — as pessoas que querem essas coisas têm dinheiro e elas não conseguiriam isso de outra forma, certo? E é muito mais seguro do que as coisas que meus amigos criminosos de carreira fazem, como roubar carros. Eu vivo confortavelmente — de verdade, sem pessoas como eu para ajudá-los, alguns dos meus amigos anti-trabalho mais radicais passariam por muito mais dificuldades. Eu entendo que não é tão revolucionário ser um criminoso — ou um artista, por sinal, como outras pessoas que você está entrevistando — mas sério, tudo é corrupção neste mundo, até que consigamos inverter tudo. É só uma questão de qual você pensa que será o sacrifício mais eficiente. E ao fazer isso, eu acabo tendo muito tempo e até mesmo dinheiro de sobra para me dedicar a coisas melhores. Outra coisa que eu queria dizer: esse estilo de vida realmente mudou minhas relações com outros homens. Quando você está trabalhando, e tem toda aquela tensão e competitividade e ódio, é tão fácil ser hostil e elitista. Mas agora eu tento ser legal com as pessoas automaticamente, para descobrir o que podemos oferecer uns aos outros, e é mais fácil de eu me dar bem com as pessoas porque não me sinto ameaçado por elas... exceto os porcos, é claro.

Débora: Se você vive em lugar onde ocupar prédios abandonados é uma opção, como Nova Iorque ou Europa, essa é obviamente a melhor forma de se conseguir um lugar pra morar. Assim você não paga aluguel, você está usando espaço que de outra forma seria desperdiçado — é como tirar uma casa do lixo! — e você está colocando energia em construir um espaço que é aberto a todos, não outra prisão-santuário suburbana. Além disso... minha amiga Mo viveu em seu caminhão por alguns anos, e em algum momento a Sarah esteve

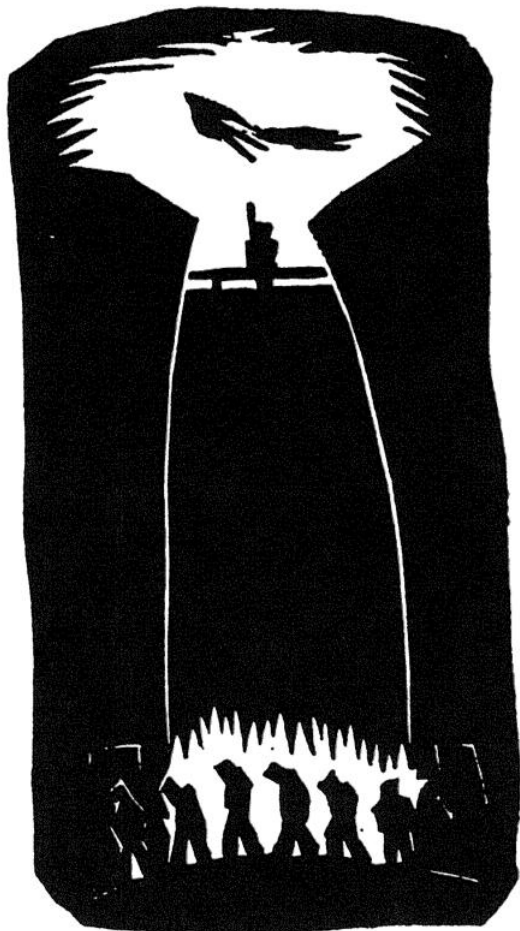
dormindo lá durante o dia também, quando ela trabalhava o turno noturno na loja de cópias. Pode ser difícil manter seus pertences, mas é um lembrete para não termos muito e sempre compartilharmos e emprestá-los. A chave para tudo é a inovação... se você por exemplo não tem mais onde ficar, organize um acampamento-protesto em um campus universitário ou outro lugar, e apenas fique lá — mas lembre-se de dizer à imprensa o quanto você sente falta do seu lar, dos seus bichinhos e da TV!

Paul: O princípio para não trabalhar é que você está abandonando a economia do cada-um-por-si, então você tem que aprender a trabalhar com as outras pessoas. Encontre um grupo de pessoas e descubra com o que cada uma pode contribuir — não precisa ser nada material, mas vocês têm que jurar cuidar umas das outras. Isso se aplica acima de tudo ao local onde você vive. Quando eu estava sozinho, no começo, eu aluguei os quartos mais horríveis, e eram mais caros do que eu podia pagar, então eu comecei a morar em depósitos, dormir em bibliotecas, ou em lugares piores. Eu passei alguns anos da minha vida apenas viajando pelo mundo da casa de um amigo para outra para não ter que pagar aluguel, e isso é legal, mas você ainda depende de outra pessoa para pagar. O melhor é formar um grupo de pessoas e formar um espaço comunitário, projetado para ter utilidades práticas — não apenas para descansar do trabalho e da escola, como a maioria dos lares — um armazém, ou uma casa grande e velha com um porão grande e um proprietário ausente. Você pode utilizar o espaço para coisas ótimas, viver de forma muito barata, aprender a compartilhar... e você pode pagar todo ou parte do aluguel com projetos como shows, dinheiro de bandas que ensaiam ou moram lá, coisas desse tipo. É como estar numa banda e ter um furgão para compartilhar ao invés de todos terem carros particulares. E morando junto você não apenas divide o peso da luta para sobreviver, mas você também aprende como se dar bem e fazer as coisas coletivamente, que é o mais importante de tudo.

Elise: Eu não sei o que as outras pessoas arranjam como moradia, existem provavelmente milhões de opções... o que eu fiz foi me apropriar de um abrigo abandonado atrás de uma casa onde eu e uns garotos que eu conhecia moravam; ele só tinha uma parede, e restos de materiais de outras obras eu reconstruí tudo e fiz uma casinha muito legal com fogão a lenha e tudo. Eu até puxei uma extensão telefônica da casa deles, fiz um jardim e o meu próprio adubo com o meu cocô. Eu havia começado o ano sem nenhuma idéia de como fazer todas essas coisas, exceto o que eu tinha aprendido trabalhando por pouco tempo em uma fazenda orgânica — foi incrível descobrir que eu conseguia fazer tudo sozinha.

Jay: O mais difícil, é claro, é conseguir cuidados médicos, mas fora de lugares como o Canadá e os países do norte da Europa que ainda tem um bom sistema público de saúde, esse também é um problema para boa parte da população que trabalha todo o tempo. Mas normalmente você consegue dar um jei-

to. Eu tenho um amigo, só deus sabe quantas vezes ele ficou doente, machucado ou infectado em turnê, e ele acaba sempre encontrando alguém que possa cuidar dele — a mãe de um amigo é médica, ou alguém está estudando enfermagem, e tem também essa amiga deles, a Sabrina, que vai com eles, e está por dentro de todo tipo de mandinga e antigas tradições de cura, ela é muito



legal. Teve o Douglas, ouvi dizer que ele fingiu um acidente no emprego para enganá-los a pagar uma cirurgia que ele precisava quando ele tinha uma hérnia de disco — acho que ele arranhou o emprego só para conseguir isso, isso foi muito foda. E o Estevão apenas deixa de pagar as suas contas do hospital, como eu já fiz, e como o Pezão fez quando ele quebrou o maxilar. Ele voltou lá com a perna quebrada, e de novo com aquele abscesso que ele teve, e por alguma outra merda, e consegui tratamento todas as vezes. Também ajuda você não ficar sempre no mesmo lugar e não criar dívidas... você também pode dar um nome falso. Roubar vitaminas e cozinhar tudo que você tira das lixeiras também pode ser uma boa forma de medicina preventiva — esse é o melhor conselho que posso dar.

Markatos: As pessoas me perguntam sobre o que eu quero fazer no futuro, sobre ter filhos e tudo isso. Quanto a ter uma

boa esposa e um emprego de sucesso, sou um homem crescido e acho difícil de acreditar que eu terei uma crise da meia-idade ao contrário e que eu gostaria de trocar tudo que tenho por isso. Sinceramente, mesmo que eu morra amanhã, acho que os dez últimos anos de aventura valerem mais do que cinquenta anos de qualquer outra vida poderiam valer. Eu tive conflitos quando me envolvi romanticamente com pessoas que não estavam prontas para ir tão longe quanto eu, mas você pode resolver esses conflitos, não é impossível — e não quero me envolver com ninguém que não aceite o meu modo de vida, isso

é ridículo. Quanto a ter filhos, existem muitas razões para não os ter e nesse momento não acho que eu jamais vá querer. Mas eu ajudo meus amigos com os seus filhos, dessa forma eu não os excluo da possibilidade de aproveitar esse estilo de vida. Duas boas amigas minhas são mães solteiras e eu faço o possível para ser babá, trago-lhes vegetais do nosso jardim, esse tipo de coisa. Elas são ambas fantásticas, ainda são capazes de fazer muito trabalho social — entretanto eu gostaria de mencionar que os serviços sociais neste país estão totalmente fodidos e não dão nenhum apoio para pessoas como elas, especialmente quando elas usam as suas vidas para fazer coisas boas a outras pessoas. Mas de qualquer forma, vai ser muito interessante ver como essas crianças vão crescer.

Elise: Eu certamente quero ter filhos um dia. Mas quando falamos em segurança e estabilidade, eu não tenho dúvidas de que dinheiro e seguro saúde e todas essas coisas não podem prover mais segurança a longo prazo do que uma comunidade de pessoas que realmente se importam. Eu acho que ou nós colocamos nossas energias em sobreviver de acordo com as regras de hoje, ou tentamos criar um mundo que as torne irrelevante. Alguém tem que começar a fazer isso em algum momento. Eu sei que se eu passar a minha vida tentando construir comunidades com outros, compartilhando o que eu tenho e fazendo as coisas do jeito que acho certo, eu vou ter pessoas que estarão lá quando eu e meus filhos precisarmos deles. Existem clínicas de saúde da mulher e lugares que já dão apoio, eles só precisam de mais pessoas como eu para dedicar nossas vidas a eles.

Paul: Às vezes as pessoas me perguntam se eu me sinto como um parasita, vivendo dos excessos desta sociedade. Há muito a se dizer sobre isso. Em primeiro lugar, eu sei que não é possível para todo mundo no país fazer isso — muitas pessoas têm família para cuidar, ou querem tentar "trabalhar dentro do sistema", como dizem, ou já são pobres — e não há problema nisso. E além disso, uma vida como a minha seria quase impossível em um lugar como o Brasil onde há menos recursos circulando — lá há o MST, que ocupa terras agrícolas, mas não é o mesmo que a minha vida. De qualquer forma, o fato de que nem todo mundo tem o privilégio de poder levar uma vida sem trabalho para si é uma boa razão, na minha opinião, para que aquelas pessoas que têm essa oportunidade a aproveitem. Eu não sou atormentado por nenhuma culpa de classe média sobre as oportunidades que tenho na minha vida, pelo menos enquanto eu usar essa oportunidade para tentar tornar essas oportunidades disponíveis a outras pessoas também. Eu acho que quem tem a chance de sair do sistema, a melhor coisa para ajudar a derrubá-lo, tem a responsabilidade para com as outras pessoas de fazer exatamente isto, mais ainda pois o pobre funcionário de uma fábrica, pai de três, que mora alguns quarteirões abaixo e milhões de pessoas por todo o mundo não têm essa opção. Principalmente porque nesta sociedade já têm tanta coisa indo para o lixo, porque não utilizá-las, em vez de ajudar a criar mais lixo, mais consumo? As pessoas que fa-

zem parte do status quo não se sentem parasitas, destruindo a terra e oprimindo o seu próprio idealismo no processo? Ninguém é auto-suficiente, isso é um mito; a questão não é só você paga tudo que consome e faz — todo mundo que alega fazer tal coisa sempre o fez às custas das outras pessoas — mas se você está usando todas as oportunidades de que dispõe para fazer do mundo um lugar melhor. As pessoas já me perguntaram o que aconteceria se mais pessoas vivessem como eu vivo, se os recursos não iriam acabar. Antes de tudo, como eu já disse, quanto mais pessoas viverem desta forma, mais fácil será — então eu acredito que se mais pessoas se juntarem a nós fora do sistema do trabalho, só vai ajudar. E em segundo lugar, vamos dizer que isso aconteça e o excesso do qual nós vivemos realmente acabe, isso também seria uma boa coisa. Se há um grande número de pessoas que não estão mais dispostas a trabalhar dentro do mundo da competição e do controle corporativo, que querem mais da vida do que este mundo pode oferecer e juram nunca voltar, e elas não podem mais conseguir os recursos que precisam para sobreviver coletando as sobras do mercado capitalista... bem, eis um grupo revolucionário pronto para agir. Se a resolução e ambição de seus desejos forem contagiosos, para que outras possam juntar-se a elas exigindo os recursos de nossa sociedade de volta, isso se tornaria rapidamente uma situação onde não dá pra voltar atrás.

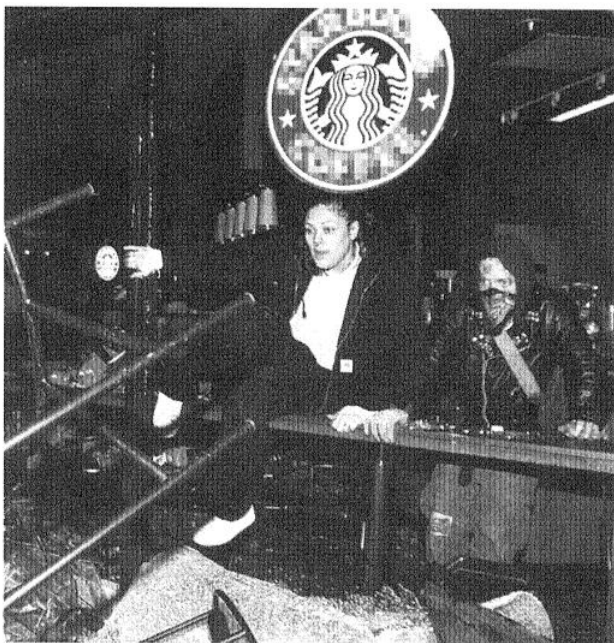
Gregarius: Eu sei que posso fazer isso enquanto quiser. Eu tive sorte em descobrir quantas coisas diferentes são possíveis na vida, coisas que eu nunca conseguiria ver de um ponto de vista padrão, e eu conheci tantas outras pessoas fantásticas que estão fazendo coisas radicais com suas vidas, pessoas que eu sei que me ajudariam e me apontariam novas direções se eu precisasse. Eu acredito em mim o suficiente agora, o suficiente para tentar executar qualquer plano maluco que eu possa ter, sem olhar para trás. E eu sem dúvida recomendaria a qualquer um que tenha uma vida plena e com aventuras, que faça coisas absurdas como largar o emprego.

SAIA DA ESPERA E PULE NO FOGO

O encontro da Organização Mundial do Comércio em Seattle foi encerrado com a intervenção de 20.000 civis, e logo após o encontro do FMI e do Banco Mundial em Washington foi igualmente sabotado. Graças à coragem e cooperação de uma diversidade de indivíduos e grupos agindo (conscientemente ou não) de acordo com as diretrizes publicadas no panfleto do CrimethInc Como Fazer

uma Verdadeira Festa nas Ruas, pessoas nas costas leste e oeste dos E.U.A. descobriram as alegrias de agir diretamente para alcançar seus objetivos ao invés de esperarem educadamente que os políticos e empresários pensassem sobre seus pedidos. No processo, eles conseguiram uma integração perfeita entre os métodos e desejos de todos que estavam presentes nas demonstrações, desde os bem-comporta-

dos seguradores de faixas até os anarquistas quebradores-de-vitrines com suas máscaras negras. Alguns dos manifestantes "pacíficos" não compreenderam o quanto as suas exigências foram levadas mais a sério graças à ameaça implicada pelas ações diretas dos participantes mais radicais, mas a lição não foi desperdiçada para a posteridade.



PROJETOS ATUAIS DO CRIMETHINC.

As atividades correntes do CrimethInc. no momento da publicação deste texto incluem diversas publicações (revistas e tablóides abordando uma grande variedade de assuntos, um jornal local, e uma horda de zines publicados de forma independente), grupos de escritores, clubes de trilhas e de camping, equipes de caça e coleta urbana, células de ação política (envolvidas em projetos que vão de Retomada das Ruas, Comida Não-Bombas e Massa

Crítica até empreitadas mais clandestinas), okupas e centros comunitários, cafés e lojas grátis, distribuição de livros e literatura, equipes de grafite e colagem de cartazes, guildas de ladrões e coletivos de música e arte experimental... e também vários projetos menos específicos e alguns outros que é melhor não mencionar. As páginas a seguir mostram alguns exemplos de cartazes usados em campanhas nos anos anteriores.

Uma lista incompleta de departamentos do CrimethInc.

Força Tarefa Anti-Enfado do CrimethInc.
Facção de Ação do CrimethInc.
Escritório de Investigações do CrimethInc.
Teóricos da Conspiração do CrimethInc.
Tropas de Dança do CrimethInc.
(também conhecidas como Tropas de Choque)
Bloco de Escritores Orientais do CrimethInc.
Círculo Interno do CrimethInc.
Divisão da Alegria do CrimethInc.
Células Revolucionárias do CrimethInc.
Partido de Dança Revolucionária do CrimethInc.
Sociedade de Celebidades Secretas do CrimethInc.
Força Especial do CrimethInc.
CrimethInc. ThInc. Tank
Vanguarda da Revolução Sexual do CrimethInc.
Esquadrão dos Bons Costumes do CrimethInc.
Programa de Proteção a
Testemunhas do CrimethInc.
Coletivo de Trabalhadores CrimethInc.
(também conhecido como Coletivo de Ex-Trabalhadores)

Equipe Gráfica Abaddon
Grupo A.T.R.
Black Bloc, O
Experamen
Conspiracia Quinta Coluna
Grupo de Insurgência do FBI
F.C.
Célula Sem Rendição
Bandidos do Papel de Rua
Grupo de Artistas Paul F. Maul
Células de Autonomia Pessoal
Gangue dos Dez Milímetros
Fundição Terminal
Editora Reclusa da Ponte do Trem
Weather Underground
Bixas Brancas Africanas



Nós negamos categoricamente qualquer rumor de que exista ou jamais existiu uma divisão do CrimethInc. que funciona como selo de discos. Permitir que um projeto tão inerentemente capitalista ocorra sob o olhar de nosso programa revolucionário seria absurdamente hi-

pócrito. E caso aconteça de alguém encontrar provas de que tal coisa existe, declaramos com antecedência que as partes envolvidas foram expulsas do coletivo e o seu departamento declarado apócrifo.

Vai pagar em dinheiro ou cartão? Boleto, à vista, fiado, financiado, em 10x sem entrada? Débito automático para pagar os empréstimos, a conta do Visa ou do Mastercard, impostos federais, estaduais e municipais, aluguel, comida e plano de saúde. Mil coisas que te fazem correr como um hamster numa roda, entre a sala de aula, o emprego e o altar do casamento, entre a auto-estrada, o escritório e o futebol do fim de semana com os amigos. Morte parcelada, como um pagamento, ou de uma só vez como o suicídio de um contador de meia-idade?

Ou será que você realmente quer algo mais, algo completamente diferente? Você não quer mais ter que pagar por nada, nunca ter que pagar novamente por terra, comida e água? 100% de desconto, liquidação total! Você já sonhou com um espaço, ou um tempo onde tudo era de graça e você podia comer o que quisesse, ir onde quisesse e fazer o que bem entendesse? Você já quis ter o suficiente de tudo para poder compartilhar livremente, sem se preocupar em gastar os seus recursos de forma "responsável" e "eficiente"? Você já quis por um momento parar de ser responsável e fazer o que teu coração te pede?

Qual apólice de "seguro" você pode adquirir que te daria mais segurança que um mundo onde as pessoas realmente se preocupam umas com as outras?

Talvez você deva encontrar amigos que pensam como você, parar de falar como o trânsito têm piorado e passar a discutir "táticas". Ou prometa para si mesma que nunca mais fará nada além de perseguir seus sonhos mais loucos, durante toda a sua vida.

Anarquia.

Depois que você experimenta,
nada de compara.

**você tem que se dar conta
de que um dia você morrerá.
até que você saiba disso
você não viverá.**



Esta é sua vida,
boa até o última
gota.

não fica
melhor que
isto.

Esta é sua vida,
e ela está acabando
um minuto
de cada vez.

**somente depois de tudo
perder que você é livre
para tudo fazer.**

Success Story

by Billy Burg

A FIRMA NA QUAL EU TRABALHO É MUITO LEGAL. ELES TÊM MUITOS CLIENTES IMPORTANTES NO MOMENTO. EU SOU APENAS UMA SECRETÁRIA, MAS ESPERO SER PROMOVIDA. MEU CHEFE GOSTA DO MEU TRABALHO.

É BOM TE VER DE NOVO, BEATRIZ. O QUE VOCÊ FAZ DA VIDA?

EU ESCREVO ESTÓRIAS.

ESCRITORA? ISSO É FANTÁSTICO! ONDE VOCÊ TRABALHA?

EU TRABALHO EM UM RESTAURANTE.

MAS... VOCÊ DISSE QUE ESCREVE HISTÓRIAS.

E ESCREVO. EU TAMBÉM COSTURO, FAÇO COLARES PARA MINHAS AMIGAS E CULTIVO FLORES NO MEU JARDIM. E TAMBÉM BRINCO COM O MEU LINDO CACHORRINHO BARTOLOMEU.

AH, CLARO! ESSES SÃO OS TEUS HOBBIES...

NÃO. ISSO É O QUE EU FAÇO.

O QUE VOCÊ FAZ MARGARETE?

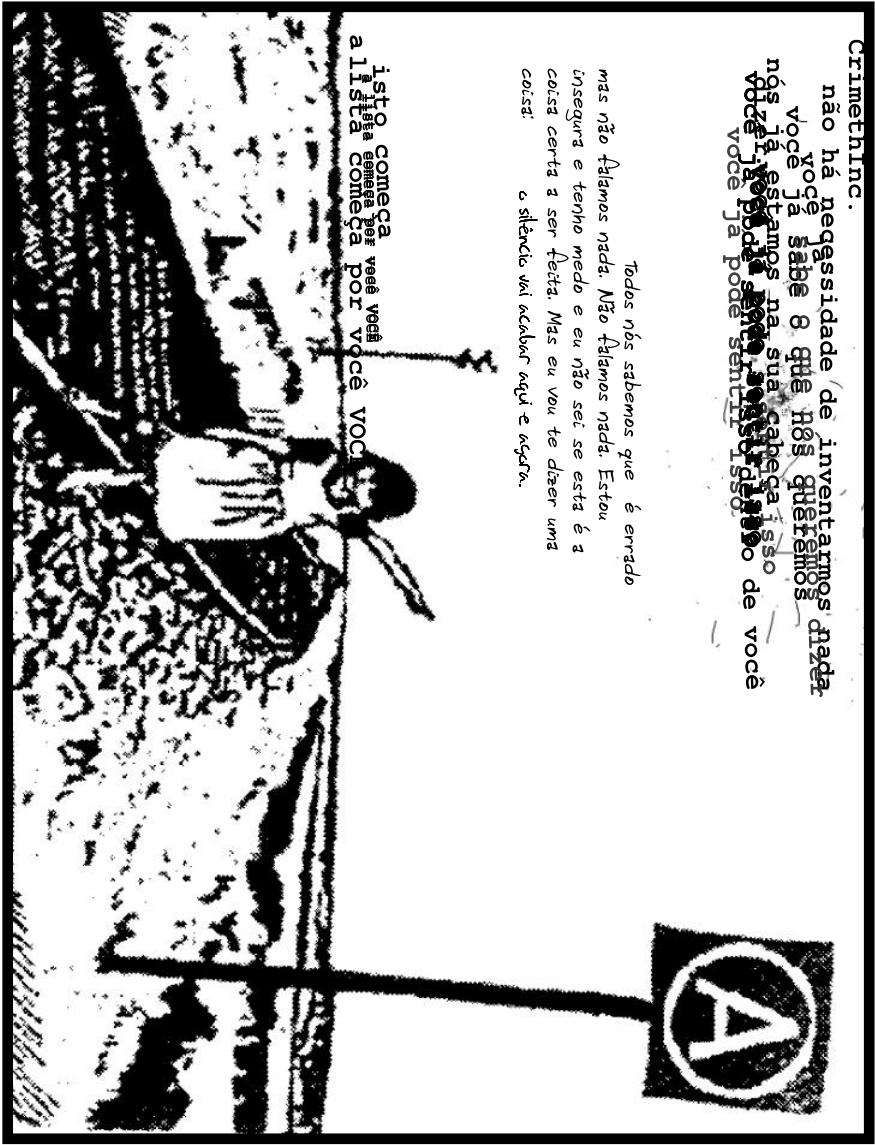
END

CrimethInc.

não há necessidade de inventarmos nada.
você já sabe o que nós queremos
nós já estamos na sua cabeça. Isso
você já pode sentir. Isso
você já pode sentir. Isso.

Todos nós sabemos que é errado
mas não fazemos nada. Não fazemos nada. Estou
inseguro e tenho medo e eu não sei se esta é a
coisa certa a ser feita. Mas eu vou te dizer uma
coisa: o silêncio vai acabar aqui e agora.

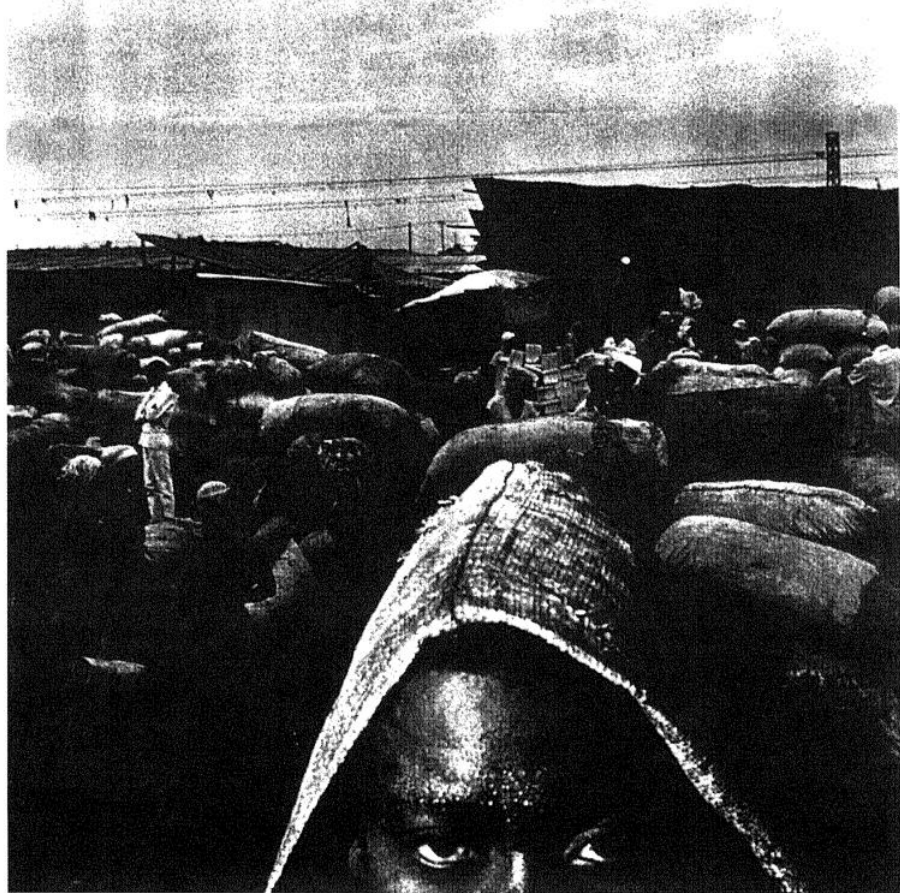
isto começa
a lista começa por você VOCÊ



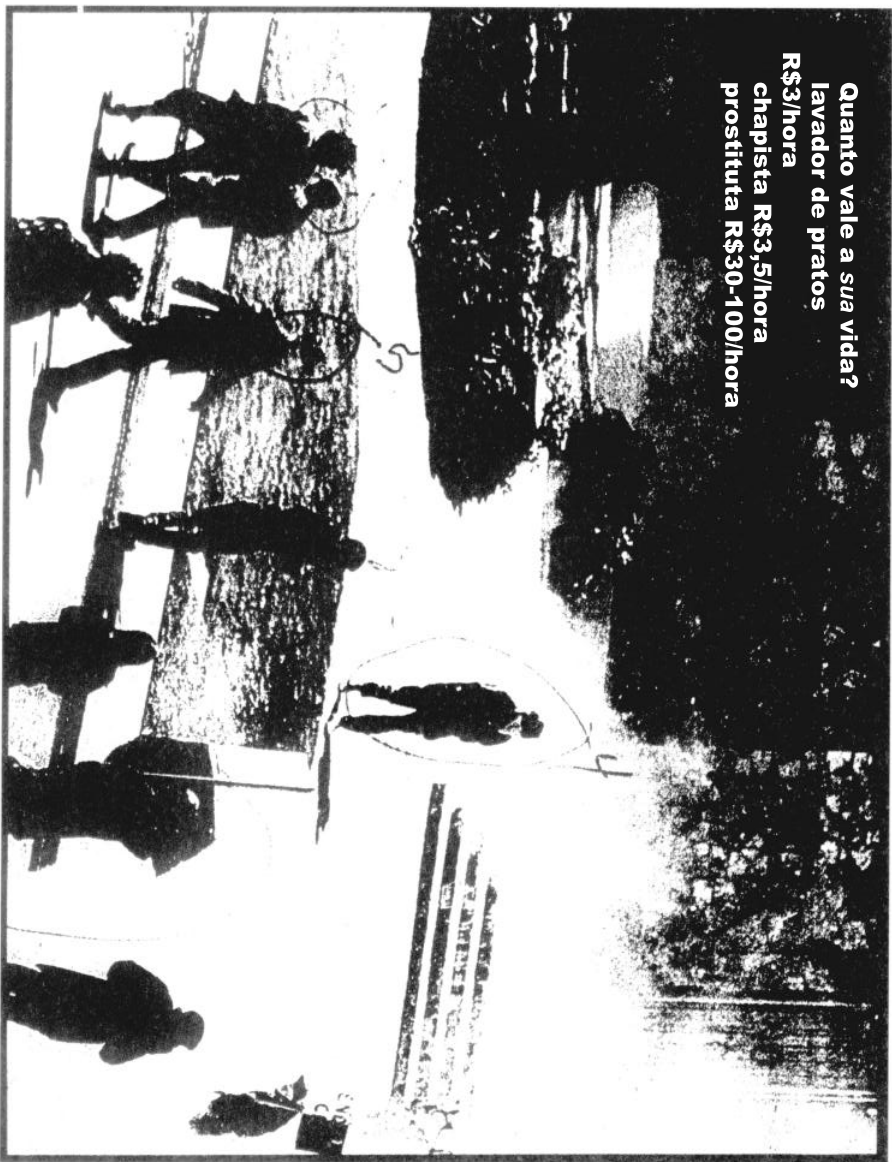
QUEM DEU AS PANCADAS SE ESQUECE

**QUEM CARREGA
AS CICATRIZES**

SE LEMBRA



Quanto vale a sua vida?
lavador de pratos R\$3/hora
chapista R\$3,5/hora
prostituta R\$30-100/hora



uma nova realidade é melhor que um novo filme

uma fantasia de derrota,

uma fuga para uma prisão,

férias sem saída.



**ENTÃO EU ME DEI CONTA -
SE VOCÊ QUER QUE ALGO SEJA
FEITO VOCÊ TEM QUE FAZER
POR SI MESMO - AÇÃO
DIRETA É A RESPOSTA -**

a vida pode ser bela quando começamos a nos

libertar!



hedonismo.



hedonismo ambicioso.

você logo verá,

sua única

segurança

está no

perigo



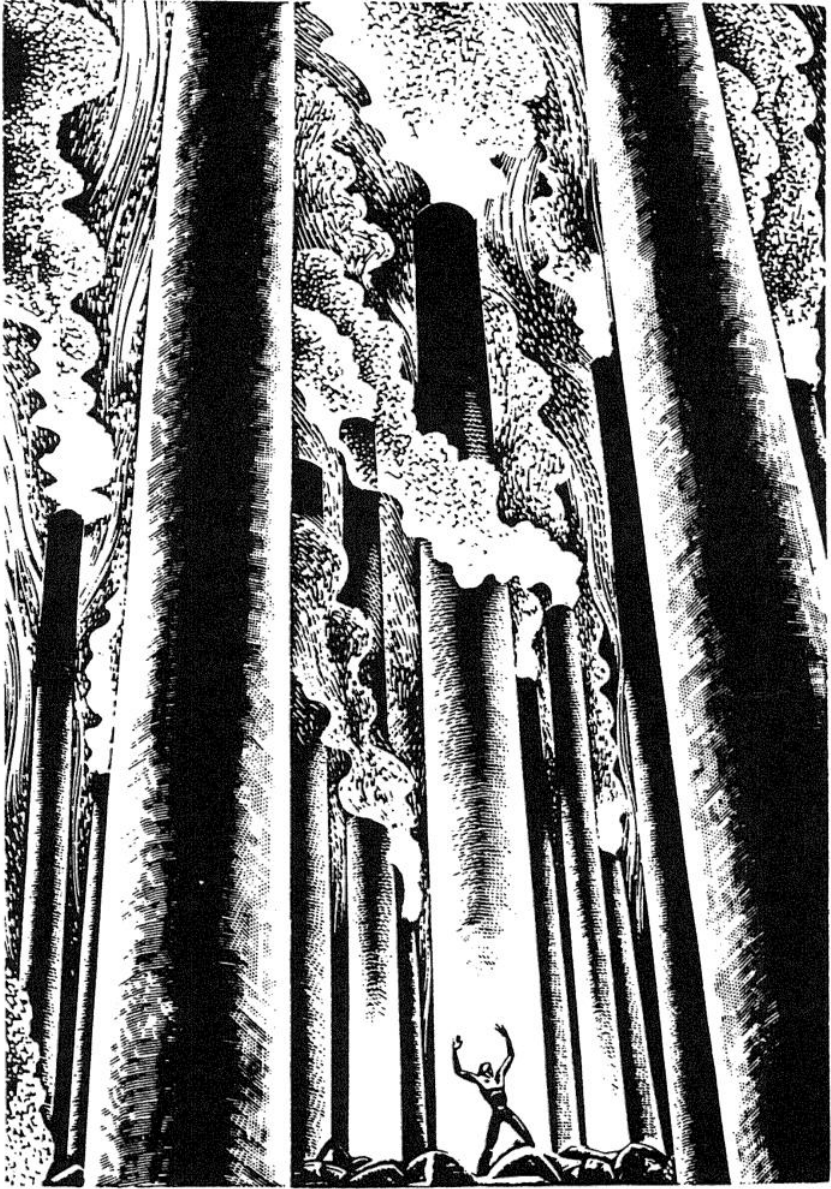
CrimethInc.

$\frac{x}{8} = \text{SUA VIDA}$

Conclusão:

Fora Deste Mundo

*"Para onde você quer ir, meu amor?"
"Para qualquer lugar — qualquer lugar, fora deste mundo."*



Pós-Mundo por Gloria Cubana

O que quer que a medicina dita científica possa professar, há uma diferença entre Vida e sobrevivência. Há mais do que somente ter um coração batendo e atividade cerebral. Ser *vivo*, realmente vivo, é alguma coisa muito mais sutil e magnífica. Seus instrumentos medem a pressão sangüínea e a temperatura, mas deixam de lado alegria, a imaginação, o amor, e todas as coisas que fazem a vida realmente importar. Para fazer nossas vidas importarem novamente, para realmente conseguir o melhor de nós mesmos, temos que redefinir a própria vida. Temos que dispensar as meras definições clínicas deles, em favor de outras que tenham mais a ver com o que na verdade sentimos que seja certo.

Realmente, quanta *vida* você tem na sua vida? Quantas manhãs você levantou sentindo-se realmente livre, excitado por estar vivo, sem folêgo com a antecipação das experiências de um novo dia? Quantas noites você deitou-se para dormir sentido-se pleno, repasando os eventos do dia passado com satisfação? Muitos de nós sentimos como tudo já tivesse sido decidido sem nós, como que se viver não fosse uma atividade criativa mas apenas alguma coisa que acontece *com* a gente. Isso não é estar *vivo*, mas somente sobreviver — ser um morto-vivo. Nós temos coveiros, mas seus serviços geralmente não são necessários; nós temos necrotérios, mas passamos a maior parte do nosso tempo em cubículos em escritórios e fliperamas, em shopping centers, e em frente de televisores. É claro que as donas de casa de subúrbio e os executivos subalternos têm medo de riscos e de mudanças; eles não conseguem imaginar que existe alguma coisa mais valiosa do que segurança corporal. Seus corações podem até estar batendo, mas eles não acreditam mais em seus sonhos, muito menos vão atrás deles.

Mas é assim que a revolução inicia: alguns de nós começam a ir atrás de nossos sonhos, quebrando os padrões antigos, abraçando o que amamos (e durante o processo, descobrimos o que odiamos), devaneando, questionando,

atuando por fora da fronteira da rotina e da regularidade. Outros nos vêm fazendo tudo isso, vêm pessoas ousando em ser mais criativas e aventureiras, mais generosas e ambiciosas do que eles tinham imaginado que fosse possível, e acabam se juntando a nós. No momento em que pessoas suficientes abracem este novo modo de vida, um ponto crítico é finalmente atingido, e a sociedade em si começa a mudar. A partir desse momento, o mundo vai passar por uma transformação: do assustador e estranho lugar que é, para um lugar maduro com possibilidades, onde nossas vidas estão nas nossas próprias mãos e em que qualquer sonho pode virar realidade.

Então, faça o que você quiser com a sua vida, seja o que for! Mas para ter certeza que você realmente conseguirá o que quer, primeiro pense cuidadosamente sobre o que de fato isso é, e depois em como fazer para obter. Analise o mundo em sua volta, para você ter uma idéia de quais pessoas e forças estão trabalhando contra seus desejos, e quais estão do seu lado.....e como você pode fazer pra trabalhar junto conosco. Nós estamos aqui fora, vivendo a vida profundamente, esperando por você — pegando trens pelas Américas, organizando demonstrações nas ruas de Londres, escrevendo lindas cartas durante o nascer-do-sol em Bangkok. A gente acabou de fazer amor no banheiro corporativo um minuto antes de você entrar durante a sua meia hora de intervalo de almoço.

E a Vida está esperando por você junto de nós, nos cumes das montanhas não escaladas, na fumaça de fogueiras e de prédios em chamas, nos braços de amores que irão virar seu mundo de cabeça pra baixo. Junte-se a nós!



Paul - never got around to doing the bibliography - here are all the ~~more~~ books and films and etc. we voted on, please type up a full reference for each one - thanks...

BOOKS - F. BUCK'S Weetzie Bat

George Orwell - 1984; Homage to Catalonia
J.D. Salinger - The Inverted Forest
our own Jeanette Winter's son -

Henry Miller:
Sexus, Tropics
of Cancer and
Capricorn...

- the Passion
- Sexing the Cherry
- Written on the Body
- The World and other Places

Hermann Hesse - Denian, Steppenwolf,

Sartre: Nausea

Beneath the Wheel and all that other stuff.

Guy Debord - Society of the Spectacle (stuff)

Rosalind Wiseman - Revolution of Everyday Life
that Antonia Medina book "Cracking the Movement"

Marshall McLuhan's "The Medium
is the message"

Albert Camus - the Fall, a Happy Death
what's-his-name: Catch 22

Abbie Hoffman - Steal this Book,
Revolution for the Hell of it

Jerry Rubin - Do It!

Aldous Huxley's Brave New World

Clifford Harpers "Anarchy: A Graphic
Guide"

moby dick?

Evening, by what's her name

The Painted Bird, On the Road,

Burroughs' Naked Lunch, Marquez's
100 Years of Solitude, The Unbearable
Lightness of Being...

MOVIES

Natural Born Killers
Thin Red Line
Apocalypse Now
The Seventh Seal
Before the Revolution
The English Patient (or maybe this should go w/books)
Fight Club
The Pillow Book
Pleasantville
Dead Man
Metropolis
Cinema Paradiso

POETRY

that great book "The Hand that
Cracks the Rock..."
Eliot's Waste Land

PLAYS

Peter Schaffer's Eyans
and Royal Hunt of the Sun

ARTISTS

Ernst Fuchs, Katha Kollwitz,
Egon Schiele, Edvard Munch,
Kubin, Becklin, Klinger...

♪

Godspeed, You Black Emperor!
Diana Galis
Magnetic Fields
last REFUSED LP
His Hero Is Gone

Sumário



Sobre os Autores

Nadia C. é uma escritora freelance e romântica entusiasta de dissidência leste-europeia. O resto são segredos.

Gloria Cubana é amante itinerante e poeta clandestina criada na América do Sul. Atualmente está trabalhando duro em seu segundo livro, *A Biografia Não-Autorizada de Gloria Cubana*. Ela também publicou uma série de atlas e um guia de viagens chamado *A Lua por 47 Milhões de Dólares por Dia*.

Frederick Markatos Dixon, mestre escoteiro, cientista popular, detetive, com intuição aguçada, amor intenso por manteiga de amendoim, construtor de arma infrassônica funcional, proprietário de duas mudas de roupa, duzentos quilos de ferramentas, seis patentes e um gato, aposentado da mina de areia de gato do Arkansas, mora em uma cabana em uma fazenda de árvores de Natal, na região central do estado da Norte Carolina, nos Estados Unidos.

NietzChe Guevara é professor de filosofia e guerrilheiro latinoamericano. Suas obras publicadas incluem *Monarquismo de Estilo de Vida, ou Anarqueologia!* e *Platão Matará Todos Nós*.

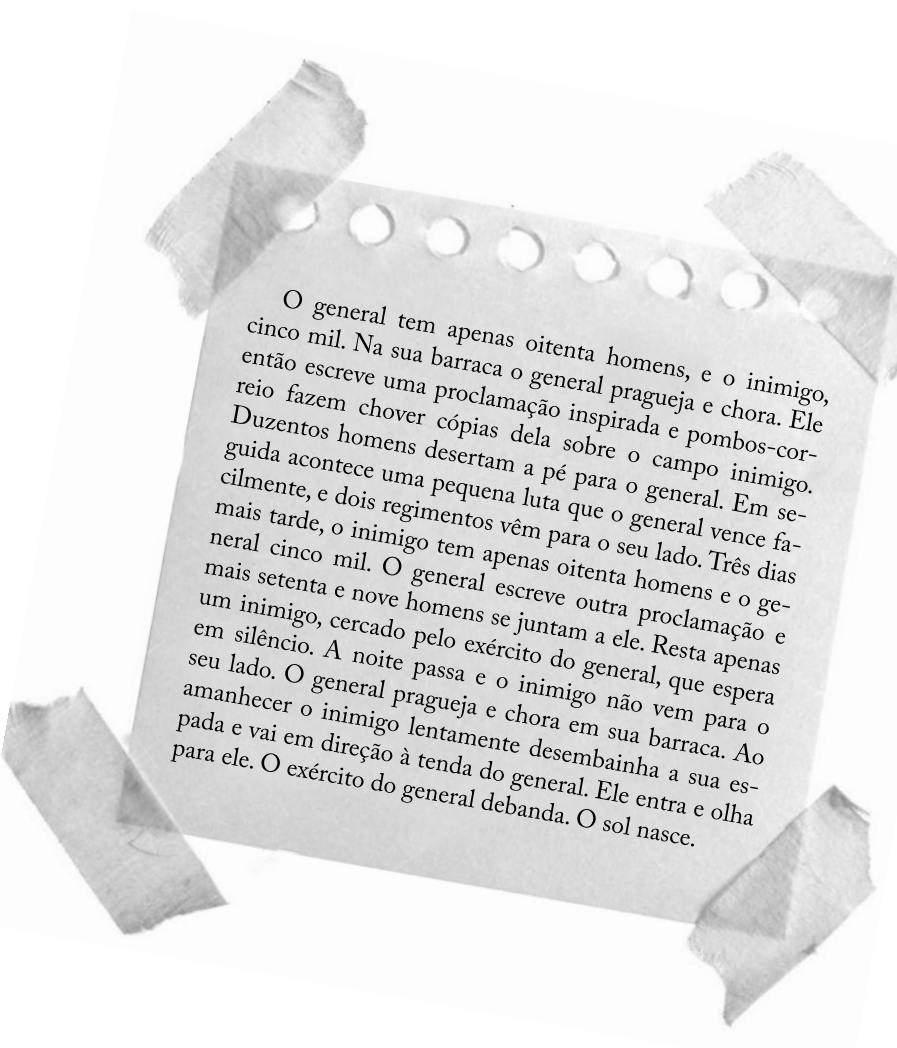
Jane E. Humble irmã da sororidade recém formada no coração dos Estados Unidos. Além de cuidar de suas irmãs e ser autora da livros infantis, ela gosta de cozinhar, tricotar e de práticas sexuais grotescamente anormais.

Paul F. Maul já foi um adolescente destruidor de corações, é artista gráfico autodidata e ladrão de carros que virou terrorista e assassino. Você ouvirá falar mais dele em breve.

Stella Nera, feminista de renome e estudiosa do misticismo Sufi, agora fazem anos que está à deriva pelo globo.

Tristran Tzarathustra cresceu em Zurique, na Suíça, no mesmo prédio onde Lênin morou durante a Primeira Guerra Mundial — a mais ou menos cinquenta passos do Cabaret Voltaire, onde sabia-se que Lênin passava seu tempo com antiartistas Dada. Tristran é mais conhecido pela sua obra inflamatória *Faça o Que Deve Ser Feito*.

Jeanette Winterson é uma romancista e crítica britânica muito aclamada.



O general tem apenas oitenta homens, e o inimigo, cinco mil. Na sua barraca o general pragueja e chora. Ele então escreve uma proclamação inspirada e pombos-correio fazem chover cópias dela sobre o campo inimigo. Duzentos homens desertam a pé para o general. Em seguida acontece uma pequena luta que o general vence facilmente, e dois regimentos vêm para o seu lado. Três dias mais tarde, o inimigo tem apenas oitenta homens e o general cinco mil. O general escreve outra proclamação e mais setenta e nove homens se juntam a ele. Resta apenas um inimigo, cercado pelo exército do general, que espera em silêncio. A noite passa e o inimigo não vem para o seu lado. O general pragueja e chora em sua barraca. Ao amanhecer o inimigo lentamente desembainha a sua espada e vai em direção à tenda do general. Ele entra e olha para ele. O exército do general debanda. O sol nasce.

"Círculo Interno" do Crimeth Inc.

PROCURA-SE:

Mulheres e homens criativos, independentes, cansados de ser exauridos pelos detalhes triviais da sobrevivência moderna, fartos do tédio do entretenimento moderno, não mais confundidos pelas distrações da mídia de massa... descontentes com a limitação de sua liberdade, de suas vidas, do seu "tempo livre". Pessoas que preferem idealismo ao realismo, e realidade à ideologia.

Para tornarem-se **revolucionários de tempo integral**. NÃO revolucionários de poltrona, não revolucionários da hora do almoço, não revolucionários do tempo de lazer. E não revolucionários "profissionais": ao invés de transformarem a revolução num negócio, devem fazer da revolução seu negócio. Mulheres e homens que não permitirão que seus esforços de retomar sua liberdade tornem-se apenas outro trabalho, que estão prontos pra viver de acordo com seus desejos a *todo momento*.

Ativistas, punks — não se contentem em viver num mundo de sua própria criação uma vez por semana, quando uma banda toca ou quando há um protesto. Busquem esse entusiasmo a cada dia, busquem essa autodeterminação todas as manhãs quando acordarem. Se perguntem: vocês querem os *símbolos* da rebeldia, ou a própria rebeldia?

Músicos, Artistas — procurem não "viver da arte", como faz qualquer trabalhador que vende seu trabalho (e, assim, sua criatividade) por dinheiro. Procurem fazer da arte seus estilos de vida — ou, ainda melhor, **façam do viver a sua arte**. Devemos usar nossa criatividade não para criar *representações* da realidade, mas para transformar a própria realidade. Concentrar nossas habilidades em qualquer outra coisa seria nos privar do mundo.

Porque a vida é contagiosa: se querem fazer outras pessoas sentirem isso, devem viver ao máximo vocês mesmos, de forma que sua arte grite para elas através de vocês. Se desejam fazer arte para compartilhar com elas, primeiro devem compartilhar a si próprios, doem-se à arte e à vida.

— um convite

Seres Humanos — olhem pro mundo à nossa volta; é um mundo que nós criamos. Transformamos o velho mundo neste — mas porque *este*? É o mundo que teríamos escolhido, se tivéssemos considerado previamente a questão de qual o melhor dos mundos possíveis pode ser? Mas antes que se desesperem, pensem — nós criamos este mundo, o tornamos assim. Então não seria possível fazer um outro mundo diferente deste se assim escolhêssemos?

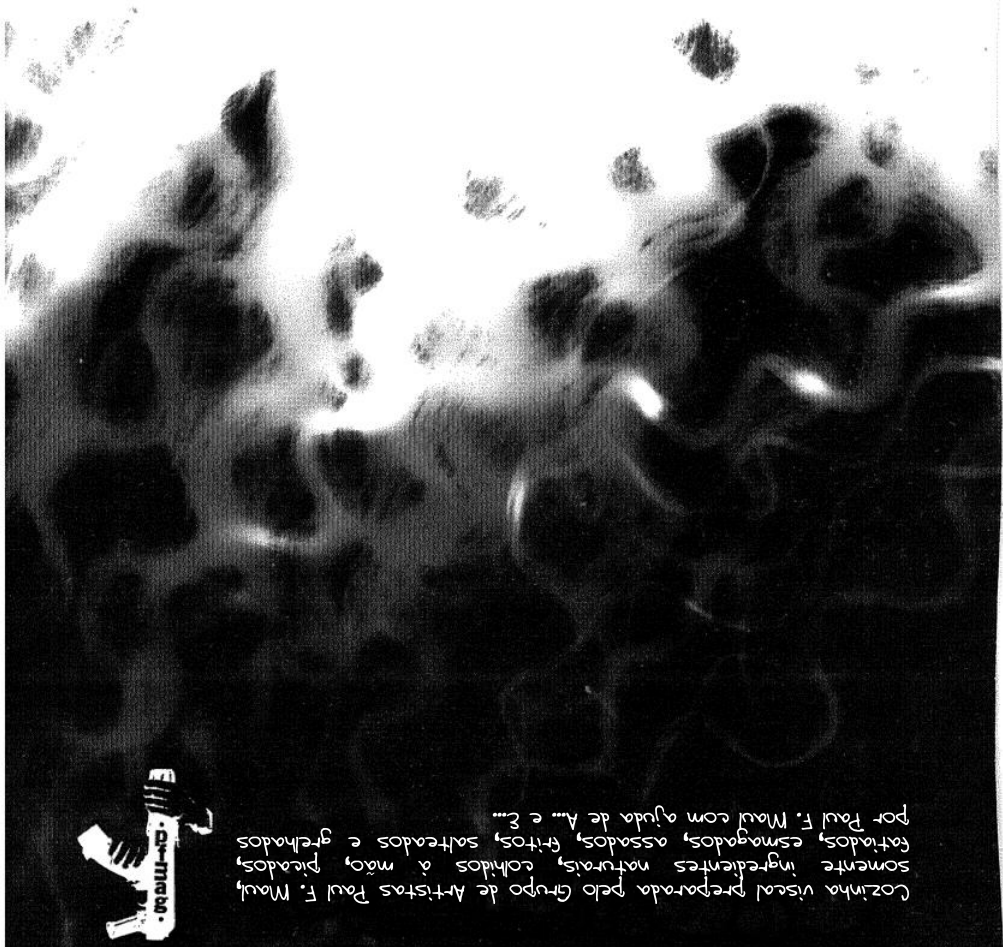
JUNTE-SE A NÓS. Nós escolhemos viver nossas vidas para nós mesmos, fazer de cada dia uma aventura, não um ritual — perseguir nossos sonhos a qualquer custo. Talvez possamos transformar o mundo à nossa volta, da mesma forma que transformamos nossas próprias vidas. Mas transformar também pode ser uma aventura... pois nossa revolução é, ela mesma, a própria alegria que temos ao realizá-la. Escreva e ofereça sua vida se tiver coragem.





Resistência Ativa, Existência Passional
Quartel General CrimethInc.
2695 Rangewood Dr.
Atlanta GA 30345
USA

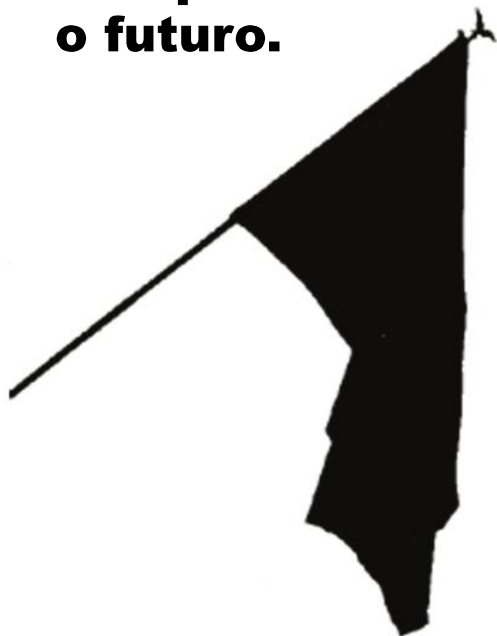
crimethinc.com(unicação)
crimepensar.noblogs.org
hello@crimethinc.com



Cozinha visceral preparada pelo Grupo de Artistas Paul F. Maul,
somente ingredientes naturais, colhidos à mão, picados,
fatiados, esmagados, assados, fritos, salteados e grelhados
por Paul F. Maul com ajuda de Ann e Z...



**usurpe
o futuro.**



"Este anti-futurismo futurista, esta cosmologia da rotina e da revolução, recheada com uma paixão quase niilista pela liberdade e caracterizado por um extremismo estriquinado que acolhe graciosamente a hipocrisia na mesma inspiração... se recusa a ser classificado. Será que sua intenção é a desinformação, a mentira ou a criação de mitos? Só uma coisa é certa: de acordo com os autores, um misterioso "Coletivo CrimethInc.", a nossa civilização está inadvertidamente vivendo seus últimos dias — e sem eles, ela pode perpetuá-los para sempre."

—New York Times

"Se Henry Muller tivesse ido combater com os anarquistas na Espanha enquanto Orwell ia atrás das carícias das belas mulheres da França, e eles tivessem colaborado para escrever um manifesto sobre a guerra e o amor, este é o tipo de livro que eles poderiam produzir. Se Lênin tivesse permanecido em Zurique em seu apartamento perto do Cabaret Voltaire e os Dadaístas enviassem um dos seus no lugar dele para liderar a Revolução Russa, nós poderíamos viver hoje no mundo pelo qual este livro clama."

—J. D. Salinger, autor de A FLORESTA INVERTIDA.

"As suas exigências — de que vivamos como se algo realmente dependesse de nossas ações — são sedutoras, mesmo para um crítico de livros burgueses."

—Greil Marcus, autor de LIPSTICK TRACES

"Melhor que o mundo todo seja destruído e pereça completamente do que um homem livre (sic) reprima um ato ao qual a sua natureza o induz."

—Karl Marx



CrimethInc. é um "coletivo de trabalhadores" internacional, formado por homens e mulheres que não estão mais dispostos a ser meros "trabalhadores".

Você está?